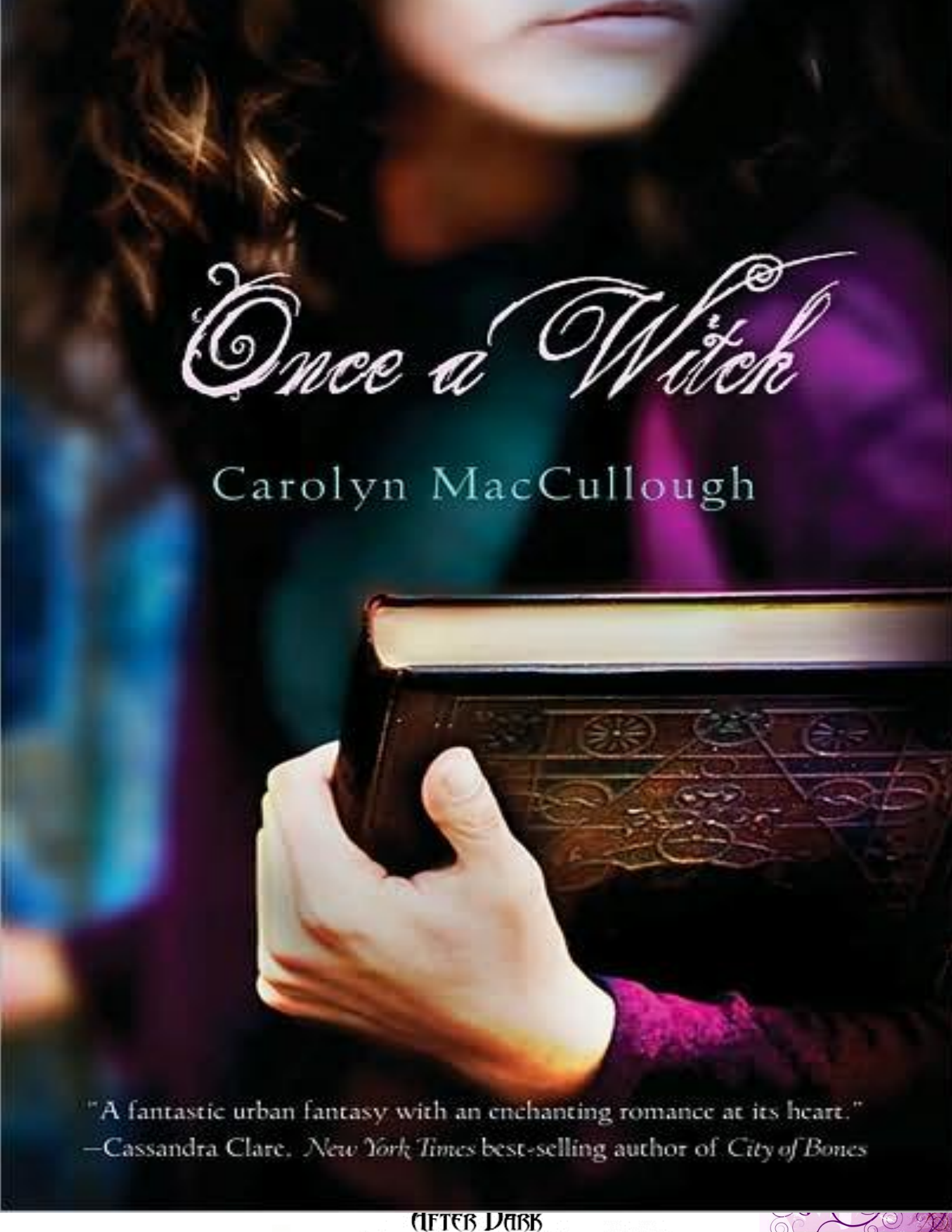

Once a Witch
Carolyn MacCullough
"A fantastic urban fantasy with an enchanting romance at its heart."
—Cassandra Clare, *New York Times* best-selling author of *City of Bones*

Once a Witch

Série Witch

Carolyn MacCullough

After Dark

Prólogo

Eu nasci na noite de Samhain[1], quando a barreira entre os mundos é um fino sussurro, e quando a magia, velha magia, canta sua doce e inebriante música para quem quiser ouvi-la. Durante toda a noite minha mãe lutou, e quando finalmente me trouxe para este mundo, minha avó pairava sobre mim, torcendo seus dedos em formas misteriosas, murmurando uma linguagem que só ela sabia.

– O que é isso?

Minha mãe arqueou, virando seu rosto contra o travesseiro com cheiro de lavanda.

– O que há de errado?

Finalmente, minha avó respondeu, sua voz cheia e triunfante.

– Sua filha vai ser uma das mais poderosas que nós já vimos nesta família. Ela vai ser um farol[2] para nós.

Eu sempre imaginei como minha irmã mais velha, Rowena, que havia sido levada

---

[1] Samhain (pronuncia-se Sou-ein), festejado em 31 de outubro no hemisfério Norte e em 1º de maio no hemisfério Sul, é o Ano-Novo dos Bruxos. Esse dia sagrado é conhecido por inúmeros nomes. Para muitos, talvez, o mais conhecido seja Halloween. Para nós, Bruxos, é a festa na qual honramos nossos ancestrais e aqueles que já tenham partido para o País de Verão. http://www.casadobruxo.com.br/textos/samhain.htm

[2] No sentido de algo que dá a luz, que guia.

para o quarto, reagiu a essa frase. Ninguém pensou em checar essa parte da história, mas eu realmente teria aproveitado o momento em que eu, e não Rowena era o sol e a lua e as estrelas combinadas.

Eles dizem que eu não chorei ao nascer, não fiz um som, mas abri meus olhos imediatamente e saudei a todos eles com um quieto e calmo olhar.

– Como se ela já tivesse visto muito.

Minha mãe sussurrou, tocando meus dedos e depois meu rosto.

Bem, se eu vi algo, eu já esqueci há muito tempo o que foi, e sobre o que minha avó prometeu, isso também foi esquecido. Ou não esquecido, mas definitivamente detonado. Mesmo agora, dezessete anos depois, eu ainda pego o olhar de minha mãe em mim e eu sei que ela está ponderando como conseguiu perder a criança que a ela tinha sido prometida, e ganhar a mim no lugar. Eu também me pergunto se minha avó alguma vez já se deu conta do eco de suas palavras: uma das mais poderosas... um farol.

Duvidoso. A história foi contada tantas vezes em ansiosa antecipação até meu aniversário de oito anos. Então toda a família se reuniu e cantou enquanto minha mãe acendeu as oito velas douradas para representar os quatro elementos e as quatro direções. Então eles me observaram, alguns abertamente, outros furtivamente.

E o que eu fiz? Nada. Na-da. Nada do que eu deveria fazer, de qualquer forma. Depois de um tempo, eu fiquei cansada de todos me olhando e então, sem pensar duas vezes, eu caminhei em volta apagando todas as velas, encontrando conforto na escuridão enquanto eu comia dois grandes pedaços do meu doce bolo de aniversário. Eventualmente, todos foram para casa.

Eu venho de uma família de bruxas. Todo e cada membro da minha família, até meu primo mais novo manifestaram seu talento particular sem falhar um pouco antes, ou no mais tardar, aos oito anos de idade. Exceto por mim. Nove anos se passaram desde aquele aniversário e eu não tenho nada pra mostrar.

Nem uma gota, nem metade de uma gota, nem um quarto da metade de uma gota de magia correm em minhas aparentes empedradas veias. E sobre o que minha avó disse sobre mim... Uma das mais poderosas... Um farol, etc., etc., etc. -- tudo isso vem pra mostrar que, contrária à crença popular, mesmo a mais velha e poderosa das bruxas pode estar muito errada.

Um

– Mais vinte minutos, Hector – Eu disse – e eu estarei livre desta cratera infernal. Hector, de quem os olhos amarelo-acastanhados se arregalaram quando eu falei, agora somente mostrava seus dentes finos como agulhas para mim, quando bocejava.

Ele piscou uma vez, então se enrolou novamente para dormir, sua cauda cobrindo as patas dianteiras. Cratera infernal não é uma descrição justa, eu admito enquanto olho em volta, para a livraria da minha avó, para ter certeza de que nada está fora de ordem. Mas cratera infernal se tornou minha expressão favorita ultimamente. Eu tenho que ir para a cratera infernal, eu gosto de dizer à minha colega de quarto, Agatha, sempre que sou chamada de volta pra casa nas férias ou nos fins de semana. Agatha sempre me dá um olhar em branco como resposta.

– Eu acho que deve ter sido tão maravilhoso crescer em uma comunidade, ela se arriscou uma vez.

Eu não me incomodei em explicar como não é realmente uma comunidade. Eu meio que posso ver como pode soar como uma pelas descrições editadas que eu dei a ela. Uma grande casa de fazenda em Nova York, com uma variedade de primos, tias, tios e o celeiro adjacente, os campos e jardins que abasteciam o negócio da família – Suplementos Herbais Greene. Todos presididos por minha mãe e avó em seu tempo, suas saias e xales coloridos e colares de conta.

– Eu quero dizer, eu cresci em Pine Park, Illinois, Tamsin. Venha pra casa comigo e você vai ver a verdadeira cratera infernal. E, a propósito, isso nem é uma expressão verdadeira.

– Eu ia amar, Eu respondi ansiosamente. E eu quis realmente dizer aquilo. Eu amaria ver como é ser parte de uma casa americana comum. Onde sua mãe e sua avó não estão lendo folhas de chá, e vísceras o tempo todo. Ou fazendo poções com o cheiro forte do jardim de ervas para dezenas de garotas e mulheres da aldeia.

Elas vêm após o anoitecer, batendo timidamente na porta de trás, implorando por alguma coisa para colocar no café ou cerveja de algum homem quando ele não estiver olhando. Os olhos das mulheres de enchem de lágrimas agradecidas, aqueles mesmos olhos que vão fugir de encontrar os seus, se vocês se cruzarem na cidade durante o dia.

Numa casa realmente normal as pessoas celebram Ação de Graças, Natal ou Hanukkah[3]. Halloween é para que as crianças se vistam com fantasias. Não é um feriado em que toda a sua família se reúne na profunda floresta atrás de sua casa e constrói uma fogueira e queima ervas doces no altar construído para os quatro elementos. Não um feriado em que toda a sua família dança até o primeiro arranhar do alvorecer e você finalmente pode tropeçar até em casa, com as pernas nuas machucadas e arranhadas, mãos e pés congelando, cheia do vinho feito na casa do Tio Chester.

– Cratera infernal, eu disse novamente, agora com sentimento, enquanto lençóis de chuva ondulavam contra as enormes janelas. Ao menos havia mais uma semana até que eu pudesse pegar o trem de volta à Grand Central. Eu bocejei, estiquei meus dedos para o teto de estanho polido. O sino sobre a porta soou três notas suavemente e eu soltei meus braços meio esticados, assustada. Eu não fui à única. Hector pulou do balcão com um miado irritado e desapareceu entre duas pilhas de livros de poesia que acabo de lembrar que deveria reavaliar o preço e arquivar na sessão 50% de desconto.

Porém, ao invés disso, eu olhei para o homem que tinha acabado de entrar. Ele é alto, e como eu sou alta, isso diz alguma coisa. Alto e magro e abafado por um casaco escuro que parece se sobrepor a sua estrutura.

[3] Hanukkah é uma festa judaica da Consagração ou das Luzes, celebrada no fim de dezembro e comemora a reconsagração do Templo de Jerusalém após a vitória de Judas, o Macabeu sobre Antíoco Epífano.

Ele educadamente dobrou seu guarda-chuva e o colocou sobre o plantador de cobre que servia como suporte para a porta. Seus olhos encontraram os meus do outro lado da sala.

– Desculpe – ele disse, e sua voz era um sussurro nervoso quase levado pelo vento.

A porta se fechou, nos selando lá dentro.

– Pelo que? – eu perguntei suavemente.

– Você nem me conhece ainda. – Na minha mente, eu podia ouvir Agatha suspirar. Ela se exaspera comigo e minhas frases de uma linha. Ele indicou a área em volta de seus pés. Poças espalhavam-se por todo o chão de madeira, escorrendo da bainha molhada de sua capa de chuva e de suas luvas.

– Oh. – Eu disse. Então toda minha sagacidade me deixou.

– Eu... tenho um esfregão – eu terminei, brilhantemente.

Ele assentiu, balançou seu casaco um pouco, então pareceu envergonhado enquanto mais água caía no chão.

– Vocês já estão fechando? – Seu sotaque era fraco, porém familiar, e eu tentei desvendá-lo.

– Não – eu menti corajosamente, porque depois de tudo ele é um cliente e eu

havia feito algo em torno de vinte e dois dólares em vendas hoje.

Eu passei por trás da caixa registradora e comecei a arrumar uma pilha de livros, fingindo não ver o homem enquanto ele passa pela estante de ficção. Quando ele se moveu um pouco mais próximo à oculta e misteriosa seção, eu senti a familiar picada de resignação. Então ele é um desses. Um de fora da cidade que acha que mágica pode ser encontrada em um livro. Eu suspirei. Acredite em mim, eu queria gritar com ele, se mágica pudesse ser achada em um livro, eu já teria achado há muito tempo.

Eu perdi o tempo com a fita da caixa registradora, então olhei novamente, esperando ver o homem completamente imerso no último livro de Starling Ravenwood, Feitiços para Viver Uma Vida de Boa Fortuna, nosso atual Bestseller. Mas ele não está em lugar algum onde eu possa ver. Eu ergui meu pescoço, ficando em um só pé. De repente, ele se materializou de entre as estantes de poesia, e veio até mim segurando um livro fino com a capa bronze.

Inexplicavelmente, eu me vi dando um passo para trás. Meu cotovelo roçou a máquina de café que eu insistira para minha avó comprar, se eu ia trabalhar na loja durante todo o verão. O recipiente deu um chiado, seu conteúdo oleoso derramou um pouco quando lanço meu braço para frente.

– Ouch...

O homem não pareceu notar. De perto, eu vejo o reflexo da barba dourada por fazer em seu queixo, o cabelo ensopado de chuva era louro escuro. Seus estilosos óculos de armação preta refletiam a luz de volta para mim, mas não me permitiam ver a cor de seus olhos. Eu pensei que ele devia ter algo em torno de trinta anos. Ele não era convencionalmente bonito, mas havia algo nele, algo que me fazia desviar o olhar, depois olhar novamente para ele.

– Você tem mais algum como esse? Ele perguntou, e a origem de seu sotaque me fez pensar novamente. As sílabas ‘grampeadas’[4], a enunciação perfeita. Inglês, eu decidi. Isso definitivamente adiciona um fator atrativo. Agatha, pelo menos, é louca por sotaques. Eu abri a capa, folheando as páginas.

– Eu não li esse – eu disse surpresa porque já havia lido quase tudo na loja. Ao menos tudo que valia a pena ler.

O livro parecia ser uma foto montagem das origens de minha cidade. Esboços a lápis e desenhos a tinta de antigas mansões davam lugar às belas fotos de folhagens de outono, a praça da cidade, as cachoeiras, e o cemitério. Sob cada foto havia um parágrafo ou dois explicando a história.

– Interessante – eu disse com um sorriso evasivo, entregando o livro de volta a ele.

Ele ajustou os óculos no topo de seu nariz e disse:

– Interessante é uma das palavras mais banais da língua inglesa. O que isso significa realmente?

Meu sorriso congelou no lugar.

– Isso significa que eu não tenho nada melhor pra dizer, então interessante me vem à mente.

[4] No sentido de sílabas muito juntas, o contrário de falar pausadamente

Ele sacudiu a cabeça uma vez.

– De alguma forma eu não acho que você seja o tipo de pessoa que se encontraria numa situação em que não tivesse nada melhor para dizer.

A cafeteira chiou outra vez, e eu casualmente esfreguei a mão no meu pescoço para evitar que um arrepio se espalhasse. Vindo do nada, Hector saltou sobre o balcão novamente, arqueando suas costas e batendo sua cabeça violentamente contra o livro que o homem segurava. O homem pareceu assustado por um instante, e então, de repente linhas se curvaram em torno de sua boca, criando aquelas pequenas covinhas.

– Hector vê todos os livros como rivais pela atenção das pessoas.

– Lugar ruim pra ele viver, então. – O homem comentou.

– Ele se vinga de uma forma sutil. Isso é tudo? – Eu perguntei, apontando para o livro. Num flash, Hector bateu na pulseira de prata no meu pulso e enganchou uma pata em minha pele.

– Ow! Eu disse, puxando minha mão de volta.

– Vê o que eu disse sobre vingança? – Eu resmungo, olhando para as três esferas de sangue que brotam em minha pele pálida.

– Me permita, o homem diz, e rapidamente, tão rapidamente que eu não tive tempo de reagir, ele puxou um lenço azul de dentro do bolso de seu casaco de chuva e pressionou-o contra meu pulso. Sua língua tocou no canto de sua boca. Eu puxei minha mão de volta, um sorriso oscilando em meu rosto.

– Quem tem um lenço hoje em dia? – Minha voz soou incerta, oprimida até.

Eu examinei o canto do tecido, que estava bordado com as letras AEK. Ele encolheu os ombros e pareceu envergonhado, e o lenço desapareceu novamente dentro do bolso de seu casaco.

– Sim, não é um hábito muito americano, eu estou colecionando.

– Então você é inglês, – eu concluo. Ele parece brevemente pesaroso.

– Escocês, – ele diz.

– Desculpe, – eu sussurrei zombeteiramente.

– Péssimo engano. Inimigos mortais, certo?

Eu levei meu pulso à minha boca, pressionando meus lábios na pele cortada. Ele me olhou e eu deixei cair minha mão, envergonhada.

– De férias por aqui? – Eu perguntei, preenchendo a lacuna de silêncio.

– Não. Eu estou na NYU[5].

[5] NYU = New York University, ou Universidade de Nova York, em português

– Você é um estudante lá? – Eu perguntei.

Uma adorável mancha de cor vermelha cobriu suas bochechas.

– Eu sou um professor lá.

– Você é? – Eu disse, notando muito tarde o quão grosseiro isso soava.

– Digo... você é. – Eu assenti.

– É claro. Desculpe, é só que você parece tão novo.

Agora quem estava corando era eu. Eu posso senti-lo por minhas bochechas e minha testa. Até meu nariz estava quente.

– O que você ensina?– eu perguntei.

– História da arte. Você é uma aluna universitária?

– Ainda não, – eu disse.

– Eu freqüento a New Hyde Prep. – Ele me deu um olhar em branco.

– É um colégio interno na cidade. No Upper East Side. Eu só fico em casa, em Hedgerow, pra passar o verão.

Eu empurrei uma pilha de marcadores para perto da registradora, os alinhando perfeitamente.

– NYU é uma das minhas primeiras escolhas. Então se eu entrar, talvez eu acabe em uma das suas aulas ano que vem.

– Eu adoraria, – ele disse.

Então ele me olhou e sorriu brevemente, quase maldosamente, para mim.

– Desde que você prometa não usar a palavra ‘amável’ em nenhuma das discussões.

– Eu não ousaria, eu disse.

Eu considerei deixar minhas pestanas se fecharem lentamente. Eu tenho estado entediada por todo o verão e preciso de um pouco de flerte.

A pequena cidade de Hedgerow, embora tenha um grande charme rústico, não tem muito no quesito ‘diversão masculina’. Mesmo se eu não fosse um membro de uma das famílias, mais infames da cidade, as opções são limitadas.

Mas o momento passou, então apenas peguei o livro dele uma vez mais e chequei as abas, procurando o preço que minha avó tinha escrito em sua letra garranchosa.

– Sete dólares – eu disse, pegando os vinte de seus dedos estendidos.

Ele aceitou o troco que pus em sua mão, nem ao menos checando antes de devolver o dinheiro à sua carteira. Todo esse tempo ele tinha um olhar fracamente desconfortável. Ele tirou seus óculos, massageou o topo de seu nariz e olhou para mim, e decidi que seus olhos eram algo entre azul e cinza.

– Tem algo mais que eu estou procurando, – ele deixou escapar, de repente.

– Não um livro, de qualquer forma. – Ele lançou um olhar para á porta, como que mudando de idéia e decidindo escapar para a chuva.

Eu troquei meu pé de apoio, pressionando as orelhas de Hector suavemente contra sua cabeça, como ele gostava.

– E o que seria isso? – De alguma forma não me surpreendeu que tivesse chegado a isso. As maiorias dos forasteiros chegavam a essa parte.

– Uma antiga relíquia de família. Um relógio. Esteve na minha família por gerações e então nós... o perdemos. – Ele colocou os óculos novamente no rosto.

– Perderam?

Ele sacudiu a mão, na luz batendo na pulseira de aço de seu relógio. Os olhos de Hector se abriram, e eu pus uma mão restringente no pescoço do gato até que ele adormecesse outra vez.

– Num jogo de cartas ou uma aposta, ou algo nesse sentido, no fim do século XVIII em Nova York. Apostadores na família temo.

– E como eu posso ajudar? – Eu perguntei, e esperei que seus olhos encontrassem os meus, o que fizeram com certa relutância. Azul glacial, eu finalmente decidi.

– É só que... bem... eu escutei que esse... esse lugar...

– Esse lugar...? – Eu repeti. Enquanto eu deslizava o livro para dentro de uma sacola, eu percorria o símbolo da Greene's Achados e Perdidos, Livros Novos e Usados. Eu não posso deixar de me sentir um pouco como Hector, com um rato preso entre suas patas.

Ele ruborizou-se novamente.

– Eu ouvi dizer que este lugar se especializa nesse tipo de coisa. Encontrar coisas. Isso é, coisas perdidas.

– Muito raramente algo é perdido para sempre, eu disse enigmaticamente, porque é isso que minha avó diz para clientes em potencial.

Mas então eu me cansei desse jogo e me cansei de mim mesma. O pobre homem viajou da cidade de Nova York, numa noite chuvosa, para achar alguma coisa que provavelmente tinha algum valor sentimental, e a última coisa que ele precisa é ser manipulado por uma garota de dezessete anos com o peso do talento especial de sua família em seus ombros.

Desde que Agatha pegou Introdução à Psicologia no ano passado, eu tenho sido incitada a ser mais autoconsciente.

– Ok, olhe... você veio ao lugar certo, professor, mas...

– Callum, – ele interrompeu – Alistair Callum. E você é Srta. Greene, certo?

– Sim. T... – mas as palavras pareciam estar tropeçando para fora dele agora.

– Francamente, eu estava com um pouco de dúvida que um lugar como... como esse existisse. Eu quero dizer, que fascinante. Eu quero... eu só quero dizer... que coisa brilhante essa que você faz Srta. Greene.

Eu não sou a pessoa que você quer. Eu sei que tenho que falar isso a ele. Mas é tão raro que alguém olhe pra mim como Alistair está olhando agora. Com admiração e reverência. Eu sinto ao mesmo tempo um brilho e um escurecimento em minha cabeça, como se alguém tivesse ligado um interruptor e depois, com a mesma rapidez, o desligado novamente.

De repente eu quis estar de volta à minha cama do dormitório, passando levemente as páginas de um livro aberto, sustentado em meu peito antes de desistir do meu dever de casa, e descer lentamente até o lounge dos estudantes para assistir TV com qualquer um que por acaso esteja lá.

Pessoas normais. Pessoas que não tem ideia dos talentos da minha família. Pessoas que não me olham de lado com admiração ou preocupação ou medo ou uma combinação dos três. E ainda assim, Alistair está olhando para mim esperançosamente

suas mãos apertando o balcão enquanto ele se inclina em minha direção.

Eu me imaginei dizendo a coisa certa, a coisa que eu deveria dizer caso um cliente pedisse ajuda para achar algo além dos últimos mistérios de Pat Griffith. Minha avó é a pessoa com quem você tem que falar. Ela vai estar aqui amanhã. Eu só estou olhando a loja e eu não sou a pessoa certa. Não a que você precisa. Ao invés disso, eu escutei a mim mesma dizendo.

– Eu posso te ajudar. E então eu pausei.

Concerte isso, concerte isso agora, uma vozinha gritou pra mim.

– Esta é a loja da minha avó. – Isso está certo, está certo, marcha ré. Eu respirei, a voz como um furacão, quebrando o silêncio.

– Mas eu faço esse tipo de trabalho com ela todo o tempo. Minhas palavras estavam surpreendentemente estáveis e seguras. Hector parou de ronronar e abriu seus olhos, me dando um longo olhar amarelo.

– Eu escutei sobre sua família num antiquário...

– Isso responde minha próxima pergunta. Quem foi que...

– Vá ver a Sra. Greene, eles me disseram. Ou sua neta Rowena. Rowena Greene é a pessoa que você quer. – E então sorriu novamente, mas agora era um casual meio sorriso, e ele adicionou suavemente.

As palavras que eu esperei tanto pra ouvir. Rowena Greene. Minha garganta estava seca, do tipo vagando-pelo-deserto-por-uma-semana-sem-água. Nós temos um monte de nomes estranhos na nossa família. Mesmo assim, eu odeio o meu especificamente. Tamsin. Ele soa tão... Severo e não-musical.

Ao contrário de Rowena, que ondula pra fora da língua, Tamsin caí com um baque. Eu perguntei à minha avó repetidamente quando eu era criança porque ela havia me selado com um nome como este, mas ela somente sorriu e disse que essa era uma história melhor guardada para outra hora. Eu engoli seco e tentei dizer:

– Hmm, na verdade meu...

– E quando eu entrei por aquela porta hoje à noite, eu tive este sentimento de que você é aquela com quem eu deveria falar. – Ele colocou a sacola em um bolso no interior do casaco.

– Você provavelmente vai pensar que estou louco. Eu provavelmente estou louco.

Ele apertou rapidamente o topo de seu nariz com dois dedos.

– Eu não acho que você está louco, – eu disse depois de um momento, quando pareceu que ele havia terminado de falar. Pareceu ser meu novo emprego ressegurar a ele. Eu já havia visto minha avó colocar clientes nervosos, totalmente tranqüilos, em um segundo.

– Eu estou lisonjeada, de verdade, – eu disse, sinceramente, e me impedi de adicionar, você não faz idéia do quão lisonjeada. Ninguém tinha nunca, nunca me confundiu com minha extremamente talentosa irmã mais velha antes.

Ele se inclinou em direção ao balcão, agarrou minha mão e a sacudiu algumas vezes. Hector soltou um miado ofendido e se distanciou de nosso aperto, agitando as mãos, mas Alistair não pareceu notar.

– Eu estou encantado por ouvir isso. Eu tenho este sentimento de que você realmente vai poder me ajudar. – eu engoli seco, me privando de dizer que ele estava pressionando meu pulso ferido.

– Escute, Dr. Callum...

– Alistair, – ele insistiu.

– Alistair, – eu repeti depois dele.

– Eu preciso te dizer...

– Sim? – ele perguntou, e quando eu não respondi logo, seus ombros se contraíram um pouco e sua mão, de repente ficou flácida, e caiu da minha. Eu não pude suportar seu desapontamento.

– Hmm... Eu queria dizer que eu não posso prometer nada. Na verdade, eu posso dizer a você que eu provavelmente não vou poder realizar o trabalho. – Talvez eu devesse frasear isso do mesmo modo que minha avó fazia quando confrontada com um cliente particularmente agressivo ou um caso excepcionalmente difícil. O que quer ser achado vem à luz. Eu não vou descansar até que essa luz ilumine cada canto e expulse cada sombra.

Não que ela tenha dito muito de alguma coisa ultimamente. Neste verão quando

em vim do colégio, eu a encontrei passando boa parte de seu tempo sentada quietamente no jardim ou em seu quarto, uma névoa de sonhos espalhando-se sobre ela e acalmando suas mãos. Mas ninguém mais admitia isso. Ao menos não abertamente. Ao invés disso, minha mãe me disse que eu deveria trabalhar na loja na maior parte do verão, enquanto Rowena ficaria em casa e ajudaria com todo o resto. 'Todo o resto' é o negócio da vida das bruxas em um mundo que não sabe realmente que elas existem.

– Não, não. Claro, claro – Alistair ia dizendo, e eu me foquei nele novamente. – Eu entendo completamente. O que quer que você possa fazer.

Ele foi até a porta e procurou por seu guarda-chuva sem tirar seus olhos de mim, como se estivesse com medo de que eu fosse começar a cortar asas de morcegos e resmungar encantamentos.

– Espere. Você não quer me dizer mais sobre isso? O que é que eu deveria estar procurando?

Ele parou e fechou os olhos brevemente, e os cantos de sua boca se abriram em um pequeno sorriso.

– Sim, claro. Mas... Ele olhou para seu relógio.

– Eu tenho que pegar um trem em alguns minutos. Nós podemos marcar um encontro em meu escritório quando o semestre começar?

– Claro – eu disse, lutando para esconder o alívio em minha voz.

Eu sei como é com essas pessoas. Uma vez que estivesse de volta ao escritório e a escola recomeçasse, esta noite iria começar a parecer mais e mais irreal, como se as partes disso escapulissem. Cedo o suficiente ele começará a pensar se realmente teve esta conversa com uma garota em uma escura tarde chuvosa. Talvez se torne uma história que vai contar a alguém algum dia, que ele uma vez tentou contratar os serviços de uma bruxa para achar algo que estava destinado a ficar perdido de qualquer forma.

– Eu vou procurá-lo. NYU, certo?

Ele remexeu o bolso de seu casaco por um minuto, uma expressão de alarme cruzando seu rosto.

– Eu tinha um cartão aqui em algum lugar. Tinha acabado de fazê-los. – Ele dava palmadas em seus bolsos com cada vez mais força.

– Não se preocupe com isso, – eu disse finalmente, com um sorriso aberto. – Eu vou achá-lo. Quero dizer, se eu não puder, você não ia querer mesmo me contratar para o serviço de qualquer forma, certo?

Ele pareceu assustado por um momento e então sorriu, deixando aparecer suas quase-mas-não-exatamente-covinhas novamente.

– Verdade. E... bem, o que quer que você queira, qual é seu preço normalmente?

– Normalmente? – Como minha avó lida com essa parte? Ela é tão natural com tudo.

– Hmm... bem, nós discutiremos isso quando eu tiver uma ideia melhor do

trabalho, – eu disse em meu tom mais oficial. Isso pareceu satisfazê-lo, porque ele assentiu e finalmente desapareceu na garoa.

Eu virei o sinal de ‘fechado’ na porta, girei a chave no cadeado, e me dirigi novamente à caixa registradora. Eu me senti como se houvesse algo que eu estava me esquecendo de fazer, então olhei ao redor da loja, meus olhos parando sobre as pilhas de livros de poesia que eu ainda tinha que reavaliar. Repentinamente, o restante de prazer que senti com a suposição de Alistair, sua confiança em mim, acabasse me deixando insípida. Eu desejei poder contar essa história à Agatha, mas de alguma forma eu não acho que isso sobreviveria à pesada edição pelas quais ela teria que passar.

O telefone tocou agudamente. Eu dou ao aparelho um olhar malevolente enquanto ele toca estridentemente, toca e toca. Eu não preciso de nenhum dos talentos de minha família pra saber quem é. Eu finalmente o atendo.

– Greene’s Livros Achados e Perdidos, Novos e Usados, posso ajudá-lo? – eu cantarolei para o receptor.

– Tam, – Rowena disse, e sua voz é só negócios. – Nós precisamos que você pegue três litros de sorvete de baunilha na McSweeny’s. A batedeira de sorvetes quebrou.

Eu revirei meus olhos.

– O tio Chester não pode concertar isso? – Tio Chester pode arrumar tudo que estiver quebrado. Eletrodomésticos, espelhos, porcelana, ossos.

– Ele tentou. Agora parte do instrumento está colada ao quadril da tia Minna. –

Houve um suspiro curto e exasperado.

– Ele está bêbado, – Rowena adiciona desnecessariamente.

– Já?

– Só feche mais cedo e pegue o sorvete, pode ser?

– Talvez eu tenha clientes, – eu disse orgulhosamente. Eu faço um movimento com meus braços em direção à loja vazia.

– Você não tem clientes. – Mesmo talentosa como ela é, minha irmã pode ver apenas o que está na frente dela, então eu posso mentir facilmente.

– Na verdade, eu tenho.

– Quem? – ela pergunta.

– Além do que, não pode ser ninguém importante. Pelo menos ninguém que você possa ajudar, – ela adiciona.

Eu fico em silêncio. Eu toco a extremidade do meu dedo no nariz do Hector. Ele abre seus olhos e nós olhamos um para o outro.

– Eu vou levar o sorvete, – eu digo grosseiramente. Assim que eu fechar aqui.

– Sim, claro Tam, – minha irmã diz, e como se fosse possível ela soar ainda mais aborrecida do que antes. – Eu não quis dizer...

– Você disse, – eu digo, minha voz alegre novamente. – Algo mais?

– Lembre-se de que tia Lydia e Gabriel vão estar aqui hoje a noite.

Eu fiz um movimento circular com um dedo no ar.

– Ótimo. – Mas interiormente eu sufoco uma pontada. Gabriel.

– Você não está empolgada? – Ela pergunta.

– Eu quero dizer, nós não os vemos há anos.

Tia Lydia não é nem mesmo nossa tia, mas ela é parte da rede perdida que se formou ao redor da minha família ao longo dos anos, e desde que nós chamamos uma mulher mais velha de 'tia', e um homem mais velho de 'tio', eles acabam por fazer parte da grande família feliz. Ou algo assim. Gabriel é o filho dela. E também costumava ser meu melhor amigo quando éramos crianças.

Então ele desenvolveu seu talento de poder localizar qualquer coisa: chaves, carteiras, livros, jóias, qualquer coisa que seja colocada num lugar e acabe perdida quase instantaneamente. Pessoas também. Nesse ponto, Rowena e nossa prima Gwyneth decretaram que ele não poderia mais brincar de pique-esconde conosco. Em protestei, eu

parei de brincar também.

Eles se mudaram quando ele tinha dez anos e eu estava para fazer oito. Tia Lydia tinha concordado em se mudar para o outro lado do país para a Califórnia, provavelmente para salvar seu casamento com aquele cara sem talento, Tio Phil. Isso causou alguns sérios problemas com minha mãe e minha avó porque elas queriam que todos na nossa família, até nossa 'família estendida', ficasse em um só lugar. Aparentemente, a mudança não funcionou. E hoje à noite tia Lydia e Gabriel deverão aparecer, aonde eles vão presumivelmente ser bem-vindos de volta na 'dobra proverbial'.

– Ótimo. – Eu repeti.

Eu massageei a cabeça de Hector e ele fechou os olhos, arqueando-se um pouco em minha mão aberta. Do outro lado da linha eu escutei alguém começar a cantar. Soava como tio Chester, sua voz de barítono[6] se quebrando e oscilando em alguns lugares.

– Eu tenho que ir, – Rowena disse firmemente como se eu estivesse falando sem parar. Não se esqueça do sorvete.

– O que? – Eu disse, mas ela já tinha desligado o telefone, e por isso minha última frase foi desperdiçada com ela.

[6] Barítono, voz masculina que se encontra entre as extensões vocais de um baixo e um tenor. Trata-se de uma voz mais grave e aveludada que a dos tenores.

Dois

Grandes pingos de chuva caíram em meus braços e pernas durante todo o caminho através da cidade, de bicicleta até em casa. Meus pés giraram os pedais, capturando a luz da rua e saltando fora dos seus refletores.

Uma ou duas vezes um carro passou por mim, com barulho de vozes das músicas.

– Circo de Horrores, – alguém grita de uma janela, golpeando a palavra na minha cara. Eu engoli, pedalei mais rápido, até chegar ao último trecho de estrada de terra que leva a casa.

Então, de repente a cortina de chuva é levada para longe e trás o zumbido das cigarras para a vida. Reviro os olhos. Rowena não poderia ter um pouco de chuva para estragar sua festa de noivado.

Meu pai teria dado a ela uma doce expressão formulando em três segundos exatamente e chamaria um céu limpo e perfumado as brisas que sussurram às margens de nossa propriedade. Eu bati e me sacudi sobre a calçada, fazendo o meu melhor para evitar os buracos numerosos que parecem se multiplicar cada vez que eu vou para casa. Luzes brilham de todas as janelas da casa, pontos luminosos estreitos contra a escuridão cobrindo o gramado. O tormento doce e forte de fumaça da fogueira flutua através do ar. Parece que a festa já começou.

Eu imagino a minha avó sentada na cadeira grande, uma rainha em seu trono. Diga a ela, não diga a ela, diga a ela, não diga a ela. Diga a ela que você mentiu. Ainda

que Alistair Callum alguma vez volte à loja, eu poderia sempre dizer a minha família que eu esqueci o seu pedido. Porque isso seria muito verdadeiro.

A roda da frente da minha bicicleta mergulha em um buraco grande que eu juro que não estava lá esta manhã e meus dentes batem juntos. Eu desvio descontroladamente, tentei frear, e então – Smash! Eu colidi com algo muito sólido. Um humano. No minuto seguinte eu estou caindo e então nós dois estamos esparramado no chão, apenas a tempo de quem quer que seja, jogue um braço e impede que a bicicleta caísse em cima de nós.

– Oh! – Eu começo, apenas para uma voz masculina interromper seriamente aborrecida comigo.

– Talvez você possa ver onde você está indo?

Palavras injustas, e antes que eu possa me parar eu digo.

– Talvez você pudesse ver, onde você está?

Tardiamente, tomo consciência que eu ainda estou deitada em cima dessa pessoa e me levanto rápido ficando de pé. Está tão escuro que não posso ver o dano total, mas eu posso sentir o revestimento de lama no meu braço direito e há um formigamento doloroso no meu joelho esquerdo. Eu tiro fora um pedaço de cascalho que entrou em minha pele. Ótimo. Eu posso só imaginar o aspecto que eu vou aparecer na festa de Rowena. Minha roda dianteira ainda está girando e eu procuro a minha bicicleta.

– Aqui, o cara diz.

– Me deixe...

– Não, eu faço isso...

Nossos ombros se colidem enquanto empurramos um ao outro para pegar a bicicleta, e eu bato com o guidão no seu quadril. Ao meu lado, ele solta uma expiração e uma súbita da respiração. Pelo menos espero que tenha sido seu quadril.

– Então, – ele diz brilhantemente, em uma espécie de voz com dentes cerrados, e eu estou de repente feliz com a escuridão que está escondendo o meu rosto.

– Eu estou mantendo poucos metros entre nós. Talvez cerca de seis.

– Desculpa, – eu sussurro, enquanto caminhamos em direção a casa. Minha bicicleta está fazendo pequenos ruídos que não podem ser saudáveis. E só então me ocorre que me esqueci de pegar o sorvete. Eu tento não suspirar muito alto. Meu único consolo é que Rowena tenha esquecido. O que seria muita sorte minha.

Quando chegamos à varanda, eu inclino a minha bicicleta contra a grade, me volto para ele, e abri a boca para dizer algo como: desculpe-me novamente, mas as palavras evaporaram da minha garganta. O cara de pé ao meu lado é inegavelmente bonito. Ele tem o cabelo escuro, na altura dos ombros, olhos escuros e um rosto magro. Sua longa e suave boca abriu em um sorriso, e ele diz.

– Quem diria que você ia ser tão grosseira, Tamsin?

Eu passo as mãos, inutilmente nas crostas de lama ao longo do meu antebraço, enquanto olho para a lua azul tatuada no lado direito do seu pescoço.

Quem diria que você fosse ficar tão gato? Eu engulo e apenas digo. – Oi, Gabriel.

Assim que entramos na casa, a tia Beatrice desce sobre nós. – Eu perdi, ela geme e agarra o punho de Gabriel. Ela examina suas mãos por um momento e, em seguida, olha para ele.

– Eu conheço você, ela sussurra.

– Este é Gabriel, tia Beatrice – digo em voz alta. Além de sua memória, que tem sido imprevisível à cerca de dez anos agora, tia Beatrice também parece estar perdendo sua audição. Por outro lado, ela tem 101, e é o membro mais velho da família. E ela realmente é a família, ela é a irmã da minha avó. Eu nunca soube sobre o seu marido, Tio Roberto. Ele morreu pouco antes de eu nascer, e de acordo com minha mãe foi quando a tia Beatrice realmente perdeu sua estabilidade.

– Eu sei quem ele é, – ela responde, tremendo o nariz comprido, como se realmente torcesse o nariz para mim antes dela acrescentar:

– E eu sei quem é você. Eu aceno.

– Sabe. Para mim passou três anos. – Não importa que eu tenha visto ela cada dia da minha vida, com exceção do ano passado, quando eu estive ausente na escola.

– Oh, ela choraminga e libera a mão de Gabriel.

– Eu realmente perdi.

– Perdeu o quê? Gabriel pergunta com paciência.

– Não está em seu pulso, tia Beatrice? – Eu sugeri, e quando ela me dá um olhar distraído, eu movimento o seu pulso e a pulseira de diamantes pendurada nele. Às vezes ela se engana pensando que encontrou o que ela acha que está perdido. Então fica feliz por um momento, antes de seu rosto voltar e ela começar a torcer suas mãos. Ela examina a pulseira com olhos brilhantes por um momento, então sacode a cabeça tristemente.

– Não, querida, – ela estremece.

– Eu perdi. – Ela sorri para mim, um sorriso doce, que puxa os milhões de rugas em seu rosto. Então, ela dá um beijo distraído cheirando a talco e xerez[7] na minha bochecha, e eu a abraço com muito carinho.

Eu sinto alguma simpatia pela tia Beatrice. Aparentemente, ela costumava ser uma bruxa poderosa que poderia parar pessoas se movimentando com apenas o toque de seu dedo. Algo aconteceu, no entanto, muito antes de eu nascer, antes mesmo de minha mãe nascer, mas ninguém fala sobre isso. Agora ela passa a maior parte de seu tempo vagando por seu próprio mundo privado buscando o que ela perdeu.

– Aí está, – diz Silda, minha prima, chegando e ficando próxima a nós. Ela gira brevemente os olhos antes de dizer em voz clara.

– Olha o que eu trouxe para você, tia Beatrice. Seu doce favorito. – Na taça em sua mão ela possuía uma pequena torta de frutas. Tia Beatriz fez um pequeno bufo de raiva.

[7] Um vinho fortificado espanhol, desde o muito seco ao doce e de âmbar a marrom

– Eu gosto de chocolate, ela diz. – Silda pisca, fecha sua mão, e a abre novamente para exibir um cookie grande, cheio de gotas de chocolate.

– Seu doce favorito, – diz ela novamente, com um adular leve em sua voz.

– E há mais de onde veio esse.

– Perdi... v Tia Beatrice murmura debilmente, mas permite ser levada. Eu balanço a cabeça.

– Você não pode. – Eu começo a perguntar.

– Ela não perdeu nada que eu possa encontrar, – respondeu Gabriel, levantando os ombros.

– Eu tentei antes. Era algo sobre um relógio de bolso. Mas quando eu encontrei um Relógio de bolso em uma gaveta, não era o que ela queria.

Eu esfrego meu braço. Redemoinhos de flocos de lama caíram sobre o tapete puído. Com o canto do olho, vejo a minha mãe no final da sala. Sua cabeça gira na minha direção e de repente estou muito consciente dos buracos nos joelhos dos meus jeans desbotados e minha pequena camiseta de pônei, meu acumulo de pontos favorito da loja na Primavera passada.

– Eu devo ir me trocar, – eu digo. – E você deve ir se misturar. Provavelmente não é uma boa idéia para você ficar, muito tempo conversando com o desajuste familiar,

acrescento levemente.

Gabriel levanta as sobrancelhas para mim.

– Desajuste familiar?

Eu dou de ombros.

– Você sabe sobre isso – eu digo – porque eu tenho certeza que todos lhe disseram até agora.

– Não. E agora você me deixou curioso. – Ele dá um passo, para mais perto de mim. O nível de conversa na sala continua alto, mas subitamente sinto que estamos em exibição.

– Vamos, Gabriel. Você foi para fora o que, há quarenta minutos? Você deve ter chegado a saber sobre tudo o que aconteceu desde que você se foi.

Ele olha pensativo por um minuto e eu estou esperando ele dizer alguma coisa de pseudo - consolo. Mas ao invés disso, ele diz:

– Talvez eu soubesse se você me contasse ao longo dos anos.

– O quê? V Eu digo, meu rosto amassando em linhas confusas. Mas eu sei que ele entende.

Aparentemente, Gabriel acha que eu também, porque ele ecoa.

– Você sabe o que eu quero dizer. Porque nunca me escreveu de volta? O que aconteceu com o silêncio de rádio de vocês[8]?

Seus olhos estreitam nos meus como se eu ousasse desviar o olhar. E eu desvio. Quando a tia Lídia anunciou que estava indo para Califórnia, Gabriel e eu tentamos tudo o que podíamos para convencê-la a deixá-lo para trás. Argumentos racionais, ataque de gritos, greves de fome (O meu durou todas às cinco horas antes de eu desabar), e tratamentos de silêncio. Nada funcionou.

No dia em que ele nos deixou, eu extraí a promessa silenciosa, Gabriel e eu com a cara pálida dissemos que iríamos escrever um para o outro a cada semana. Em seguida, eles foram embora, o rosto de Gabriel se desviou da casa, e todos nós reunidos no gramado. Em vez disso, ele olhava fixamente parte de trás da cabeça de sua mãe no banco do passageiro, como se esperasse perfurar um buraco através de seu crânio. Que bom para ela que esse não era o seu talento.

Dois meses depois, ele me enviou um mapa desenhado à mão da sua nova cidade, cheia de caveiras e ossos cruzados em todos os lugares onde ele jurou que havia um tesouro enterrado, éramos loucos por histórias de tesouros enterrados. Mas então chegou e se foi meu vergonhoso aniversário de oito anos e eu fiquei em estado de choque prolongado. Poucas semanas depois do mapa, ele me enviou uma longa carta sobre tudo na sua nova escola e como não era nada parecida com a nossa antiga escola. Então ele me enviou uma nota perguntando apenas: Por que você não escreveu de volta??? Com as marcas de três pontos de interrogação todas em vermelho. Em seguida nada.

[8] estado em que ninguém manda noticias

Eu ainda tinha todas as cartas. Mas agora eu dou os ombros[9].

– Olha, Gabriel, nós éramos apenas crianças. Vai. Se misture.

Eu dou um passo para trás, tentando ignorar o olhar que ele está me dando, o velho e conhecido o que você está olhando, que parece não ter mudado nada. Eu derreto na multidão.

– Tamsin, – minha mãe diz, se materializando na minha frente.

– Você já felicitou a sua irmã e James?

– Eu acabei de chegar, – eu a lembrei, embora saiba que ela sabe disso perfeitamente.

– Como foi na loja? Ocupada?

De repente, o rosto sério de Alistair vem flutuando de volta para mim. Eu tinha esquecido tudo sobre ele, que com a corrida, Gabriel acabou com minha bicicleta. Eu balanço a cabeça um pouco para me livrar da imagem. Ele vai superar isso depois de algumas semanas, eu lembro a mim mesma.

– Não em verdade.

[9] quando uma pessoa não liga pra um determinado assunto, não ta nem ai

Ela respira, e põe a mão no meu braço.

– Será que você pode tentar ser gentil com sua irmã hoje à noite?

– Eu sempre tento ser legal com ela. – Minha mãe sacode a cabeça. Um cacho prateado cai livre do penteado que ela impôs no seu cabelo normalmente selvagem.

– Tente mais, – ela diz, com as suas sobrancelhas se aprofundando.

– Sim, mamãe, – eu suspiro, sabendo que soa como um caso clássico de angustia adolescente. Se ao menos...

– Mais alguma coisa? – Eu estava prestes a ir me trocar, acrescento. Minha mãe parece aliviada.

– Ah, bom, – diz ela esperançosa, e eu resisti à vontade de rir.

Ela sorri enquanto me afasto, mas posso sentir o seu olhar em mim. A poucos metros de distância, o tio Morris aparece e desaparece piscando os olhos para a diversão de um bebê, que grita e ri nos braços da mãe. Ela continua puxando, um pouco do tufo de um cavanhaque cinza do Tio Morris, e ele a deixa ficar tão perto antes de desaparecer outra vez. Eu não posso deixar de sorrir. Eu me lembro dele jogando o mesmo jogo com Rowena e eu quando éramos pequenas.

Eu ando com dificuldade passando por pilhas de outras tias, tios, primos e amigos da família. Todo mundo sorri ou acena, e eu sorrio ou aceno de volta, mas não paro. Eu

sei dos olhares que devem estar ficando nas minhas costas, levantando as sobrancelhas, com o excedente e expressivo gesto de encolher os ombros, os sussurros de simpatia. Pobre Camilla – sua filha, um desperdício, tão inacreditável. Não aconteceu na família desde quem pode lembrar. E ela deveria ser, supostamente, deveria ser. . .

– Mexa-se, – digo, indicando um menino para da escada, quando eu começo a subir a maciça escada de carvalho. Ele vai para perto da parede e me olha furioso com estreitos olhos avelã. Eu não consigo lembrar o nome dele, mas me lembro que ele é o filho de uma das minhas primas, particularmente irritante de segundo ou terceiro grau, Gwyneth, que pode fazer crescer uma geada de gelo em qualquer coisa com um estalar de dedo.

Um urso de pelúcia está flutuando perto do meu quadril, seus olhos vidrados o movimenta rapidamente em volta da cabeça de uma criança pequena, desesperada para consegui-lo. Seus dedos apenas tocam de leve a pata do urso preguiçoso antes de ficar fora do alcance. Eu olho o menino novamente com ódio.

– Assim como sua mãe, seu moleque. – Eu rosno, jogando o animal para fora do ar e batendo sobre a cabeça do menino.

– Ai, – ele lamenta-se, chegando a esfregar a testa.

– Isso não doeu, – eu respondo seca.

– Nós estávamos jogando um jogo, resmunga. Isto costumava ser uma das linhas de defesa favoritas de Gwyneth sempre que os adultos encontravam qualquer uma de nós coberta de gelo, ou com nossos lábios azuis da geada.

– Você estava jogando, – eu pisquei os olhos.

– Ela não estava, – eu mostro o urso para a criança coberta de lágrimas, que me olha duvidosa com grandes olhos castanhos.

– Você está com inveja, – resmunga. – Porque você não pode fazer nada.

Antes que eu possa me parar, eu chicoteio o brinquedo de volta dos dedos hesitantes da criança e amasso sobre a cabeça do menino mais um pouco.

– Ow! – Ele grita novamente.

– Eu estava apenas brincando, – eu digo claramente antes de devolver o urso para a menina novamente. Desta vez, ela o agarra e corre para longe de mim.

– De nada, eu digo e volto para o resto da escada. A visão da cidade de Nova York no verão, sacos de lixo empilhado nas calçadas rachadas, resplandecendo córregos de tráfego, e hordas de pessoas juntamente com sacolas do shopping Century 21 - desliza pela minha cabeça. Um breve, oásis encantador. Eu tenho que voltar para a escola.

Três

No santuário provisório do meu quarto, eu parei um minuto em frente do pequeno espelho com a borda dourada em cima da minha cômoda, dei um sorriso instantâneo ao ver Agatha em uma blusa rosa com babados. As palavras – EU SINTO SUA FALTA. CHICAGO SUCKS! – escritas em Sharpie[10] preta na parte inferior da foto.

Corro minhas mãos através do meu cabelo escuro enrolado, faço uma breve procura pela minha escova, desisto, em seu lugar coloco um par de presilhas brilhantes. Eu passo o dedo na bainha da minha camiseta do My Little Pony, faço uma careta, e procuro o meu pacote de emergência de cigarros que eu coloquei na abertura entre a minha mesa de cabeceira e a parede. Puxando para cima a vidraça da janela, eu sopro anéis de fumaça através dos furos da tela esfarrapada.

– Ah, que estúpida Tam, – a voz legal da minha irmã vem atrás de mim. Meu último anel de fumaça sai torto, rasgando-se em tufos irregulares antes de eu virar.

– Você não sabe que é prejudicial a sua saúde?

Eu abro meus olhos.

– Sério? Gostaria que imprimissem avisos ou qualquer coisa no pacote. Que irresponsabilidade a deles.

[10] Sharpie – uma caneta com tinta indelével que irá escrever sobre qualquer superfície um instrumento de escrita com um ponto a partir do qual a tinta flui marca registrada

Minha irmã balança a cabeça, de alguma forma ela consegue manter cada único fio de seu brilhante cabelo loiro ancorado no seu coque elegante. Ela está vestindo um vestido preto ate os joelhos, sem mangas, saltos pretos, uma seqüência de pérolas, e nenhuma maquiagem além de um brilhante gloss rosa nos lábios. Espanta-me, como Rowena, entre todos os restos de pratos lascados, azulejos rachados, o descascamento do papel de parede, e tábuas irregulares, consegue um olhar tão revigorante todos os dias. Ela tem todas as superfícies polidas e tremeluzentes reflexões, alguém que não precisa de maquiagem e provavelmente nunca precisará. Além de todos os seus talentos extraordinários, ela também é bonita de parar o coração. Eu me sinto suja apenas olhando para ela.

Agora, seus grandes olhos verdes, cheios de cílios grossos apenas uma sombra mais escura que o cabelo dela, se estreitam para mim.

– É isso o que você vai vestir?

Eu olho para baixo, encolhendo os ombros.

– Sim, eu mudei. Gostou? Eu inspirei e soltei, ignorando quando minha irmã apontou a pequena tosse.

– Você não deveria estar lá embaixo recebendo parabéns e tudo mais?

– Eu vim até aqui para ver se você estava voltando para baixo. Era apenas o mais fraco levantar de sua voz, e quase não pego. Mas aprendi a seguir cada entonação da voz da minha irmã. Rowena é extremamente talentosa na arte do discurso. Sua voz é como mel puro misturado com canela e vinho. Ela pode hipnotizar quando fala, sua voz dá volta e torce a cabeça das pessoas até que andem direto para os penhascos no mar, se ela pedir. Como se isso não bastasse, também pode dar o poder da fala a objetos inanimados. Quando éramos mais jovens, ela usava para me alegrar durante horas,

fazendo as estátuas no jardim falarem, suas vozes cheias de pedra e poeira. Então, quando fiz oito e tudo não aconteceu do jeito que era suposto acontecer, nós crescemos, e a usual fenda entre irmãs cresceu para um abismo do tamanho do Canyon. Depois disso, todo tempo ela tentava usar seu poder comigo, ela mesma me dava aquele olhar penetrante que eu mal podia suportar isso acelerou a distância.

– O que você achou do Gabriel. – Ela perguntou. Eu sabia que se eu hesitasse, passasse blush ou fizesse qualquer outra coisa além de responder imediatamente, Rowena iria se trancar por dentro, então eu digo o mais normalmente possível.

– Ele está bem, eu acho. Parece o velho Gabriel.

– Sério? – Rowena me olha como se eu fosse algum tipo de inseto estranho que ela nunca viu antes.

– Acho que ele está totalmente mudado. Tão bonito agora. Eu quero dizer. – Ela acena uma mão através do ar. Se você gosta desse estilo. Eu não posso te ajudar.

– Que estilo? – Eu sorrio.

– Você sabe. O estilo músico desalinhado.

– Ele é um músico?

– Você não sabia? Ele vai para Juilliard[11] este semestre. Então agora você vai ter

[11] A Juilliard School (popularmente identificada como Juilliard) é uma escola de música e artes cênicas localizada em Nova Iorque, nos Estados Unidos, reconhecida por seus alunos graduados em música. Atualmente sediada no

companhia na cidade. Ela ajusta seu colar, os dedos deslizando sobre as pérolas polidas.

– Você sabia, – ela diz pensativa. Tio Chester e Tia Rennie vão para longe depois do outono. Você poderia viver na casa deles em vez do dormitório.

O jeito que ela diz dormitório faz soar mais como colônia de leprosos.

– Eu tenho que viver nos dormitórios. É uma regra. – O momento mais feliz da minha vida foi quando eu recebi a carta de aceitação de New Hyde Prep[12]. O segundo momento mais feliz foi quando eu li, através de um dos vários lisos e brilhantes panfletos da escola que todos os alunos têm de viver nos dormitórios.

– E eu gosto dos dormitórios. – Um arrepio atravessa o delicado rosto da minha irmã.

– Por quê? – Diz ela, com desprezo. – Por que você iria querer morar lá entre...

– Entre o quê? Entre quem? – Pergunto com calma. O cigarro queima meus dedos, e eu o deixo cair em um copo de água na minha mesa de cabeceira, fico vendo ele se apagar instantaneamente.

Lincoln Center, a Juilliard gradua alunos nas áreas de dança, música e dramaturgia. A instituição é considerada um dos principais conservatórios e escolas de dramaturgia do mundo.

[12] A Escola Hyde tem uma abordagem baseada em caracteres, a educação universitária de preparação tem sido desenvolvido desde 1966 no campus de embarque Hyde em Bath, Maine, e Woodstock, Connecticut, e através de iniciativas da escola pública em New Haven, Connecticut, Washington, DC, e Bronx, em Nova York. A organização, sediada em Bath, inclui oficinas de parentalidade e experiências nacionais desertos.

– Entre as pessoas que não sabem o que somos. – Minha irmã escolhe suas palavras com cuidado, as soltando como pedras entre nós. Eu fico encarando ela.

– Rowena. Na escola, eu não sou uma aberração. Eu me misturo. Você não pode imaginar como é maravilhoso se misturar.

– Eu não ia querer, – minha irmã diz secamente, se endireitando. Eu olho para o cigarro boiando no copo de água.

– Claro que não. Você não precisa, – eu digo baixinho.

Uma das condições de me deixarem ir para a escola em New York City era que eu iria viver com o tio Chester e tia Rennie na casa centenária em Washington Square Park. Mas quando eu informei minha mãe que não poderia viver lá por causa da regra da escola, detonou a pior discussão que já tivemos. Ok, a segunda pior discussão. A pior foi a que tivemos sobre a minha ida para a escola em primeiro lugar.

Nós duas gritamos até que o céu virou uma cor de ameixa podre, e uma estranha combinação de chuva e granizo começou a cair no solo. Poucos minutos depois, um vento forte se levantou e sacudiu as vidraças e portas, como se determinado a encontrar um caminho para dentro finalmente, meu pai entrou na cozinha e explicou com uma voz serena, que o tempo continuaria a piorar, até que parássemos de discutir. Ainda assim, minha mãe parecia disposta a continuar, até que a minha avó entrou na cozinha e simplesmente disse: Basta! Deixe-a ir.

Eu me lembro de me sentir ao mesmo tempo agradecida e triste. Grata que minha mãe agora teria que me deixar ir, e triste que a minha avó obviamente não parecia se importar muito com tudo o que sempre fui. De novo, tudo em torno de mim

provavelmente lembrando constantemente que ela tinha errado uma vez.

– Só porque você não tem nenhum talento não significa que você é um deles – minha irmã diz, e de repente estou exausta.

– Sério, Ro, agora você pode voltar para sua festa e me deixar poluir meus pulmões em paz?

Minha irmã se move em direção à porta.

– Eu sei que você se trocou, mas eu reconsideraria se fosse você. Essa blusa realmente não é lisonjeira.

Mesmo Rowena não tendo o dom de nossa mãe que se desloca com a velocidade da luz, ela ainda pode se mover muito rápido. Especialmente quando arremesso o copo de água com cigarro e tudo nela. Água salpica contra a moldura da porta vazia, escorrendo e sujando os entalhes de madeira pintada.

– Fedelha! Minha irmã berra, – um som distintamente nada harmônico aos ouvidos, vem de algum lugar mais distante no corredor. Eu bato minha porta em resposta. Eu não posso deixar de sorrir.

Eu enrolei enquanto pude, mas finalmente sai do quarto usando meu vestido de comissária de bordo da American Airlines de 1960. É um vestidinho branco de zíper com listras vermelho e azul em torno da bainha, e há algo animador sobre o logotipo costurado no bolso da frente. Inútil dizer que amo isso, e tenho certeza que eu vou ser à única aqui a gostar. Com a possível exceção de Gabriel.

Pauso na escada agora vazia, avistei o penteado loiro da cabeça de Rowena intencionalmente desviar de mim. Ela está em pé ao lado James, uma mão levemente apoiada no seu braço, não que ele precise dessa âncora. James cuida de minha irmã como uma criança cuida de uma luz noturna[13] no quarto escuro. Ele parece ter medo que a qualquer momento ela se esvoace para longe dele e apague. Me deixaria louca, ter todos os bêbados olhando, mas Rowena parecia aceitar graciosamente e naturalmente como tudo o que cai em seu colo.

Neste ponto até alguns dos vinhos caseiros do tio Chester estava começando a soar bem. Mas antes que pudesse encontrar algum, vejo minha avó no canto da sala, sentado na cadeira de veludo azul enorme. Este é o lugar onde ela prefere se sentar durante qualquer encontro de família. Familiares em declínio e o fluxo de seu passado, pagando os seus respeitos. Com noventa e três anos, ela é a chefe oficial da família. Eu faço o meu caminho em direção a ela, espero até que a tia Linnie tenha beijado a bochecha parecida com papel e afastar-se vibrando, faíscas de luz dançam na ponta dos dedos sempre que ela fica animada.

– Tamsin, – minha avó diz. Sua voz profunda e rica lançada de seu estreito corpo nunca deixa de me surpreender. Em um determinado momento, ela só teria de elevar metade de um grau para atrair a atenção da sala.

– Vovó, – eu digo, me inclinando para beijá-la.

Ela cheira como condimentos e curativo que está sempre fazendo, uma mistura de algo picante e doce, como o primeiro sopro da Primavera. Essa noite ela está vestida toda de branco, com grampos de diamante espetando o maço de cabelos prateados amontoado em sua cabeça. Mas, apesar do esforço óbvio, não posso deixar de notar que sua pele tem o brilho amarelado do cetim velho e seus olhos parecem ter afundado mais no vazio de seu rosto.

[13] São aquelas tomadas de bichinhos com uma pequena lâmpada, com uma luz fraca deixada a noite toda, para crianças dormirem.

– Sente ao meu lado – ela propôs, eu me ajoelhei.

Furtivamente, eu toco a bainha do meu vestido com bordas, concentrando apenas na sensação da camurça entre meus dedos, esvaziando minha mente de todo o resto. Minha avó pode andar nas mentes das pessoas como o menor e mais leve andar de aranhas em sua pele. Eles quase nunca irão sentir o impacto.

A última vez que ela fez isso em mim eu tinha seis anos. Meu primo Jerom tinha descoberto recentemente seu talento de retardar ou acelerar seus movimentos, então eu o convenci que devíamos tentar – voar– (ou na realidade cair devagar) do telhado. Eu acho que meu peso acrescentado ao de Jerom dessarumou seus cálculos, ele quebrou um tornozelo depois me encontrei tagarelando sobre a minha ideia para a minha avó e minha mãe, que vieram correndo com o som dos gemidos de Jerom. Minha mãe estava pairando sobre Jerom, chamando o tio Chester, e eu estava olhando para ela, quando de repente houve o leve toque dentro de mim, como as primeiras gotas de chuva. Um susto caiu sobre mim, e minha visão escureceu, e de repente estava aguçada novamente. Minha avó sacudiu a cabeça para mim, e me senti como se tivesse engolido um monte de terra.

Enfim, acho que ela não fez mais isso em mim desde então, mas apenas no caso de ela tentar, eu estou sempre em guarda.

Meus olhos pulam para a sala, parando em Gabriel, que está conversando com Rowena. Ela esta dando aquele meio sorriso legal como se ela soubesse um segredo delicioso, e seu rosto está inclinado para baixo, apenas metade voltada para ele. Esta é uma das poses favoritas de Rowena, sem dúvida, porque permite que as pessoas bebam a beleza do seu perfil impecável. Eu mordo meu lábio. Eu não posso ver isso, então olho para minhas mãos.

– Você encontrou Gabriel novamente, eu vejo. – Diz minha avó, e eu começo.

– Yeah. Eu tipo o... atropelei. Com a minha bicicleta.

Minha avó olha para mim, em seguida, fecha brevemente seu olho direito. É enervante o jeito que ela pode fechar um olho completamente, enquanto o outro permanece aberto, sem pestanejar.

– Por que você faria isso?

– Não foi de propósito, – protesto antes de perceber que ela está rindo.

– Como está a livraria? Muitos clientes?

– Alguns, – eu respondo, considerando brevemente Alistair Callum.

Diga a ela, fale agora! Então eu deixei minha mente ficar em branco.

– Eu não cheguei a revisar os livros de poesia para você.

Uma sobrancelha levanta contraindo seus músculos faciais com um efeito de cascata de rugas na testa.

– Vou fazer isso amanhã, – eu acrescento às pressas. A sobrancelha devagar relaxa.

– Você trabalha duro, – ela diz, finalmente, com a sua voz rouca.

– Yeah. Eu... obrigada.

Um som de destruição me faz olhar para cima. Tio Chester abriu o armário da china e arremessou pratos no chão e, em seguida, moeu os cacos sob seus sapatos para uma boa medida. Eu o vejo fazer isso até que o armário esteja vazio. Então ele passa as mãos sobre os cacos e todos os pratos voltam ao normal à platéia de crianças ficam extasiadas. De seus gestos elaborados, só posso supor que ele estava os incentivando a quebrar mais pratos de modo que a diversão possa começar tudo de novo.

De repente, minha mãe entra em ação, arrancando os pratos da esquerda e da direita das mãos das crianças. Seu rosto tem esse olhar apertado e fico esperando que ela comece a quebrar pratos na cabeça do Tio Chester a qualquer segundo agora. Mas depois a porta da frente se abre. Meu pai chegou direto da estufa pela aparência dele. Ainda embalando os pratos, minha mãe desaparece do lado do tio Chester, e se materializa ao lado do meu pai. Ela se inclina em direção a ele, seus lábios se movem rapidamente. Sem dúvida, ela está furiosa que ele esteja atrasado e coberto de sujeira.

Mais tarde, nós todos marchamos para o quintal, onde o altar de pedra reside. Não há dica da chuva que caira no início da noite ou da umidade que persiste durante todo o verão. Em vez disso o céu está claro e as estrelas brilhantes, e uma leve brisa perfumada da florescência noturna do jasmim está soprando em todo o quintal, pegando levemente nas saias e camisetas e, como um fio de cabelo. Mas sou incapaz de apreciar os esforços de meu pai induzir o clima pelo seu bom ânimo. Estou muito consciente de Gabriel e de como ele não olhou para mim, além de uma rápida olhada como todos que passaram pelas portas.

Ok, eu o afastei antes, mas isso não significa que ele tem que ficar longe. Tenho certeza que Agatha teria uma bola para analisar isto. Antes que eu possa sequer pensar em lhe sorrir, Rowena e Gwyneth dão os braços com ele o levando embora. Então, ao invés, eu ando ao lado de Tia Beatrice, que se mantém parada para olhar as pontas dos seus sapatos de ouro, como se não pudesse entender como este instrumento encontrou o

caminho para seus pés.

E mesmo quando formamos um grande círculo em torno do altar de pedra, ainda assim, eu ainda continuo na esperança de que Gabriel irá olhar na minha direção, e piscar para mim, alguma coisa. Para me distrair, eu estudei o bloco maciço no altar, as veias azuis acinzentadas que atravessavam a pedra negra, as grossas pétalas de flores espalhadas no verão, e as oito velas apagadas feitas a partir da cera cremosa de colméias de meu pai.

– Saudações, – minha mãe diz, e na hora da brisa desaparece e sua voz ressoa no silêncio claro e bonito.

– Feliz em ver-te, esta noite como em todas as noites.

– Feliz em ver-te, – coros de vozes em resposta. Exceto para mim. Eu não estou de bom humor.

– Esta noite é especial, – minha mãe continua, divergindo um pouco da usual abertura blá, blá, blá destas cerimônias durante o qual eu sempre me direciono para fora.

– Hoje nós celebramos a união de duas pessoas amadas, Rowena e James.

Minha mãe faz uma pausa e da um sorriso brilhante em todas as direções, como faz todos os outros. Meus olhos pulam pelos rostos em um borrão distraído.

– Nós também damos graças há dois membros da nossa família que finalmente voltaram para casa: Lydia e Gabriel. Para homenageá-los hoje à noite, peço-lhes à luz das oito velas.

Escutam-se murmúrios através do ar. Eu pisquei. Esta é uma honra. Eu nunca vi ninguém além de minha mãe e avó ter a luz de velas a menos que seja um rito de iniciação. Fascinada, eu estudo Rowena e o leve rubor subindo em seu rosto. Então há uma mistura geral, todos juntam as mãos. A mão de Tia de Beatrice encontra seu caminho na minha própria, e eu a mantenho levemente, com medo que muita pressão esmagará seus pequenos ossos de pássaros. No meu outro lado, meu primo Jerom envolve a minha mão com a sua bem maior, e infelizmente suada.

– Ow, não tão apertado, – eu assobio, desejando que pudesse puxar minha mão e limpá-la no lado do meu vestido. É claro que eu consigo um olhar sufocado da minha mãe, que detém a mão da minha avó de um lado e do meu pai do outro. Com Gabriel e sua mãe se aproximando para dentro do círculo do altar dos quatro elementos, minha avó começa a oração ritual, sua voz rica e completa, apesar de sua aparência enrugada.

– Terra meu corpo, Água meu Sangue.

Pergunto-me, se sou a única a notar a dificuldade em sua respiração. Todos ecoam a voz dela, a voz de Rowena está subindo clara e verdadeira murmurando às respostas. Graciosamente, Lydia leva a primeira vela e luzes do Oeste e Sul, depois se vira para a chama nas mãos de Gabriel. Eu estudo seu rosto de perto, mas ele parece estar calmo, relaxado, como se esta ocasião fosse o mais natural, e com um choque súbito percebo que para ele é. Ele está verdadeiramente em casa agora, de uma forma que eu nunca vou estar. Eu descanso meus olhos sobre os dentes-de-leão que foram esmagados na grama ao lado do meu pé esquerdo. O brilho nos sapatos tia Beatrice vira um borrão, meus olhos se enchem.

– O fogo é minha alma e o ar meu espírito, – diz minha avó a Gabriel com as

luzes Oriente e Norte. Meus lábios se movem automaticamente com a forma das palavras, mas o som não pode forçar seu caminho após o bloqueio em minha garganta.

– E agora, Rowena, – disse minha mãe. Minha irmã deu passos em frente como Gabriel e Lydia de volta para o círculo. Rowena chega diante do altar, em seguida, pausa. O círculo em volta de mim enche com um tremor de saudade. Ela abre bem a boca em forma de arco e começa a cantar as palavras de agradecimento para as estrelas e céus acima de nós. Com aparentemente nenhum esforço, sua voz se levanta e transmiti, circulando e se espalhando por todo o pátio, nota pura e doce, a maneira como uma harpa feita de nuvens e luar deve soar.

Todos os outros olhos estão fechados, mas eu olho para o rosto da minha irmã enquanto ela canta e assim por diante. E ao mesmo tempo mantenho as palavras mordendo minha pele. Só porque você não tem nenhum talento... Só porque você não tem nenhum talento... Só porque você não tem nenhuma Talento... E então, como um revestimento de bálsamo sobre as arestas das palavras, me lembrei de Alistair, a voz e a maneira como ele olhou para mim esta noite. Eu só tenho esta sensação de que você realmente será capaz de me ajudar. E nesse momento eu não me importo o que, é que preciso. Eu juro que vou encontrar o relógio de Alistair Callum.

Quatro

– Três, quatro, cinco, seis, – Agatha conta rapidamente enquanto nós caminhamos pela Rua Noventa e três.

– Lá está ele, o seu futuro marido. Eu olho para o homem baixo e roliço se sacudindo em nossa direção. Sua maleta balança do seu lado esquerdo de uma forma que parece destinada a atingir alguém nas canelas, e a gravata azul xadrez estava batendo com a brisa como se estivesse tentando alçar vôo. Ele usa uma expressão de pânico enquanto apalpa seus bolsos.

Se Gabriel estivesse aqui, ele poderia dizer exatamente a esse cara onde ele deixou seu BlackBerry. Mesmo eu posso supor que é o que está procurando. Em seguida, eu balanço a cabeça um pouco. Não há necessidade de pensar em Gabriel. Não. Não há necessidade alguma de pensar nele. Ou no fato de que não temos nos falado desde a festa de noivado de Rowena e James na semana passada. Ele deve ter realmente decidido a aceitar o meu conselho sobre direção clara do desajuste familiar.

– Ok, minha vez, Agatha diz, tomando um gole de seu smoothie[14] de framboesa.

– Dezenove, – ela diz. Eu levanto uma sobrancelha para ela.

– Atirando alto? – Então eu começo a contar tão rápido quanto eu podia.

[14] Um smoothie é uma combinação de suco de fruta, frutas, sorvetes ou yogurtes light e alguns outros ingredientes especiais. Bebida popular nos EUA.

– Quinze, dezesseis – ooh, muito ruim que aquele é o dezessete, eu digo quando um cara passa de patins direito por nós, seu braço esquerdo esbarrando contra a minha sacola de compras. Voltando, eu sigo o seu progresso, verificando os cordões esticados de músculos em seus calcanhares e braços.

– Dezoito, dezenove anos. Hmm... – Este é bem ajeitado, com um queixo quadrado e vestindo um terno escuro e óculos de sol. Normalmente eu não gosto de um homem de terno. Mas de alguma forma para este parece se encaixar.

– Ele se parece com um banqueiro, Agatha reclama. Ela está mais para os descolados altos e magros que usam óculos de armação grossa e camisetas dos Ramones.

– Nunca se sabe. Você pode ter tudo. A casa com a cerca branca, o SUV[15] e crianças loiras de olhos azuis.

Agatha faz uma cara para mim.

– Isso parece perfeitamente horrendo. – Eu sorrio para ela. Desde a sua aula de literatura britânica, no último semestre, muitas palavras como perfeitamente e talvez, tinham entrado em seu vocabulário.

– Qual é sua ideia de vida perfeita, afinal? – Ela dá a volta em um carrinho de bebê duplo e depois cai perto de mim.

Eu dou um gole no meu smoothie de morango e banana, triturando o gelo

[15] Sport utility vehicle = utilitário esportivo.

esmagado entre meus dentes.

– Agora, – eu disse.

– Agora? O que você quer dizer? – Agatha está me encarando estupefata.

Eu balanço minhas mãos em minha volta para englobar o ar brilhante, os cafés da calçada, o falatório, barulho e o movimento de tudo.

– Agora. Isto. Isso é perfeito. – Ela está olhando de soslaio para mim, um pouco da forma como olha para um problema particularmente difícil no seu livro de matemática.

– Quero dizer, passear, beber smoothies, comprar todos esses livros, pensando nas minhas aulas deste inverno e eu não sei... apenas estar aqui e isto é tudo que se espera, isso é tudo o que pode ser. Ok, agora eu estou começando a soar como um slogan do exército.

– Minha vez, – eu adicionei brilhantemente.

– Escolho o número... Digo um pouco alto, esperando que Agatha irá parar de me dar aquele olhar. Sete.

– Sete então, – Agatha diz.

– Um, dois, três, quatro, – ela começa e, em seguida – Yum – ela diz como um rapaz usando uma bandana e uma camiseta azul escura andando sem rumo.

– Muito ruim que ele é só o número cinco, – ela ergue sua mão e me impede de atravessar a rua. Agatha leva muito a sério as leis de tráfego. Dois ciclistas passaram ruidosamente por nós enquanto esperamos o sinal mudar.

– Seis, sete. Mmm, – ela diz e estala seus lábios em apreço. Com um movimento de mão não tão sutil, ela assinala meu futuro marido.

Eu quase engasgo com meu canudo. Alistair Callum está atravessando a rua em nossa direção, segurando uma sacola de lavagem a seco e um feixe de papéis em um braço. Eu pisquei e então pisco mais uma vez, mas não, ele realmente está solidamente aqui e não apenas uma invenção da minha imaginação hiperativa. Um táxi passa e parece que embora ele esteja prestes a chamá-lo quando, de repente, ele olha pra cima e nossos olhos se travam. Eu levanto minha mão e faço um movimento agitado que espero que ele leve por um aceno.

– *Aimeudeus*! – Agatha murmura. Seu futuro marido está vindo bem até nós. Pareça fofa! – ela me instrui, posicionando meu cabelo.

– Hum, ouça, sim, obrigada – disse, batendo na mão dela.

– Eu o conheço. E a propósito, ele pensa que o meu nome é Rowena. Não diga nada!

– O que... E, em seguida, felizmente ela engole o resto das suas palavras quando Alistair chega.

– Rowena, – ele diz, mudando seus pápeis de um braço para o outro. Que

surpresa agradável.

– Olá, Alistair, – digo sorridente até para ele. Um ônibus passa zumbindo e todos nós voltamos para o meio-fio. A barba por fazer manchada de ouro se foi, revelando um queixo firme dividido por uma pequena fissura.

– Engraçado, trombar em você no Upper East Side. Você está muito longe da NYU.

– Sim, bem, ocasionalmente, eu fujo para outras partes da cidade, – ele afirma, acenando educadamente para Agatha.

– Meu gabinete era muito difícil de encontrar, então?

Um rápido sorriso floresce em seu rosto e percebo que ele está tentando fazer uma piada.

– O que? Oh, não, não, não mesmo!

Ótimo. Agora ele pensa que eu não quero ajudá-lo a afinal de contas.

– Não, eu voltei ontem e hoje foi o nosso primeiro dia de aula e, então eu tive que comprar todos esses livros, eu digo, erguendo minha sacola no ar como prova.

– Juro que estava indo para vê-lo esta semana, – eu acrescento, bem ciente do

fascinado exame minucioso de Agatha em minha visão periférica.

– A propósito, esta é minha colega de quarto, Agatha. Agatha, este é Alistair Callum.

– Encantada, – Agatha diz, e eu tento não rolar os olhos. Ela deve estar certa que ele é britânico.

Alistair sorri para ela.

– É um prazer, Agatha. – Então ele volta para mim.

– Você ainda irá? – A nota de esperança na sua voz é demais para lidar.

– É claro. Tenho períodos livres consecutivos quarta-feira. Você está?

– Perfeito. Tenho expediente na quarta-feira das dez as meio dia. Estou no Hall de Lerner. Waverly Street. Você sabe onde é?

– Não. Quer dizer, sim, eu posso encontrá-lo. – Eu aperto o final do meu canudo entre dois dedos.

– Quarta-feira, repito, – porque ele está parecendo preocupado novamente. – Waverly Street. Confie em mim, estarei lá.

– Maravilhoso, – diz Alistair, colocando um sorriso para mim e outro para Agatha.

– De volta ao escritório para mim agora. Sem descanso para o fatigado e tudo isso, – ele diz, e se virando, ele mergulha novamente no redemoinho de pessoas.

Eu assisto enquanto ele navega seu caminho, sua sacola de lavagem a seco arremessada sobre um ombro, as alças plásticas agora se curvando no que parece ser uma maneira confiante.

– Apenas curiosidade leve, – Agatha começa. OK, lá vai.

– Por que, diga...

Mais briticismos. Eles nunca irão ter fim?

– ...seu futuro marido a chamou de Rowena?

– Hum.... – eu coloco meu canudo em meus lábios e bebo metade do smoothie em um gole. A poucos metros, um homem minúsculo inclina-se sobre uma lata de lixo na esquina e começa a revirá-la. Ele pesca uma lata de refrigerante, a sacode ferozmente, então a enfia no bolso das suas calças de moletom preta amassada.

Quando eu me viro para Agatha, ela ainda está aguardando a minha resposta. Seus olhos por trás de seus óculos verdes com moldura de gato estão estreitos, possivelmente contra o sol, mais provável contra mim.

– Ele é este professor da NYU e ele... entrou na livraria durante o Verão e pensou que eu era Rowena.

– Ooh, – Agatha sussurra animada.

– Professor na NYU. Ele parece tão jovem para ser um professor. Mas eu sabia que ele era um desses tipos de intelectual. – E ela me dá uma olhada penetrante.

– Espere um minuto. Volte aqui. Ele pensou que você fosse Rowena e você não lhe disse o contrário porque...?

Porque ele pensa que eu sou uma bruxa, que eu posso ajudar ele a recuperar uma relíquia de família perdida usando meu talento, e talentos especiais da minha família.

– Só porque, – digo lastimosamente, abaixo minha cabeça um pouco.

Agatha alcança e esfrega minha cabeça carinhosamente com os nós dos dedos.

– Você tem problemas. Sua irmã não é tudo, ok? E o que ele quer com você afinal?

Eu dou de ombros.

– Eu mencionei meu interesse na arte medieval e ele quer me emprestar alguns livros. As mentiras deixam um sabor oleoso na minha língua e engulo o resto do meu smoothie.

Agatha acena com a cabeça.

– Aposto que isso não é tudo que ele quer emprestar a você, – diz com uma piscadela exagerada.

Eu ando às pressas, tentando apenas impedir que meu smoothie espirre pra todo lado. Agatha bate seus cílios para mim antes de continuar na sua voz normal.

– Talvez ele pudesse lhe escrever uma carta de recomendação. Não que você queira ir para a NYU?

– Quero ir a qualquer lugar, contanto que não volte para Hedgerow.

Dois dias depois, eu saio do metrô excessivamente climatizado e entro no estrondo da estação. Subo escadas incontáveis escurecidas com goma de mascar velha e finalmente emergi na esquina do Bleeker e Lafayette. Após perambular por um emaranhado de ruas enquanto olhava esperançosamente que, em qualquer edifício que exibe a bandeira púrpura da NYU do lado de fora da porta, finalmente vou ao Lerner Hall. Meus olhos saltam por toda a sala e um pequeno calafrio me atinge. Eu poderia ser um estudante aqui no ano que vem.

Avalio este rapaz magro que está apoiado contra a parede do lado de fora de uma porta de sala de aula fechada. Ele está vestindo jeans cortados e chinelo. Várias tatuagens de Dragão rodeiam seus braços, tudo em vários tons de ouro e verde para cima e para baixo. Em um momento, eu decido que ele poderia ser meu namorado no próximo ano. Ele me vê olhando, retribui a olhada e, em seguida, faz um movimento para soltar os fones de ouvido do seu IPOD. Dou-o um sorriso arrependido como se para transmitir que estou realmente pressionada pelo tempo e vou embora, meu coração batendo um pouco

rápido demais. Eu sou sempre boa na parte inicial. Não sou tão boa no encerramento. Mas como a maioria das coisas, eu imagino que é apenas uma questão de prática.

Eu vaguei pelo corredor abaixo, por escritórios com a maioria de suas portas abertas. No interior, professores sentam-se de jeito de professor, examinando pedaços de papel com grave atenção ou fazendo anotações furiosas nas margens de um livro ou falando enfaticamente ao telefone. Em um escritório, uma menina está sentada com suas costas para mim, sua postura reta, sua voz irregular quando ela diz:

– Mas se eu não pegar essa aula este semestre, a seqüência inteira do meu último ano será desfeita. Você precisa compreender isso! – No final do corredor, venho para uma porta parcialmente aberta que ostentava o letreiro Alistair Callum. Eu levantei minha mão para bater, mas em vez disso paro e estudo o nome novamente. Algo sobre as letras prende a minha memória e, em seguida, vacila antes que eu possa compreender. Eu sacudo minha cabeça e bato firmemente antes de empurrar a porta aberta.

– Entre – oh, oi! Olá! Sim, bem vinda, – ele diz, arrastando seus pés.

– Como – como vai você? Ele corre uma mão ao longo de seu rosto como se verificasse para ver se ele se barbeou esta manhã. A julgar pelo leve ruído de arranhadura, que se segue, ele não se barbeou.

O pequeno quadrado de seu escritório é tomado principalmente por uma mesa enorme e uma cadeira de couro verde grande, cujos braços são gravados em relevo com rebites de latão manchado. Sua mesa está cheia de papéis e livros, alguns abertos em passagens marcadas. Vários fotos e desenhos emoldurados enfileiravam as paredes de seu escritório e quando adentrei mais na sala, eu piso em um tapete antigo gasto. Eu sorri para mim mesma. É como se alguém pesquisasse o termo escritório do professor no dicionário e, então decorasse de acordo com a definição encontrada lá.

– Chá? – Eu sacudo a cabeça.

– Estou bem.

Nós permanecemos um pequeno momento em um silêncio profundamente desconfortável, e em seguida, como se induzido, Alistair diz abruptamente, – Sente-se, sente-se, – e aponta para mim uma cadeira preta menor antes de se acomodar de volta na sua cadeira verde.

– Estou tão contente que você veio, – ele diz simplesmente.

Eu tenho que dizer a ele, eu tenho, tenho. Como, é outra questão inteiramente.

Ele coloca seus dedos em forma de torre na postura clássica de professor. Isso me faz imaginar se eles ensinam esse gesto pouco antes que você esteja autorizado a obter um PHD.

– Tenho... que lhe dizer algo.

– Você não pode me ajudar? – Alistair diz, o desânimo em sua voz tão vibrante, que olho fixamente para minhas mãos, girando sem parar o anel de prateado volumoso sobre meu polegar esquerdo.

Eu não consigo fazer isso. Não posso lhe contar. Ainda não. Mais tarde, prometo a mim mesma. Quando encontrar o relógio para ele. Assim, ele não vai se importar que eu menti.

– Eu... sim. Gostaria apenas de lhe perguntar se você sabe alguma coisa sobre como nós... encontramos coisas? Ele se desloca na sua cadeira, um dedo longo circulando um rebite de latão.

– Eu não quero... aparecer... inconveniente, ele diz finalmente. – É mágica. Algo assim.

Eu sorrio. – Algo assim, Eu concordo.

– Embora nós não chamemos de mágica em nossa família. Nós chamamos talento. Então, todos nós temos certos talentos. Eu engulo em seco. – Agora é minha vez de parecer desconfortável e minha cadeira não tem nenhum rebite de latão para passar o tempo. Eu me acomodo para enrolar minhas mãos no meu colo.

– Eu posso ajudá-lo, mas pode demorar um pouco. Eu não sou...

– Você tem certeza que não tomará chá? Sei que gostaria de uma xícara, – ele está parecendo seriamente nervoso novamente.

– Certo.

Ele fica em pé num salto, mexe em uma gaveta e tira as duas canecas de aparência empoeirada.

– Volto em um segundo – há água quente no salão da faculdade, – Ele explica e praticamente corre pra fora do escritório.

Eu recosto de volta em minha cadeira e a partir deste ponto de vantagem eu posso ver fendas da pintura descascada na parede ao lado do radiador. Isso é cansativo. Era certo que o assunto.

Talento faz todas as pessoas normais terem a estranha sensação se eles acreditam mesmo em você e não lhe dão o olhar há lugares para pessoas como você conseguir ajuda. Embora nunca realmente tentei explicar sobre a minha família para qualquer pessoa desde a terceira série, quando Denise Winters contou para toda a classe que minha casa era na verdade um asilo para deficientes mentais e que me permitiam sair apenas para ir à escola. Não que eu a culpasse. Eu tive uma sensação semelhante ao longo dos anos.

– Aqui estamos, – Alistair diz, voltando em com duas canecas bem quentes e um prato de fatias de limão.

– Café da manhã inglês é aceitável? – ele pergunta, e eu concordo.

Com suas costas para mim, ele se ocupa adicionando o chá para os copos e mexendo.

–Açúcar, limão?

– Açúcar, por favor. – Ele vira, me passa uma caneca e adiciona limão a sua.

– Tenho açúcar aqui. Eu receio que não seja um fã de açúcar branco, – ele afirma de uma maneira confidencial, seus olhos se desviam para sua mesa, desculpando-se como se revelar esta pequena informação sobre si próprio fosse quase vergonhoso demais. De outra gaveta ele tira uma caixa aberta de açúcar e a passa para mim com uma colher de chá de plástico.

– Obrigada. – Pego um pouco e adiciono a minha xícara, observando como os cristais brutos giram e afundam lentamente no chá enquanto eu mexo.

– Então, começo novamente depois de um momento, este relógio que você quer que eu encontre. Você pode me dizer um pouco mais sobre ele?

Alistair abaixa sua xícara de chá, empurrando-a ligeiramente para longe dele.

– Ele está na minha família há trezentos anos. Era uma peça bem bonita. Um relógio de parede, incrustado com madrepérola e rubis para as horas.

Levanto minhas sobrancelhas e aceno com a cabeça.

– Parece legal.

– Legal é não tão bem a palavra, – diz ele, e sua voz assumiu um tom de professor.

– Não melhor que interessante, acho? – Ele sorri brevemente e, em seguida, continua.

– Aparentemente foi dado para nós por algum Rei ou outro do tipo. Quem conhece essas histórias antigas. De qualquer forma, ele foi perdido há mais de cem anos atrás em um jogo de cartas entre alguns membros da minha família e... outra família. Isso aconteceu na cidade de Nova York em 1887. E como você pode imaginar, a pista fica fria depois disso.

– Então é onde que eu entro, – acrescento, porque ele parece ter parado de falar.

– Sim. – ele está me encarando agora. É onde você entra.

Ele quebra o olhar primeiro, abaixa e coloca um pequeno estojo preto em sua mesa. O som das travas estalando parece lhe sobressaltar momentaneamente, e reparei que seus dedos estão tremendo um pouco. Eu sopro meu chá para esfriá-lo, observando que as folhas de chá espalhadas se juntam em forma de um vago ponto de interrogação antes de se dissipar. Não seria ótimo se fosse esse o meu Talento - ler o futuro, para que eu pudesse ver exatamente como proceder nesta situação?

– Aqui está, – Alistair diz e passa um pedaço de papel por cima da mesa para mim. Eu me inclino para frente para pegá-lo e estudá-lo em silêncio. É uma reprodução de uma pintura, uma pintura antiga pela textura do papel, surrado e desgastado nos cantos. Parece que ela foi emoldurada em algum momento; posso ver esmaecidos contornos amarelos em torno das bordas da página. Um relógio, simples e direto, é colocado no meio da página. A face é inscrito em algarismos romanos com jóias coloridas e os ponteiros são de ouro. Alguns esquemas de arabescos de bom gosto percorrem as beiradas do relógio; eu corri um dedo ao longo da parte inferior da página. Algo é familiar sobre o relógio, mas não posso dizer exatamente o que. Aparentemente, o meu rosto deve ter entregado isso, porque eu posso sentir Alistair se inclinar para mais perto de mim.

– O que é? – ele pergunta, e seu sotaque está subitamente mais ressonante e intenso.

Eu olho pra cima encontro os seus olhos, e por um segundo inexplicável, sinto-me como se eu estivesse olhando para outra pessoa. Ou melhor, como se a outra pessoa estivesse olhando por trás de seus olhos, me observando ansiosamente. Famintamente. Eu me lanço para o lado descontroladamente e minha mão bate meu chá e derrama a xícara no chão. Ela pousa com um estalo penetrante.

– Eu sinto muito, – eu exclamo, abaixo de joelhos em um instante, virando a caneca em pé. A alça se quebrou claramente.

– Eu quebrei a xícara, mas acho que o chá não acertou o tapete pelo menos. Eu...

– Sem problema, de verdade. Deixe-me ver, guardanapos em algum lugar... ah, sim, aqui.

E ele se junta a mim no chão com um chumaço de guardanapos em cada mão. Pegamos algumas e começamos a bater levemente no líquido escorrendo nas fendas entre as tabuas do assoalho.

– Oh! – disse uma voz feminina de algum lugar acima de nossas cabeças e ambos olhamos para cima instantaneamente. De repente, meu rosto está ardendo em chamas e não ajudou que Alistair já esteja gaguejando.

– Oh, s-sim, Sra. Barnes, o-o que posso fazer para você? Por você ? – Eu engasgo e me ocupo em recuperar a alça da caneca que voou debaixo da mesa.

– Suas cópias, – Sra. Barnes diz e sua voz soa como gelo.

– Sim, certo, obrigado. Excelente. Excelente, – Alistair diz algumas vezes mais, e felizmente quando eu saio debaixo da mesa, Sra. Barnes vai embora com um zunido de sua saia engomada.

– Bem, – digo em minha voz mais normal, apesar de ter certeza de que meu rosto ainda está vermelho, isto tem sido movimentado.

– Não era, então? – Alistair diz se endireita, estendendo sua mão para mim.

Estranhamente eu a aceitei, então quase puxo de volta. Sua palma parece quente e seca, como se não houvesse um fogo queimando bem embaixo da pele. Para cobrir a minha confusão, eu fico em pé e removo bolinhas imaginárias do meu jeans.

– Posso ficar com isso? – Aponto para a pintura.

– É claro, é claro. É seu. – Eu aceno com a cabeça.

– Eu vou ver o que posso fazer. Entrarei em contato, – digo, porque soa profissional suficiente, apesar de não estar exatamente certa por que estou preocupada em ser profissional a essa altura, uma vez que eu menti desde o momento encontrei este homem.

Ele acena pra mim em resposta, seus olhos subitamente dois sólidos e brilhantes pedaços de pedra polida.

– Espero ansiosamente. – Eu aceno uma vez mais.

– OK, – digo finalmente. Eu preciso parar de acenar agora. Nós sorrimos brevemente um para o outro e me viro para sair. Na porta, eu paro e me viro.

– Apenas de curiosidade...

– Sim? – Alistair diz, e eu observo como seu corpo fica parado. É algo sobre a forma que ele contrai seus cotovelos ao seu lado, como um falcão prestes a mergulhar.

– Sei que você mencionou que ouviu sobre nós por meio de uma loja de antiguidades. Qual foi mesmo?

– Oh – ele sorri. Pinkerton creio eu, era seu nome.

Eu aceno pensativamente. Angus Pinkerton pisca em minha cabeça. Ele é se parece com um coelho com seus olhos de bordas vermelhas e nariz apertado e agitado. Lembro de uma visita a sua loja anos atrás com minha avó.

Ele manteve um olho em mim, o tempo todo em que esteve conversando com ela e parecia a ponto de explodir em lágrimas quando corri um dedo sobre um globo de vidro azul empoeirado. Ainda assim, minha avó descobriu uma série de coisas para ele ao longo dos anos e em troca ele enviava para ela vários clientes.

– Ele mencionou que se eu estava procurando algo que não podia ser encontrado, bem, eu poderia tentar na loja da sua avó. Parece que sua família tem uma reputação.

Eu sorrio. – Você não tem ideia.

Cinco

– PARE DE SE MEXER TANTO.

– Eu não estou me mexendo!

– Seu rosto está se mexendo.

– Isso se chama respiração, Agatha! – Eu olhei para minha colega de quarto.

Ela franze a testa para mim, então olha para o seu caderno e dá três batidas decisivas em toda a página. Tenho a sensação de que ela acabou de riscar a minha cara.

– Isso não está funcionando. Seu rosto não está funcionando.

– Obrigada, – eu resmunguei.

– Posso me mexer agora?

– Sim. – Ela suspira, agitando o lápis como um maestro.

– Dê um tempo. – Então ela me bateu com o lápis, os decididos olhos azuis sob as

sobrancelhas escuras.

– Mas vamos tentar isso de novo em dez minutos. Isto é para amanhã e eu não vou procurar outro assunto agora. – Ela abre o mini refrigerador.

– Você bebeu minha Coca-Cola?

– Hum. . . não .

– Porca, – Agatha diz brevemente, antes de escavar uma pilha de brilhantes vinte e cinco centavos na minha mesa que eu estava guardando para a lavanderia.

– Quer um? – Ela pergunta tão generosamente , e eu aceno, vendo-a se balançar para fora da sala.

Eu solto me solto no saco de feijão que nós socamos no canto debaixo da janela na nossa versão de um assento de janela. É o meu lugar favorito para ler, escutar o barulho do tráfego onze andares abaixo. Eu vago sobre a minha mesa, me estico, e olho para a pintura do relógio que eu tenho meio escondido embaixo de alguns livros didáticos. Eu ainda estou tentando decifrar onde eu o vi antes.

– OH MEU DEUS! – Uma voz feminina exclama com raiva de algum lugar corredor abaixo.

New Hyde Prep é uma escola só para meninas, e parece que alguém está guinchando sobre algo de minuto em minuto. Eu espero, para ouvir mais, mas como não

acontece nada, eu volto a estudar a pintura. Agatha tinha dito isso, muito mais cedo, mas não estava completamente familiarizada com isso. Portanto, eu deduzi com minhas habilidades superiores de detetive que não é algo que vi na minha aula de Introdução à História da Arte no ano passado, desde que ela assumiu a aula comigo.

Passei duas horas na biblioteca ontem vasculhando uma seleção de livros de história da arte, tentando sem sucesso encontrar um igual. Então cheguei a casa e olhei para a parede por um tempo, tentando muito me lembrar onde eu vi este relógio antes. Algo que está circulando no fundo da minha mente, mas é também... uma batida rápida na porta me tira do meu devaneio. Eu lanço algumas pastas sobre a imagem, em seguida, viro. A porta, que estava meio entreaberta para começar, agora está toda aberta. Eu olho para encontrar Gabriel de pé do lado de fora do quarto. As suas duas mãos estão colocadas sobre os olhos.

– É seguro? – Ele pergunta.

Gabriel. Aqui. No meu quarto! Só tenho tempo suficiente para lamentar realmente que eu estou vestindo meu jeans favorito, pelo menos, chinelos sujos e uma camiseta azul que não mostra absolutamente nada.

– O que é seguro? – Eu pergunto. Gabriel abre os dedos, espiando pelo meio das lacunas.

– Você ouviu aquele grito no corredor?

– Sim , – eu disse, esticando a palavra. – Você está me dizendo que teve algo a ver com isso?

– Aparentemente, eu bati na porta errada e entrei no quarto de uma menina que

não estava vestindo. . . muita coisa. Ela estava pulando para cima e para baixo na cama, cantando ‘Respect’. Mais uivando, na verdade.

– Mary, – eu digo instantaneamente.

– Ela tem estado destruída a semana toda, desde que ela rompeu com o namorado.

– Sim, eu não parei para apresentações. Ela estava procurando alguma coisa para jogar em mim.

Eu não pude evitar – eu ri.

– Como você conseguiu passar por Hags, afinal?

– Hags?

– Lá embaixo, na recepção? A mulher grande. – Eu abro minhas mãos. – Com uma verruga no queixo?

- Todos os visitantes deveriam ser anunciados. Especialmente visitantes cavalheiros, eu termino levianamente.

– Talvez eu fosse um cavalheiro que se deixa subir aqui na boa-fé.

– eu bufei. A que devo esta honra? É esta parte do programa de extensão familiar?

Gabriel sorri agradavelmente para mim.

– Na verdade, fedelha, eu vim para te contar sobre este espetáculo que eu estou encenando na Silver Tree na próxima semana. Você devia vir. – Ele puxa um panfleto amarelo fluorescente de sua mochila.

– Legal, obrigada. – Eu hesito, então volto para minha mesa. Oh, Dane-se. Eu estou perdida de qualquer maneira.

– Estou feliz que você veio... Eu queria saber se você poderia... me ajudar com algo.

– O que é?

– Não é algo que eu não posso dar conta, você sabe. Só porque eu estou pedindo a você não significa nada, digo correndo. Tudo bem? Eu só preciso entender isso direito. Gabriel me estuda.

– Isso está realmente começando a soar engraçado, – ele diz, sua voz completamente calma.

– Desculpa, – eu murmuro. Antes que eu possa mudar de ideia, eu arranco a pintura debaixo das pastas e a empurro para ele.

– Isso parece familiar? – Ele a pega, e dá um breve olhar, depois olha de volta para mim, levantando ambas as sobrancelhas ao mesmo tempo.

– De alguma forma, isso não era o que eu estava esperando que você me perguntasse.

– O que você estava esperando... Oh, Deus, não importa. Dê-me isso de volta. – Eu tento roubar o papel. Mas ele mantém fora do meu alcance, vibrando apenas acima da minha cabeça. Eu alterno táticas e ao invés disso, tento me mover rapidamente até ele, mas com o braço livre, ele me afasta com bastante facilidade.

– Por que eu nunca esqueci como você é chato? – Eu digo com os dentes cerrados.

– Oh, eu não sei. Talvez seja porque você se esqueceu de me escrever e, portanto, lembrar a si mesma, – diz ele alegremente, dando uma outra olhada na pintura.

– O que você quer saber sobre isso?

– Você pode encontrá-la? Como descobrir como encontrá-la?

– Sim. – Ele baixa o braço bruscamente.

– Primeiro me diga o porquê.

– Er... Dever de casa? – Gabriel me dá um olhar doloroso.

– Está frio, Tam. Tente de novo. – Droga.

– Eu... não posso.

– Ok, me diga por que você não pode?

– Eu não posso te contar é por que eu não posso.

Eu suspiro. Eu não sei o que estava esperando. Se o velho Gabriel nunca me deixaria escapar estando tão perto dos lábios, eu não devia ter esperado que o novo Gabriel deixasse, também.

– Por que você não confia em mim, Tam?

– Eu confio.

– Você não confia. Você tem estado realmente estranha desde que voltei. Ótimo, você não queria manter contato. Mas não somos mais crianças, e o que está...

– Você viu o jeito que todos olham para mim. Todos da minha família. Você sabe o que aconteceu comigo.

– Eu sei o que não aconteceu com você, sim, mas...

– Eu não sou como você.

– Verdade. Eu sou uma cara, você é uma garota.

– Você é obtuso, – eu informo a ele e tiro o papel de sua mão. – E esqueça sobre isso.

Mas ele o arranca de novo.

– Oh, eu posso afirmar a você que agora eu vou encontrá-la por você. Então você vai me contar o que está acontecendo. – Ele sorri ironicamente pra mim.

– Não conte com isso, – eu digo, mas não consigo evitar de sorrir de volta. Prendendo a respiração.

– Sabe, o engraçado é que eu juro que já vi isso antes. Eu não posso dizer, mas há... alguma coisa sobre isso.

Ele esconde o papel em sua mochila, então escora os pés na cadeira da mesa da Agatha para amarrar seu cadarço que tinha desamarrado. Os músculos dos seus braços se alongam, pulam brevemente, e eu tenho o mais louco desejo de percorrer um dedo pelo comprimento de suas costas.

Eu abro minha boca para dizer algo estúpido sem dúvida e sou salva por Agatha, que entra de volta no quarto carregando duas latas de refrigerante. Ela para, olha de Gabriel para mim, e então de volta para Gabriel.

– O-lá, – ela diz. – Eu amo um homem que se sente livre para colocar seus pés

imundos por toda minha mobília, – mas ela está usando sua voz melosa, calorosa e doce e familiar. Agatha pode dizer qualquer coisa naquele tom e ninguém levaria como ofensa.

Comparado à Rowena, ela era uma amadora, mas então de novo é dificilmente justo comparar alguém a Rowena, e eu vi o efeito Agatha em cão. E Gabriel não era exceção. Ele espanou sua cadeira com largos movimentos de varrida enquanto disse – Uau, desculpe, parece uma relíquia de família.

– Talvez seja, – Agatha me passou minha coca-cola, antes de abrir a dela. Depois ela deu a ele um sorriso relâmpago e ergueu sua lata.

– Quer um pouco? Eu vou achar um copo para você já que eu não quero seus germes por todo o lugar. Eu quero dizer, talvez se eu o conhecesse melhor, – eu pego minha deixa.

– Gabriel, esta é Agatha. Agatha, este é Gabriel.

Eles apertaram as mãos, o movimento de seus braços longo e pegajoso. Eu aperto a beirada da aba do refrigerante na minha palma até que o metal fura a minha pele.

– Então como conheceu Tam? – Agatha pergunta a ele.

– Tam e eu somos vizinhos novamente. – Seus olhos encontraram os meus brevemente. Meu rosto aqueceu e eu rapidamente bebi um pouco de Coca.

– Ahn? – Agatha disse.

– Amigos de família. – eu digo.

– Gabriel e sua mãe voltaram para cá.

– Legal, – disse Agatha.

– Então, você acha que eu capturei a essência dela? – ela perguntou e, para meu horror levanta o caderno de desenho para Gabriel.

– Essa é minha contribuição. Capturar a essência de uma vítima.

– Ahn... Ele não precisa ver isso, – disse, avançando para tomar o caderno da mão de Agatha.

Mas ela desviou de mim e eu já estava muito arrasada de qualquer forma. Gabriel já estava examinando o esboço dela com interesse.

– Não está tão bom né? – Incitou-a enquanto ambos estudavam a página, e eu tão insistentemente quis me enterrar no chão.

– Não é sua culpa, – Gabriel disse por último. – Pegue aqui, Tam é muito difícil de desenhar no papel.

– Você está certo. – Agatha disse como se aquela fosse à coisa mais profunda que ela ouvira o dia todo. Bem na hora em que eu me lembrei que provavelmente não era tão atraente para ofegar. Seu olhar se voltou para o panfleto amarelo, agora em minha mesa.

– O que é isso?

– É meu show. Você devia vir.

Agatha acenou entusiasmada. Como eu, ela adorava conhecer bandas no final de semana.

– Onde?

– Silver Tree.

– Fantástico. Nossas identidades falsas funcionam lá.

Ela bebeu mais de sua coca, ajeitou a lata na mesa, e inspecionou por alguns minutos.

– Onde eu coloquei meus benditos lápis?

– Provavelmente estão no seu armário. Na prateleira de cima. – Disse Gabriel.

Agatha lhe lançou um olhar dúbio, mas foi para o armário mesmo assim, alcançando a prateleira de cima. Então rodopiou, lápis em mão, seus olhos abertos e questionadores.

– Como você sabia disso? – Gabriel franziu.

– Ahn... É onde gosto de guardar minhas coisas importantes. No armário.

– Obrigada pela visita. – Disse radiante, espetando o panfleto no mural de cortiça sobre a minha mesa.

– Então você vai vir semana que vem?

Assenti. Realmente desejava poder surgir com alguma coisa espirituosa agora, mas ele não me deu tempo...

– Prazer em conhecê-lo, – Agatha diz antes piscando para mim quando ele sai pela porta.

– Isso significa que ele é gay? – Agatha fala depois ouvimos a porta fechar corredor. Eu engasguei com meu refrigerante.

– Esse comentário do armário que ele fez, – ela fala quando eu olho para ela.

– Eu não penso assim, – eu respiro, meu nariz formiga drasticamente. Agatha bate nas minhas costas.

– Bom, porque ele é Gostoso. Quente, com três t's. – Eu resolvo olhar para baixo para o pufe, organizando minhas pernas em uma posição mais confortável.

– Você acha? – Eu digo neutra depois de um minuto. Colocando o dedo em cima lata de Coca. O metal está quente da minha mão.

– Não é?

– Ele é ok, – eu digo.

Agatha me dá um olhar irônico sobre a parte superior do seu bloco de notas.

– E ele é completamente apaixonado por você.

– O quê? – Sento-me na posição vertical.

– Fique quieta, – Agatha diz, erguendo a lápis.

Ela está sorrindo. Mas você não. Ela revira os olhos, batendo o lápis na página.

– É óbvio, estúpida. – Eu me inclino para trás, tentando digerir essa informação, tentando descobrir como eu me sinto. Então eu agitar minha cabeça.

– Ele é um amigo da família.

Agatha faz uma carranca pra mim. – E daí?

Como eu posso explicar a Agatha que, para mim isso é algo a ser evitado a todo custo? Essa queda por Gabriel realmente acaba com qualquer esperança de escapar dos braços sufocantes da minha família. Eu rolo a tampa de coca entre meus dedos.

– Não é meu tipo.

– Hmm, – Agatha diz, estudando meu rosto um tempo longo demais.

– Tente não se mexer muito neste momento. – Suspiro interiormente, aliviada que ela está fora do tópico de Gabriel. Mas, em seguida, ela acrescenta.

– E para de corar, também.

Seis

Quando o dia do show do Gabriel chegou depois de uma semana, eu já precisava de uma folga da escola. Agatha e eu vínhamos questionando uma à outra, incansavelmente, as palavras do Sat[16] toda noite antes de dormir. Conseqüentemente, eu sonhei em olhar um teste cheio de palavras que eu nunca tinha visto antes.

E todo dia, mais e mais, catálogos universitários chegam à portaria para nós olharmos. Agatha sempre menciona Reed e Stanford e a Universidade de São Diego[17]. Eu não tenho coragem de dizê-la que meus pais nunca irão permitir que eu saia do estado, muito menos atravessar o país. Nós passamos o tempo normal nos aprontarmos. Eu: em dez minutos. Agatha: faz uma hora que ela experimenta e descarta todas as camisas que tem em seu closet antes de se dirigir ao meu.

– Isso está ótimo. – Eu disse pela quarta vez, minha cabeça debruçada na minha cópia de The Tempest[18].

– Estou ficando gorda? – Agatha se queixa, ficando na frente do espelho inteiro que nós colamos na parte de trás da porta. Só Deus sabe como vamos tirá-lo no final do ano.

[16] Sat é um exame educacional padronizado nos Estados Unidos aplicado a estudantes do 2º grau que serve de critério para admissão nas universidades norte-americanas.

[17] Universidades nos Estados Unidos. Reed é em Portland, Oregon. Stanford é em Stanford, Califórnia. A Universidade de São Diego é em La Jolla, Califórnia

[18] The Tempest é um livro de William Shakespeare.

– Não. – Eu disse automaticamente, então fechei meu livro. Eu fui até o meu kit de maquiagem, peguei minha sombra verde brilhosa e decidi aplicar outra camada nos meus olhos. Eu estou relativamente feliz com a minha roupa, uma jardineira jeans curta com um tomara que caia verde e dourado por baixo.

– Tudo bem, como está este? – Agatha pegou minha camisa do Meu Pequeno Pônei e minha mini saia branca.

– Ótimo! Pronta? – Ela me olhou, horrorizada.

– Eu tenho que me maquiar!

Quando nós chegamos ao bar, estava muito cheio e o show já estava quase começando.

Gabriel estava no palco, usando jeans e uma camisa preta sem as mangas. Seu violão está pendurado no seu braço, seu rosto iluminado por uma pequena luz em cima de sua cabeça. Uma garota, usando uma regata rosa e preta e um jeans incrivelmente apertado, está cantando num sussurro, quase como sem respiração no microfone, seus quadris mexendo e balançando lentamente com a música. Os acordes do violão envolviam por baixo de sua bonita voz enquanto ela canta algo sobre o mar e a sombra que ela nunca poderá esquecer. Eu escutei as palavras tentando ignorar o pensamento que ela provavelmente é a namorada de Gabriel.

– Cerveja? – Agatha diz no meu ouvido, e eu concordei com meus olhos ainda fixos no palco. Gabriel começa a tocar e as garotas cantam outra música, às vezes pegando a flauta para acompanhá-lo no violão. O bar está lotado, as pessoas aparecendo e desaparecendo na luz fraca, às vezes me empurrando. Agatha volta depois de um tempo e

coloca uma garrafa gelada na minha mão, e se nega pegar meu dinheiro.

– Eles são realmente bons. – Ela diz finalmente, e eu agradeço por ela não dizer que a menina é muito bonita. Eu concordo e tomo um gole de cerveja, e então a garota anuncia em uma voz normal que eles vão fazer uma pausa. Então a voz dela baixa um pouco de novo e ela lembra a multidão que os CDs na estão na mesa de trás, e estão uma verdadeira barganha de dez dólares cada. Ela dá um meio sorriso e agita seu corpo quando diz isso, e ao meu redor as pessoas aplaudem e alguns caras assobiam. As luzes brilham ligeiramente e muitas pessoas se movem do bar até o outro lado do lugar.

– Banheiro. – Agatha fala. – Segura isso? – Eu pego sua cerveja e fico parada na multidão, deixando ela se espalhar a minha volta até Gabriel aparecer na minha frente.

– Você veio. – Ele diz normalmente, e pega uma das cervejas da minha mão.

– Continue bebendo ela e você vai dever uma cerveja à Agatha. – Eu disse depois que ele tomou um gole.

Ele sorri abertamente, mas me devolve a cerveja, e eu gasto alguns segundos olhando a abertura de sua garganta e o jeito que sua tatuagem parece brilhar contra sua vagamente úmida pele.

– Então... – Ele começa. No mesmo momento que eu falo.

– Você estava ótimo. Ótimo lá em cima. Pareceu bem. – Cala a boca, cala a boca, eu digo a mim mesma.

– Obrigado. – Ele me observa por um minuto e então fala bruscamente.

– O relógio que você queria que eu encontrasse. Você tem certeza que é realmente o que você quer que eu encontre? – Eu fiquei boquiaberta.

– O quê? Sim, eu tenho certeza. Por quê? – Ele encolhe os ombros.

– Eu não sei. É como... se ele não existisse.

– Tem que. – Eu digo persistentemente.

Por que Alistair me pediria para achar algo que não existia? Uma imagem do rosto de Alistair, quando não parecia Alistair surgiu na minha cabeça.

– O quê? – Gabriel disse atentamente me encarando.

– Nada. – Eu acabei com a minha cerveja e comecei a beber o resto da cerveja de Agatha.

– De qualquer modo, eu achei algo... – Ele começou.

– O quê? – Eu disse, quase engasgando com a cerveja.

– Por que você não disse isso logo? – Eu pulei até que a cerveja derramou pelo meu pulso.

– Porque eu não achei o relógio real. – Gabriel disse, e minhas felizes fantasias bruscamente acabaram.

– Eu ia dizer que achei algo que você talvez queira ver, mas é complicado. Não é o que você me pediu para encontrar.

– Bem, isso é útil. – Eu resmunguei, balançando utilmente meu pulso. Ele me olha fixamente e diz – Talvez se você me dissesse a verdade sobre... – A garota que estava cantando com ele aparece em seu lado.

– Aqui você está, bebê. – Ela fala suavemente no ouvido dele. Ela me dá um sorriso fugaz, um ataque nos lábios, realmente, antes de enrolar seus longos braços brancos ao redor do pescoço de Gabriel como se tivesse se preparando para arrastá-lo de volta ao palco.

– Amanhã?

Eu concordei. – Aonde?

– Na casa de Chester e Rennie. – Eu amarrei a cara.

– Por que lá? É... oh, você está ficando lá? Eu pensei que você estivesse no dormitório da Julliard? Eu pensei que você era como eu.

– Eu estou. Às vezes eu pratico lá com a banda. De qualquer maneira, amanhã. Oito horas?

– Com certeza. – Eu falo enquanto ele segue a garota de volta para o palco, suas mãos entrelaçadas.

Sete

Um fraco barulho da rua entra nas grossas paredes da casa de tio Chester e tia Rennie: uma ocasional buzina, uma rajada de música de alguém passando pela janela. Mas no interior, a casa está silenciosa, esperando. Gabriel encara a pintura na parede por tanto tempo que eu penso que ele entrou em transe. É um cenário do quarto de pinturas, muito similar com o quarto de pintura acima. Rico em amarelo com uma bonita e dourada moldura na larga pintura, e espalhado pelo quarto tinha sofás e cadeiras. Um fogo está reluzindo na lareira, as chamas parecendo que vão saltar do fogo da pintura.

No entanto, as três pessoas paradas na pintura não parecem estar prestando atenção. Duas delas são homens, vestidos com longos sobretudos pretos. Eles estão de costas para quem olha enquanto a terceira pessoa, a mulher, está de perfil. Meus olhos percorrem seus leves traços e então seu vestido, um brilhante vermelho, que está em perfeita combinação com os pequenos pontos vermelhos, talvez rubis, na frente do relógio pendurado diretamente em cima de sua cabeça. O relógio que parece exatamente com o que Alistair quer que eu encontre.

– Esse não é o mesmo relógio. – Gabriel diz finalmente. Eu estive prendendo minha respiração sem perceber, e agora tudo escapa num rojão que se parece com um som misturado entre um what e um huh.

– Whua! – Sorrindo pela primeira vez desde que ele entrou na casa, ele diz.

– Whua? Bem... – Mas eu não estou com humor.

– Olhe! – Eu balanço a pintura de Alistair para ele, o papel fazendo um barulho quando eu mostro na frente do rosto de Gabriel.

– É exatamente o mesmo. E isso explica porque é tão familiar para mim. – Eu acrescento, chocalhando o papel de Alistair um pouco mais.

– Obviamente, eu já vi a pintura de tio Chester e tia Rennie antes. – Gabriel olha para o papel que eu estou segurando e então para a pintura na parede.

– É eu sei. – Ele diz com o que eu acho exagerada paciência.

– Deixe-me explicar novamente. O objeto. – E aponta para o relógio na pintura.– Não é o que você me disse que queria encontrar.

– O que você quer dizer? – Eu perguntei, tentando não parecer emburrada.

Gabriel anda até a imensa escadaria e dobra seu corpo no segundo degrau. Tem um rasgo em seu jeans e seu joelho direito sai rapidamente quando ele ajeita a suas pernas alongando-as. Eu o sigo, e sento do seu lado. Depois de um minuto, ele encosta seu joelho no meu e diz gentilmente.

– Não está me chamando do jeito que normalmente acontece. Não parece real. Talvez nunca tenha realmente existido.

– Mas pode ter. Eu digo calmamente. Certo?

Gabriel encolhe os ombros. – Possivelmente.

– Ok, ok. – Eu digo, mas para mim do que para ele, enquanto um lampejo de uma ideia está se formando na minha cabeça.

– O relógio na pintura e o relógio no pedaço de papel são o mesmo. Eu tenho certeza disso. Mas você não pode achar esse relógio. – Eu o abano com a ponta do papel.

– Não é...

– Shhh! – Eu bati as costas da minha mão no seu braço.

– Eu estou processando. – Outro termo que eu aprendi de Agatha.

– Aqui tem uma pintura antiga. – Eu digo lentamente.

– Eu chequei a data. 1899. E ele disse que o relógio foi perdido em 1887. Então talvez você não possa achar agora porque não exista mais. Mas existe naquela pintura. Eu tentei manter o nível da minha voz.

– Gabriel, você não pensou nisso? – Que existiu uma vez, mas não existe atualmente?

Gabriel inclina um pouco sua cabeça em minha direção.

– Quem disse que o relógio foi perdido em 1887? – Eu abri a minha boca, fechei de novo.

– Tam, me diga o que está acontecendo. – Ele diz. Quando eu não respondo, ele coloca seus dedos na parte de baixo do meu queixo e vira meu rosto em direção ao seu.

– Por favor. – Ele acrescenta simplesmente.

– Tudo bem, tudo bem. – Eu digo por fim e me inclino para trás porque seus dedos estão muito quentes na minha pele.

– Esse cara veio até a livraria neste verão, este professor da Universidade de Nova York, na noite que você veio para casa, na verdade. Enfim, ele tinha ouvido falar da livraria, você sabe, descobriu em um antiquário, e ele me perguntou se eu poderia ajudá-lo a achar algo, uma relíquia de família que foi perdida a mais de cem anos atrás. E eu concordei com isso.

Eu pauso, dando um olhar esperançoso. Gabriel espera que eu continue.

– E... Eu não lhe disse que eu não possuo... Talento algum. Oh, mas eu lhe disse que era Rowena.

Mas saiu mais como ohmaseulhedissequeerarowena.

– O quê?

– É, eu sei, foi estúpido, tudo bem. Mas ele achou que eu era Rowena e eu meio que só...

– O deixou acreditar?

– Exatamente.

– Mas você o disse depois, certo?

Eu não tinha certeza se ele estava se referindo a parte de não ter Talento ou a parte de não ser Rowena, mas eu decidi responder ambos.

– Não. – Eu sussurrei, encarando para os meus dedos do pé na minha sandália verde de néon.

– Eu deveria, mas então talvez ele não fosse me querer mais no caso. Ele apenas voltaria e perguntaria por Ro. E eu... queria provar à minha família que... oh, esquece, é estúpido.

– Por que você iria fingir que é Rowena? Gabriel pergunta. – Você é muito mais bonita.

Agora foi minha vez de encará-lo.

– O que? – Mas ele continuou.

– Isso responde o porquê de eu não poder achá-lo. – Ele diz e batendo no papel com o seu polegar.

– Não existe mais. Mesmo se fosse o mesmo relógio que o da pintura, ainda não é

o que o professor quer. Pelo menos não atualmente.

– Me explique como isso funciona.

– Como o que? Você fala de como eu acho coisas?

E agora por alguma razão ele parece preocupado.

– Eu quero saber. – Eu simplesmente digo. E dessa vez eu realmente quero. Gabriel não me responde de imediato. Mas pelo menos ele diz.

– Tudo bem. É como, quando alguém quer achar alguma coisa, eu posso ouvir o objeto.

– Você não vê o objeto? – Ele faz que não com a cabeça rapidamente.

– Não. E escutar é a palavra mais perto que eu consigo pensar, mas é mais como sentir um eco. Eu sinto esse eco de qualquer coisa ou pessoa ou lugar que está perdido está, e então eu... O sigo.

– Mesmo através do tempo? – Eu sussurro. O rosto de Gabriel fica completamente sem expressão.

– Por que você perguntaria isso?

– Eu não sei. Nenhuma razão, realmente. Eu só pensei que era...

Eu paro, o encarando, e mesmo que sua expressão não tenha mudado, nem mesmo um movimento, de algum jeito eu sabia.

– Você pode, não é? – Uma sirene passa pela frente da janela, passando seu aviso pela escuridão.

– Eu nunca disse a ninguém que eu podia fazer isso. Eu nem sabia no início. Só depois de um par de anos que eu descobri que sim, posso seguir algo pelo tempo. Mas...

– Mas o quê?

– Nós não devemos. – Ele simplesmente disse. E do nada eu senti o abismo entre nós.

– Por que não?

– Isso nunca foi explicado para você? – Eu olhei para ele.

– Aparentemente, eles fazem isso no Ritual de Iniciação. – Ele acrescenta. Quando uma pessoa faz doze anos na minha família, ele ou ela vem tendo o Talento por quatro anos. Quatro anos é o tempo normal que leva para o poder de uma pessoa ficar completamente forte. Então no dia de Samhain, a família inteira se reúne e celebra os novos iniciados. No ano que eu fiz doze anos, dois de meus primos também fizeram então claro que foi planejado um grande ritual de celebração. Na noite do Samhain, eu me tranquei no meu quarto. Pela primeira vez minha mãe não veio brigar comigo e Rowena não tentou me convencer com palavras meigas e minha avó não me mandou

descer. Sozinha de repente na casa silenciosa, eu vi todo mundo sair em direção à floresta antes de abrir meu livro de ciências e tentar estudar para o teste que nós íamos ter naquela semana sobre ecossistema. Mais tarde, eu tentei não forçar meus olhos por causa da rigorosa fumaça que significava que a fogueira estava acesa. Ao invés, eu colori os desenhos do deserto árido em meu livro com a sombra verde, não me importando que eu estivesse destruindo um livro da escola, e tentando bloquear os sons da cantoria dos meus ouvidos, mesmo que meus lábios se movessem involuntariamente nas quatro orações. Nos olhos da minha mente eu ainda podia ver a tinta se espalhando da ponta do marcador na página porosa. Eu tive que marcar aquele como meu segundo pior aniversário, apenas atrás do ano que eu fiz oito.

– Eu nunca fui para uma. – Eu falei mesmo que ele já soubesse.

– Nem eu. – Gabriel falou, e eu pisquei surpresa.

– Você não foi? Por que não?

– Ah sim, meu pai iria amar aquela porcaria. – Sua voz estava zombeteira.

– Aqueles anos eram os quais a minha mãe estava fingindo que nós éramos na verdade pessoas normais. A família americana. Nós tínhamos um Halloween normal. Minha mãe se vestia todo ano de abóbora ou algo igualmente estúpido. Eu tentei não sorrir.

– Não uma bruxa? – Gabriel fez que não com a cabeça.

– Céus, não. Nunca isso. Isso seria um pouco perto demais do lar para o meu pai. Não, eu saia para doce ou travessuras até quando eu tinha uns, treze, e depois eu comecei a sair com meus amigos e fazer as coisas normais.

– Eu li sobre isso. – Eu digo melancolicamente.

– Jogar papel higiênico e creme de barbear nas casas.

– Roubar doce das crianças mais novas é mais provável. Isso e pôr fogo em merda de cachorro.

– Oh! – Eu pensei nisso por alguns segundos.

– Isso é bobagem. E nojento. – Gabriel encolhe os ombros.

– O que eu posso dizer? Eu tinha treze.

– Então sua mãe nunca te disse sobre?

– Ela era estranha sobre eu ser Talentoso. – Ele para, passa uma mão por trás do seu pescoço. – Ela tinha esse mini-altar que ela destruía todo dia antes de meu pai vir para casa. Terra do quintal, pétalas de rosa. Um pouco de água. Você sabe o necessário. Eu acenei.

– De todo jeito, ela ainda acreditava em tudo, mas saía escondendo qualquer coisa toda vez que meu pai estava lá. Essa toda outra pessoa surgia. E eu nunca pude descobrir por quê.

– Por quê o que?

– Por que ela iria querer ficar com alguém se ela apenas poderia ser um quarto da pessoa que ela realmente é em sua frente? E eu nunca pude entender por que meu pai aceitou isso, pediu isso dela. É como estar com alguém e seus braços e suas pernas não estão lá e você nem percebe. Era louco. – Gabriel balança a cabeça, então olha para mim e sorri abertamente.

– Tudo bem, isso provavelmente é mais do que você precisava ouvir.

– Não, eu... – Eu ajeitei a correia da minha sandália onde estava pressionando a curvatura do meu pé.

– Eu gosto de conversar com você sobre isso. É... legal. – Eu terminei terrivelmente.

– Eu nunca falo com ninguém sobre o... talento deles.

– Por que não? Eu...

Meus dedos pressionaram no lugar gasto da minha pele até que a dor atingiu meus nervos até que eu não agüentei.

– Doe demais. – Eu digo finalmente. Eu não posso olhar para ele enquanto eu continuo.

– Eu sinto como se minha família me tolerasse, mas eu constantemente os decepciono.

E ao invés de dizer coisas como: Você não é um fracasso. Ou Isso não é verdade.

Gabriel não fala nada, mas coloca uma mão em meu braço. Calor passa pela minha pele.

– As coisas... não deveriam ser assim. – Eu acrescento. Nós ficamos quietos por um tempo, escutando os rangidos da casa a nossa volta.

– Me desculpe por termos mudado. – Gabriel diz. E então sua mão apertou o meu braço até que eu olhei para ele.

– Por que você não me escreveu de volta? – Ele pergunta.

– Eu... me senti estranha. Como se você não gostasse mais de mim.

– Mesmo comigo? – Eu encolhi meus ombros.

– Mesmo com você.

Nossos rostos estavam próximos o suficiente para eu perceber que os olhos dele não eram tão escuros quanto pareciam ser à primeira vista. Ao contrário, tinham pequenos sinais verdes brilhando das íris. E então o relógio do vovô no hall badalou mostrando meia hora e eu saltei de volta para o que eu precisava voltar.

– Tudo bem, e se eu quiser achar aquele objeto? – eu digo e aponto para a pintura

na parede.

– Esqueça sobre esse pedaço de papel. E se eu quiser achar o relógio da pintura?

De alguma maneira eu sabia que você ia me perguntar isso. Gabriel suspira e vai para longe de mim.

– E se eu quisesse ir com você? – E agora eu estou segurando minha respiração, com muito medo do que ele ia responder.

– Uau! Quem disse que eu vou realmente, em primeiro lugar?

– Por favor. Eu fiquei na ponta dos meus pés na escada.

– Eu sei que nós não deveríamos mexer com o tempo ou qualquer que a regra seja, mas...

As sobrancelhas de Gabriel se elevaram.

– Não é só isso. – Ele diz de um jeito que me faz perceber que não liga muito em quebrar as regras.

– É perigoso. Eu li bastante sobre o tempo para saber que não é uma boa ideia mexer com ele de todo jeito.

– E se nós fossemos muito, muito cuidadosos? E se nós só fizéssemos esta vez. E ninguém precisa saber certo?

Involuntariamente, eu imaginei os rostos da minha mãe e da minha avó e da Rowena quando eu trouxer o pagamento que Alistair vai me dar depois de achar o relógio dele. Eu poderia jogar o dinheiro em cima da mesa. O que é isso? Oh, apenas algo que um cliente me deu depois que eu...

A escadaria rangeu um pouco como se alguém andasse por ela e eu pulei. Felizmente Gabriel não pareceu notar. Ele estava muito ocupado encarando a pintura.

– Você sabe. – Gabriel diz atentamente.

– Minha mãe nunca explicou realmente a regra para mim de qualquer jeito. Foi uma daquelas conversas que nós tivemos escondidos, e meu pai veio para casa no meio dela e nós nunca retomamos novamente.

– E ninguém me explicou também. – Eu quero dizer, por que eles iriam se incomodar? Eu digo, tentando fazer a cara mais inocente possível. Gabriel coloca um dedo em seu queixo em uma pose pensante.

– Então ninguém, na verdade, nos proibiu de fazer isso ou explicou por que seria uma ideia particularmente ruim?

– Não. – Eu faço que não com a cabeça pesarosamente.

– Ninguém...

Nós sorrimos abertamente para o outro, e de repente ele se levanta e me puxa. Sem equilíbrio, eu chego perto dele por um minuto. Perto o suficiente para saber que ele cheira à roupa limpa. As mãos dele demoram nos meus braços por um segundo e tento dar um passo pra trás, mas ele me segura mais forte.

– Você realmente quer fazer isso? – Sua voz está baixa e todos os traços do seu sorriso não estavam mais lá. Eu fiz que sim com a cabeça.

– Você me promete que se nós fizermos isso, você não vai tocar em nada? Que você vai seguir minha liderança o tempo todo? – Eu faria uma contingência, mas ele continuava segurando meus braços, então eu concordei com a cabeça novamente.

Mas Gabriel não parecia convencido, então eu finalmente disse: – Sim, eu prometo.

– Tudo bem. Ele me solta e dá um passo para trás para examinar a pintura de novo. Sem que me visse esfreguei meus braços. Eu não podia parar de olhar para ele. Ele parecia tão intenso, tão determinado e concentrado, que eu estava tento problemas para lembrar que era ele a pessoa que costumava brincar de marionetes feitas com meias, comigo quando tinha seis e eu quatro. Então ele virou, estendeu sua mão. Eu lhe dei a minha, sentindo a força de seus dedos.

– Você está pronta? – Não! Eu quis dizer de repente. E por acaso, vai doer? Eu queria perguntar. Como se eu tivesse falando alto, Gabriel balança um pouco a minha mão.

– Nós não temos que fazer isso, – você sabe.

– Eu quero. – Eu disse. – Eu realmente quero.

Ele acena, olhando de novo para a pintura. Ele fecha seus olhos, então eu fecho os meus também. De repente tenho o sentimento que se tem quando se sobe em uma montanha-russa naquele momento quando a carrinho subiu todo o caminho para cima para o ponto mais alto que poderia e está pronto, esperando para cair rapidamente e arremessar para baixo, baixo, baixo. Então tudo muda e passa por mim e eu sinto como se estivesse parada no oceano, a areia embaixo dos meus pés desaparecendo por baixo dos meus saltos, me deixando balançar no ar.

Meus olhos abrem repentinamente. Foco, eu penso desesperadamente, me agarrando a Gabriel, os ossos de sua mão sólidos e reais. Eu me concentro para olhar as sombras do outro lado do piso de madeira no canto do saguão. Uma brisa está vindo de algum lugar. Deve ter uma janela aberta e agora está fazendo as luzes das velas tremerem e oscilarem. Velas? Eu virei a minha cabeça. Velas e velas penduradas em linha em suportes nas paredes. Em algum lugar acima de nossas cabeças estava tocando música, violinos e talvez um piano.

– Você conseguiu! – Eu disse, e Gabriel sorriu abertamente.

– É sempre assim? – Gabriel levantou uma sobrancelha para mim.

– A terra moveu para você também?

– Ah, cala a boca! – Eu retruquei. Então gastei mais um segundo para olhar o lugar.

– Gabriel, essa é a casa da Tia Rennie e do tio Chester.

– Alistair disse que a família dele perdeu o relógio em um jogo de cartas com outra família. Deve ter sido a sua e...

– Realmente, Miranda. – Vem de uma voz em algum lugar da nossa esquerda.

– Eu acho que você está sendo um tanto ridícula. Ele é apenas o solteiro mais cobiçado na cidade. É lógico que eu dancei com ele.

– Sim, mas você dançou com ele três vezes e você sabe que não é permitido pelas regras da mamãe e...

– Rápido. – Gabriel fala no meu ouvido, e nós nos dirigimos para um closet.

Em tempo nós entramos juntos no pequeno espaço escuro que cheira esmagadoramente como naftalina. Deixando a porta um pouquinho aberta, tento não respirar muito. Duas garotas aparecem na minha visão e eu não posso deixar de desejar que Agatha pudesse estar aqui para ver os vestidos delas – ela morreria. Eu sinto uma pontada de tristeza já que eu nunca vou poder contar isso a ela.

Elas estão vestindo longos vestidos brancos feitos de algum material de seda. Uma tem seu cabelo preto esculpido em elaborados cachos, e uma grande pena branca desce pelo lado esquerdo de seu rosto. Ela é a mais alta das duas, com certeza a mais bonita, e pelo jeito a outra garota parece saber disso. Seu vestido é tão bonito quanto, mas parece que não lhe cai bem no corpo, que é mais baixo e atarracado.

De um jeito persuasivo, a garota mais baixa diz: – Sim, mas eu queria dançar a valsa com ele. Você sabe que a valsa é perfeita para mim, e você de propósito pegou essa dança.

A primeira garota dá uma pequena risada então para de repente.

– Eu não fiz tal coisa. Eu o chamei para dançar? Não, ele chegou perto de mim e perguntou se eu queria dançar com ele. O que você queria que eu fizesse? Dissesse a ele, – e então disse com uma voz irritante. – 'Não, mas minha irmã mais nova gostaria de dançar com você, e eu devo condenar você com essa experiência de pés pisados, dedões machucados, e conversa insípida'?

– Oh! A garota mais nova fecha os punhos e então tão rápido quanto um flash ela alcança e pega a pena do cabelo da irmã a retalha.

– Sua desgraçada. – A mais velha reclama. De repente, os pedaços da pena na mão da garota mais nova pegam fogo e ela as larga com um pequeno choramingo. Ela chupa o dedo, olhando muito feio para a irmã com os olhos apertados.

Mas antes que ela pudesse retaliar, uma mulher velha entra no salão. Eu posso a ver avaliando a situação rapidamente antes dos restos da pena desaparecerem na fumaça. Ela vai devagar até as duas garotas, a sua saia azul de tafetá balançava a cada passo.

– Mamãe. – A garota mais nova lamenta. Lavina fez de novo.

– Ela começou. – A garota mais velha retruca. Ela passa a mão pelo cabelo como se para verificar que ainda estava lá.

– Garotas, o que eu disse sobre usar seus talentos contra a outra?

A voz da mãe delas era baixa, mas forte, e mesmo eu quis dar um passo para trás no closet.

– Tem tido o suficiente de divisão e conflito entre todos nós e vocês ainda tem que brigar uma com a outra dessa maneira? A nossa história não lhes ensinou nada?

As duas garotas olharam para baixo, expressão de culpa, e eventualmente o rosto da mãe delas amoleceu.

– Agora, eles vão servir o jantar. Lavina, Senhor Collins está esperando para lhe acompanhar.

Um brilho de triunfo passa pelo rosto da garota mais velha antes que ela rapidamente cubra suas feições sobre uma suave máscara. Sua irmã não é tão rápida, porque ela olha para cima, sua boca aberta num lamento silencioso.

– Venha Miranda. – Sua mãe diz rapidamente.

– Seu irmão vai lhe acompanhar. Miranda fecha a sua boca, mas alcança e dá um beliscão na cintura da irmã quando a sua mãe vira para levá-las para o hall. Finalmente, elas se foram e o hall estava vazio mais uma vez.

– Uau. – Eu sussurro quando nós saímos do closet.

– E você pensava que Rowena era má. – Gabriel murmura. Ele esfrega seu quadril.

– Alguma coisa estava me cutucando naquele closet.

– Gabriel. – Eu digo. – O que a mãe delas quis dizer sobre o conflito entre todos

nós?

Gabriel encolhe os ombros. Eu não sei.

– Elas eram bruxas, não eram?

Eu amarro a cara, tentando considerar as implicações enquanto eu tento rever a nossa história. Eu quero dizer, eu sei que os puritanos não foram os únicos que vieram de Mayflower. Tio Morris fez os traços da nossa família até os anos de 1600, mas os registros estão incompletos.

Mas Gabriel já está pensando em outra coisa.

– Tudo bem, parece que todo mundo vai jantar, então nós temos pouco tempo para checar isso.

– Por que nós não paramos no quarto da pintura? – Gabriel parece um pouco envergonhado.

– É, às vezes eu chego perto, mas não é uma ciência exata.

Eu concordo, então gentilmente encorajo.

– Não se preocupe. Acontece com muitos caras. – Sorrindo abertamente, ele dá um passo ficando mais perto de mim.

– Quando nós sairmos daqui.

Mas eu já estou me movendo para longe dele.

– Para cima.

Nós cruzamos o hall, nos abaixamos rapidamente em várias portas abertas, e nos movemos rapidamente escada acima depois que esfreguei o capacete do cavaleiro por boa sorte.

– Aqui. – Eu sussurrei, e Gabriel, que estava alguns passos na minha frente, se vira e volta.

Nós entramos no quarto que eu apontei. Felizmente não tinha ninguém. Nós passamos pelos sofás aveludados e as poltronas, todas as pequenas coisas de requintada mobília.

– Uau, nós poderíamos dar uma quebra no mercado de antiguidades se nós pudéssemos carregar isso de volta. Você pode–

– Não toque em nada. – Gabriel avisa.

– Apenas essa mesinha. Nós poderíamos vender na Feira de Chelsea, e... – Gabriel me dá um olhar avisando.

– Oh, tudo bem. Fica assim.

Mas ele não responde por que está encarando o relógio.

– Tam. – Ele sussurra. É isso.

– Eu sei que é isso. – Eu lhe disse.

– Não. – Ele diz, me apertando para eu calar a boca.

– Esse é o relógio. Isso é o que ele quer. Por quê? Por quê? – Ele diz, falando devagar como se ele por uma resposta.

– Por que nesse tempo, mas não no nosso?

Eu não tenho uma resposta enquanto eu examino o relógio. De perto é ainda mais bonito que na pintura. É pequeno, mais ou menos 608 milímetros de altura e 456 de largura. A madeira é polida num brilho cor de cereja e os rubis brilham bastante.

– Nós podemos levá-lo? – Eu sussurro para Gabriel.

– Eu quero dizer, nós viemos por ele.

Ele olha duvidosamente, então se mexe, levantando uma mão para tocá-lo.

– Pare imediatamente! Uma voz fala atrás de nós.

Oito

Nós giramos para encontrar o homem alto vestido com um, sobretudo preto e uma camisa branquíssima parado na porta. Seu cabelo e seu bigode eram enrolados em um tom de um cinza ferro, seu rosto é lisinho (sem rugas), dando uma perturbadora impressão que poderia ter qualquer idade. Se movendo para nós, ele parece estar falando, com a sua aparência em uma mistura de choque e seriedade.

– Quem é você e o que você está fazendo aqui? – ele insistiu, parando a poucos metros longe de nós. Seu olhar resolve ir para minhas sandálias e ele abriu a boca como se fosse falar novamente, mas em seguida ele se olha e nos olha, seus olhos tinham a cor de gelo no rio.

– Nós... Eu... só queria dar uma olhada nisso – Eu falo muito baixo.

– Alguém que conheço está procurando por isso.

– Quem? Quem te enviou?

– O professor. – Eu disse futilmente, como se essa profissão fosse esclarecer todas as dúvidas desse homem.

Ele mexeu sua cabeça, nos estudando em silêncio. Uma risada fraca abaixo da escada vem em através da sala.

– Você é uma criança! – ele disse finalmente, e a tristeza na sua voz me deixou desconfortável. Gabriel e eu trocamos olhares.

– E eu concluo, – seu olhar se prendeu nos jeans rasgados de Gabriel e nas minhas sandálias outra vez, – você viajou um longo caminho. Ainda sim, o que tem que ser será, – ele disse e em seguida, seus lábios finos endureceram em uma linha e levantou uma palma.

As chamas na lareira aumentavam e saltavam, como se fosse uma resposta, e em seguida meus olhos são atraídos de volta para a mão do homem, quando uma faísca interrompe através de sua existência.

– Tam. – Gabriel disse em uma voz baixa e passa seu braço pela minha cintura quando o homem atira sua mão como se uma bola.

Fogo dispara no ar e vem em nossa direção como um cometa como se uma onda de calor varresse sobre mim. Balançando contra o lado de Gabriel, eu levanto um braço reflexivamente para proteger meu rosto, esperando a qualquer momento sentir as chamas carbonizando a minha pele. Então o incendio desapareceu suspenso no ar sem ter chego até nós. O ar estava cintilando com uma intensidade estranha. Estava tão claro que tocava meus ouvidos, e com o começo eu percebo a mesma intensidade está ecoando dentro de mim.

– Como... impossível... o homem falou e levantou a outra mão.

Nesse momento a bola de fogo voou para nós como o dobro da velocidade da primeira. Mas nada me tocou. Novamente ela desapareceu.

O braço de Gabriel escorregou da minha cintura e eu olhei para ele. Seus olhos pareciam enormes em sua cara.

– Que diabos aconteceu? – ele sussurou ferozmente para mim.

– Você tentou...

– Não! Eu só tentei nos levar de volta... Mas não consegui.

Antes de digerir isso, o homem levantou a mão novamente e o fogo foi interrompido em suas mãos. Só para evaporar um segundo depois. Eu pisquei, então dei um passo vacilante para mais próximo do relógio, os meus olhos atraídos pelo abaresco da parte inferior. Com o canto do olho, eu vi os dedos do homem tremer como se tivesse sido queimado por seu próprio fogo.

Ele balança para trás, os lábios em forma de S em uma perfeita surpresa. Aproveitando o momento, eu passo para o relógio, os meus olhos atraídos para o ponteiro das horas, que está afiado o suficiente para cortar carne. E na direção do numeral romano XII.

– Tam não. – Gabriel murmurou, e eu o olhei com o canto dos olhos para ele, impressionada para ver medo em seu rosto.

– o que?

– Eu não acho que você deva.

– Por quê?

Eu estava ciente que o homem estava a alguns metros de nós, nos escutando. Gabriel balança a cabeça.

– Alguma coisa sobre isso... Deixe, – ele olhou para mim.

– Por favor, Tam. Você não tem que...

Eu não disse nada. É claro. Eu realmente posso estar muito furiosa, Gabriel se aproximou do relógio e estendeu uma mão para tocá-lo.

– Não... – o homem disse, e eu olhei para trás para olhar ele ficando em pé novamente, com determinação a cada curva de sua testa.

Justo antes dos dedos de Gabriel rolar na borda, o homem levantou a mão novamente. Havia um som que fez com que a mão direita de Gabriel desaparecesse do relógio. De onde eu estava, parecia que seu braço terminava no pulso. Ao mesmo tempo que ele gritava, uma pequena respiração de dor.

– Está espetando. Meu braço. Queimando. Tira! – seus ombros se agitaram, mais ele não conseguia puxar seu braço de volta.

– Tam. – Sua pele estava de todas as cores. Furiosa, me virei para o homem.

– Deixe ele ir, seu bastardo. Deixe ele ir!

O homem mexeu sua cabeça, com uma dura expressão em sua face.

– Eu já te avisei. Ninguem mexe nesse relógio sem consequências.

Eu me virei para Gabriel novamente. Duas finas correntes de sangue estão descendo de seu nariz.

– Corra, – ele cochichou. Em vez disso, eu agarrei seu braço e puxei forte.

Derepente, nós tropeçamos para trás de um pequeno sofa. Gemendo, Gabriel puxa a sua mão, mas ele me deixa tocar. Eu examinei seus dedos. Eles pareciam inteiros e endireitados.

– Está tudo bem, está tudo bem, – eu sussurrei enquanto ele tremia ao meu lado.

– Impossível... – eu escutei o homem sussurrar novamente, e eu balancei minha cabeça, irritada com ele.

Ele fica mais abalado que antes.

– Decidiu ter pena de nós? – Eu estalo. Uma careta aparece em seu rosto.

– Eu não fiz nada do tipo.

Eu o encaro. Alguma coisa é sussurrada em minha mente e é posto no lugar como um suave clique. Eu salto para cima do sofá, me atirando para frente em direção ao relógio.

– Tam, não. – Apelou Gabriel.

Há um pequeno baque, como se uma cedeira tivesse se inclinado para trás e sinto uma onda de movimento atrás de mim como se algo ou alguem estivesse chegando para mim. Mas eu coloquei as duas mão e levantei o relógio da parede, tão facilmente como puxo um fio do meu cabelo.

Nove

– E agora? – Eu digo desafiando o homem de capa.

– Agora o que você tem a dizer? – Mas as minhas palavras saem com um som esquisito, como se houvesse um súbito eco na sala. Levei três segundos para descobrir o que estava errado.

O som da minha voz não saiu. O fogo parou de fazer barulho e estalar atrás de mim. Mesmo o respirar de Gabriel, áspero e rouco há apenas alguns segundos foi cortado. Como se uma porta tivesse se fechado e todo o som tivesse desaparecido. Eu olhei para Gabriel. Seus olhos estavam vidrados, a boca estava definida em uma linha reta, seus dedos ainda longos, ele estava de uma forma que eu nunca tinha visto na vida. De repente, eu fico com mais medo do que nunca.

– Gabriel? – Sussurro, e ando em sua direção.

– O que eu fiz? – Eu giro e olho o homem de capa longa. Eu olho fixamente para ele, esperando, esperando, até que ele finalmente pisca.

– Você está ativando! – Eu o acusei.

– O que aconteceu com Gabriel? – Então, o homem ficou ainda mais abalado do que eu.

– Achei que você soubesse o que estava fazendo.

– Olha como eu vou saber o que eu estou fazendo? – Eu digo.

Eu olho para o relógio em minhas mãos, em seguida, olho furtivamente e balanço a cabeça. Cartas começaram a rolar na parte inferior do rosto, mas toda vez que eu tentava focalizar, elas brilham e soletram palavras sem sentido.

Ele hesita e diz lentamente.

– Você não... tem ideia.

Ele coloca sua mão na boca, e olha para mim. Finalmente, ele completou a frase.

– Você realmente não sabe o que fez, não é? – Ele perguntou, com um som mais sombrio, agora sua voz mais desesperada.

Ele mexeu seus longos dedos, pressionou contra os lábios, e me olhou desconfiado, como se estivesse esperando por algo. Eu fiquei olhando para ele. Finalmente, deu um passo para trás e suspirou.

– Um minuto mais. O poder passa. Suponho que o dano poderia ser pior. – Mas soou como se ele não acreditasse em si mesmo.

– O que você está falando? – Eu envolvo meus braços mais firmes ao redor do

relógio, e ele me deu um meio sorriso como se estivesse cansado demais para completar o esforço.

– Ah, não, jovem moça. Você está enganada. Eu não quero mais o relógio.

– Você queria há minutos atrás. Você parecia estar disposto a nos matar por ele.

– Sim. – O homem afirma.

– Mas isso foi há um minuto. Isso é agora... apenas um relógio.

Ele inclina a cabeça para o lado, acrescentando – Eu acho que seu professor vai ficar desapontado.

– E agora, – ele se levanta alisa a frente de seu casaco, – eu devo ir. E você também deve.

E ele se foi. Nenhuma baforada de fumaça, sem deslumbramento de luzes. Apenas uma súbita e completa piscadinha de existência.

– Tam? – A voz fraca do sofá tirou minha atenção do canto vazio da sala.

Gabriel estava piscando para mim.

– O que aconteceu?

– Você está vivo. – Eu digo, e o meu constrangimento intenso é mostrado na minha voz.

Eu jogo o relógio em baixo de uma mesa e depois caminho para o sofá, afundando ao lado de Gabriel. Sua cabeça caiu para trás e seus olhos se fecharam. Pelo menos seu nariz não sangrava mais.

– Você está bem? –Eu pergunto, Nesse momento ele abre os olhos, olhando para mim.

– Uma vez tive um formigamento em um bar no dia de Sant Patrick. Nunca teve um desses?

Eu sacudo minha cabeça.

– Certo. Bem, eu vomitei cerveja durante horas. Horas. Cerveja Verde. Eu digo.

– Na época eu pensei que a única coisa pior do que vomitar a cerveja era jogar cerveja verde na parte de trás de um táxi. – Ele olha para o relógio novamente.

– Mas isso não era nada comparado ao que eu senti.

Ele se levanta e coloca sua boa mão no meu joelho por um segundo.

– Vamos sair daqui. Eu tive o suficiente de 1899.

Aceno, em seguida, levanto e pego novamente o relógio. Um som rítmico vindo dele.

– Você vai levar isso? – Gabriel olha para mim do sofá.

– Por que não? Ele é apenas um relógio agora. Você ouviu.

Gabriel se aproxima com cautela, mas finalmente, toma a minha mão e fecha os olhos novamente. Desta vez, eu mantenho meus olhos abertos. Cores e luzes brilham por mim em um caleidoscópio[19].

– Por que não consigo Mamãe? – Eu ouço uma voz petulante dizer, mas eu nunca consigo ouvir a resposta, porque um homem está rindo.

– Você irá queimar como uma bruxa para toda a eternidade, – alguém diz em uma fria, voz precisa, e em seguida, cortando qualquer outra coisa que a voz poderia ter dito é o som longo e solitário de um apito de trem.

Todo o som acelera, e eu tenho que fechar os olhos, porque não posso fechar meus ouvidos, e então, de repente, sinto o frio da madeira pressionando contra a minha pele, e abro meus olhos novamente. Estou deitada no chão, esparramada nos braços de Gabriel. Obviamente, ele ainda não está se sentindo bem, porque a sugestão esperada não

[19] Um **caleidoscópio** ou **calidoscópio** é um aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido, que, através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeito visual.

está próxima. Em vez disso, seus olhos permanecem fechados e sua pele adquiriu um tom leve de cinza. Desse ponto de vista, vejo que Tia Rennie e Tio Chester estão fazendo caretas para o chão.

– Tia Rennie e Tio Chester! – Eu me desenrolei de Gabriel, saltei do chão, e corri para a janela. O crepúsculo parece ter caído e com ele uma chuva iluminada.

Os postes de Washington Parque Square estão acesos, e os táxis amarelos, alguns com suas luzes piscando. Aqui e ali as pessoas agitadas abrindo os guarda-chuvas pretos, enquanto outros simplesmente, batem os sapatos contra o pavimento molhado, com livros ou jornais que cobrindo suas cabeças. Eu me viro e olho para Gabriel e encontro-o sentado, olhando para mim. Olhando para mim de forma diferente. Como se ele tivesse medo de mim.

– Por que isso? – Pergunto, finalmente, a minha voz estranhamente alta no silêncio.

– Por que eu fui capaz de tocar o relógio e você não?

– Eu não sei Tam, – ele diz, e sua voz está muito pesada.

– Sim, é isso. – Eu insisti.

– Há algo que você não está me dizendo. Algo que você está me escondendo.

Prendeu ambas as mãos e espalhou seus dedos tremendo.

– Eu não sei, Tam. Eu não sei por que você não sentiu nada quando você tocou. Eu não sei mesmo o que essa coisa realmente é.

Seus olhos viajaram para o relógio ainda embalado em meus braços. Eu balanço a cabeça.

– Não é nada agora. Você ouviu o homem. O poder passou, qualquer que seja o significado.

– O que passou? O que você está falando?

– Você sabe, – eu insisto e depois paro, franzindo a testa.

– Será que você... O que você lembra?

– Minha mão. Queimando. E então você tocou o relógio e então nada depois disso. Eu acho que voltei para o silêncio da sala depois de eu ter levantado o relógio da parede.

– Você congelou, – digo surpresa. Então eu tento repetir a conversa, que aconteceu, o melhor que posso para Gabriel, terminando com isso.

– E então ele disse que o poder passou e desapareceu.

Ao longo de meu monólogo Gabriel mantêm os olhos no relógio. Quando eu

terminei de falar, ele acena lentamente, em seguida, diz – Talvez isso explique porque uma vez eu posso dizer que é apenas um relógio. E não é o que seu professor quer. Mais...

Nós olhamos um para o outro e depois ambos deslocamos nosso olhar para a pintura acima de nossas cabeças. Eu fiz uma carranca. Apenas duas pessoas estão representadas na sala agora, um homem e uma mulher. Eles ainda estão de pé nos mesmos lugares, mas a mulher está vestindo um vestido azul profundo o tom exato de um céu crepuscular e seu rosto está voltado para longe da parede, que agora está vazia.

– Gabriel, – eu suspiro. Ela se foi.

Há um silêncio pequeno e pesados e em seguida, ambos fomos para a cozinha sem uma palavra. Após algumas pesquisas, peguei uma frigideira de cobre e examinei o conteúdo da geladeira que tinha aparência antiga. Desde que Tia Rennie e Chester Tio deixaram a casa à apenas cinco dias atrás, eu decido fazer os ovos brancos da geladeira. E o bloco de queijo na prateleira que em cima, tem apenas alguns brotos de mofo azul-acinzentado, que se consegue tirar com uma faca antes de comer. Enquanto Gabriel coloca a fatia de pão na torradeira que parecia não ser limpa, há três anos, eu ralei o restante do queijo e bati os ovos fazendo uma espuma amarela. Logo estou deslizando fatias grossas de omelete na frigideira de tia Rennie.

– Então, eu digo, – espalhando manteiga na torrada.

– O que eu faço com esse relógio?

Gabriel coloca alguns ovos na boca e mastiga por um longo tempo, tempo suficiente para saber que ele está evitando minha pergunta.

– Quem é esse cara? – Ele finalmente diz.

– Um professor da NYU. Seu nome é Alistair Callum. Eu já lhe disse isso.

– Diga-me novamente, – diz Gabriel, se inclinando sobre a mesa até que eu sou obrigada a olhar em seus olhos.

Eu coloco o chá que fiz, desde que não poderia encontrar qualquer café e saboreando-o. Ainda está escaldante.

– Okay... – eu segurei uma das mãos, comecei os fatos.

– Ele entrou na loja. Ele comprou um livro sobre a história local da região. Tudo parecia bem. Então me perguntou se eu poderia encontrar algo para ele como ele tinha ouvido falar que muitas vezes encontrei coisas para as pessoas e...

– Como é que ele sabe sobre isso?

Eu dou os ombros.

– Lembra de Angus Pinkerton? Ele tem uma loja de antiguidades, você sabe, o cara que eu costumava pensar que parecia um coelho úmido?

– O cara suado? Que nunca quis que eu tocasse em nada. Anal Pinkerton?

Eu tinha me esquecido esse apelido.

– Ele sempre gostou de Rowena, no entanto, – Eu disse.

– Quem não gosta? – Diz Gabriel, e eu lhe dei um olhar penetrante.

Ele enfia a cara em baixo de seu prato, mas não antes que eu possa vê-lo sorrindo.

– Você é um rapaz normal. Caidinho por uma moça bonita e...

– Tudo bem, tudo bem, – Gabriel diz suavemente.

– Eu sei que Rowena é uma harpia.

Estava moderadamente satisfeita até que ele acrescenta.

– Você me disse cerca de duzentas vezes. Mas, voltando ao ponto. Este professor, o que exatamente ele disse sobre o relógio?

– Ele disse que era uma herança de família, perdeu em um jogo de cartas em 1887. – Eu viro meu prato vazio em círculos sobre a mesa.

– Mas por quê?

E aqui a minha voz terminou. Eu não sei qual motivo para começar. Gabriel coloca o garfo levemente na borda do seu prato, mais difícil até então, sem pensar, eu estendo a mão e coloco em cima da dele.

– Eu acho que você precisa falar com sua avó sobre isso, – ele diz.

Eu lamento, empurro o meu prato de lado, e deixo a minha cabeça descansar sobre a mesa grande de madeira. Por que, por que, porque eu sempre acho que ajudar Alistair é uma boa idéia?

– Cara, eu sinto que poderia dormir por uma semana, – Gabriel diz, quando tira as colheres e os pratos da mesa.

– Você achou o que ele pediu. Não é sua culpa que não é o que ele realmente quer.

Ele vem ao redor da mesa e percebo que ele dá o relógio de uma ampla olhada enquanto sai da cozinha. Para na porta, ele olha para mim e diz:

– Então, – e seu tom mudou completamente, me colocando em estado de alerta.

– Talvez devêssemos sair um dia. Você sabe? Como jantar, um filme? Algo do tipo normal. Sentimento positivo...

Eu o estudo particularmente de cima da mesa e é fascinante.

– Eu pensei que você tinha uma namorada. Você sabe, aquela garota do clube. O que você...

– Callie? Nós somos apenas amigos. Ela é legal e tudo mais. Não é meu tipo, apesar de tudo.

Considerei isso, lembrando de todos os assobios no bar naquela noite, a maneira como ela cantava.

– Ela parecia bastante perfeita para mim.

– Portanto, – Gabriel continua. – Jantar?

– Eu não sei. Quero dizer, você me pegou de surpresa, assim, uma centena de anos. Jantar provavelmente seria assim. . . desanimador agora.

Há um pequeno silêncio e finalmente ouso olhar para ele. Com uma sobrancelha levantada.

– Se você e eu sairmos algum dia, a última coisa que seria era desanimador.

Meu estômago deu um pequeno salto que não tem nada a ver com o mais provável dos ovos que eu tinha comido. E então, espontaneamente, a imagem de Gabriel circulando, de pé no lugar de honra ao lado de minha avó, quando ele acendeu as velas, vem correndo de volta para mim. A maneira como ele andou tão facilmente em minha família na casa naquela noite, tanta certeza da acolhida que receberia.

– Minha família adoraria isso, – digo finalmente. Agora, ambas as sobrancelhas para baixo.

– Tam. Podemos deixar a sua família de fora por um minuto?

Eu olho para ele com desespero.

– Como? Eu quero perguntar. Me diga como. O silêncio estica e puxa entre nós como um elástico. Então ele se encaixa.

– Não é grande coisa, – diz com um encolher de ombros, e em sua voz, embora os ombros estejam duros. Ele se vira.

E começo a escutar o tilintar de pratos sendo lavados, eu olho para o relógio. Eu imagino a cara de Alistair quando mostrar a ele e me pergunto se isso vai causar flashes nos olhos de Alistair. Eu coloquei um dedo, tocando o número doze. De alguma forma eu sei que este não é o passado dele.

Na segunda-feira seguinte eu me encontro lendo a página 143 do meu livro de Artes, depois de 1945 para uns duros quinze minutos, eu bati com o livro fechado. Então olho para o lado de Agatha do quarto. Sua cama está uma bagunça com roupas, livros e cadernos, e no meio de toda essa confusão ela está enrolada em um lado adormecida, a mão direita cobrindo a testa como se estivesse em uma exclamação de aflição. Eu abro meu livro, e bato novamente com ele fechado. Não tive sorte. Ela nem sequer se mexeu.

Suspirando alto, alcanço o meu celular e pego e em seguida, a proteção extra, mesmo que me sinta como uma idiota, eu me aconcheguei em nosso armário. Após

chutar para o lado alguns sapatos, eu me enfio em um canto e fecho a porta, em seguida, quase pulo para fora quando algo sussurra contra o meu braço. Mas é só o vestido transparente que eu comprei no ano passado e ainda não usei. Agatha e eu estávamos navegando no East Village, quando nos deparamos com uma loja pequena. A maioria das coisas era lixo, e eu não uso essa palavra animada, mas na volta encontramos um rack de rolamento de vestidos dos anos 1920 e 30. De alguma forma eu deixei aquela loja carregando um vestido cor de rosa de 1935 que era perfeito para mim, sem contar o fato de que ele tinha uma pequena mancha na bainha que cheirava inteiramente a naftalina. Ah sim, e que custou muito mais do que eu podia pagar.

Na penumbra com o meu telefone celular, o teclado deu sinal de vida. O telefone toca uma vez, duas vezes.

– Olá? – Voz de minha mãe no telefone era hesitante, como se ela não estivesse realmente certa do que estava dizendo.

– Oi, mãe, – eu digo.

– Tamsin... Agora, sua voz é cheia de surpresa.

Eu jogo para o lado de um par de calças, que cobria a minha cabeça.

– Isso não é comum...

– Olá? – Diz uma voz ao mesmo tempo, lenta, melódica. Eu cerrei os dentes.

– No telefone, Rowena, – eu digo brilhantemente.

– Bem, bem, – Rowena diz.

– Qual é a ocasião? Você está na prisão?

Eu tenho certeza que ela pode ouvir o rangido. Eu estou fazendo meus molares batendo.

– Tamsin, o que está acontecendo? – Interrompe a minha mãe. Sem dúvida, a palavra prisão a alarmou.

– Nada. Eu só queria...

– Tam, – diz Rowena para mim.

– Estou feliz que você ligou, na verdade. Estou indo para a cidade em poucos dias e...

– O quê? Aqui?

– Sim. Para. New. York. City. Rowena enuncia cada palavra lenta e cuidadosamente.

– Onde você mora, né? – Certo, ela concorda com ela.

Eu puxo o telefone afastado do meu ouvido e verifico o sinal de barras de espera. Damn. Tem três. Nenhuma chance de uma chamada cair.

– De qualquer maneira, Rowena continua.

– Eu tenho feito alguns compromissos com alguns salões de noivas e gostaria que você viesse junto.

– Salões nupciais, – repito.

– Sim. – Rowena voltou a usar sua voz super-lenta novamente.

– Lembra-se? James e eu? Casar. Dum, dum da dum, dum...

– Não me chame de burra, – eu digo debilmente. É o melhor que posso fazer.

Ela suspira, e no mesmo tempo, minha mãe começa:

– Agora, meninas...

– Mesmo que você e eu tenhamos gostos completamente diferentes, em roupas, acho que você deveria vir junto. Além disso, como você vai ser uma dama de honra.

– Espere, ninguém me disse isso, – disse, assustada.

– Você não deveria ser? As bruxas ainda têm madrinhas?

– Bem, não... – A minha mãe começa novamente.

– Sim, mãe! Eles fazem... – Rowena diz, e de repente me sinto como se estivesse caindo.

A verdade é que minha família realmente não tem casamentos. Pelo menos não como os de TV. Há um jejum cerimonial, mas que rapidamente se transforma em uma festa, temos regras para qualquer ocasião. Dançar, cantar, invocando o quatro elementos, flores queimando em uma fogueira na mata. Tio Chester bebendo algo nojento.

– Você vai ter um casamento? – Pergunto, fascinada, apesar de mim mesma. Saber que Rowena jamais iria sequer pensar em quebrar a tradição?

– Ainda está em discussão. Mais em qualquer caso, ela precisa de um vestido lindo e você também, – responde a minha mãe às pressas.

Então ela chama um fôlego.

– Sabe, tia Linnie é muito boa, com uma máquina de costura e...

– Eu vou ligar amanhã Tam, – Rowena diz breve, e ela sai.

Então, minha mãe começa novamente, e ela faz uma tentativa de normalidade.

– Como estão indo as aulas?

– Ótimo, – eu digo.

– E o que você está tendo neste semestre?

– História da Arte, Inglês, pré-calculo... você sabe.

– Pré-calculo? – Minha mãe diz, com dúvidas, como se fosse algum tipo de doença.

– Matemática...

– Oh, bem, bem. Isso tudo soa muito. . . interessante, – ela diz. Meu estômago se aperta com essa palavra.

– Na verdade, eu estava me perguntando se eu poderia conversar com a vovó. Quando será que ela volta?

– Bem, ela não foi jogar bingo, – minha mãe diz, eu pisquei, então comecei a rir.

A imagem da minha avó nos nylons e bombas, segurando uma bolsa junto ao

peito e olhando de soslaio para uma folha de pontuação, flashes vêm na minha cabeça. Parece quase um sacrilégio eu fiquei quieta.

– Mas...

Minha mãe e eu hesitamos em tentar preencher o espaço em branco. Ela não ia, necessariamente, falar comigo agora. Ela está ocupada na cerveja stillroom, ou com alguns feitiços de amor para qualquer número de mulheres idiotas da cidade que...

– Ela pode estar dormindo. Ela não está. . . bem ultimamente. De repente, estou muito consciente do meu próprio batimento cardíaco.

– O que quer dizer com ela não está bem? Como é...

– Ela é velha, Tam, – disse minha mãe, como se isto fosse alguma nova informação.

– Vai ser o seu tempo em breve. Ela sabe disso.

– Mãe, este é um monte de bobagens, ok? Que tal um médico?

– Sua avó é uma médica.

– Oh, realmente? Me desculpe, mas eu não lembro exatamente onde ela tirou o

MD[20]?

Meu golpe fez minha mãe suspirar, um curto e tormentoso, e crepitações baixo dos fios de telefone nas cavidades da minha orelha.

– Você sabe que sua avó é habilidosa na cura.

E antes que eu possa replicar, a minha mãe acrescenta de forma abrupta, – Espere, deixe-me ver ela está acordada, e coloca o telefone com um clunk.

Eu volto a afastar um pouco mais os sapatos antes de abrir a porta e espreitar o quarto. Um ronco suave vindo da cama de Agatha me tranqüiliza. Há um ruído, suave sussurro do outro lado da linha e uma corrida de respirações antes.

– Olá? – Minha avó fala com profundas inundações a voz no meu ouvido.

Imediatamente, eu me concentro nas roupas. Thrift lojas T-shirts e meias arrastão, de preferência roxo, a minha cor preferida.

– Oi, – eu digo com tudo isso. Desculpe incomodá-la. Minha avó estava silenciosa – Mas eu tenho algo que eu preciso. Confessar? Não, soa muito culpado.

– Eu tenho algo que eu preciso te dizer.

[20] Doutor em medicina (MD, da América medicinae Doutor significa – Professor de Medicina–) é um grau de doutoramento para médicos. O diploma é concedido por Faculdades de Medicina.

Mais silêncio. Eu respiro. O telefone celular está ficando quente contra minha cabeça, mas eu perdi meu fone de ouvido a mais de uma semana atrás.

– Na loja a noite da festa de noivado de Rowena, eu encontrei alguém. Um homem veio em busca de algo.

– Ah, – diz a minha avó. É uma de suas palavras favoritas. Dependendo da inflexão, isso significa um monte de coisas diferentes.

Ela poderia estar me perguntando, quando ia parar de enrolar e falar isso. Ou podia estar se divertindo com o seu oh-tão previsível para os problemas. Ou eu vejo a solução para o seu problema, mesmo que você não possa. Agora estou esperando que isso significa um pouco de todos os três.

– Enfim. . . – Há uma grande pancada em cima da minha cabeça e eu termino correndo.

– Eu não lhe disse que eu não podia. Eu disse que iria ajudá-lo a encontrar o que queria encontrar.

– E você encontrou?

– Eu fiz, – eu digo, e o orgulho em em minha voz é evidente.

Eu não preciso de sua ajuda ou de Rowena. Ok, então eu precisava de Gabriel, mas vou chegar a isso em um minuto. Mas antes que possa continuar, a minha avó diz:

– Parabéns. Então, então qual é o problema?

Hum. . . como responder essa? Vamos ver. Eu fingir ser Rowena, menti sobre ser capaz de encontrar algo estranho, perdido em 1899, e quase fui morta no caminho. Finalmente, eu sussurro:

– Eu acho que eu encontrei não é o que ele queria. E não acho que deveria tê-lo encontrado de qualquer maneira.

– Ah, – diz ela novamente, e espero, sinto como se fosse uma até que ela fala de novo.

– Parece que você só tropeçou em uma das maiores lições da vida, então. Coisas raramente são o que aparecem ser pela primeira vez.

De alguma forma essa conversa não está indo do jeito que eu pensei que iria. Mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ela suspira e de repente tenho uma visão dela, o telefone pressionado na sua orelha, seu rosto enrugado com um cansaço inegável.

– Tamsin, independentemente do que você deveria ter feito, você começou a trilhar este caminho. Agora, acredito que a única coisa que você pode fazer, é passar por ele. Você tem que passar. Se não, não vejo outra maneira para você. Ou para todos nós.

E de alguma maneira a sua voz tem uma mistura de tristeza e resignação. Eu tomo um fôlego, então digo o que acho que é um tom muito calmo – O que você está falando? Será possível que ela não entende?

– Eu sou...

Eu não sou uma bruxa, eu quero a gritar. Mas, aparentemente, é tudo que eu consigo dizer, porque ela diz em um tom completamente diferente,

– Agora, se você vai me desculpar, Jeopardy[21]! está prestes a começar. E com um clique suave minha avó se foi.

[21] Jeopardy! é um programa de televisão atualmente exibido pela CBS Television Distribuition. É um show de perguntas e respostas (quiz) variando história, literatura, cultura e ciências. Foi criado por Merv Griffin na década de 1960 e exibido oficialmente pela 1ª vez pela NBC em 30 de março de 1964. Na NBC durou até 3 de janeiro de 1975. Atualmente é transmitido para o mundo inteiro.

Dez

– Que tal isso? – Rowena perguntou rodopiando na minha frente. Seu reflexo no espelho mostrando três ângulos, uma rotação vertiginosa de seda marfim e renda.

– É ótimo. – Eu digo.

– Muito noiva, – Rowena parou de girar, sua saia se arrumando lentamente. Ela olha para mim com os olhos estreitos.

– Você disse isso sobre o último, o anterior e o antes do anterior. Levanto minhas mãos imitando uma defesa.

– Você ficou ótima em todos eles. O que posso dizer?

Rowena, com seus cabelos loiros ondulados, sua pele pálida e seus olhos verdes, nasceu para valsar de branco arrastando seu longo vestido.

– Por que mamãe não está aqui para isso? Isto não é algo que ela devesse derramar muitas lagrimas? – Rowena bufa.

– Ela odeia a cidade. Você sabe disso.

É verdade. No ano passado, Rowena me levou dirigindo a New Hyde Prep. Eu não teria problema em tomar o trem, mas minha mãe insistiu para nós dirigirmos. Ela se sentou no banco do passageiro, sua mão pressionada na janela, os olhos fixos na diminuição das praças e do céu entre os edifícios altos. Quando meu conselheiro residente me entregou um mapa do metrô, minha mãe olhou assustada, com medo e me aconselhou a não tomar o metrô depois de nove horas.

Rowena e eu trocamos um raro, mas um olhar totalmente cúmplice. Depois minha irmã tinha levado a nossa mãe de volta para o carro, Rowena pressionou sua bochecha fria contra o meu rosto quente e suado por um instante. Em seguida, eles foram embora. Elas tinham ficado exatamente quarenta e dois minutos.

– E não há nada em torno desse labirinto. A menos que eu queira encontrar meu vestido em uma loja de remessa.

Ela se arrepia delicadamente, como se imaginasse o horror de vestir renda empoeirada.

– Eu encontrei algumas das minhas melhores peças em lojas de remessa. Como este colar. Eu comprei na semana passada por vinte dólares.

Eu levantei o medalhão redondo que está pendurado na corrente de prata no meu pescoço.

– E olhe se abrir, dentro ele é um relógio. – Eu estudo o relógio minúsculo dentro do medalhão. Os ponteiros estreitos permanentemente fixados em doze horas.

– Não funciona, mas ainda é bonito. Eu o chamo de meu docket[22]. Entendeu? Um relógio cruzado com um medalhão? – Minha irmã encontrou meus olhos no espelho.

– Encantador, – ela diz rapidamente e em seguida, passa os dedos lentamente nos babados creme do corpete do vestido.

– O que você acha se eu levasse isto e...

Felizmente, eu não tive que pensar, porque a vendedora veio apressada da parte de trás com murmúrios e oohs até Rowena ficar animada, e eu pude escapar e vislumbrar minha cópia de Macbeth que deveria escrever contendo cinco páginas para esta segunda-feira. Em minha opinião, as três bruxas são superestimadas. Talvez essa seja a minha tese.

Quando saímos da loja, um vento persistente como redemoinho levanta panfletos aleatórios, guardanapos amassados, e algumas tampas de copo de café manchado pela calçada. Uma lufada de incenso com um cheiro tão forte que eu quase posso prová-lo na parte de trás de minha garganta, paira no ar. Olhando ao redor, localizo a fonte, uma mesa no canto onde um homem vestido com uma túnica brilhante multicolorida está acenando pacotes estreitos, roxo e amarelo e gritando os preços para quem passa.

– Dois dolares, dois dolares, dois dolares.

Eu olho para cima na torre do relógio Jefferson, da Biblioteca Publica de Nova York. Com a sua torre de tijolos vermelhos que sempre parece um castelo para mim, mas, aparentemente, era uma prisão de mulheres antes de se tornar uma filial da biblioteca.

[22] Em Inglês relógio é clock, e medalhão é locket, ela fez uma junção achei melhor deixar em inglês.

Perto de seis horas. O sol já está se pondo e vou para o meu caminho de volta para o dormitório, onde prometi a Agatha que íamos ao cinema hoje à noite no campus. Mas, então, Rowena diz:

– Vamos tomar um cappuccino. Você nunca consegue fazer um bom em casa.

– Um. . . Eu não posso. Eu tenho que estar em um lugar.

– Você realmente tem? – Diz Rowena, em seguida, adiciona quase melancolicamente. – Eu nunca mais vi você Tam. – Eu pisco.

– Estou em casa, quase todos os fins de semana.

– Sim, mas...

Ela liberta um fio de cabelo louro que pegou embaixo da alça da bolsa e me dá um sorriso irônico.

– Só porque você tem que estar.

Eu considero dizer uma mentira, falando a ela que tenho que me registrar no dormitório pelas seis. E então me pergunto se Rowena possivelmente está solitária em Hedgerow agora que eu fui embora. No instante seguinte estou zombando disso. Ela tem James, e ela tem Gwyneth (Embora quem iria querer Gwyneth, realmente?). Verdade, ela não tem sua própria versão de Agatha (Gwyneth não conta), mas ela tem. . . quase todo o resto. Mas agora ela está tão ansiosa para se sentar e tomar um café comigo que eu não

tenho coração para mentir.

– Tudo bem. Le Petit Cafe é logo aqui embaixo, – eu digo, esperando que esse fosse até os padrões de Rowena.

– Ótimo, – ela diz com um sorriso que me contagia, não importa o quão duro eu tente não deixá-lo.

– Meu convite, – ela acrescenta girando em torno de mim e partindo na direção que eu indiquei. Le Petit Cafe esta previsivelmente lotada há esta hora. Achamos os últimos lugares perto da janela, com migalhas de poeira na superfície riscada da mesa, e espero minha irmã retornar. Quando ela faz, ela está equilibrando as nossas bebidas e um prato de bolinho de alguma maneira muito graciosa.

– O rapaz do balcão me deu estes cookies de graça. Ele disse que eles eram apenas assados.

Meus olhos saltaram para frente da sala. Calculo. Ele, o cara lindo loiro que eu achava que tinha conseguido flertar com sucesso durante todo o ano passado. Eu ainda não o tinha visto neste semestre e tinha chegado à triste conclusão que ele tinha sido despedido ou largado. Mas não, aqui está ele. Presenteando Rowena com sobremesas. Eu mastigo o biscoito que minha irmã estendeu para mim, pressionando uma ponta afiada do cookie na minha língua.

– Então, Tam... – Rowena começa lentamente depois de ter se arrumado sozinha.

– Você já pensou sobre o que você vai fazer depois de concluir o ensino médio?

Eu tomo um gole da minha mocha gelada, rasgando o canto de um pacote de açúcar brutamente e derramando em meu copo.

– Quero dizer, você vai vir morar em casa ou no...

– Não, – eu digo, com mais veemência do que deveria. Sobrancelhas delgadas de Rowena se juntam.

– Por que não? Mamãe iria adorar.

– E fazer o quê? Eu não sou como você, Rowena. Eu não. . . me ajusto. Além disso, eu quero ir para a faculdade.

Não é segredo para ninguém que a minha mãe e avó estão preparando Rowena para assumir a família um dia. Ela vai ser aquele que todos se voltam quando uma decisão precisa ser tomada, ela será a única a conduzir os rituais e ritos de cada primavera e da época de colheita, e ela vai ser a única a diagnosticar os homens e mulheres da cidade, quando vierem depois de escurecer tropeçando até a porta dos fundos em busca de ajuda. É um bom futuro, garantido e auto-sustentável.

– Tam, – ela disse suavemente agora.

– É a sua casa. Você sempre terá um lugar. James e eu sempre... – Eu endureço. – James e eu isso é que. James e eu queremos construir um site para Herbals Greene, em vez de usar os catálogos antiquados por correspondência.

– Rowena...

Eu interrompo.

– Você nunca quis mais da vida do que. . . – Círculo as minhas mãos no ar. – Que a nossa família e da casa e...

– E o quê? – Ela pergunta, sua voz perplexa.

Tudo é o que quero dizer, mas é claro que não posso. Quem iria querer mais do que ser talentosa como ela é, a maneira que todos, exceto para mim.

– Nada, – eu resmunguei. Dei uma olhada ao redor do café lotado, esperando desesperadamente mudar de assunto, é quando vejo Alistair Callum lendo o que parece ser trabalhos de alunos, uma caneca branca em seu cotovelo. Ele levanta a cabeça, girando lentamente e sorri para mim. Oh, nãããooo!

Onze

IMEDIATAMENTE, eu mergulho atrás da minha alta e magra mocha gelada, uma parte de mim, sabendo que é inútil se esconder e não apenas porque um copo alto e magro não oferece muita cobertura.

– Tam... – Minha irmã está dizendo, e eu tenho a sensação que ela está dizendo isso por um tempo.

Alistair está empurrando sua cadeira para trás agora, recolhendo papéis e empilhando cuidadosamente em sua pasta.

– Eu. . . sabe que o professor.

Eu me levanto tão repentinamente que bato a minha cadeira na mesa atrás de mim, onde uma jovem mãe está balançando um chocalho vermelho para um carrinho de bebê. Ela olhou para mim.

– Desculpa, – eu sussurro, ajeitando a cadeira. Virando o meu corpo para fora com a ideia meio-formada de chegar a Alistair, antes que ele chegue à nossa mesa. Mas estou muito atrasada.

– Rowena, – Alistair diz para mim, e mesmo que ele seja alto, tenho a impressão que de repente ele podia tocar o teto se estendesse os braços.

Com o canto do meu olho, vejo Rowena girando a cabeça de Alistair para mim, então de volta a Alistair, os lábios entreabertos, de surpresa.

– Será que tivemos... – Ela diz.

– Professor Callum, – eu cortei, me esforçando para ser formal. – Pareço sempre estar correndo para você. Eu não percebi que você vinha aqui, – eu acrescento, percebendo tarde demais como isto soava inútil.

– Sim, bem, às vezes estar em meu escritório fica muito... quieto.

Eu realmente não posso ver como isso é engraçado, mas é claro que minha irmã ri, com seu famoso um-olhar-em-mim-e-você-perde-seu-coração-para sempre, e mesmo com essa dica Alistair não olha para ela.

– E esta é minha irmã, Rowena, – eu digo, com foco no padrão da gravata de Alistair, com diamantes vermelhos em um fundo preto, até que me deixa um pouco enjoada.

– Rowena, professor Callum.

Alistair muda sua pasta de uma mão para a outra, olha para mim através dos seus óculos de prisma, então os ângulos de sua cabeça gira em direção à minha irmã. Todos os zumbidos e as conversas do café parecem ter sumido neste momento, deixando um buraco tocando nos meus ouvidos.

– Como é um prazer conhecê-la, Rowena, – Alistair diz por último.

O nome dela enrolando, caia lentamente sobre a língua, as três sílabas tão nitidamente distintas que eu levanto os meus olhos para olhar para ele. Rowena faz um movimento para levantar e claro, Alistair faz o movimento recíproco para indicar negativamente, não se levante, então ela não levanta. Ela estende sua mão magra.

– Que bom finalmente conhecer um dos professores de Tam. – Rowena diz como se eu tivesse deliberadamente mantendo todos os meus professores longe dela.

– Ele não é meu... Mas Rowena já está dizendo: – Por favor, sente-se. – Para Alistair.

– Oh, não, professor Callum, não queremos incomodar. – Eu digo, mas ele já puxou uma cadeira.

– Tão formal, – ele me repreende gentilmente.

– E aqui eu tinha certeza de que estávamos em uma base do primeiro-nome, Miss Greene.

E ele arreganha os dentes no que poderia passar por um sorriso. Engoli, eu puxei a minha cadeira, cuidando para não bater em ninguém neste momento. Sento-me, estudando a mancha de canela em minha mocha gelada.

– Também é uma estudante, – aqui Alistair para e olha para mim para confirmar,

New Hyde Prep, não é?

Rowena ri alegremente, e vejo dois caras em uma mesa vizinha olhar para ela. Eu sigo minha colher através da borra caramelada no fundo do meu copo.

– Oh, não. Eu sou mais velha que Tamsin, – ela diz, se inclinando um pouco como se estivesse revelando um segredo.

– Realmente? – Diz Alistair educadamente.

– Eu não poderia dizer quem era a mais velha.

– Obrigada, – eu digo. Alistair parece divertido com o meu tom.

– Você é jovem demais para se preocupar com aparência de velha, Miss Gr – oh, sim, Tamsin.

Ele e Rowena sorriem um para o outro e de repente eu quero chutar sua cadeira.

– Aconteceu de eu estar na cidade e Tamsin estava me ajudando a comprar o meu vestido de casamento, – ela o informa como se fossem antigos confidentes.

Eu agito os cubos de gelo na minha bebida com o meu canudo, o suficiente para escutar os chocalhos audivelmente.

– Ah, sim? Quando é o feliz acontecimento? – Como Rowena vibra em detalhes e Alistair faz os ruídos apropriados aqui e ali, eu o estudo secretamente. Ele parece cansado, e seus dedos estão tremendo ligeiramente à medida que pega e flexiona em torno de sua caneca de chá, como a minha, quando tinha muita cafeína.

– Mas tenho medo que estamos aborrecendo Tam, – a voz de Rowena corta meus pensamentos.

– Ela não acha que encontrar vestidos de noiva e tudo isso seja fascinante. Ou vestidos em particular. – Eu fico olhando para ela. Tanto por camaradagem fraterna por ela estar se impondo nas últimas duas horas. Alistair sorri educadamente e se vira para mim.

– Então – ele diz.

– Você já teve alguma sorte com o... projeto?

Meus dedos apertam o canudo.

– Sim, mas porque não posso passar no seu escritório amanhã...

– Ah, mas se você achou, então por que não...

– O que é isso? – Pergunta Rowena se inclinando sobre a mesa.

– É uma lição de casa? – Ela pergunta e dá a outra de suas risadas delicadas.

– Eu já disse que ele não é meu professor, – digo. Debaixo da mesa, eu tento chutar o pé dela, mas acabo chutando a perna da mesa em seu lugar.

– Você não disse a sua irmã? – Alistair me pergunta agora, e eu desisto de qualquer esperança de sair dessa situação viva.

– Alistair me pediu para encontrar uma coisa, – eu explodi.

– Para encontrar... oh! – Rowena dá um suspiro pouco como se ela estivesse queimada.

– Mas... Tam.

Eu fico olhando para ela, desejando que um de seus dons seja telepatia para que eu possa gritar em silêncio para ela se calar.

– Como você mesma controla...

Ela se esgota, e agora me sinto como alcançado o outro lado da mesa e a estapeado sob o olhar de confusão do seu rosto perfeito.

– Eu o encontrei. – Eu assobio para ela. Sua mandíbula não cai exatamente, mas seus olhos se arregalam e eu tento memorizar o momento, uma vez que, provavelmente,

toda a satisfação que eu nunca vou conseguir.

Alistair fixa seu olhar em mim.

– Você o tem? – Ele pergunta calmo. Seus dedos tremem de novo e ele empurra a caneca para longe dele.

Eu aceno com cabeça, de repente relutante em falar.

– O que é isso? – Rowena pergunta e depois, brincando com os pacotes de açúcar sobre a mesa, acrescenta.

– Claro, se você preferir não...

– Não, não, tudo bem. Afinal de contas, são irmãs, – diz Alistair.

E há algo na maneira que ele percorre as palavras irmãs, semelhante à maneira como ele disse o nome Rowena, que me faz de repente ficar reta.

– Quero dizer, é o negócio da família e tudo, certo?

– Eu vou trazê-lo amanhã. Você irá trabalhar que horas? Eu vejo os recursos do seu turno para acomodar isso.

– Sim, mas...

– Por que não agora? – Rowena interrompe.

Desta vez eu chuto a ponta do meu tênis com a sua canela, mas ela reage mal.

– Seu dormitório é perto daqui, não é?

– Não. E não é no dormitório, – digo com os dentes cerrados.

– Onde está, então? – Alistair pergunta, se inclinando um pouco.

– Sim, onde está, Tam? – Ecos de Rowena. Então, ela junta as pontas. – Oh, na casa do tio Chester.

– Na casa do seu tio. – Alistair sussurra com a perfeita quantidade de confusão em sua voz e claro Rowena fornece a resposta.

– Sim, o nosso tio e nossa tia vivem na cidade. Em Washington Square Park. Neste sobrado velho maravilhoso que tem mais do que cem anos de idade. Eu sempre acho que deveria ser um museu por direito próprio.

– Sério? – Alistair se inclina para trás em sua cadeira, com os olhos no rosto de Rowena.

– Talvez você saiba que eu sou um professor de história da arte. Objetos

medievais são a minha especialidade, mas eu amo a arte e artefatos da era vitoriana também.

– Maravilhoso. – Rowena diz.

– A arte medieval é tão fascinante! – Eu olho para ela. Eu não posso ajudar a mim mesma.

– Você não sabe como soletrar a palavra medieval.

Há um pouco de silêncio e, em seguida, Rowena sorri graciosamente, se inclina para frente, e coloca a mão no braço de Alistair.

– Perdoe a minha irmã. Nossos pais a educaram corretamente, mas às vezes ela não mostra. – Ela estende um pulso e verifica seu relógio de ouro.

– Eu perdi meu trem, – é claro ela diz com serenidade.

– E agora eu vou ter que esperar o próximo, que é daqui à uma hora. Talvez pudéssemos mostrar ao Dr. Callum a casa e recuperar o objeto para ele. Tenho certeza que você já o fez esperar por muito tempo, Tam.

Minha irmã me dá o que eu gosto de pensar como seu sorriso de maçã envenenada. Como chegamos aqui? Eu tinha planejado levar o relógio para Alistair amanhã em seu escritório. E fazer algumas perguntas. Eu não sei o que eu esperava realizar, ou se Alistair seria capaz de lançar alguma luz sobre o mistério de por que eu era

capaz de tocar o relógio e Gabriel não. Mas com Rowena no passeio, não haveria luz esta noite.

Doze

– E aqui está a coleção de tinteiros da tia Rennie. Ela tem uma fascinação por eles que ninguém entende realmente. – Eu sigo Rowena e Alistair enquanto ela o leva pela casa cômodo por cômodo, apontando cada relíquia.

Ela está no seu melhor dia, com seus melhores encantos. Sua voz se flexionou e se alongou na suavidade do mel. Ela podia estar discutindo os ingredientes de corretivos e qualquer um estaria atraído por cada palavra como se fosse uma gota de ouro. A ainda assim, Alistair não. Ele está fazendo os movimentos certos, acena aqui, sorri ali, e eu não tenho dúvida que Rowena esteja completamente convencida de que ele a acha irresistível.

Mas existe uma quietude nele que é enganosa, uma quietude fina como gelo que pode se despedaçar a qualquer minuto. Quando nós nos reunimos de volta na sala, eu deliberadamente mantive meus olhos virados para longe da pintura que uma vez guardou o relógio.

– Eu tenho certeza que você quer ver o que Tam descobriu para você, – Rowena diz afinal. Como eu descobri, posso quase ouvi-la acrescentar.

– Bem, – Alistair diz um pouco confuso, como se esse pensamento acabasse de passar pela cabeça dele.

– Isso foi fascinante. Que casa antiga maravilhosa. Que sortudas vocês são de tela.

Então, ele vira para mim com expectativa.

– Okay, – digo, tentando manter a voz firme.

– Está aqui. – Eu conduzo o caminho para a cozinha. O relógio está na mesa onde o deixei sábado passado.

Há uma pausa repentina na respiração de Alistair quando ele vem e pega o relógio, com suas mãos tremulas.

– Magnífico, – ele diz e toca a ponta do ponteiro das horas com um dedo.

– Simplesmente maravilhoso. – Seus olhos saltam do relógio e então sua voz assume uma carregada sinceridade quando ele fala novamente, sim, maravilhoso.

– É isso? – Rowena pergunta, e eu sorrio para mim mesma. Eu quase posso ouvi-la pensar, o que tem de tão especial nisso?

– Onde... como você o encontrou? – Alistair vira para mim, os olhos resplandecendo estranhamente, e meu impulso de sorrir passa.

– Oh, bem, eu não posso revelar minhas fontes, – digo, me esforçando ao máximo para deixar minha voz leve.

Um breve espasmo entorta seu rosto e ele parece completamente diferente. Mas

isso acontece tão rápido que quase duvido de mim mesma. E então Alistair se parece com Alistair de novo. Mas dessa vez eu não sou enganada. Quem é você? E o que você realmente quer? Obviamente não é o relógio, não importa o quão contente ele finja estar. Eu não sei por quanto tempo nós podemos manter a competição de olhar fixamente, mas Rowena interrompe com uma risada delicada.

– Bem, eu tenho que dizer que certamente é uma peça bonita. Estou tão feliz que Tam foi capaz de encontrá-la para você. E tão feliz que foi capaz de nos encontrar. Nem todo mundo sabe a forma certa de perguntar.

– Sim, – Alistair diz vagarosamente.

– Eu percebi como sou sortudo. – Ele se vira para ela, sorri, e em seguida verifica seu relógio.

– Acredito que seu trem partirá sem você ao menos que você se apresse.

– Sim, é claro. E meu noivo ficara se perguntando onde estou.

Eu reviro os olhos. Rowena tinha um caso de amor com aquela palavra. Ela até usava um leve sotaque Francês quando a pronunciava.

– Vamos dividir um táxi, então? Você está se dirigindo à Grand Central, sim? a menos que esteja planejando pegar o tubo[23]?

[23] The tube em inglês. É como os ingleses chamam o metrô

– O tubo? Três linhas curvadas apareceram na testa de Rowena, e em seguida sumiram como palavras escritas na água.

– Oh, você quer dizer o metrô! Oh, não! Eu não sou orgulhosa demais para admitir que nunca andei de metrô antes. – Ela franziu seu nariz maliciosamente.

– A grande massa da população, – ela sussurra zombando para Alistair.

– Você devia experimentar qualquer hora. – Eu digo em voz alta.

– Nós não cheiramos tão mal assim. – Rowena me poupa uma olhada severamente.

– É claro que podemos dividir um táxi, – ela diz graciosamente e então, Tam podemos deixá-la em algum lugar?

– Não, eu irei andando, – digo brevemente.

Nos apressamos para sair da casa, uma chuva leve estava começando a cair.

– Oh, – Alistair diz.

– Eu estou sem meu guarda chuva.

– Que belo inglês que você é, – Rowena faz graça e pega dentro de sua bolsa preta desproporcional.

– Ele não é inglês, – eu murmurei.

– Ele é...

– Aqui está, – Rowena diz triunfantemente. Ela apresenta um pequeno guarda chuva preto e agora está na tentativa de desprender a lingüeta quando a chuva começa a tamborilar mais rapidamente.

– É claro, está preso. Eu não consigo...

– Permita-me, – Alistair diz avidamente, como se estivesse esperando toda sua vida para estar aos seus serviços. Ele coloca seus longos dedos junto aos dela e ambos lutam com o guarda chuva por um segundo antes que ele se abra.

– Oh, – Rowena dá um pequeno grito de angustia, que ressoa em meu ouvido como um sino. É o primeiro som genuíno que ela faz desde que Alistair sentou-se em nossa mesa. Ela balança a mão com um gesto estranhamente sem graça, depois ela para para examiná-la. De onde eu estava em pé eu pude ver um fino arranhão de sangue brotando de sua pele.

– Oh, sinto muito, – Alistair diz, sua voz suave.

Um calafrio percorre minha pele e não tem nada a ver com a chuva. Um flash azul aparece em sua mão e então está pressionando um lenço contra a mão de Rowena, o mesmo lenço que ele pressionou contra meu pulso na livraria.

– Foi tudo minha culpa.

– Obrigada, – ela murmura quando ele alisa sua mão, em seguida ele guardou o lenço.

– Está melhor agora.

– Rowena, – digo, minha voz rouca e cheia de advertência. Mas quando ela se vira para mim, as palavras se sufocam na garganta. O desconforto em minha cabeça está crescendo, mas não consigo articular nada aqui e agora.

– Eu... nada.

– Olhe, tem um táxi agora, – Alistair diz.

Ele estica ergue um braço e o táxi desvia pelo meio fio e para ao lado dele. Pingos d'água dispersos brilham em meus tornozelos.

– Mamãe ligará para você, – ela murmura.

– Ela ficará particularmente interessada em ouvir tudo a respeito deste relógio e como o encontrou. Assim como eu.

Passando-me o guarda chuva, ela saiu do meio fio, equilibrada de novo, e entrou

no táxi. Alistair colocou um pé no táxi e prestes a entrar depois dela.

– Eu virei para discutir meu preço, – digo audaciosamente para seus ombros. Ele se vira, e seus dentes vislumbram em um sorriso.

– Oh, espero ansiosamente por isso. Acho que temos umas coisas a discutir.

A porta bate e o táxi vai embora e sou deixada contemplando o meio fio na calçada que pareciam pequenas e borradas luas da luz da rua**.**

Treze

– Sua mãe ligou, – Agatha diz enquanto eu abro a porta com o cotovelo, meus braços cheios de livros. Ela está sentada em sua mesa parecendo trabalhar duro, um caderno aberto diante dela e um grosso marca texto amarelo em suas mãos. Exceto que o quarto cheira a removedor de esmalte e eu notei as unhas dos pés de Agatha, que costumavam ser rosa fluorescente e estava azul brilhante agora.

– Umph... – eu respondo enquanto lanço os livros pela minha cama desfeita. A maioria deles ficou lá, mas dois escorregaram para o chão.

– Quais as outras novidades? – eu tenho evitado as ligações da mãe por uma semana.

– Papel? – Agatha pergunta, olhando o esparrame.

– Três, – respondo afundando-me na cadeira de saco de feijão.

Eu olho para o nosso frigobar e dou um pequeno pulo. Meus olhos estão olhando fixamente de volta para mim.

– Agatha!!! – Eu grito e salto para agarrar seu desenho da porta da geladeira.

– Você fez meu nariz torto. – Agatha olha para mim, então examina o desenho.

– Oh, é. E que tal naquele um? – Pergunta, apontando na direção da porta fechada, que está incaracteristicamente fechada.

Eu odeio pensar em todas as roupas, sapatos, cintos e bolsas aglomeradas contra ela, esperando para cair da próxima vez que a abrirmos. Eu estudei o segundo desenho meu colado com fita na porta.

– Meus olhos estão perto demais naquele um. Eca... é assim que você me vê?

– Ok, exigente, que tal aquele?

– Qual?

– Aquele no espelho. Gabriel gostou mais daquele.

– O que? Onde? Ele veio aqui?

Eu me viro como se ele pudesse sair de trás da cômoda a qualquer momento.

– Por que ele não me encontrou? – pergunto para meu reflexo no espelho. Então percebo que Agatha está me olhando fixamente.

– Acho que essa era a razão que ele passou aqui.

– Oh, é… quero dizer… por que ele apenas não me ligou no celular?

– Ele disse que ligou. Estava desligado. – Eu apalpo pelo meu telefone e olho para sua face branca.

– OH, é. Eu o desliguei quando entrei na biblioteca. – Eu o liguei de volta e observei a tela se acender. Três chamadas perdidas. Gabriel. CRATERA INFERNAL. E outra de CRATERA INFERNAL.

– Então, um... o que Gabriel queria?

É provavelmente tarde demais para soar casual, mas tento. Há um som de dobras quando Agatha rasga um saco de Twizzlers[24] com os dentes.

– Você, – ela responde através de um bocado de plástico.

– O que? – ela está rindo quando empurra o saco de plástico.

– Brincadeira. Ele disse que estava na vizinhança. Uma coisa assim. Queria ver como você estava. Mastigando pensativamente, ela acrescenta. ele é realmente um fofo. Se você não for dar em cima dele, eu posso?

– O que?

[24] Doce popular nos EUA com sabor de fruta. http://www.candyfavorites.com/Twizzlers-Cherry-Licorice-pr-2327.html].

– Eu achei que você diria isso. Twizzler? – pergunta, segurando o saco aberto em minha direção.

– Obrigada, mas não estou a fim desse plástico vermelho. Balançando um fino cabo vermelho para mim, ela diz, – puritana.

Depois que Agatha se dirigiu para seu grupo de estudo de pré - cálculo, eu endireito cada revista no quarto, alinhando as beiradas perfeitamente. Em seguida, peguei os lenços de limpeza Swiffer[25] da Agatha e tiro o pó de nossas mesas, escrivaninhas e a cômoda que dividimos. Desembaralhei todos os meus colares da caixa de jóias, empilhei meus anéis, pulseiras e tornozeleiras em brilhantes e arrumadas pilhas e então comecei a sacar minha pilha de cartas SAT[26].

Quando as palavras começaram a borrar em meu cérebro, eu finalmente peguei o telefone e disquei para casa, levando cerca de um minuto entre cada digito. Minha mãe atendeu ao telefone antes mesmo que o primeiro toque chegasse a metade.

– Alô! – Ela grita, e quase derrubo o telefone.

Então eu respiro, provavelmente pela ultima vez, e digo, mãe hei, Agatha disse que você ligou? Eu sei se você ligou no meu celular. Tenho estado tão loucamente ocupada aqui com documentos e testes e as coisas do SAT e, bem, eu só meio que me esqueci de lhe contar que...

[25] Marca de produtos de limpeza do grupo Procter & Gamble

[26] SAT é uma sigla para Scholastic Aptitude Test ou Scholastic Assessment Test (teste de aptidão escolar). É um exame educacional padronizado nos Estados Unidos aplicado a estudantes do 2º grau, que serve de critério para admissão nas universidades norte-americanas e semelhante ao vestibular brasileiro

– Oh, Tamsin, – ela murmura.

Eu enrolo o fio do telefone em volta do dedo cada vez mais apertado até que todo o sangue foi drenado da ponta.

– Eu posso explicar, – digo entorpecidamente. Não tenho certeza do que Rowena disse, mas...

– Como foi a compra do vestido de casamento? – O fio se soltou da minha mão.

– Um... foi tudo bem. Sabe, Rowena experimentou um bando de vestidos que se pareciam como de noiva, e então...

De repente, eu imaginei se isso era mesmo a respeito de Alistair afinal. Esperando que minha mãe estivesse distraída pela questão do casamento, eu acrescento precipitadamente, – Sabe, talvez ela não esteja motivada pela coisa do vestido branco no final das contas. Eu quero dizer, ela não comprou nada.

– Ela está insistindo em ir à cidade de novo essa semana. Na sexta. – Minha mãe diz cidade, mas isso soa mais como antro de crime.

– Oh, bem... – ociosamente, eu começo contar os livros em uma pilha em minha mesa. Estou no nono quando um pensamento horripilante pensamento me ocorre.

– Eu tenho que ir às compras com ela? De novo? – Há um úmido e pesado silencio do outro lado da linha. Eu encaro o lado do quarto de Agatha, a pilha de roupa

lavada que acabei de dobrar e deixar em sua cama.

– Mãe? O que está acontecendo?

– Sua Irmã parece... distante ultimamente.

– Bem... a sabedoria popular diz que as pessoas ficam um pouco loucas antes de se casar.

– Sim, eu sei. Mas... nos últimos dias ela tem estado… diferente.

– Diferente como? – Minha mãe fungou um pouco e eu franzi o cenho para o telefone.

– Mãe, você está...

– Apenas... apenas fique de olho nela na cidade, você irá?

– Certo, bem, sem problema.

Nós desligamos o telefone, mas tenho o sentimento distinto que minha mãe não está tranqüila. E nem eu. Por que Rowena não contou a minha mãe o que eu tinha feito?

– Como vocês irão ver no próximo slide, a forma e estrutura essencial de

Pollock[27] permaneceram. Mas o tamanho de suas lonas, este slide não faz justiça na verdade, mas o tamanho...

Meu telefone zumbiu contra meu quadril e acordei sobressaltada. Embora tivesse certeza que a vibração não pudesse ser ouvida em toda parte da frente da sala, Sr. McDobbins parou por um momento para limpeza de garganta. Ele geralmente faz isso quando os estudantes entram atrasados, sussurram alto demais ou o celular de alguém dispara no silencio mortal que ele exigia para suas palestras. Era mais fácil chatear a nós todos desse jeito. Dando uma olhada para baixo, eu vejo a palavra CRATERA INFERNAL iluminar a tela. Eu franzi o cenho, desliguei o telefone e tentei prestar atenção.

].

– A carreira de Pollock como artista realmente não decolou até...

Eu falei com minha mãe ontem. Se ela está ligando de novo significa que alguma coisa terrível aconteceu. Minha avó! Empurrei minha cadeira e é claro que ela guinchou no piso de linóleo. A luz espalha-se do projetor de slides, dando ao rosto do Sr. McDobbins um brilho sinistro.

– Aham... – Ele finalmente diz depois de uma pausa agonizante enquanto tento juntar meus livros e papeis.

Uma caneta faz um ruído no chão tão alto quanto uma bomba explodindo em um tumulo silencioso. Eu a observo desaparecer embaixo da cadeira desta distraída menina. Diabos. Ela era a minha favorita, mesmo sabendo que é estúpido ter canetas favoritas. De alguma forma, eu consegui me arrastar na direção da porta e agradecidamente, quando minha mão está na maçaneta embaçada, McDobbins resume sua fala. A porta fecha

[27] Paul Jackson Pollock (1912 – 1956) é um pintor dos EUA e foi referência no movimento do expressionismo abstrato

qualquer que seja a outra informação fascinante que ele estava prestes a transmitir de Pollock, sem dúvida tirada exatamente da pagina 188 do livro texto debaixo de ‘Informação biográfica de Jackson Pollock. ’

Eu tinha passado por essa seção noite passada enquanto Agatha bebia uma dose de vodca para dar coragem e em seguida começou cortar o cabelo. Quando uivos perfurantes de angustia do seu lado do quarto se tornaram demais, eu tentei tirar a tesoura da sua mão, e desisti mesmo de ler depois disso. Agora, estou meio agachada terminando de guardar meus livros na bolsa, e parei antes de sair do edifício. Uma chuva leve e uniforme está tamborilando.

Como de costume, eu não tenho guarda chuva. Encostando-me na porta, observo três garotas salpicando água e parando na faixa de pedestre, que está agora submersa em uma água cinza gordurosa. Seus guinchos viajaram pela porta de finas vidraças e uma garota, seu rosto puxado em uma expressão de aflição aguda, ergue seu pé, revelando chinelos de lantejoulas vermelhas.

Uma centelha de movimento foi capturada pelo meu olho. Do outro lado da rua, um homem e uma mulher tinham parado na entrada de um edifício, se abrigando debaixo de um toldo de uma pedra arqueada. Eu observo a cabeça brilhante da garota inclinada para cima na direção de seu acompanhante. Ele se inclina sobre ela e parece sussurrar algo em seu ouvido. Por três segundos eles ficaram congelados neste quadro e não pude evitar estudá-los como uma pintura: o cabelo dourado da garota, seu rosto pálido, seu corpo inteiro virado para o dele, enquanto ele, embrulhado em uma capa de chuva escura, está em pé como um talho de tinta venenosa contra o arco de mármore branco.

Então, ele vira sua cabeça, o brilho dos seus óculos cintilando brevemente para mim no momento que ele sai na chuva, a passos enérgicos. A garota o olha fixamente, em seguida, se afunda repentinamente contra o batente da porta, uma mão impelida na garganta. Ela parece prestes a desmaiar. Irrompendo pela porta do meu edifício, eu gritei, Rowena!

Quatorze

POÇAS DE ÁGUAS INUNDARAM a calçada, mas eu me lancei por elas. A chuva está no auge agora, e eu temporariamente perdi minha irmã de vista quando um ônibus da cidade passa rugindo, lançando uma bofetada de água que instantaneamente encharca meus jeans. Naqueles poucos momentos frenéticos, minha mente está agitada. Rowena e Alistair? Rowena e Alistair? Como? Por quê? Quando cheguei do outro lado da rua, milagrosamente ela ainda está lá.

– Rowena, – digo novamente, e ao menos sua cabeça se vira e ela olha fixamente para mim.

– Oh, – ela diz vagamente.

– Oh? – Ela esta vestindo o mesmo vestido preto e os sapatos que ela usou na noite de sua festa de noivado, que não consigo imaginar que sejam muito úteis para andar em poças de água. Ela está mais pálida que de costume, mas seus olhos estão brilhando, e tenho que admitir que em quaisquer que sejam as circunstâncias, minha irmã está bonita.

– O que você está fazendo aqui? – disse sem pensar, tentando me apoiar na porta enquanto a chuva cai do lado direito do meu rosto.

– O que está acontecendo? E por que você estava com Alistair? Aquele era o professor Calum que eu vi com você, certo? – eu tomo um fôlego profundo e tento me acalmar, tento ignorar o fato que minha irmã está olhando para mim como se nunca

tivesse me visto antes.

– A mãe disse que você estava vindo aqui para comprar o vestido de noiva. Mas ela disse sexta. É apenas quarta-feira, Rowena. Quarta-feira, – eu insisto, como se de alguma forma eu tivesse nomeando o dia da semana e fez minha irmã ter um estalo.

– Quarta-feira? – Ela repete em uma voz débil tão diferente de seu tom doce e caloroso de costume.

Minhas mãos e pés estão de repente, pinicando e me viro, mas a calçada está vazia agora, exceto por córregos de chuva correndo pelo concreto rachado. Virando de volta, eu percebo que minha irmã está também erguendo o pescoço, como se estivesse procurando por alguém. Um calafrio parece passar por ela e se amontoa na porta, uma pilha amontoada por uma garota.

– Como ele realmente é Tam? – Ela diz, seus olhos implorando, seus dedos arranhando a manga do meu casaco. Estou prestes a perguntar se ela está falando de Alistair quando meus olhos são puxados para algo em seu pulso exposto. Sem perguntar, eu puxo seu braço, empurro a manga do casaco para trás. Três linhas escuras, mal cicatrizadas, arruínam a superfície clara de sua pele. O que é ainda pior é que ela não resiste, não parece nem perceber que meus dedos apertaram o que devia ser um aperto dolorido ao redor de sua mão.

– O que é isso? – digo bruscamente, sacudindo um pouco sua mão, olhando fixamente para as crostas de sangue. Minha boca fica seca como se tivesse acabado de engolir areia, quando acrescento,

– Você precisa... você... você não deveria estar aqui.

Seus dedos estremecem brevemente sob os meus e finalmente ela se liberta.

– Eu quero estar aqui. Preciso estar aqui. Com ele. Você não entenderia.

Eu ando para trás até que a verga de pedra da porta encosta nos meus ombros. Eu não pergunto de quem ela está falando. É como se meu coração tivesse parado brevemente de bater. A chuva está correndo pelo meu pescoço e ensopando a gola da minha jaqueta, mas eu não me importo. Coloco a mão no celular, ouvindo o toque do outro lado da linha. Por favor, por favor... Alô?

– Preciso de você.

– Eu gosto disso, – Gabriel exclama, toda sua voz preenche minha cabeça. Mas não consigo nem mesmo sorrir.

– Sabe, eu estava pensando quanto tempo levaria...

– Seu carro está na cidade, certo?

Um homem empacotado firmemente em uma capa de chuva escura esbarra em mim e eu corto o grito, mas ele nem sequer olha para mim. Alistair não, Alistair não, Alistair não.

– Um... sim. Você precisa que eu te leve a IKEA[28] ou algo assim? Eu espero...

– Eu preciso que me leve para casa. Eu e Rowena.

– Espere um segundo, o que está....

– Eu não tenho tempo para explicar, – eu sussurro ao telefone, e então minha voz se despedaça.

– Há algo errado com ela.

– Me diga onde vocês estão.

Por causa da chuva levaria mais de uma hora para sair da cidade. Que parece mais como três.

– Tamsin, – Rowena diz do banco traseiro.

– Onde estamos indo? – Esta é a terceira vez que ela pergunta.

– Estamos indo para casa Ro, – eu diga a ela de novo.

[28] IKEA (Ingvar Kamprad Elmtaryd Agunnaryd) é uma companhia internacional de origem sueca cujas lojas vendem mobílias para o lar e montados a gosto do cliente

– Se lembra? Casa grande, campos, jardim, gansos.

Gabriel olha de lado para mim, mas não faz nenhum comentário. Eu me mexo no banco do passageiro e uma lata de Coca-cola vazia gira para longe dos meus pés.

– Eu não quero ir para casa, – ela diz previsivelmente e suspira enterrando as unhas mais fundo em minhas coxas.

– Sim, eu sei. É só por enquanto. Então nós voltamos. Tudo bem, Rowena? – eu ergo meu pescoço, tento sorrir para minha irmã. Mas ela não retribui meu sorriso, não vi nem mesmo olhar para mim.

Ao invés disso, seu rosto e mãos estão pressionados na janela manchada pela chuva e eu tenho um absurdo vislumbre repentino de como ela devia parecer para os outros motoristas e passageiros na estrada. Seus dedos contorcidos descansadamente no vidro, as unhas batendo uma mensagem de aflição em Código Morse[29].

– Ele não quer que eu vá, – ela murmura tão baixo como um filamento de som, praticamente perdido no acumulo de rodas e chuva.

– Ele precisa de mim. – Pelo menos ela vira o rosto inquieto para mim e diz:

– Eu preciso voltar. Eu sei disso. Eu sei disso aqui, – e ela esmurra seu peito tão forte que eu quase sinto a vibração em meu próprio corpo. Ela se desloca no banco traseiro, mas então imediatamente se balança para frente novamente, sua boca esticada

[29] O Código Morse é um sistema de representação de letras, números e sinais de pontuação através de um sinal codificado enviado intermitentemente. Foi desenvolvido por Samuel Morse em 1835, criador do telégrafo elétrico

em fenda se estreita.

– Escute, Rowena, – eu imploro, pouco nítido o que estou dizendo.

– Nós só precisamos ir para casa por pouco tempo. Só por pouco tempo, pouco tempo. E em seguida, nós voltaremos. Prometo. – No mesmo fôlego eu sussurro para Gabriel, Você não pode ir mais rápido?

Gabriel me olha de lado de novo e responde no mesmo tom de sussurro.

– Estou forçando 135 km/h. É tudo que essa porcaria de carro pode fazer.

– Ele me quer de volta! – Rowena guincha de repente, batendo as mãos nas costas do descanso de cabeça de Gabriel.

– Merda! – ele exclama, e nós damos uma guinada em volta de um carro em nossa faixa, apenas passando de raspão.

– Rowena, – digo, levantando a mão para agarrar suas mãos.

Ela se contorce quando o ponto pálido de sua língua aponta por seu lábio inferior. Seus olhos, que parecem ter só pupilas agora, ficam mais sombrios.

– Nós vamos voltar. Mas é melhor assim. De verdade. – Eu balbucio.

– É bom bancar a difícil. Os garotos ficam mais intrigados assim. Certo, Gabriel? Gabriel?

Ele olha no espelho retrovisor, observando minha irmã com atenção como se ela fosse um animal raivoso.

– Um... oh, sim. Nós... amamos essas coisas. Nos deixa realmente excitados.

Eu aceno maniacamente quando os olhos da minha irmã pestanejam para mim. Por um breve instante seu rosto está vazio e em seguida, ela sacode a cabeça.

– O que você sabe, Tam? O que você sabe sobre o amor?

Engolindo em seco, eu reconheço que as palavras, pelo menos, são puramente de Rowena, ainda que o tom vazio e sem emoção esteja todo errado.

– Eu sei que isso não é amor, – digo, tudo fingimento para permanecer calma.

– Isso é alguma coisa, mas é certo que não é amor, merda.

Eu envolvo os joelhos com as mãos, caso contrário, eu tenho medo que irei levantar as mãos e tentar bater na minha irmã para devolver-lhe os sentidos.

– Calma, Tam... – Gabriel murmura, estendendo a mão, e eu a pego, sentindo o aperto reconfortante de seus dedos quentes.

Mas as próximas palavras de Rowena tiram tudo isso da minha cabeça.

– Ele me disse que você diria isso. Que você não entenderia. Nenhum de vocês.

– Oh, serio? – Digo, minha voz pingando desdém.

– E o que ele...

– Nós precisamos voltar, – Rowena diz de novo, e agora sua voz se suavizara esticada em sua doçura familiar.

– Ele quer que eu volte. Para ele. – Eu a olho fixamente, indefesa.

– Gabriel, – minha irmã cantarola, me ignorando agora. – Vire o carro. Na próxima saída você vai virar e ir de volta para New York City.

– Tam... – Gabriel diz vagarosa e sonhadoramente, talvez devêssemos voltar.

– O que? Não! Você está louco? Não a ouça!

– Sim, me ouça, – minha irmã acrescenta, com a voz maleável e suplicante.

– Isso é o que você tem que fazer. Vire o carro.

– Ok, ok, – Gabriel concorda, a voz animada como se ele estivesse muito feliz por favorecer minha irmã. Eu o soquei. Forte.

– Ow! Que diabos? – ele sacode a cabeça brevemente, os dedos apertando o volante, e então ele me olha.

– Tam, o que eu... eu sinto ... – Rowena se recosta de volta no assento.

– É isso Gabriel, – ela ronrona, a voz se curvando e rodopiando pelo carro, como caramelo de manteiga quente.

– Você está fazendo a coisa certa, – ela encoraja quando Gabriel dá a seta e vai para a faixa da direita. Uma buzina de caminhão retiniu para nós, seus faróis golpeando o carro.

– Não nos mate no processo, vocifero.

– Não a ouça, – Rowena diz. Ela não compreende nada.

Ignorando ela, eu me estico pelo colo de Gabriel e abaixo a manivela da janela. A chuva espirra, encharcando nós dois.

– Se livre disso. – Eu falo para ele.

– Eu não posso... ela precisa que eu faça isso, – ele murmura. Os dedos apertando

ainda mais o volante, mas estamos nos indo para a saída rápido demais. Tick, tick, tick. O som da seta parece anormalmente alta.

– Acalme-se Tamsin, – disse minha irmã.

– Pare de tentar dizer ao Gabriel o que fazer. – Sua voz amanteigada, começando a reverberar calorosamente dentro de mim, como ondulações se espalhando pela superfície de um lago.

Ela não usa seu Talento em mim por anos, mas eu me lembro que é assim que se parece. E em seguida, eu tive a mais estranha sensação. É como se os extensos anéis da voz de Rowena atingissem uma parede de pedra dentro de mim e se destruíssem com o impacto. Assim eles ficaram em silencio.

Sem parar para pensar, eu me inclinei para frente e bati em Gabriel levemente no ombro.

– Pare de ouvi-la. Pare.

Eu olho fixamente para minha irmã, que está olhando fixamente de volta para mim.

– Basta, – digo calmamente.

Gabriel pisca e se contorce como se tivesse recebido um choque elétrico.

– O que foi aquilo? – Ele sussurra.

No próximo instante ele liga a seta e nós deslizamos para a saída.

– Nããããão! – Rowena grita, esmurrando o assento perto dela enfurecida. Eu acho que nunca ouvi nada tão suave, uma hora e meia depois nós paramos.

– Lar doce lar, – digo, e pela primeira vez eu falo sério.

Rowena parece estar adormecida no banco traseiro, embora de vez em quando um espasmo cruze sua face e ela geme como se fosse de dor.

Gabriel desliga a ignição, se inclina para frente um pouco, e descansa a cabeça no volante. Com uma mão ele esfrega o pescoço, os dedos fazendo círculos na tatuagem de lua azul.

– Você não está contente em voltar? – Pergunto depois de alguns segundos.

Ele me da um olhar, um lado da boca se arqueando para cima no que espero ser um sorriso, mas ele não responde. Eu não tenho tempo de agradecer porque a porta se abre com um estrondo e minha mãe está disparando pela entrada da garagem, o cabelo lutando para se soltar do que quer que seja que ela estava tentando prender nele. No segundo seguinte, ela desaparece e então reaparece no assento traseiro do carro.

– Um... mãe, você pode...

– Oh, Tamsin, – ela diz, seus braços me soltando de repente. Eu traguei por ar.

– Você a encontrou. Graças a terra e as estrelas lá em cima.

Seu rosto está tão fortemente torcido e tão manchado de chorar que senti uma aflição terrível que não pensei em ligar para ela do meu celular assim que a encontrei. Então de novo eu estava lidando com uma maníaca.

– Sobre isso, mãe – digo, afastando um pouco, eu acabei de fazer algumas descobertas interessantes.

Mas o olhar de minha mãe estava fixado em Rowena quando minha irmã se agita e abre os olhos. Ela examina a todos nós, pisca varias vezes como se nós fossemos aparições de um sonho inconveniente.

– Onde ele está? – ela murmura. Suas mãos penteiam o cabelo embora ela esteja procurando por respostas ali, e tenho que me virar. Um movimento se agita na beira da minha visão e eu olho pela janela para ver meu pai e tio Morris se dirigindo à entrada da garagem.

– Onde está James, você quer dizer? Ele está vindo. Ele estará aqui logo.

Minha mãe fala com uma voz alta e extra cuidadosa, o tipo que as pessoas parecem reservar para falantes não nativos e crianças.

– Uh, mãe, começo. – Ela não...

– Ele me quer de volta, – Rowena atormenta.

– Ele certamente quer... Minha mãe concorda rápido demais.

– Nós todos queremos, minha querida. Você não tem sido você mesma nestes últimos dias. Você... – O pequeno ímpeto de palavras de minha mãe, ela fez uma pausa.

Ela encontrou as marcas nos pulsos de Rowena e agora ela as alisava com os dedos de novo e de novo, sua boca trabalhando com o peso do que podia ou não dizer. Rowena cambaleou para fora do carro e minha mãe quase comete um deslize em sua pressa de segui-la.

Gabriel e eu olhamos um para o outro.

– O que isso parece? – Eu o pergunto finalmente.

Ele envolve as chaves com os dedos ainda balançando na ignição e as puxa, mas não diz nada.

– Na estrada, quando...

– Eu sei quando, – disse bruscamente.

– Parecia que eu tinha de fazer isso. Como se tivesse que virar o carro ou eu iria... eu iria morrer ou algo assim. – Ele bufa, mas eu percebo que ele está apertando as

chaves. – Eu só sabia que tinha que fazer isso. Que era a coisa certa a se fazer. E então...

– E então o que? – eu sussurro.

– Então parou. Quando você me tocou. Quando você disse a ela para parar. – Ele está olhando fixamente para mim agora. – O que você fez exatamente?

– Eu não sei.

– Você não sabe? – ele engole sob seu olhar ferozmente incrédulo.

– Eu juro que não. Eu senti alguma coisa, também, e então... parou. Eu queria que isso parasse a então parou.

Eu olhei fixamente pela janela. Rowena estava cambaleando pela entrada da garagem, os braços esticados como se alcançassem por alguém, enquanto minha mãe acenava ligeiramente do seu lado. Enquanto eu observo, minha mãe estende um braço para agarrar o ombro da minha irmã. Mas ela se livra dela com um movimento impaciente. Meu pai, segurando uma planta desenraizada em cima, está se arrastando atrás delas. Meu tio Morris simplesmente permanece na entrada da garagem sacudindo a cabeça.

– Por que eles não fazem alguma coisa? – eu sussurro.

– Eu não sei. Eu não acho que eles possam. – Então sua foz fica aguda com excitação. Mas talvez você possa, Tam.

Eu sacudo a cabeça e digo automaticamente, – Eu não consigo parar a Rowena.

No silencio do carro minhas palavras giram como uma moeda e vagarosamente. Eu encaro Gabriel.

– Ela está... eu a parei. De persuadir você. Você realmente não fez nada?

– Eu não consegui, – ele diz simplesmente. Então bate as chaves em meu joelho para conseguir minha atenção.

– Tam, você consegue isso? Você parou Rowena. Ela queria que eu virasse o carro e eu teria...

– Ela pode fazer isso, murmuro em assombro. Ela pode fazer com que qualquer um faça qualquer coisa que ela os disser para...

– Aparentemente não, Gabriel interrompeu, – dando um tapa no meu joelho de novo. E mais, você parou aquele homem que nos mataria em 1899.

– Eu parei?

– Sim, sua idiota! Você não vê? Ele iria nos matar. Com o relógio.

– Eu me lembro, – digo. – E pare de gritar. Estou bem aqui.

Mas algo está se desdobrando dentro de mim e sinto como se também pudesse

começar a gritar a qualquer momento. Algo como, assuma isso, todos que diziam que isso era realmente uma vergonha a meu respeito. Em minha mente eu consigo ver o telhado do provérbio e subindo lá em cima para fazer o pronunciamento para todos os rostos aturdidos abaixo.

– E você tocou o relógio. E nada aconteceu a você. Duas vezes é muito mais que coincidência, Tam. – Gabriel está dizendo e eu olho para ele confusa. – Você tem um Talento.

– Mas por quê? Por que agora? Por que eu não sabia nada disso antes? Por que minha mãe, minha avó ou qualquer um não sabia disso? – eu parei para olhar para Gabriel, que de repente não está olhando para mim. Ao invés disso, se inclina para frente e pega um CD solto o desliza de volta em um estojo roxo rachado.

– O que? O que é isso? – Mas antes que ele possa responder, um Saab[30] azul marinho ronrona na entrada da garagem sem cuidado algum com os buracos. Isso resulta em uma parada com uma borrifada de cascalho enlameado que vai contra o lado do Volvo do Gabriel. Um segundo depois James está saindo do carro.

– Isso está prestes a ficar feio, – eu murmuro e saio do carro, ciente que Gabriel tinha feito o mesmo.

A chuva se abrandara para um chuvisco quando eu fiquei próxima a James. Eu sempre pensei no noivo da minha irmã como o noivo da minha irmã. Todos sabiam que eles seriam um casal algum dia. Pessoalmente, eu acho que é porque ambos são arrogantes e teimosos. Mesmo quando nós éramos crianças, ele nunca pareceu uma.

[30] marca de carros sueca, atualmente controlada pela holandesa Spyker Cars N.V.

Eu acho que é por causa de seu Talento – ele é capaz de absorver as palavras e as armazenar como um cacto armazena água. Ele consegue ler um livro e anos depois recitar página por página. Eu acho que todas aquelas palavras alinhavam seu cérebro e acalmava qualquer desejo de falar conosco mortais inferiores. Ou talvez nós acalmássemos isso dele muito tempo atrás quando nos recusávamos a ouvir seu vasto armazenamento de conhecimento por mais de dois segundos antes de escapar ou meter a cabeça dele dentro de um dos barris do lado de fora do celeiro que coletavam água da chuva.

Em minha defesa, eu nunca fiz isso. Eu apenas servia de vigia sempre que alguém mais servia. Quem sabe sobre o que ele conversava com Rowena ou se ele já teve uma chance de conversar quando está com ela. Mas ele queima com um misto de fogo e frio, numa intensidade que parecia servir como um eloqüente de realce para a beleza e brilho de minha irmã. Agora, contanto, seu rosto tinha um aspecto branco aflito, como um homem que está em uma nevasca.

– Oi Tam, – diz desinteressadamente, olhando fixamente para a entrada da garagem.

Minha mãe está segurando Rowena pelos ombros, e meu pai veio para ficar perto delas para bloquear a fuga de Rowena. Minha irmã se contorcia sob as mãos de minha mãe como um pano de prato pendurado no varal. Eu de repente me pergunto quando Rowena dormiu pela ultima vez. Ou comeu.

– Há quanto tempo ela tem estado assim? – Perguntei.

– Uma semana, James responde com uma voz vazia. Estava esperando quando sua mãe ligou... quando ela disse que você estava trazendo ela de volta... que Ro estaria melhor.

A última palavra se quebrou e abaixei meus olhos, encarando uma moita de erva daninha que crescia em um buraco particularmente fundo.

Gabriel assoviou entre os dentes. – O que eles acham?

– Que ela está sob algum tipo de... um olhar doloroso cruzou o rosto de James, feitiço. Um feitiço de amor.

Ele se vira para mim de repente que eu dou um passo atrás.

– Quem é este homem?

Eu engoli em seco. Eu não sei se agora é a hora de dizer a James que eu introduzi Alistair, embora de má vontade, na vida de Rowena. Na vida de todos nós.

Mas então Rowena se liberta de minha e corre na nossa direção, com os braços abertos, o cabelo voando. James andou para frente como se para pegá-la, mas ela se deteve brevemente, parecendo que mal registrava a presença dele exceto para dizer – Eu preciso das chaves.

– Ro, ele diz suavemente. Espere um minuto. Você nem mesmo...

– As chaves, – ela repete, fazendo um movimento impaciente com a mão esquerda em direção ao Saab. Os olhos são como duas cavidades em chamas em seu rosto.

– Não, – James diz. Sua voz se despedaça, e eu imagino se esta é a primeira vez que pronunciara aquela palavra para ela.

– James, – Rowena diz, e sua voz se torna suave e doce.

– Dê-me as chaves agora. Eu preciso delas e você quer me ajudar. – Balançando-se para frente, ela coloca uma mão em seu ombro.

– Rowena, – ele diz seu nome em um longo ímpeto de som e há complacência e amor e extremo desespero todos misturados em um. E ao mesmo tempo ele está levando a mão ao bolso e ouço o leve tinir do metal.

Eu nem mesmo preciso que Gabriel fale ferozmente Tam em meu ouvido, antes de estar andando para frente.

– Pare de ouvi-la, – digo a James, e porque eu ainda não consigo entender o sentido disso, sacudo o braço de Rowena e digo bruscamente, – Pare de dizer a ele que lhe de as chaves.

Ao meu lado, eu sinto James dar um pequeno sobressalto e em seguida, ele puxa as mãos do bolso como se o queimasse. Quando ela vê que sua mão está vazia, minha irmã grita. Então ela se vira e me dá uma bofetada. Forte.

– Uou! – Gabriel berra, e então ele passa para trás de mim, prendendo os braços de Rowena ao seu lado.

Ela grita, fios do seu cabelo loiro caindo pelo rosto e se agarrando em sua boca aberta. No canto externo do olho eu vejo meus pais vindo em nossa direção. No meio do caminho minha mãe pisca e então ela está em pé perto de mim, respirando com dificuldade como se ela realmente tivesse corrido pela entrada da garagem.

– O que aconteceu? – ela arfa. Ela atira a pergunta em todos nós, olhando minha irmã, que ainda está se debatendo no agarro de Gabriel.

Eu toco minha bochecha, meus dedos roçando o que parecia um arranhão do anel de minha irmã.

– Tamsin parou-a de me compelir, – James diz com uma voz surpresa.

– Um minuto eu sabia que precisava lhe dar as chaves e então... no segundo seguinte eu sabia que não precisava. O sentimento se foi.

– Ela fez isso em mim, também. Na viagem de carro para cá. – Gabriel acrescentou. Ao contrário, nós não poderíamos estar aqui agora.

Então a cabeça da minha irmã se lança para cima e bate no queixo de Gabriel.

– Ow caramba! – Há sangue em seus lábios quando ele acrescenta sob a respiração, E isso poderia ficar ótimo... Mas eu acho que sou a única que o ouve.

James deu um passo a frente e coloca as mãos em minha irmã, que está respirando difícil agora.

– Traidor, – ela cuspe, virando sua cabeça.

Ela fica muito parada e Gabriel relaxa um pouco, porque de súbito ela arranca para frente e se liberta com um movimento forte. Ela cambaleia um pouco para longe de nós, quase esbarrando no meu pai, e nos observou malignamente. Em seguida, ela se atira no Saab, os dedos raspando na porta. Eu não sei se minha irmã planeja fazer ligação direta no carro de alguma forma, eu duvido que ela saiba, tampouco, mas minha mãe solta um pequeno choramingo de desespero, então se vira e faz um aceno em direção a casa, onde uma pequena quantidade de pessoas tinha se reunido na varanda.

A mãe de Gabriel, Lydia, se separou do grupo e veio para frente vagarosamente, quase relutante. Há círculos embaixo dos olhos quando ela coloca a mão no ombro de minha mãe, o apertando brevemente. Ela acena para o meu pai, que parece claramente perturbado, e então se move em direção a minha irmã.

– Oh, nem pensar, – Gabriel murmura, e eu lanço um olhar para ele. Mas ele está olhando sua mãe com tremor.

– Eu preciso que você a distraia, – Lydia murmura para James, e ele dá um passo em direção à mulher feroz que é minha irmã, levantando os ombros e abaixando a cabeça. De alguma forma, ele me faz lembrar nada mais do que um touro cansado resignado a atacar o toureiro novamente.

– Rowena, ele diz suavemente. – Eu levarei você de volta à cidade, – ele ofereceu, e ela se virou, olhando fixamente sem expressão para ele tentando lembrar seu nome.

– Eu levarei você de volta para... ele. – Sua voz se engasga um pouco, mas ele se

apressa.

– Vamos partir agora, tudo bem? – ela dá um passo em direção a ele hesitantemente.

– Você me levará? – repete com uma voz irregular, e ele acena. Ela se move para mais perto dele. – Obrigada, ela sussurra.

Mais rápido do que o pensamento, as mãos de Lydia deslizam pelo ar, como pássaros borrados, e apertam firmemente os lados das têmporas da minha irmã. O rosto de Rowena se contorce por menos de um segundo e então ela oscila nos braços de James que estão à espera. Lydia dá os ombros, esfrega uma mão no rosto.

– Ela dormirá por um tempo, Camilla. – Ela diz para minha mãe.

– Me ligue quando precisar de mim novamente, – acrescenta e pega o caminho de volta a varanda, as mãos envolvendo os cotovelos.

James envolve Rowena mais apertado em seus braços e toca seu rosto no dela só por um instante, como um homem tragando por ar. Então ele se endireita e começa carregar minha irmã para a casa. Os saltos dos sapatos estão raspados pela lama na entrada, e seu braço direito cai pesadamente mole no ar a cada passo ela era sacudida. Eu não acho que já tinha visto minha irmã mais deselegante. Eu olho para minha mãe, que está inclinada contra o ombro do meu pai, com lagrimas caindo em seu rosto.

Quinze

Estou sentada no degrau mais alto da escada, meus braços enrolados através dos trilhos de madeira, quando Gabriel me encontra. Ele sobe as escadas, equilibrando um copo e pratos cheios, e quando ele levanta o olhar para mim, um flash de prateado desliza do prato e cai no ar fazendo barulho nos degraus abaixo de mim.

– Merda... desculpe, – Gabriel sussurra olhando da porta fechada da biblioteca para a parte inferior da escadaria.

– Não é grande coisa, – eu digo.

– Eles sabem que eu estou aqui fora. Meus pais têm estado seqüestrados na biblioteca por mais de uma hora.

– Quem está lá? – Gabriel pergunta, apontando com o queixo desde que eu ainda não tinha pegado o prato dele.

Eu sigo o movimento, olhando na direção oposta para baixo do corredor até a porta bem fechada, que leva à sala de Rowena.

– Sua mãe. – Gabriel acena, senta ao meu lado, e segura o prato.

O cheiro de pão ligeiramente queimado flutua. Ele me fez um sanduíche de queijo grelhado, o recheio escorrendo para fora em uma confusão pegajosa branca. Em algum lugar ele também encontrou um punhado de cenouras que foram cortadas em grossos pedaços em forma de moeda. Estou tentando descobrir por que ele pensou que eu poderia precisar de um garfo e faca, mas decidi que iria parecer ingrato se eu perguntasse.

– Não é sushi, peixe, tacos ou pizza, mas eu fiz o melhor que pude, – ele diz, e eu pego o prato de suas mãos, encontrando o seu calor reconfortante. Eu olho de lado para ele.

– Como você sabe que eu gosto de sushi, peixe, tacos e pizza?

– Minhas fontes são excelentes.

– Agatha... – Eu penso sobre minha colega de quarto por um minuto. Eu nem mesmo disse a ela que eu estava deixando a cidade. Não houve tempo, mas ainda assim, eu sei que ela deve estar preocupada agora.

– Eu deveria ligar, – eu digo, mas de alguma forma não consigo encontrar a energia para levantar.

– Você deve comer primeiro, – Gabriel diz, e aponta o prato a minha frente.

Pego um triângulo de sanduíche, olho o recheio de queijo escorrer para fora, e o abaixo novamente.

– Então, sua mãe tem sido muito útil nestes últimos dias, – digo, perseguindo uma cenoura ao redor do prato antes de levá-la para a minha boca.

– Aparentemente, – murmura Gabriel. – Ela costumava fazer isso para mim quando eu não ia para a cama.

– Quando ela parou?

– Quando eu tinha dezessete anos, – ele diz, arrancando uma moeda de cenoura do prato e fazendo-a desaparecer entre seus dedos.

– Brincadeira, – ele acrescenta e tira a cenoura por trás da minha orelha. Eu bato sua mão para longe.

– Para com isso, – eu digo. – Ou isso é mais do seu Talento?

Ele sacode a cabeça. Nah. Apenas coisas que eu aprendi. Truques com cartas, truques com moedas, coisas assim. Implorar por dinheiro na rua é muito mais fácil se você puder entreter as pessoas primeiro.

Eu mordo o canto do meu sanduíche. – Você implorou por dinheiro?

Ele dá de ombros. Meu pai me chutou para fora por um tempo.

Ele diz isso levemente, facilmente, mas ainda sinto um tremor nas palavras. Eu mastigo, engulo, aguardo. Quando nada está vindo, eu pergunto,

– Por quê?

Gabriel estuda suas mãos, virando, sem parar, as cordas de couro em seu pulso.

– Porque fiquei achando coisas dele. Que ele não queria que eu encontrasse. Ou que minha mãe encontrasse.

– Oh! – eu digo entre outro gole. – Que coisas?

Um sorriso atravessou seu rosto.

– Hum, números de telefone, preservativos, jóias que não eram para a minha mãe. Essa última realmente causou uma cena.

– O que aconteceu? – Perguntei através de uma chuva de migalhas.

De alguma forma, a primeira metade do meu sanduíche tinha desaparecido e eu começara a segunda, tentando comer mais graciosamente.

Gabriel tocou a nuca, pensativo.

– Bem, ele me deu um soco. Com o qual eu poderia ter lidado. Na verdade, foi um alívio depois de todo o resto. Quero dizer, ele já tinha me chutado para fora, mas voltei para ver minha mãe por um tempo e ele chegou em casa, e mesmo assim, minha mãe ficou no caminho.

Meus olhos ampliaram e eu abaixei meu sanduíche.

– Ele apanhou?

Gabriel balança a cabeça.

– Não, ela ficou no caminho quando o colocou para dormir. Por um tempo. Era isso, eu acho. Fizemos as malas enquanto ele estava desmaiado no chão. Eu acho que ela sabia que estava acabado então. Mas não acho que ela já perdoou a si mesma.

Ele respira, pega meu meio sanduíche, e morde.

– Ou a mim, – ele diz, ou pelo menos eu acho que ele disse isso.

Mas então, como se por sugestão, a porta de Rowena se abre e Lydia sai.

Ela olha Gabriel e eu nos degraus e se move em nossa direção, sua saia balançando suavemente com o movimento.

– Eu preciso...

– Uma pausa, eu digo às pressas e me levanto.

Moedas de cenoura caem abaixo dos degraus, e eu vejo Gabriel pegar um no meio do ar. Espero que ela não tenha ouvido algo.

– Eu vou sentar com ela, – eu disse, balançando a cabeça em direção a porta da minha irmã.

Lydia hesita, olha para Gabriel, então para mim, e depois da porta da biblioteca fechada para o pé da escada. Ela acena brevemente. Eu começo a passar por ela, mas ela pega meu pulso.

– Me chame se ela parecer que está acordando. Eu não sei quanto tempo isso vai durar. Parece ser cada vez menos. . . eficaz. – Ela balança a cabeça para alguma coisa invisível e me libera.

– Você pode fazer isso de novo? – Pergunto nervosamente.

– Como, apenas para estar segura? –Lydia olha para mim e em seguida, percebo que ela parece estar olhando para algo além de mim. Eu quase olho para trás.

Eu não acharia difícil Tio Morris estar escutando no corredor, enquanto está invisível.

– É perigoso. Se eu fizer muito.

– Oh! – Eu digo baixinho, e a imagem de um homem deitado no piso atira através da minha cabeça.

Lydia continua subindo pelo corredor até o topo da escada, e eu assisto enquanto ela e Gabriel se abraçam desajeitados em torno de si mesmos. Eu tenho alguns segundos para considerar a ironia de que toda a minha vida eu me senti como uma estranha na minha família por não ser Talentosa, enquanto toda a sua vida, Gabriel, deve ter sentido exatamente o oposto. Eu me pergunto o quanto Lydia deve ter amado tio Phil. Então eu me pergunto o porquê.

Ajeito meus ombros, e entro no quarto de Rowena. Um abajur pequeno lança um brilho fraco através da pele da minha irmã, mas mesmo com a luz extra eu posso ver o quão pálida ela realmente está. Sua respiração é superficial e rápida, ao contrário das respirações profundas que ela estava tomando algumas horas antes, e eu paro no interior da porta, querendo chamar Lydia de volta. Mas, então, Rowena parece se acalmar e um sorriso cruza seu rosto.

Seu cabelo está espalhado por todo o travesseiro, reflexos de dourado brilhando aqui e ali. Três vertentes estão capturadas no pente em sua mesa de cabeceira e eu as toco levemente, tentando imaginar tia Lydia penteando o cabelo da minha irmã. Eu giro o pente na mesa. Deve ter sido James.

Após estabelecer Rowena em seu quarto, minha mãe o tinha levado pelos ombros, colocado-o na direção de um quarto sobressalente, e disse-lhe para dormir. Parece que ele não tinha dormido por dois dias. Eu tinha chamado a atenção da minha mãe então, mas ela balançou a cabeça e se esgueirou, para longe de mim, para a biblioteca com um mudo ‘mais tarde’.

Minha irmã se mexe e eu me viro, engolindo em seco. Se eu precisar, eu posso impedi-la. Então eu penso sobre isso por um minuto. Eu posso ser capaz de impedi-la de

usar seu Talento em mim, mas eu não posso pará-la fisicamente de correr por cima de mim até a porta. Para voltar para Alistair. Eu preciso falar com a minha mãe. Eu preciso conversar com...

Eu olho para o telefone sobre a mesa e pego-o silenciosamente, um olho na minha irmã, que se estabeleceu novamente. Eu disco o número que eu conheço de cor.

– Olá? – A voz de Agatha é educada e percebo que ela não reconhece meu número de casa, que sou eu.

– Tam! Onde você está? Onde você esteve? Liguei para seu celular, tipo, cinco vezes já, e ele continua indo ao correio de voz. O que aconteceu com você? Eu pensei que nós deveríamos...

– Sinto muito, digo rapidamente.

– Eu... houve uma emergência em casa.

– Está tudo bem? – A voz de Agatha cheia de antecipação; posso sentir sua espera para ser tranqüilizada e eu mordo meu lábio inferior.

– Sim, está tudo bem agora.

– O que está... – Ela para, esperando por mim para interrompê-la, e quando eu não interrompo, posso sentir sua confusão vindo em ondas.

– Você nem mesmo avisou. Hags vai ficar puta.

– Eu sei, eu esfrego minha testa. Nós podemos ir longe com muita coisa em New Hyde Prep, mas até mesmo Hags tem seus limites.

– O que eu digo a ela?

–- Olha, é... complicado. Quer dizer, está tudo bem, – eu digo, olhando para Rowena, que se torce de repente e choraminga.

– Na maior parte, acrescento.

– Tam. . . você está sendo. . . estranha. Tem certeza de que...

– Yeah. Yeah. Eu juro. Enfim, eu só queria que você soubesse que eu não estarei em casa hoje à noite. E nem pelo resto da semana. E o fim de semana, também.

– E a festa de Cynthia na sexta-feira? Eu pensei que você...

– Sinto muito, eu sussurro. Eu vou tentar. Mas eu...

– Ok, – Agatha diz, mas posso dizer que nem tudo está bem.

– Hum. . . então como foi seu dia?

– Bom, – ela diz, mas agora ela está toda educada, da maneira que ela responde ao telefone, e eu aperto meus olhos fechados até ver agulhas de luz queimar e dissolver.

Rowena se move novamente, com as mãos coçando todo o travesseiro. O som de suas unhas nos lençóis de algodão me lembram de ratos nas paredes.

– Eu tenho que ir, eu sussurro.

– Sinto muito, Agatha.

– Desculpa por quê?

Eu balanço a cabeça, o que eu posso dizer?

– Desculpe por não ligar mais cedo.

Nós desligamos e eu a imagino sentada no nosso dormitório, olhando pela janela, mais do que um pouco confusa.

Sento-me na borda da cama de Rowena e olho para ela. Acorde! Acorde e me diga o que está acontecendo. E como se ela me ouvisse, seus olhos abrem.

– Você, – ela afirma categoricamente.

– Rowena, oi, –eu digo. Seus olhos estão mais escuros do que eu já tinha visto e vítreos.

Agora que ela está acordada, eu meio que queria que ela não estivesse. Nervosamente, eu olho para a porta. O quanto de descanso será que Lydia precisa?

– Hum... quer voltar a dormir?

– Não, – ela sussurra, em seguida, fecha os olhos como se estivesse mentindo.

Ficamos quietas por alguns momentos, respirações em um concerto irregular. Então seu rosto vincula com angústia. Ainda com os olhos fechados, ela suspira.

– Você me parou. Todos esses anos eu me perguntei quando você ia perceber. – Seus olhos abriram e de repente toda a luz e ar na sala pareciam ser sugados.

– O que você quer dizer? – Eu sussurro. Mas ela fica em silencio. Suas pálpebras se fecham e ela parece ter voltado a dormir.

– Rowena, – eu digo rapidamente. – Do que você está falando?

Eu espeto seu ombro. Mantendo os olhos fechados, ela diz em uma voz fina.

– Todo esse tempo eles nos disseram para não. . . não para nunca. ..

– Nunca o quê? Nunca o quê? – Eu belisco a pele do seu braço, forte o suficiente para deixá-la vermelha. Mas ela nem sequer se mexe.

– Deixe-a dormir, – uma voz baixa vem atrás de mim, e eu giro para enfrentar Lydia, que está em pé logo na entrada.

Ela está olhando fixamente para mim e simpatia cintila em seu olhar. Simpatia ou outra coisa, eu não tenho certeza. Eu engulo.

- O que ela quis dizer? – Eu nem mesmo pergunto se Lydia ouviu a conversa ou não.

Lydia caminha em minha direção, seus passos silenciosos, coloca suas mãos sobre meus ombros, e me vira em direção à porta.

– Vá falar com a sua mãe.

– Quem disse...

– Ela é a única que pode responder, Tamsin. – Então, seus dedos se apertam por um instante.

– Tente não julgá-la muito duramente.

Mas quando eu sai do quarto de Rowena, eu não fui encontrar minha mãe imediatamente. Eu pretendia. Eu tinha toda a intenção de caminhar através da porta da biblioteca e confrontá-la e meu pai e quem mais possa estar lá. Mesmo assim, eu me encontrava vagando pelo corredor, agora vazio e depois subindo uma curta espiral de escadas da ala da casa da minha avó, e ainda planejando na minha cabeça o que dizer aos meus pais.

A Sala de estar da minha avó é fria, e olhando para as janelas, eu vejo que alguém as deixou aberta. As cortinas estão ondulando e soprando, enchendo como velas de um navio, e como eu atravessei a sala e alcançei a janela, os ventos passavam em torno de meus braços como uma mortalha funerária. Eu me livrei e bati a janela mais forte do que deveria. Um a lasca de tinta caiu do molde, pousando no meu ombro. Limpei, diriji-me e olhei para a porta fechada do quarto. Eu nunca tinha ido ao quarto da minha avó sem ser convidada. Então eu me lembrei que eu nunca fiz um monte de coisas antes de hoje.

Com esse pensamento na minha frente, eu marchei pela porta. Eu não sei o que eu esperava. Pegar minha avó murmurando um feitiço ou encantamento para a lua nova vislumbrando através de sua janela ou talvez consultando um antigo e grosso livro.O que eu vi me perturbou ainda mais do que qualquer uma dessas coisas poderia ter.

Ela está dormindo. Dormindo firmemente. Na cama com as cobertas até a cintura, as mãos cuidadosamente dobradas sobre o peito, e seus longos cabelos brancos em uma única trança arrastada sobre o travesseiro. Por um instante a semelhança entre ela e Rowena era tão aguda que me encontrei vesga e rígida na penumbra do quarto. Mas não, é minha avó. A mesa ao lado da cama mantinha a habitual dispersão de pétalas de flores frescas e uma pequena garrafa marrom com uma pálida videira de aranha de algum tipo de corte no vidro. Parecia uma das garrafas que minha mãe e avó davam para as mulheres que vinham na porta dos fundos, na calada da noite.

Tentar fazer ter sentido tudo isso, só causou um surdo latejar de dor ecoando em toda minha têmpora. Minha mão estava tateando a maçaneta da porta, quando minha mãe

apareceu bem perto do meu ombro. Um pouco perto demais, na verdade.

– Desculpe, Tam, – ela murmura.

– Está tudo bem, eu murmuro.

– Eu não estava realmente usando aquele pé de qualquer jeito.

Isso deveria ter me rendido um olhar exasperado, um que minha mãe sempre fica feliz em dar-me quando eu falo, mas ela se vira e caminha em direção a minha avó, afundando os joelhos ao lado da cama.

Suas mãos viajam por todo o cobertor até as mãos juntas da minha avó, e então eu tenho que desviar o olhar. Eu não quero ver minha mãe chorando.

– Há quanto tempo ela está assim?

– Desde que Rowena colocou-a sob algum tipo de magia.

Meus olhos voltam novamente para a pequena garrafa marrom na mesa de cabeceira. – Ela bebeu isso? Espera, como você sabe que Rowena fez isso?

Minha mãe levanta a cabeça lentamente para olhar para mim com os olhos inchados.

– Porque ela me disse. – Sua irmã se sentou lá e me disse com um sorriso no rosto, e um brilho nos olhos que...

Minha mãe faz uma pausa, alisou o cobertor sobre a forma do corpo de minha avó.

– Ela me disse que queria ela também.

– Mas... –Eu aproximei-me da cama e olhei para o rosto cor de cera da minha avó.

– Você não pode acordá-la?

– Eu tentei. Tudo o que eu podia. Tudo que eu sei. Nada. Nada. Não posso quebrar a magia feita a sua avó.

Os dedos de minha mãe apertaram-se sobre o cobertor, antes que voltasse ao seu obsessivo alisamento.

– Esta é a magia dela?

– Sim, – minha mãe diz, e embora haja um oceano de amargura em sua voz, ela pega o braço da minha avó com muito carinho.

– Vê? Ela deve ter tirado o seu próprio sangue daqui.

Eu não quero olhar, mas eu faço. Na almofada do polegar da minha avó há um pontinho vermelho brilhante.

– E então ele é misturado com raiz de valeria na e nó de bruxa, e ela deve ter bebido.

Tudo porque Rowena sentou lá e obrigou-a. Minha mãe pressiona o rosto no cobertor por um momento e depois limpa os olhos com a ponta do laço.

Eu franzo a testa, olhando para baixo na cama, então, reviso minha impressão anterior. Minha avó parecia dura, quase como se estivesse congelada. Ela não parece adormecida, exatamente da mesma maneira que Rowena está agora.

– É por isso que Lídia estava usando seu poder na Ro, – digo, os meus olhos saltando longe da marca de sangue.

– Eu não sei mais o que tentar, – minha mãe admite.

– Se eu ficar com ela aqui, ela apenas tenta sair, e agora isto. Se eu a deixar ir embora, então ela estará com aquele. . . homem, – minha mãe cospe.

– Alistair Callum, digo, o nome arrastado pela minha garganta.

– Sim, – minha mãe concorda cansada.

– Ela me disse seu nome.

Um flashe instantâneo de seu lenço azul na cabeça e as iniciais destacam-se claramente, letras de linha branca contra o fundo azul. AEK. E então eu me lembro a placa de identificação na porta de seu escritório.

– Eu não acho que é o seu verdadeiro nome, eu digo lentamente.

– Como você sabe disso? – Exige minha mãe, com as mãos alisando a colcha até muito que qualquer ruga estivesse desfeita.

– Você o conhece? – Eu afundo ao lado dela.

O quarto está silencioso, exceto pelo ocasional suspiro de minha mãe, que está chorando de novo. Fora da janela uma Lua Crescente brilha em toda sua glória em forma de foice.

– Ele entrou na livraria uma noite durante o verão. Ele pediu ajuda para encontrar um velho relógio. Uma herança de família. Tinha sido perdida, ele disse. Em 1887.

Agora não há som no quarto. É como se minha mãe estivesse segurando a respiração.

– Por quê? – ela diz , finalmente, a raiva através de sua voz.

– Por que você não nos diz? – De repente, eu sinto um surto de raiva ao responder.

– Por que você não me disse que eu tinha Talento? Você deveria saber!

Duas escuras manchas de cor se infiltraram entre as maçãs do rosto de minha mãe. Em um breve momento ela fica a seus pés.

– Seu pai deve saber isso, – ela resmunga, não exatamente encontrando os meus olhos.

– Espere um minuto E de repente eu sei que ela está prestes a piscar para fora da sala.

Sem pensar, eu me impulsiono para ela em minha mente e silenciosamente grito, Pare. Eu tropeço para os meus pés e nós olhamos uma a outra. E mais uma vez as Palavras da minha avó há muito tempo faladas passam na minha cabeça. Sua filha será uma das mais poderosas que já vimos nesta família.

– Tamsin, – minha mãe diz, finalmente, e uma das mãos vai para a garganta.

Sinto muito, eu quero dizer, e também, doeu? Mas, em vez disso minhas palavras saem como perfeitas pedras quicando em um lago, cortante e duro.

– Por que você mentiu para mim todos esses anos?

Quando minha mãe e eu caminhamos para a biblioteca, um pequeno fogo sombrio está queimando na lareira, guardado em ambos os lados pelos cães de fogo da China. Eu engulo. Rowena costumava fazer esses cães de fogo cantar em gritos e latidos enferrujados e eu costumava rir até às lágrimas. Meu pai está ao lado da parede com janelas que se debruçavam sobre os campos em direção ao seu viveiro.

Ao entrarmos no quarto, ele se vira, cruza por trás da maciça mesa de nogueira que está cheia de papéis e livros, canetas e garrafas de tinta que minha mãe ainda gostava de usar, e a encontra do outro lado do quarto. Ela inclina a cabeça para trás e olha para ele.

– Tamsin acabou. . .de me impedir de usar o meu talento.

Meu pai fica com essa expressão em seu rosto que significa que provavelmente desejando que tivesse algo dos talentos de minha mãe e poderia se transportar de volta para seus jardins instantaneamente.

– Ela precisa saber, ele retruca, finalmente, falando diretamente para a minha mãe.

– Althea, o que quer que ela esteja fazendo, não precisa da necessidade de esclarecer-nos, e agora eu digo isso a ela.

A menção do primeira nome da minha avó me pára. Minha mãe pressiona suas mãos em suas têmporas, as massageia por um minuto, em seguida, divaga sobre uma pequena poltrona rosa pelo fogo e se afunda nele. Finalmente, e sem olhar para mim, ela diz,

– Tamsin, você tem um Talento. Mais do que um, ao que parece.

Eu me inclino contra a parede porque sinto como se as minhas pernas tivessem apenas se transformado em água.

– Ninguém pode usar o Talento delas contra você. Ele simplesmente não vai funcionar. Você também pode parar qualquer um de usar seu próprio poder, mesmo se eles não estão tentando usar isso contra você.

– Como eu parei Rowena hoje. De compelir Gabriel.

Sim. E de compelir Tiago, também.

– Então. . . o que estiver errado com Rowena, eu posso parar isso.

E eu não posso evitar o triunfo se espalhar através de minha voz. Mas minha mãe está sacudindo a cabeça.

– Isso é diferente. Você pode parar quando algo está acontecendo com você ou para alguém. E como eu disse, o poder não vai funcionar contra você. Isso inclui magias. Mas quando se trata de alguém, – e aqui a minha mãe balança a cabeça novamente ,não se pode desfazer o que já foi feito .

– Como? – eu respiro. Como você já sabe isso sobre mim? Quando eu nem mesmo sabia dessas coisas sobre mim!

– Quando você tinha quatro ou cinco talvez, – minha mãe começa, – Eu a encontrei no stillroom[31]. De alguma forma você tinha subido as prateleiras, e encontrado uma cesta inteira de folhas de morango que eu estava secando, e então você encontrou o seu caminho para o suco de morango que eu estava fermentando. – Eu não tinha nenhuma lembrança disso.

– Não era apenas suco de morango, no entanto. Era um feitiço de sono muito poderoso. Projetado para nocautear um homem adulto por vários dias. Qual era o que Cathy Monroe tinha pago.

– Quem é Cathy Monroe? – Minha mãe ondula suas mãos.

[31] Uma sala para destilação

– Ela morava na Rua Hancock com o marido. Seu marido era extremamente violento. Ela queria uma vantagem de três dias, quando o deixou.

– Você fez para ela. – Minha mãe concorda.

– E que você bebeu.

– E?

– E nada. Você ficou acordada. Eu fiz um outro lote e Cathy Monroe teve sua vantagem de três dias.

– Você me viu beber? – Minha mãe se permite um pequeno sorriso.

– Não. Não o primeiro lote. – O segundo, terceiro e o quarto, sim. Seu pai bebeu o segundo lote com você e dormiu durante o terceiro e o quarto.

Eu olho para o meu pai, que agora ajustava a lenha na lareira com um atiçador.

– Ok, mas como você sabe que eu poderia também.

– Sua avó nunca foi capaz de ler sua mente.

– Nunca? – penso em todas ás vezes que eu me preparei pensamentos vazios, caso dela estar tentando alguma coisa.

– E quanto sobre a epoca em que Jerônimo quebrou o tornozelo? Eu senti-a fazer isso, então.

– Você sentiu ela tentar, minha mãe me corrige. Será que você também se sentiu tonta logo depois disso?

Eu volto ao dia em que eu voei na minha prima por trás, e lembrei a arrebatadora dor de cabeça que tomou conta de mim depois que eu caí. Eu sempre assumi que era um reflexo atrasado para o choque da queda através do ar ou da forte aterrisagem. Eu aceno.

– Quando nós começamos a usar os nossos talentos, isso muitas vezes nos pega de surpresa. Alguns de nós ficamos tontos, outros com tremendas dores de cabeça.

– Então, eu estou feliz de repente fazer parte do clube "nós" agora, – eu digo.

– Quanto mais você usa seu talento, – diminui mais o efeito e, finalmente, desaparece, minha mãe diz, ignorando o meu comentário.

Ela aperta os dedos na testa com tanta força que parece que está tentando fazer buracos na sua pele.

– Há mais, – acrescenta minha mãe, como se perguntando o quanto revelar. – Sua avó pensa que você pode imitar os talentos de outras pessoas.

– O quê?

– Se alguém usa seu talento contra você, como para prejudicá-lo, ele não vai funcionar. Mas se eles continuam a fazê-lo, você pode adquiri-lo.

– Como ela sabia isso? – Minha mãe sacode a cabeça.

– Isso eu não sei. Ela disse que viu, que viu você fazer isso. –Encaro a minha mãe.

– Quando? Eu não posso ter. . . Eu nunca fiz isso. Eu toco o meu medalhão do colar, torcendoa corrente em meus dedos.

– Por que. . . Por que você manteve em segredo de mim todos esses anos? Por que você me deixou achando que eu era. . . essa grande decepção para vocês? E por que Rowena soube e não eu?

– Rowena sucederá a sua avó um dia e precisava saber certas coisas, responde minha mãe.

Mas eu estou mal ouvindo, porque essa mesma onda de formigamento passar por cima de mim, como um calafrio no meu pescoço, e eu giro e olho fixamente para o canto mais distante da sala, onde até mesmo as sombras do fogo aceso não conseguem chegar.

Sem pensar, eu expando minha mente e bam, Tio Morris aparece na vista. Seus olhos mudam para longe de mim e ele encolhe um pouco.

– Morris! – minha mãe chora.

– Esqueci meus óculos, ele diz alegremente enquanto passa pela sala, fazendo um show de busca em uma pequena mesa lateral.

– Não, acho que eles não estão aqui. Suas bordas começam a brilhar, mas ele continua no lugar. Suas sobrancelhas saltam para cima, mas eu não me arrependerei.

– Tamsin, meu pai diz, – mas eu ignoro o barulho da silenciosa advertência em sua voz.

– Se você quiser sair, então, saia pelo jeito normal, – eu digo, mesmo que parte de mim se encolhe junto com Tio Morris. Não é culpa dele. Ele coça um pouco seu cavanhaque e, em seguida, movendo mais rápido do que eu o vi por um longo tempo, ele se apressa em direção à porta. Parando, ele olha para mim, abre a boca como se dissesse alguma coisa, então parece pensar melhor. Abrindo a porta, ele escapa, e eu fico com o seu olhor em meus olhos. Ferido e confuso.

– É por isso que você não me contou? Você pensou que eu seria impedir as pessoas o tempo todo de ser. . . si mesmos.

– Não, – minha mãe diz calmamente.

– Não, nós não dizemos porque a sua avó pediu-nos que não. Porque ela disse que, embora não soubesse exatamente por que, um dia você precisaria do nós poderíamos dar-lhe.

– E o que seria isso?

– Ela. . . ela nunca poderá dizer. Tudo que ela sabia era que um dia você precisaria fazer uma escolha e que, para lavá-la para o caminho certo, o que fizemos iria ajudá-la quando o tempo chegasse.

– Quem mais? – Eu demanda.

– Quem mais sabe sobre mim?

– Ninguém. Apenas sua avó, seu pai, e eu: Minha mãe enfia um pedaço de cabelo atrás da orelha.

– E, claro, Rowena.

– Rowena, – Eu eco.

Claro que sim. A perfeita Rowena, que assumirá a família um dia. Mesmo que sempre soubesse disso, eu ainda não podia parar esse derramamento amargo de pensamentos. Em um pequeno canto da minha mente, todos os dias eu tinha estado com esse tipo de esperança, louca e boba , e que agora que eu tinha realmente um poder, talvez eu seria o maldito farol que minha avó havia predito - o que isso significava. Por uma vez, Rowena não teria o bloqueio em ser tão talentoso, tão especial. Isso talvez eu seria a única a guiar minha família. . . Eu balancei minha cabeça para dispersar esses pensamentos.

– Eu não posso acreditar que você seguiu com isso, – Eu acuso a minha mãe agora. Um rosnado baixo de trovão passa pelas vidraças, e a expressão de meu pai, geralmente tão leve e benigna, semelhante a uma chuva de primavera, passou agora para algo mais nítido.

– Se é você que está fazendo isso, então pare, – eu retruco.

– Ou eu vou parar isso para você. Ambos os meus pais olham para mim como se eu fosse um outra pessoa, mas não estava ligando. Meu pai abre a boca, mas eu me apresso.

– Quem é essa pessoa? Alistair Callum? – Minha mãe suspira.

– Há muito tempo atrás, – ela começa, substituindo o que meu pai ia dizer, "há muito tempo havia uma guerra." De alguma forma eu tenho um sentimento que eu não estou prestes a ouvir uma palestra sobre a Revolução Americana.

– A luta, realmente, entre a nossa família e outra família muito mais poderosa. Esta outra família acreditava em coisas que. . . nossa família, não. – Ela faz uma pausa como se estivesse contemplando essas coisas, então continua apressadamente.

– Nós capturamos o seu poder e conseguiu isolá-lo em um objeto, não está claro exatamente como, – ela diz, obviamente, antecipando a minha próxima pergunta.

– Nossa história nos diz que quatro membros de nossa família atuou em conjunto para funcionar um poderoso feitiço e que fez um grande sacrifício para fazer isso. Ela pára, junta as mãos, e recita: " Uma está no Norte, e uma está no Sul. Um está no leste, e um está no Oeste. Norte convoca o Ar, e o Sul carrega a água; Leste chama o Fogo, e o Oeste ergue a Terra.. E todos se unem". Eu fico olhando para ela.

– Hum. . . isso não me diz nada, – eu digo por último e sou recompensada com um olhar reprovador da minha mãe antes que ela continue.

– De qualquer forma, isso é o que chamamos de Domani – onde todo o poder desta outra família permanece. Qualquer pessoa que era e está ligado a esta família através de suas linhagens foi e é afetado por esta magia. E é claro que escondemos o Domani com muito cuidado.

– Por que você simplesmente não destroi isso? – Meu pai pigarreia.

– Você não vai à escola? Esta parece ser uma questão particularmente estranha para perguntar agora. Mas ele continua.

– Aula de Ciência? – Agora isso está começando a fazer mais sentido. Meu pai ama a ciência. Einstein, Newton, Mendel - eles são todos os seus heróis. Sempre que possível, ele interpõe a ciência na conversa. Não importa se ninguém está no clima para isso.

– Lembra-se da regra de que a matéria pode ser criada nem destruída? Bem, isso se aplica aqui.

– Só mudar, – a minha mãe acrescenta baixinho.

– Pode mudar de volta? – Minha mãe toma um fôlego.

– Quer dizer, eles podem recapturá-la e despertar-la? – Eu aceno e o fogo aparece e assobia, quando ela responde: Sim, assim a palavra foi perdida nos recessos sombrios do quarto.

– Nós pensamos que já tinha despertado. De alguma forma. Isso de alguma forma foi zumbindo em mim como um frio sino ressoar. E então eu ouvi as palavras do homem vestindo um casaco tipo túnica. Você realmente não sabe o que você fez, não é?

Dezesseis

– O RELÓGIO. O relógio que ele queria que eu encontrasse. Que era do Domani? – Minha mãe colocou suas mãos no braço do meu pai enquanto ele me olhava, ela explicava urgentemente. – Tamsin encontrou com ele antes. Ele entrou na loja durante o verão e pediu para ela o ajudá-lo. Ele é professor. Ou ele diz, – ela terminou.

– Na sua escola?– Meu pai disse, assustado.

– Não, na escola de Rowena, – Eu disse sarcasticamente. Então mordi meus lábios.

– Desculpe. Na verdade, na NYU.

– Mas eu não... Por que ele pediu ajuda a você?– meu pai perguntou.

– Obrigada, – eu disse.

– Tamsin, – Meu pai disse afiadamente.

– Isso não é tudo o que eu quis dizer. O que eu queria dizer era, por que ele entraria na livraria se ele sabe alguma coisa sobre todos desta família e espera que você o

ajude?

– O que você não sabe é que existe um encantamento de proteção lançado sobre esta família. O encantamento não vai muito longe, – minha mãe acrescentou fracamente. – Não além das fronteiras dessa cidade. – Eu pensei nisso por um segundo. Isso explica o profundo desgosto da minha mãe por qualquer lugar a não ser Hedgerow.

– E é claro, o encantamento não funcionaria contigo de qualquer jeito. Por isso que ele se aproximou de você na livraria. – Eu apertei meus dedões um no outro.

– Eu fingia ser Rowena.

– Você o que?– Minha mãe e meu pai disseram ao mesmo tempo, ambos me olhando.

– Ele pensou que eu fosse Rowena e eu... apenas deixei assim. Depois ele descobriu que eu não era. – Eu decidi não mencionar o quão depois.

– Como você encontrou para ele?– Minha mãe perguntou.

– O relógio? Como?

– Eu vi. Em uma pintura. Na casa do tio Chester e da casa da tia Rennie. E então eu... fui lá e peguei.

– Você pode viajar? – minha mãe suspirou. O fogo queimou em uma tora com um estalo particularmente alto.

– O que é isso?– Eu perguntei sem expressão.

– Ninguém foi capaz de viajar nesta família por gerações. Sem mencionar que isso não é permitido, – minha mãe disse, mesmo embora isso não respondia a minha pergunta. Eu encolhi os ombros. Eu não iria entregar Gabriel.

– Como eu iria saber disso? Não é como se alguém tivesse me dito por aqui. – Um raio rangeu novamente e eu olhei para meu pai antes de acrescentar,

– Eu quero dizer, se vocês estivessem explicado o que era viajar...

– Viajar, – meu pai começou em uma voz poderosa, – é um talento antigo que parece que tinha sido perdido durante os anos. Ninguém tinha sido presenteado com isto por gerações. – Então ele girou sua cabeça cabeluda e me olhou.

– Ninguém que nós sabemos. – Eu tentei não me contorcer.

– E isto é ruim? – Minha mãe suspirou.

– Vamos apenas dizer que isto não é bom. O tempo é frágil – meu pai respondeu, e ela concordou.

– Sim. Para dizer o mínimo. O tempo é muito frágil, na verdade. Se você tocar ao menos uma coisa, altera o passado, então isso pode ter conseqüências para o futuro que são-

– Desoladoras – Meu pai parece reconsiderar e acrescenta, – Desastrosas.–

– Oh, – Eu disse em uma pequena voz.

– Quando isso aconteceu? – minha mãe finalmente perguntou.

– Antes de Rowena... ficar doente? – Eu acenei com a cabeça e esse pequeno movimento pareceu confirmar os piores medos da minha mãe, porque suas mãos voaram para seu rosto.

– O que houve? – Roguei dentro do silêncio.

– Nós achamos que algum poder do Domani escapou quando você viajou de volta. Você... você tocou nisso tudo? – Meu pai começou a andar pela janela, os braços balançando livremente, suas mãos se contorcendo um pouco, como se ele não quisesse mais nada do que deter esta situação pelas raízes.

– É claro que ela tocou. Ela é a única que poderia. Tinha alguém guardando? Um homem ou uma mulher?

– Um homem.– Eu decidi omitir a parte que ele ficou jogando bolas de fogo em mim.

– Quem ele era?

– O Protetor, – minha mãe falou.

– O Domani muda a cada tantas vezes, assim como o Protetor. Ninguém sabe quem é o Protetor. Esse é um modo de proteger o Domani.

– Ele disse isto! O homem. Ele era o Protetor. Ele disse que o poder tinha passado, – Eu disse animadamente. Meu pai estava balançando a cabeça como se isso agora estivesse confirmando sua maior hipótese.

– Deve ter. Felizmente, o que quer que você deu a este.. professor não era o Domani por muito tempo.

– Então está legal? – Eu perguntei esperançosamente, mesmo embora eu sabia que não era possível estar. Não com os meus pais, ambos, olhando tão pálidos como eles estavam.

– Só do fato de você ter tocado nisto, significa que algum desses poderes escapou. Suficiente para–

– Suficiente para a Alistar ter o que ele queria, para pegar Rowena, – Eu terminei entorpecidamente. De alguma forma, felizmente, tinha uma cadeira perto o suficiente para eu me sentar, porque eu não sabia se minhas pernas iram suportar mais um pouco. Rowena, eu pensei, e minha mente voltou para a noite quando Alistair entrou dentro do táxi atrás dela e eles foram embora. Esta foi à última vez que minha irmã foi... minha Irmã. Minha mãe levanta lentamente, caminha sobre a mesa, e abriu um pesado livro de

couro marrom deitado sobre um mata-borrão verde.

– Você já viu este livro antes? – Eu senti como se eu estivesse me movendo através de uma água densa e salgada enquanto eu me coloco sobre meus pés e caminho para ficar parado ao lado dela. Com um dedo, eu delineei a trabalhada voluta de couro e folhas que cobriam a parte direita do livro. Minha mãe parecia estar segurando sua respiração. Eu sacudi minha cabeça.

– Este livro é muito valioso. Contém a história da nossa família e um breve vislumbre do futuro, o que pode acontecer.

O calor da lareira começou a chamejar através dos meus tornozelos e dos meus pés descalço como algum tipo de aviso obscuro: Se vire, Se vire. Eu hesitei. Por muito tempo eu disse a mim mesma que eu não queria nada com o talento da minha família e todas suas complicações, que eu parecia quase ter me convencido. Outra segunda oscilação e então eu andei mais para perto, olhando para a página. Linha e linhas de densas escritas escuras cobriam o que parecia um pergaminho muito velho. Mas todas as vezes que eu tentava ler alguma coisa, as palavras fugiam de mim. Sem pensar eu abaixei meus dedos para a página como se para parar as palavras no lugar. Mas todas elas foram para a lombada do livro como água escoando para um buraco. Minha mãe folheou as páginas até ela ir para uma em branco. Em uma voz tremula ela perguntou,

– Você vê alguma coisa? Qualquer coisa? – A página continuava limpa no espaço vazio.

– Não tem nada para ver, – Eu disse. Meu pai suspirou.

– Vale a pena tentar, Camilla. – Os olhos da minha mãe pareciam estar molhados

e um segundo depois, ela os enxugou contra a sua manga.

– Eu pensei que você disse... que eu era imune a encantamentos.

– Não tem encantamento nisto.– Bem, sim, – Minha mãe a corrigiu.

– Tem um simples encantamento de travamento no livro para manter olhos curiosos longe. É uma espécie de rito de passagem para que todos os que tentam desbloquear este livro e –

Sua voz hesitou enquanto ela encontrava os meus olhos inflexíveis.

– Eu não sei,– eu disse secamente.

– Isto é um talento. Ler o futuro.

– Como o jeito que você lê o futuro de todas aquelas xícaras de chás das mulheres e todos aqueles –

– Não o futuro delas. Nada como isto. Nosso Futuro. O futuro desta família. Eu pensei talvez desde que você tem outros talentos como viajar... – Aqui ela me deu um olhar duro e minucioso, mas eu me recusei a virar meu rosto, nem um átomo, até ela olhar de volta para o livro.

– Eu pensei que você poderia ter este.–

– Então, quem pode ler isto?– Mas eu sabia a resposta.

– Sua avó, – minha mãe confirmou.

– É preciso muito talento para ser capaz de decifrar o futuro. E muitas vezes é frustrante, quando o futuro pode mudar como isto.– Minha mãe estalou seus dedos, me fazendo pular um pouco. – Ainda assim, aquele que que pode ler o livro é quem orienta nossa família.

Sempre tem sido desta maneira.

– Então, o que quer que vovó lia aqui influenciava ela em suas decisões? – Quando minha mãe assentiu, eu não pude deixar de acrescentar, – Então ela leu alguma coisa que a fez querer mentir para mim todos esses anos?– Eu olhei para o livro novamente até as páginas ondularem em um uma luz difusa branca.

– Sua avó não mentiu, – minha mãe disse severamente.

– Me poupe, mãe, – eu murmurei.

– Vocês todos mentiram. Não importa se não eram exatamente com palavras– Houve um curto e desagradável silêncio entre todos nós e então aconteceu um estrondo de trovão tão alto que fez eu e minha mãe pularmos. Meu pai deu passos em minha direção.

– Você. Mentiu. Também, – ele exclamou, seu dedo apontando diretamente para

mim.

– Se você tivesse nos dito o que você fez para este homem mais cedo, então talvez sua irmã não estaria–

– Eu disse! – Eu berrei. As chamas na lareira chamejaram silenciosamente em resposta e eu olhei para elas, distraída por um momento pelo sentimento pulsando em minhas mãos. Então me forcei a continuar.

– Eu disse para vovó que ele entrou na loja uma noite e me pediu para encontrar uma coisa e eu- E eu achei. – Ambos meus pais me olharam, mas foi minha mãe quem se recuperou primeiro.

– Você disse para ela? – minha mãe sussurrou.

– Quando? – Então seu rosto parecia alongar e empalidecer nas sombras da sala.

– Quando eu liguei para casa. – Eu assenti.

– Eu não disse tudo para ela. Mas eu disse para ela, que eu encontrei uma coisa que eu achava que eu não deveria ter encontrado, – Eu parei, lembrando das palavras da minha avó.

– E ela disse que desde que eu comecei isto, eu deveria seguir em frente. Que ela não via nenhum outro caminho para mim. Ou para qualquer um de nós– eu sacudi minha cabeça.

– Eu não sabia o que ela queria dizer. Eu pensei que era apenas... – Eu encolhi os ombros e deixei minhas palavras morrerem.

– Mas se ela sabia quem ele era, por que ela falaria par Tamsin para 'Ver através'? – minha mãe perguntou. A pergunta dela não parecia ser direcionada para mim, então eu olhei para meu pai, mas ele parecia igualmente perdido. Finalmente, ele disse, – Porque Althea deve ter previsto algo pior se ela não o ajudasse.

– Quem ele é? – Eu sussurrei.

– Ele é um dos Knight. Esse era o nome da família deles. Os Knight. – meu pai disse pesadamente porque minha mãe parecia incapaz de responder. Ela estava olhando para o livro, ocasionalmente olhando furtivamente como se algo permanecesse fora dos limites da sua visão.

– Os Knight conjuram imagens de armaduras brilhantes e escudos brilhantes realçados com ouro. Combatendo, e eles nunca ficaram satisfeitos com o que nós tínhamos.

– Nós?

– Oh, sim. Em um ponto não tem divisão entre nós. Entre qualquer um de nós. Todo temos talentos. Nós viemos para esse novo país para procurar um lugar para começar tudo de novo. Nós fomos perseguidos em outros países. Você aprendeu sobre os caçadores de bruxas na escola?– meu pai continuou, suas mãos fechadas atrás de sua cabeça. Ele realmente deveria ter sido um professor em uma faculdade em algum lugar. Eu assenti.

– Éramos nós?

– Bem, alguns de nós. História nem sempre está certa. Mas sim, nós fomos perseguidos até chegarmos aqui.

– Mas existem caçadores de bruxas aqui também. Eu lembro que nós estudamos as bruxas de salém e ...

E então Leah Connelly e Melanie Nightingale me encurralaram no banheiro das meninas durante o intervalo, ligaram as torneiras e tentaram colocar minha cabeça a força dentro da pia para ver se eu não iria me afogar como uma bruxa verdadeira. Elas estava planejando fazer o teste da picada também, até eu rachar os lábios abertos de Melanie. – Sim, – minha mãe concordou, finalmente levantando sua cabeça e esfregando seus olhos.

– Mas até então nós tínhamos aprendido a como nos misturar, e como desaparecer na sociedade.

– Sério?– Eu perguntei.

– Um... Nós esquecemos como a fazer isto agora? Porque nós não somos muito bem em nos misturar e desaparecer. – Meu pai fez deu outro ronco, mas desta vez parecia mais como uma risada. Minha mãe encolheu os ombros.

– Oh, isto. Os tempos são diferentes agora. De qualquer jeito, de volta, alguns escolheram usar nossos talentos para curar, outros escolheram usar para cultivar. Escolhas pacíficas.

Exceto pelos Knight. Ao longo do tempo eles começaram, o que eles tinham iniciados, o que eles faziam nos países antigos. Eles sempre tinham que explorar o profundo e obscuro reino de seus talentos, os empurrando além de seus limites, até os seus talentos mudarem. Deformarem – A voz da minha mãe morreu na última palavra e ela pressionou suas mãos em seus olhos novamente por um instante.

– Algum deles...a exploração envolve outros humanos. Eles encontraram jeitos de prolongar sua longevidade natural, drenando a força a vida dos seres humanos.

– Como? – eu sussurrei, mas minha mãe sacudiu sua cabeça.

– Nós nunca soubemos. Eles usavam encantamentos, a origem nós nunca conseguimos entender. – Encantamentos que envolvem o sangue da vítima. Tudo de uma vez, o guada-chuva preto de Rowena floresce na minha mente e eu vejo novamente o longo arranhão vermelho em sua mão.

E Alistair enxugando o sangue dela com o seu lenço. Meu pai clareou sua garganta e disse.

– No inicio eles estavam satisfeitos em usar pessoas sem talento. Mas então uma vez que eles tinham dominado isto, eles começaram a pegar pessoas com talento. Agora ao invés de apenas estender sua longevidade, eles prolongam seus poderes também. – Ele começou a tremer novamente, parando.

– Você estudou parasitas na escola?– Uma breve lição em baleias e seus vários convidados percevejos vieram nadando de volta para mim.

– Um... sim?

– Bem, – meu pai disse, se inclinando para trás em um modo de leitura.

– Pense em um parasita e como ele tira tudo de seus hospedeiros. Algumas vezes sem o conhecimento do hospedeiro.

– Ou só fica sabendo depois, quando é tarde demais,– minha mãe intervêm.

– Rowena, – eu sussurrei.

– Seu pulso, – Eu deixei escapar.

– Ele está.... pegando o sangue dela?

– Sim. Sendo parte da família Knight, esse homem poderia saber o encantamento. Ele pode não ter sido capaz de o usar durantes todos esses anos, mas ele poderia estar pronto, apenas esperando pelo momento certo, quando uma quantidade suficiente do poder de Domani escapou.– Minha mãe virou para as páginas do livro novamente com mãos tremulas, como se esperando que a resposta de repente aparecesse.

– Ele está no sangue dela agora, como uma febre. Ou como um vício. Um que é muito, muito difícil de quebrar.

– Você não pode apenas... matá-lo? – Meu pai me fitou gravemente.

– Nós já pensamos sobre isto. Neste caso eu iria tirar a vida de outra pessoa com prazer. – Minha mãe colocou suas mãos nos braços dele.

– Mesmo embora a vida é sagrada, como você sabe, – ela disse.

– Mas existe outro aspecto neste encantamento. Existe um efeito espelho. O que quer que você faça para o lançador do encantamento, volta para você. – minha mãe sussurrou como se estivesse citando um texto do coração.

– Três vezes mais.

– Que tal se eu... viajar, então?– eu sussurrei.

– De volta para o tempo quando... quando...

– Não, – minha mãe disse afiadamente. Ela veio ao redor da mesa e agarrou meu braço.

– Você não pode viajar novamente. Você entendeu?

– Não, – eu disse, tentando me soltar de seu aperto, mas seus dedos afundaram dentro da minha pele tão profundamente.

– Houve conseqüências, muitos acontecimentos horríveis por causa da sua viajem, – você não vê? – minha mãe sibilou.

– Mas porque eu não posso voltar atrás e concertar? – minha mãe me deu uma pequena sacudida. Suficiente para fazer todos os meus dentes rangerem.

– Ow, mãe

– Você não pode apenas 'concertar' como você tão alegremente chama, porque o tempo, como nós estamos te falando, é extremamente delicado. Uma vez que você puxa um fio, você deforma alguma coisa a mais na peça.

– Ok, mas–

– Me prometa que você não vai fazer isso. Prometa. – Os olhos da minha mãe eram estreitos pontos de luz que perfuravam meu crânio.

– Ok, ok. – finalmente, ela me largou e deu um passo para trás e o sangue começou a retornar para meus braços.

– Diga a ela, – meu pai disse suavemente atrás dela, e a cor pareceu desaparecer do rosto dela.

– Diga a ela o por que.

– Rowena pode... poder ler o futuro também.

– Claro que ela pode, – eu murmurei. E eu realmente não estava surpresa.

Rowena era a mais poderosa da nossa família, depois da vovó. Eu sempre soube disto, aceitava isto. Até hoje. Mas abruptamente eu voltei do pensamento para minha mãe, que estava falando,

– E ela... ela leu um pouco. Antes que eu pudesse pega-la. Antes que eu pudesse pará-la. – Eu me senti ficar parada.

– E ela disse para você o que ela leu?– eu sussurrei.

– Ela leu... ela leu que você viajou e você não voltou mais. Você não pôde, por alguma razão. – Eu apertei meus lábios fortemente como se para poder conter o tremor. Mas não ajudou.

– Por favor, Tamsin, – minha mãe disse, e então sua voz quebrou.

– Eu não preciso perder você e a sua irmã.

Dezessete

Encontrei Gabriel na sala lá embaixo, jogando cartas com os meus primos, Jerom e Silda, e tia Beatrice, de todas as pessoas. Fiquei em silêncio e encolhi os ombros em resposta as sobrancelhas levantadas de Gabriel. Suas mãos estalavam as cartas ao redor da pequena mesa, e elas eram trocadas pelos jogadores ou jogadas para longe no que parecia ser uma pilha de descarte. Ocasionalmente, Gabriel distribuía um pouco mais da plataforma que restava no centro da mesa ao lado de três garrafas de cerveja e uma pequena garrafa de cristal que parecia ser xerez. Não havia dúvida à quem aquilo pertencia. Em um rápido movimento tia Beatrice devolve o conteúdo, em seguida, bate no vidro com estilo destacado sobre a mesa até que, revirando os olhos, Silda se levanta para pegar uma garrafa ornamental do guarda-louça.

– Aqui, tia Beatrice, – ela diz e coloca um pouco mais de líquido âmbar no copo.

– Mas é só isso, agora. Não mais. – De alguma forma, eu acho que ela já tinha dito isso antes. Aparentemente, tia Beatrice não parecia muito perturbada, porque ela saudou Silda.

– Lama em seu olho, – gargalha, e joga suas cartas para cima na mesa. Todos gemem quando Beatrice arremessa suas mãos e cava um par de brincos, um par de abotoaduras, e várias contas amassadas.

– Sem fichas de poker, – explica Gabriel quando eu me aproximo em pé atrás dele. Pego o que eu espero ser cerveja e tomo um saudável gole.

– Tudo bem?– Eu dou de ombros.

– Não realmente. Mas continue jogando, – Induzo em um sussurro enquanto Jerom lida com as cartas dessa vez, seus dedos em um borrão impossível. Gabriel se afunda de novo em seu lugar.

– Quer jogar, Tam? – Silda pergunta, já avançando sua cadeira para fazer sala. Balanço minha cabeça e continuo em pé.

– Não, obrigada. – Então, com um sorriso acrescento, – Mas você provavelmente deveria saber que Jerom fez um par de cartas desaparecerem. Meu palpite é que são ases.

– O quê? – Meu primo diz, suas mãos congeladas sobre a mesa no ato de distribuir uma carta para tia Beatrice.

– Isso é uma mentira, – ele insiste, seus olhos azuis se arregalando dramaticamente. Silda olha para ele, sua boca franzida em forma de um botão pequeno.

– Você quis enganar de novo, Jerom?

– Eu nunca enganei, – seu irmão persiste, revirando os olhos até o teto, como se buscasse confirmação lá.

– Ah, é? Bem, o que é isso? – Gabriel diz, abaixando ao redor do pé de Jerom e puxando um retângulo fino de uma carta. A rainha de espadas parecia fazer vista grossa a todos nós.

– Jerom!– Silda grita.

– Oh, querido! – Tia Beatriz diz. Ela olha a carta de perto.

– É a que...não, não foi essa que eu perdi – Ela suspira, engole a maioria de seu xerez, em seguida, começa a agitar seu copo em um arco acima da cabeça de todos. Gotas do líquido descem sobre a mesa e cartas, e todos começam a falar ao mesmo tempo.

– Tia Beatrice!

– Alguém distribua. Alguém além de Jerom!–

– Bem, não é surpreendente conveniente como Gabriel encontrou todas as suas cartas bem em cima da hora!

– Ei! Eu só tive sorte. – Me estico por cima do ombro de Gabriel, pego o bloco, e o folheio.

– Quem mudou todas para ases?– Pergunto enquanto viro quatro ases e cinco, mais escalonados ao longo do amontoado.

– Eu não sou nenhum campeão de poker, mas eu tenho certeza que existem apenas quatro ases em cada monte.

– Silda, – Jerom diz, sua voz pesada com desaprovação.

– Você? Eu não posso acreditar em você, – ele finaliza, sacudindo a cabeça.

– Ah, cala a boca, Jerom. Como se você não estivesse enganando o tempo todo.

– Eu poderia usar uma derrubada ou duas, – tia Beatrice diz, tossindo delicadamente.

– E então, talvez, Tamsin pudesse lidar. Ela pode parar toda essa bobagem de qualquer maneira. Você não sabe o que ela pode fazer? – Um pequeno congelamento cai sobre a mesa.

– É verdade, Tam? – Silda pergunta, por fim, sua voz difícil de ler. Ela desliza uma olhada em mim enquanto gira uma tampa de cerveja entre os dedos. Por um instante pareceu piscar em um diamante, em seguida uma safira, e então um rubi, antes que ela abruptamente colocá-lo de volta a mesa como um fino disco de alumínio, mais uma vez.

– É verdade que você pode nos impedir de...usar nossos Talentos? – Eu abro minha boca.

Silda e eu sempre nos acompanhávamos a um nível periférico. Talvez porque ela é irmã de Gwyneth, de modo que, naturalmente, somos ligadas pelo fato de ambos estarmos amaldiçoadas com perfeitas irmãs mais velhas que poderiam aparentemente fazer nada de errado. Algumas das minhas melhores lembranças são de roubar coisas de Gwyneth e Rowena - um par de brincos de cristal ou saltos altos - e, em seguida, assistir Silda rapidamente mudá-los para mármores ou tênis enlameados, enquanto nossas irmãs

divavam pela casa e nos chamavam de ladras. Mas então, quando o meu próprio talento não apareceu, Silda e eu nos tornarmos distantes o suficiente para eu evitá-la como todo mundo nas reuniões de família. Agora eu respirei e esperei até que ela olhasse para mim de novo, então acenasse.

– Aparentemente. – Eu olho ao redor da mesa em silêncio. Tia Beatriz encontra o meu olhar, e estou surpresa com a súbita inclinação de sua boca, as lágrimas aparecendo sobre seus olhos escuros. Eu trago e digo rapidamente,

– Então...sem mais mentiras, todos. Como eu vou saber. Isso vale para você, também, Gabriel – eu bato o baralho de cartas levemente na parte de trás de sua cabeça e ele sorri para mim antes de tirar o baralho das minhas mãos. Mas ele é o único que sorri. Eu notei que Jerom e Silda de repente colocaram suas cadeiras mais próximas.

– Certo, – Jerom diz.

– E o gin, então? Treze cartas? Estou farto de poker. – Suas palavras são brilhantes e alegres, mas não posso deixar de sentir esta sensação terrível de afundamento através mim. O que você esperava, afinal? A mão de Gabriel fecha em torno do meu pulso em um aperto quente, mas eu me livro tão discretamente como é possível.

– Oh, eu amo gin, – gargalha tia Beatriz, seu humor alegre aparentemente restaurado pelas palavras associadas a álcool fresco.

– E xerez, – ela diz incisivamente para Silda, que a ignora. Grata pela distração, eu puxo o copo dos dedos sem resistência de tia Beatrice e vou até o guarda-louças, derrubando uma pequena quantidade de xerez. Lágrimas estão picando ao longo das bordas das minhas pálpebras e eu tomo uma respiração profunda. Quando dou o copo de

volta para tia Beatrice, ela olha para cima, com seus olhos brilhantes e redondos em mim.

– Eu conheço você, querida, – ela diz, com a mão congelada em meio movimento.

– Você pode parar as pessoas, não pode? Você me parou, – ela sussurra. Ela pega o copo de mim, traga o conteúdo em um único gole, e aperta sua língua ao canto da boca.

– E então eu perdi. Eu perdi tudo. – Sua voz muda para seu afiado habitual.

– Eu perdi e não fui capaz de encontrar novamente. Nunca.

– Tia Beatriz,– Silda diz, fazendo um movimento para eu tirar o copo da velha mulher, – Eu realmente acho que você já teve o suficiente.

– Não! – Eu digo drasticamente.

– Tenha um pouco mais, – Eu vou até o guarda-louças, pego a garrafa, e derrubo um montante no copo de tia Beatrice.

– Tamsin! – Silda diz, sua voz cheia de choque.

– Sério, Tam. Não é bonito quando ela fica bêbada, – Jerom resmunga. Mas tia Beatrice engole sem prazer evidente, seus olhos tristes de novo.

– Quando foi isso, tia Beatriz?– Pergunto, me inclinando para que ela tivesse que olhar para mim. Sua boca treme, parece esmorecer por alguns segundos, e então ela se senta ereta, sua cabeça quase esmagando meu rosto no processo.

– Em 1939. Ah, as festas que costumávamos ter. – Ela bate as mãos uma vez, então, novamente, como se estivesse encantada com o tilintar de suas pulseiras de cristal.

– Aqui? – Eu troco um olhar com Gabriel, que já tinha abaixado as cartas e estava ouvindo atentamente.

– Não. Não aqui, claro. Eu não vim aqui até mais tarde. Muito mais tarde. Depois que meu Roberto morreu. – Sua boca suaviza.

– E tio Chester e tia Rennie, – eu digo lentamente.

– Minha casa, – diz tia Beatrice grandiosamente.

– Era a minha casa, então. Ainda é, – ela acrescenta com um tremor em sua voz, e eu estou com medo de que a melancolia tome posse. Mas então ela lança um sorriso radiante para nós e diz, Cidade de Nova York. Era linda. E eu era tão jovem. Tão forte, – ela sussurra. Ela prende suas finas mãos de garras de ave e as olha.

– Um movimento e eu poderia congelar você. Mas não você, querida. Eu não poderia. Você, sim, – ela diz, balançando a cabeça para Gabriel. As sobrancelhas de Gabriel se levantam e ele aponta um dedo em direção ao seu peito, como se estivesse perguntando, Eu? – Bem, isso é bobagem, tia Beatrice, – Silda estala, então me diz, – Ela está divagando. Ela acha que você é outra pessoa.

– Eu conheço ela,– Tia Beatrice insiste.

– Eu sei quem ela é. Por que você fez isso, Tamsin? – Ela me pergunta baixinho, e sua voz está cheia de tanta tristeza que eu engulo, abanando a cabeça.

– Sinto muito, – eu sussurro, e Silda arrasta sua cadeira e levanta.

– Isso é o suficiente, agora, – ela diz bruscamente, mas suas mãos são delicadas quando ela puxa tia Beatriz da cadeira.

– Vamos para a cama. Jerom? Uma ajudinha aqui? – Jerom joga sua mão para baixo, dando a Gabriel uma olhada.

– Da próxima vez você não vai ter tanta 'sorte', – ele diz antes de se mover em torno do outro lado de tia de Beatrice.

– Que seja, – Gabriel responde alegremente quando ele começa a empilhar as cartas novamente em um belo monte.

– Estou bem, – Tia Beatrice diz, golpeando Jerom, mas ele se curva, levantando-a em seus braços, e se move em direção a porta com Silda se arrastando atrás deles. Por um instante, Silda olha para mim.

– Tam, não leve tudo o que ela disse a sério, ok? Ela é. . . bem, você sabe como ela é. – E com um encolher de ombros, ela fecha a porta atrás deles. É só depois que eu noto o quão frio está o aposento. A chuva de mais cedo parece ter vazado pelas paredes e

deixado um ar úmido, bolorento para trás. Tremendo, me movo em direção à chaminé, colocando a madeira da cesta na lareira, e polvilhando uma feira montante de faíscas sobre ela antes de acender um fósforo de cone longo. A chama fumega e assobia antes de lamber a madeira e começar a crescer. Sento-me para trás em meus calcanhares quando uma cadeira acomoda-se atrás de mim e depois Gabriel se aconchega ao meu lado. Ele ainda está segurando o baralho de cartas, virado para cima, desta vez, e ele automaticamente o embaralha sem parar. A pressão das cartas é marcada pelo escorregar das toras quando elas se estabelecem mais profundamente dentro do fogo. Meia-luz brinca através das mãos de Gabriel, suavizando as características planas do valete de espadas, o rei de copas, a rainha de ouros, quando elas giram em uma confusão sem fim diante de meus olhos.

– Você sabia? – Eu sussurro.

– Que eu tinha um Talento?

– Como eu poderia saber? – Diz Gabriel.

– Você não conhecia a si mesma até hoje.

– Meus pais sabiam, – eu digo sombriamente.

– E minha avó. E Rowena! Este tempo todo. Mas de alguma forma eles - oh, e eles me disseram que eu poderia pegar os talentos de outras pessoas. Se eles tentassem usá-los contra mim algumas vezes.

– Quantas vezes?

– Eu não sei.

– Tam,– diz Gabriel lentamente.

– Aquele homem em 1899. Ele não tentou jogar fogo em você três vezes? Você acha...

Nós olhamos um para o outro. Eu entro em uma respiração irregular, examino minhas palmas das mãos. Elas ainda pareciam comuns para mim. Lentamente, eu levanto uma mão e a aponto para a lareira. Uma rajada de chamas sangue brilha sob a minha pele e, em seguida, uma esfera de brotos de chama se lançam da minha palma, explodindo com um baque macio na lareira. O fogo atual que eu construí há poucos minutos atrás aumenta em resposta antes de morrer de volta para a sua luz fraca. Tremendo, eu olho para minha mão. A pele está contínua e fria ao toque, mas a minha mão inteira está tocando como um sino que foi atingido.

– É por isso que nos disseram...– Gabriel diz baixinho, sua voz se esvaindo. Viro minha cabeça em direção a ele.

– Disse a vocês? Disse a vocês o quê? – Ele encontra meus olhos diretamente e isso me conforta. Mas suas próximas palavras me deixam gelada.

– Pouco antes de eu partir, eu me lembro de sua mãe reunindo um grupo de nós - crianças, principalmente - e dizendo que você. . . provavelmente não iria ter um Talento. Assim, devíamos ser mais cautelosos ao usar nossos Talentos na sua frente. E que nós nunca, jamais deveríamos usar um talento contra você. Eu não acho que alguém prestaria atenção para isso. Mas, então, sua avó entrou e nos deu aquele olhar. Você sabe aquele olhar? E foi como se Rowena tomasse isso como sua missão pessoal, para se certificar de

que todos seguíssemos essa lei.

– Eu aposto– Fogo jorra da minha mão de novo, bate na lareira. Uma rachadura cresce no ataque repentino e uma chuva de faíscas voa pela chaminé. Eu quero queimar algo mais, mas me seguro.

– Mas por que fariam isso?– Gabriel folheia o baralho de cartas.

– Talvez eles estivessem com medo de você se tornar muito...muito poderosa. – Eu pisco, pisco novamente, mas não rápido o suficiente para parar o vazamento de lágrimas dos meus olhos.

– Hey, – Gabriel diz suavemente. Ele coloca seus dedos longos embaixo do meu queixo e vira meu rosto até que estejamos a centímetros de distância.

– Por que você não me contou isso antes?– Eu praguejo com seus dedos no meu rosto.

– Quero dizer, você não iria querer saber? Se fosse você?

– Sim – Ele olha para o maço de cartas, em seguida, a coloca de lado.

– Eu provavelmente teria lhe dito. Se eu tivesse ficado. Ou se tivéssemos ficado amigos antes. Sinto muito, Tam, – ele sussurra. Ele estende a mão e espuma um dedo sobre a minha maçã do rosto, enxugando minhas lágrimas. Sua mão desliza para baixo para traçar o esboço de minha boca e ele se inclina para a frente. Eu fecho meus olhos.

– Que diabos? – Gabriel exclama. Abrindo os olhos, vejo-o saltar. Me viro. Um tremular de moscas brancas passa diante da janela, em seguida, colidem contra o vidro com uma conversão gentil. Eu tropeço para os meus pés, para jogar a cortina para cima, e me inclinar para fora. O vento está soprando rajadas fortes e agora, algo longo e atado bate em meu rosto. Recuo, e olho para cima. Uma corda de lençóis torcidos está pendurada na janela do andar de cima. – Merda, – eu digo, e Gabriel me cotovela para fora do caminho, pegando a corda. Nos olhamos.

– Rowena, – eu grito.

– Minha mãe, – ele diz ao mesmo tempo. Nós viramos e olhamos para fora da janela novamente. A lua crescente derrama luz suficiente para vermos que a longa rodovia está vazia, exceto por buracos, pedregulhos e sombras sombrias. Ela se foi.

Dezoito

– NÃO – minha mãe diz, pela terceira vez, o rosto muito branco sob o brilho das luzes da cozinha.

– Você não vai chegar perto deste homem. Nunca mais.

– Mas ele quer –

– Eu não me importo com o que ele quer, Tamsin. Ele é extremamente perigoso. Extremamente perigoso, – repetiu minha mãe, como se para ter certeza que eu realmente a ouvi.

Ela tinha um pano de prato com impressões alegres de rosas e tulipas amassadas debaixo de suas mãos, em seguida, torceu-o, pendurando-o em um cabide de madeira perto do fogão.

– Seu pai e eu vamos lidar com ele.

– O que você vai fazer? – eu pergunto.

– Vamos conversar com ele. – Eu bufei.

– Sim, isso vai funcionar.

– Eu sinto muito, Camilla, – diz a tia Lídia, pela terceira vez de sua cadeira na mesa da cozinha. Uma caneca de chá estava diante dela, mas eu não acho que ela tomou um gole sequer. Seus olhos estão vermelhos e com inchados aros. – Não é sua culpa,– minha mãe responde automaticamente, também pela terceira vez, com os olhos inquietos pulando sobre as paredes da cozinha.

– Isso não poderia ser evitado. – Aparentemente, Rowena acordou uma hora atrás, fingiu dormir até a cabeça de Lídia ser transformada, e então começar a constrangê-la. Ela convenceu Lydia a se manter em silêncio e imóvel, exceto quando precisou de sua ajuda para amarrar os lençóis.

– Eu não podia fazer nada, mas assistir quando amarrei os lençóis juntos. E o tempo todo eu pensei que era a coisa mais natural do mundo para fazer o que ela disse. Qualquer coisa que ela dissesse. Eu gostaria de ter saltado para fora da janela me se ela me pedisse para – Lídia estendeu as mãos na frente dela como se silenciosamente lhes perguntando como ela poderia te-los traído.

– Eu não sabia que ela poderia ser assim. . . poderosa – Sua voz quebra um pouco, e Gabriel, que está sentado ao lado de sua mãe, cutuca a xícara de chá mais perto dela.

– Ela é, – minha mãe disse severamente.

– É por isso que você precisa da minha ajuda! – Eu insisto, empurrando minha cadeira. Suas pernas empurrando em todo o assoalho de telha, e minha mãe fecha os olhos brevemente.

– Não.

– Sério, tia Camilla – diz Gabriel.

– Tamsin pode realmente parar –

– Eu não quero ela perto desse homem!

– O que aconteceu? – Pergunto finalmente.

– Do que você tem medo? O que Ro disse que ela leu? – Minha mãe sacode a cabeça.

– Não está suficiente claro. Mas tudo que eu sei é que de alguma forma com essa . . . criatura . . . você – E então ela faz esse tipo de ruído estrangulado. Depois de um minuto percebo que minha mãe está tentando não chorar.

– Eu morro? – Eu digo francamente, e Gabriel levanta a cabeça, olhando primeiro para minha mãe e depois para mim. Ela faz um movimento forte, com a cabeça que poderia ser um aceno de cabeça.

– Bem – eu digo, porque eu não sei exatamente o que devo fazer quando te dizem tais notícias boas.

– Mas você disse que nada é escrito em pedra, certo?

– Sim, – minha mãe diz que em uma expiração.

– Sim, é isso mesmo. O futuro está escrito na água, – ela diz com firmeza, como se estivesse lembrando-se de uma importante verdade.

– É por isso que você estará ficando longe, longe, muito longe daquele homem. Está claro?

Tio Morris materializa-se na cozinha e nós todos damos um salto, com exceção de minha mãe, que parece ter recuperado a compostura. Ela rapidamente está em pé e enfia o cabelo atrás das orelhas, um movimento inútil já que espalham de novo em todo o seu glorioso formato enrolado.

– Espere aqui por mim, – ela diz.

– Aconteça o que acontecer. . . se eu não voltar. . . Eu quero que você queime o livro.

– O quê?

– Se nós não voltarmos–

– Você estará voltando!

– Queime se não o fazemos. Eu prefiro queimar a cair nas mãos erradas.

– Rowena o leu?

– Não desde . . . não desde aquela época que eu parei ela. Então eu não sei o quanto ela sabe. Há algumas coisas que ela não sabe. Pelo menos,– acrescenta a minha mãe, quase falando para si mesma.

– Mas ela lhe terá dito a seu respeito. Ele sabe. . . que você pode fazer,– Então ela aperta os lábios na minha testa e se desloca fora da existência. Correndo para a janela, apenas a tempo de vê-la materializar na calçada ao lado da nossa perua marrom que raramente sai do celeiro. Meu pai já está na roda e ele levanta a mão através da janela do lado do motorista, acenando na direção geral da casa, como se soubesse que estamos assistindo todos os pontos de vista diferentes.

Eu pressiono minha mão contra a janela, meus dedos ficando na fina rachadura no vidro que está lá há anos. Engulo a vontade de chamar por eles, sabendo que não vão ouvir mesmo. Meu pai move o carro em uma volta de três pontos, os pneus mergulham em buracos aqui e ali, e então a perua engasga[32] para longe, a sua lanterna vermelha piscando no escuro.

– E agora? – Diz Gabriel, deitado na minha cama, me olhando fumar outro cigarro até o filtro.

Eu jogo o resto por meio de um buraco na tela, imaginando tarde demais a cara do meu pai horrorizado se pudesse vê-lo pousar em sua cama de preciosas flores abaixo. Então eu me pergunto se eu nunca mais vou vê-lo novamente, horrorizado ou não. Este é o tipo de pensamento que me levou a fumar pela última meia hora.

– Eu não sei,– eu digo, começando a andar. Andar e fumando junto me deixa tonta, então eu estou tentando fazer um de cada vez.

– Quanto tempo elas foram embora?

– Desde a última vez que me perguntou? Duas horas e seis minutos agora – Ele toma um gole do copo de água que está segurando e as cordas de sua garganta treme brevemente.

– Então deixe-me ver se entendi. – Gabriel tem dito isso muito desde a noite que eu disse a ele tudo que aprendi na biblioteca com os meus pais.

– Supostamente, estraguei tudo, viajando de volta a 1899 para obter o relógio.

[32] significado - mover fazendo maçante sons explosivos.

– Talvez não em tudo, mas o suficiente. Eu acho que o suficiente do poder vazou para Alistair permitindo-o usar o que precisava em Rowena. – Uma pequena gota de chamas rodopia nos meus dedos. A ponta do meu lençol começa a queimar.

– Merda,– Gabriel diz e deposita o restante de sua água sobre as chamas. Com o silvo da água o fogo se extingue, mas o cheiro de tecido queimado enche o ar.

– Pyro, você pode parar de fazer isso? Por favor?

– Desculpe. Mas não é como se eu tivesse tido nove anos para aprender a controlar isso. – Gabriel não comentou sobre isso. Em vez disso, ele colocou o copo vazio de volta no meu armário, então pergunta, – Então por que nós não podemos Viajar de volta no tempo logo antes disso e não ir para o relógio?– Eu balancei minha cabeça, mas manti a estimulação.

– Porque muito do pouco que eles me explicaram sobre a viagem, cada vez que fazemos isso, nós desfazemos algum tipo de segmento em todo o. . . louco padrão.

O que seja que isso signifique. E mais, não podemos voltar a um tempo, quando poderíamos nos encontrar novamente. Parece que não é possível voltar a uma época em que já existimos - a teoria de que a matéria não é criada nem destruída, mas apenas mudada. Portanto, não podemos acrescentar-nos por ter uma dupla de nós. Aparentemente, isso seria muito, muito ruim.

– Eu não sei – Gabriel diz contemplativa.

– Dois de você? Isso seria uma espécie de perversão.

– Por favor!– eu paro a minha caminhada, o encaro.

– Isso é tudo que você pode pensar em um momento como este?– Gabriel se enrola em um cotovelo e sorri para mim.

– Eu sou um cara. É o que eu penso o tempo todo. Mas, uh. . . alguns pensamentos que eu deveria apenas guardar para mim, certo?

– Sim!– Eu retomei o ritmo e Gabriel continua em silêncio, pensando o que seja que está pensando até que diz, – Mas e quanto a tia Beatrice? Quero dizer, claramente você viajou lá. Nós fizemos, já que ela aparentemente me conhece, também. Por que não fazemos isso?

– Eu estive pensando sobre isso, – eu digo lentamente.

– Porque ela era uma Keeper. Ela deve ter sido, Gabriel. – De repente, eu me sento na cama.

– E nós tentamos levar o relógio dela?

– Eu não acho que é relógio mais, – eu devaneio.

– Isso muda toda vez que a Keeper muda. Isso é o que meus pais me disseram. E ninguém fica sabendo a identidade do detentor. Isso é o que faz com que seja seguro.

Portanto, temos de ter tentado levá-la a partir dela. – Gabriel flexiona a mão dele com tristeza.

– Nós tentamos isso de novo? Por que somos tão estúpidos?

– Temos de ter pensado que era uma boa idéia na época. Eu não sei o que nos fez

pensar isso.

– Ou o que nos fez pensar isso,– Gabriel diz baixinho depois de um momento.

– Quem sabe. Talvez não agora. De acordo com a minha mãe, o futuro está escrito na água.

– Eu duvido, –Gabriel exclama.

– Não é sobre o futuro ser escrito na água. Todo mundo sabe isso.

– Eu não–

– Tamsin. . . você não é tão ignorante. Quero dizer, você deve ter freqüentado alguns rituais por aqui. O suficiente para saber os elementos correspondentes. – Aceno a minha mão como se para golpear, afastado suas palavras.

– Tudo bem, mas–

– Enfim, eu queria dizer que eu duvido que nós não vamos fazê-lo ainda. Porque ela já se lembra dele.

– Ahh! Isso está fazendo minha cabeça girar,– eu digo, caindo contra a cabeceira. Eu sigo a escultura na cabeceira da cama que eu fiz quando eu tinha dez anos. Rowena é uma merda.

Grunhi as palavras desafiadoramente. De repente, eu achei que poderia começar a chorar.

– Vamos lá – diz Gabriel, de pé e estendendo a mão.

– Vamos dar um passeio. Você pode fumar um cigarro ao ar livre, pelo menos. – Deixei que ele me puxasse pelo os meus pés. E então meu celular cantarolou na minha mesa de cabeceira, como uma abelha na vegetação. Eu arrebei-o para cima e suspirar.

– É só Agatha.– pressionei o botão de conversa, então manti o telefone longe da minha cabeça. Ruído derramava, alto vozes estridentes e um baixo pesado. Gabriel flexionou a mão novamente, começa a mover os dedos em que eu só posso supor eram acordes de ar. Caras são tão estranhos às vezes.

– Olá? Agatha? Eu mal posso ouvir você ,– mensagem de volta foi um pequeno zumbido no meu ouvido.

– Tam? Está melhor?

– Sim, um pouco. – Eu rolei os olhos para Gabriel, que enfiou as mãos nos bolsos e começou a examinar os itens espalhados no meu armário.

– Tam, eu estou na Taberna Cabeça do Leão. Você sabe, aquele em na rua Mercer? Aquele que nunca vamos?

– Uh-huh. Deixe-me adivinhar - que conheceu um cara? – Bem, pelo menos a noite de alguém está indo bem? E se ela me ligou para dizer sobre isso, então ela provavelmente não tem qualquer tipo de estranheza residual da nossa conversa anterior.

– Não. Foi muito engraçado. – A voz Agatha estava subindo e descendo.

– Você está bêbada?– Ela ri um pouco, seu riso – dois agudos de alta-frequência e um gorgolejo. Eu tenho que sorrir apenas ouvindo-o.

– Um pouco. Você pode dizer? – Então ela corre sem esperar pela minha resposta.

– Enfim, eu não ia sair hoje à noite e em seguida, isso foi tão engraçado. Sua irmã, chamada me ligou e eu respondi, e ela me disse que estava na cidade e perguntou se eu gostaria de acompanhá-la para um drinque.– De repente, parecia como se não houvesse ar suficiente no quarto.

– Não! – Eu suspirei, e Gabriel se virou, dando-me o olhar o que há.

– Ela é tão agradável, Tam. Eu sei que vocês nem sempre se dão bem, mas ela é muito, muito doce. Quero dizer, num primeiro momento eu me senti um pouco estranha e era como, 'eu tenho todo aqueles trabalhos para fazer, mas então ela foi, assim, tão doce e ela só...

– Convenceu você?– Eu forneci severamente.

– Yeah! Enfim, eu só decidi ir só para ficar um pouco e depois fomos conversando e –

– O que você bebeu? O que você bebeu, Agatha? – Agatha sorri novamente.

– Cerveja. E sua irmã comprou todas as rodadas. Eu bebia, como, três cervejas e ela não me deixou pagar nada. Ela correu e pegou a cada vez, também. Era tão doce da parte dela.

– Oh, Agatha.– quebrei minha voz. Gabriel atravessa a sala, diz em voz baixa: – O que está acontecendo? – Eu balancei minha cabeça, estava muito dormente. Há uma explosão de estática na linha e depois a voz de Agatha retorna.

– Realmente doce e –

– É Rowena está ai agora?– Eu interrompo. Há uma pausa em que eu ouvi alguém gritar algo incompreensível e, em seguida, a música pareceu crescer ainda mais alto.

– Hum. . . não. Ela foi ao banheiro, eu acho. Eu não sei. Isso foi há um tempo atrás.– confusão em sua voz suave.

– Eu cortei meu braço,– ela diz em um rumo totalmente diferente.

– Isso é ruim? Talvez você deva ir para o hospital?

– Não, está tudo bem – ela diz.

– Eu precisava cortar meu braço - eu me lembro agora. Sua irmã – a voz de Agatha estava entrando e saindo do meu cérebro enquanto ela balbucia e falava sobre como minha irmã ajudou-a a cortar seu braço no banheiro e como o sangue tinha deslizado através da sua pele para este pequeno frasco que Rowena tinha.

Eu fecho meus olhos, tentando em vão afastar a imagem de Agatha com o rosto vermelho e, provavelmente, ainda rindo, inclinando-se contra a minha irmã ou contra alguma parede de banheiro, enquanto Rowena extraía seu sangue gota a gota, como arrancar as penas de uma galinha .

– Agatha – eu deixei escapar: – você deve ir para casa agora. E trancar a porta, ok? – Mas ela não pareceu ouvir minhas últimas palavras.

– Espere. . . merda, eu realmente estou meia bêbada. Ela disse para lhe dizer que ele está esperando por você. Quem é – ele – ? Seu namorado? – ela ri e pergunta de novo.

– Vá para casa, Agora, sério. Eu estarei lá em breve, ok?

– Ok, Tam. Você é a melhor. E hey, talvez todos nós pudessemos almoçar amanhã.Você, eu e Rowena.

– Sim – eu digo brilhantemente.

– Isso seria demais. – Felizmente, Agatha está muito longe de registrar o sarcasmo. Ela diz outra coisa e então a linha cai.

– Deixe-me adivinhar – diz Gabriel.

– Mais notícias ruins?

Dezenove

UMA LUZ ESTÁ BRILHANDO de uma pequena janela enquanto Gabriel encosta o carro no meio-fio, se espremendo entre um caminhão estacionado em uma região de proibido estacionar e uma grande lixeira.

– Como estamos planejando entrar, exatamente? – Gabriel pergunta enquanto uma mulher vestida com trapos e sacos de lixo passa, pelo lado do passageiro, empurrando um carrinho de supermercado sobrecarregado. Um saco plástico vai farfalhando rua abaixo e a mulher para, olhando para ele desesperadamente como se estivesse observando uma de suas amadas crianças partir para sempre. Então ela segue devagar, balançando a cabeça no ritmo do rangido de uma roda do carrinho quebrada.

– Não estamos.

– Uma vigilância? – Gabriel diz, movendo os dedos friamente pelo volante.

– Não. – Eu respiro fundo, viro um pouco em meu assento para olhar pra ele.

– Eu vou entrar. Você tem que esperar aqui.

– Não. De jeito nenhum, – ele diz, e a voz dele é tão calma e enfática que eu pisco. Eu estava preparada para gritos. – Por favor, Gabriel, é o único–

– Não, Tam. – Ele se vira no assento, o joelho juntando com o meu.

– Você escutou sua mãe. Eu não devia ter nos trazido de volta aqui essa noite, mas... não... você não vai encará-lo sozinha. E se você morrer? – As palavras eram simples e decididas e tem esse tipo de efeito de parar coração, que eu tento ao máximo ignorar.

– Eu não vou morrer.

– Oh, verdade? Da última vez que eu chequei, apesar de todos os seus outros talentos, você não pode ler o futuro. Ou eu estava mal informado?

– Cala a boca. Não, você não estava. Mas pense sobre isso. Não, me escuta,– eu disse, pressionando meus dedos sobre a boca aberta dele. Depois de um segundo ele se afastou da minha mão, mas permaneceu quieto.

– Ele me quer viva. Ele quer que eu encontre aquela... coisa pra ele. O relógio que não é mais o relógio. O Domani. Ele precisa daquilo, por algum motivo.

– Para então ele poder ter o poder de sua família de volta, – Gabriel ofereceu em uma voz monótona, como se ele achasse que estou sendo idiota.

– Por que você vai ajudá-lo, eu não estou bem certo–

– Eu não vou ajudá-lo, – eu digo, agora frustrada porque, eu não entendo por quê ele não está entendendo imediatamente meu plano pensado de última hora, que tem mais

buracos do que uma fatia de queijo suíço. Eu olho para fora do pára-brisa. Uma pequena sombra, quase oculta pelos paralelepípedos, passa rápido pela rua e desaparece dentro do esgoto.

– Ok, então qual é o seu plano?–

– Eu vou entrar lá e vou falar com ele.

– Você vai falar com ele? É isso? É esse seu grande plano?– Minhas mãos vão para meu medalhão e pressiono o minúsculo fecho. Ele se abre com um toque suave. Eu o fecho, abro, fecho novamente. Estou um pouco cautelosa demais tanto que fiz a mesma pergunta pra minha mãe, mais cedo, nessa tarde, pouco antes de ela sair. E que ela ainda não voltou, até onde sei – O som do motor do carro ligando quebra meus devaneios.

– O que você está fazendo? – Gabriel liga a seta.

– Pare, – eu digo, fechando minha mão sobre seu pulso.

– Você pode me impedir de usar meu Talento. Mas eu tenho certeza de que você não pode me impedir de levar seu traseiro de volta pra casa.

– Gabriel! Espera só um minuto, por favor? – Ele deixa a seta ligada mas, porém, deixa o carro parado no meio-fio. Um tic-tac suave, que faz lembrar o som de um relógio, enche o interior do carro.

– Ele é... perigoso.

– Mais uma razão pra você não entrar lá sozinha e –

– Ele parece estar visando todos em minha vida. Primeiro Rowena, agora Agatha. Eu não posso deixar você ser a terceira perda. – Gabriel bufa.

– Tenho certeza de que posso pegá-lo. – Eu soco o ombro dele, provavelmente mais forte do que deveria.

– Você poderia não ser tão macho sobre isso? Você não pode 'pegá-lo' porque ele não é... normal, exatamente. Ele é mau. Entre todas as pessoas, eu não deveria ter que explicar isso justo pra você. – Eu respiro fundo.

– Por favor. Eu não quero que ele saiba que você é... importante pra mim. Ele não pode saber disso. – O motor resmunga e dá um solavanco abaixo de nós e eu encaro a luz verde do pisca-pisca brilhando no painel do carro. Então, sem aviso, Gabriel me vira, segura minha nuca com uma mão e me puxa para ele. Ele me beija com força, de forma breve, na boca.

– Dez minutos, – ele diz, e sua voz está rouca.

– Você tem dez minutos e então vou atrás de você. E eu vou te levar pelo menos até o saguão. – Chegando a um impasse diante das enormes portas escuras, eu olho pelo vidro manchado. Um segurança está tombado sobre a mesa da frente, sua cabeça se apoiando em seus braços cruzados.

– Ela está lá, certo? – Eu perguntei pela quinta vez, e para seu crédito, Gabriel não comentou isso.

– Ela não saiu, – ele disse baixinho. Como se suas palavras a invocassem, Rowena veio pulando a vista. Ela está sozinha. Eu bato no vidro e ela sorri, acena para mim como se nós estivéssemos jogando. Ela cruza o chão e se inclina sobre o segurança, seus lábios se curvando perto do ouvido dele. Ele vira a cabeça em seu sono, e apesar de seus olhos nunca abrirem, ele apalpa o cinto, levanta um anel de chaves brilhante, seleciona uma e a entrega para ela. Minha irmã sorri novamente e diz mais alguma coisa pra ele, nesse ponto ele enterra a cabeça nos braços e parece desmaiar novamente. Ela se aproxima brilhantemente em nossa direção, destranca as portas pesadas e abre.

– Você conseguiu, – ela diz, como se ela fosse a anfitriã de alguma festa espetacular.

– Alistair vai ficar tão contente em te ver. Embora, não você, – Rowena acrescenta com um franzir de sobrancelhas que ainda é de alguma forma charmoso.

– Ele disse somente ela, – ela diz em tom de adulação, apontando um dedo pra mim.

– Pare, – eu digo brevemente.

– Ele não vai comigo, então não perca seu tempo.

– Bom! – Rowena bufa em uma voz inteiramente diferente. Eu me inclino mais para perto e examino minha irmã. Apesar de seu espírito relativamente bom, ela parece ainda mais pálida do que antes e o branco de seus olhos ganharam um tom amarelado. Ela ainda está usando o vestido preto, só que agora ele está ostentando uma longa linha enlameada na parte de baixo do lado direito e um pedaço irregular da bainha está faltando.

– Você parece uma merda, Ro, – eu digo casualmente.

– E isso é dizer muito.

– Estou apaixonada, – ela responde arrogantemente, os dedos voando para as bochechas.

– E o James? – Se ele tem sorte, ele ainda está em coma com esse pesadelo, enfiado em algum lugar em um dos muitos quartos da casa. Eu olho ao redor do vestíbulo do Lerner Hall.

Uma lâmpada fluorescente está zumbindo monotamente sobre a cabeça do segurança adormecido. Fora isso o edifício está escuro e quieto. Então algo nela parece enrijecer e ela começa a dar piruetas, se afastando em passos sacudidos como um balão sendo puxado em uma corda.

– Ele está esperando, – é tudo que ela diz. Eu coloco a mão no braço de Gabriel – ele parece distintamente infeliz.

– Dez minutos, – ele me lembra nitidamente, e eu concordo.

– Dez minutos, – eu repito, e por um segundo me pergunto se ele vai me beijar de novo. Ou se eu deveria beijá-lo. Mas ele não o faz e nem eu. Ao invés disso, eu sigo minha irmã, com a minha nuca se arrepiando. Parece que faz anos desde que eu andei por esse corredor, durante a primeira semana da escola, tão determinada a mostrar para minha família que eu não era inútil afinal de contas, tão esperançosa de que eu encontraria o que quer que Alistair queria. Ou o que ele disse que queria. Rápido demais

nós nos aproximamos do escritório dele. Minha irmã ergue um nó branco de um punho e dá a porta mais um carinho do que uma batida.

Eu reviro meus olhos – apenas para meu próprio benefício, eu sei, mas ser falsa me dá algo parecido com coragem. O que eu preciso mais do que nunca. A porta se abre sob a mão de Rowena e nós entramos na sala. Alistair está sentado atrás de sua mesa. Em contraste com minha irmã, a pele dele brilhava de saúde e seus óculos reluziam como se tivessem acabado de ser polidos. Uma simples bandeja de bronze com dois copos de cristal e um decantador de cristal entalhado de algum líquido escuro marrom avermelhado aguarda na proximidade de um cotovelo de um terno preto. Meus olhos passam pela bandeja rapidamente, observam as paredes, então retornam para o rosto dele, que mantém uma expressão de paciência educada.

– Tamsin, – ele diz calmamente, e eu tento não dar visivelmente os ombros para a quieta exultação em sua voz. Lembrei novamente da última vez em que estive aqui e como ele fez bem o papel de professor ansioso.

– Dr. Callum, – eu respondo, minha voz calma.

– Ou eu deveria dizer Dr. Knight? – Ele mostra os dentes em uma risada silenciosa. Então ele se vira para minha irmã, que estava pairando amavelmente do lado dele e diz, – Espere lá fora,– sua voz baixa e sem expressão. O rosto dela fica frouxo como se todos os seus traços estivessem escorregando da pele. Mas ela não protesta, apenas passa a mão pelo braço de Alistair, tocando os dedos dele suavemente com os seus antes de ir em direção a porta. Alistair não nota nem seu gesto de despedida nem sua saída.

– Senta? – ele pergunta.

– Não, obrigada, – eu digo o mais rapidamente possível.

– E também não me ofereça mais chá ou o que quer que isso seja para beber, – eu digo, apontando para o decantador.

– Eu não estou com espírito para sua hospitalidade. – Eu não sou boa em esportes, mas eu imagino que um bom ataque é a melhor defesa.

– Isso? – Alistair diz com uma pequena risada, apontando na direção do decantador.

– Eu duvido muito que você iria querer beber isso. Você é muito... ética. Mas então, esse sempre foi o problema com sua família. – Ele cruza as mãos sobre a mesa e olha pra mim.

– Sério, você sabe o quanto sua família é tola... e tem sido durante anos? Você sabe o quão pequeno eles fizeram suas vidas e seus Talentos? Que desperdício. Um puro desperdício.

– Onde estão meus pais?– eu perguntei por entre lábios dormentes. Não que eu esperasse que ele realmente me dissesse a verdade, mas pelo menos talvez eu possa dizer se ele está mentindo. Mas ele acena com a mão com desprezo e diz,– Eu não estava interessado no que eles tinham a oferecer.

Eu não posso imaginar o que aquilo teria sido, mas eu não vou dar a ele a satisfação de perguntar. Ele se inclina sobre a mesa, me olhando fixamente com seus olhos gelados, e eu sou lembrada de um grande guindaste preto.

– Eu estou interessado no que você pode fazer por mim.

– E o que é?– Alistair sorri.

– Você pode me trazer o que eu quero.

– Eu acho que já fiz isso. Eu te trouxe o relógio, – eu digo, – e agora minha obrigação está feita. – Ele toca a borda de um copo de cristal suavemente. Um som oco preenche o espaço entre nós.

– Talvez você possa ser persuadida a tentar de novo.

– E se eu não for? – Linhas afiadas estampam a testa dele.

– Não? – ele repete suavemente. Então ele ergue a voz somente um pouco e diz, – Rowena, entre por favor.

A porta se abre de uma vez e minha irmã desliza de volta para dentro da sala. Eu me pergunto se ela estava com o ouvido colado na madeira o tempo todo. E então eu me pergunto se ela ao menos entende o que ouviu. Ela passa por mim e vai para o lado dele, eu não posso evitar notas a expressão alegre no rosto dela.

– Eu preciso da sua ajuda, – Alistair diz para ela com uma terrível gentileza, então ele abre a gaveta da mesa e vasculha por alguns segundos antes de oferecer a minha irmã uma faca com o cabo de osso.

– Não! – eu digo, mas nenhum deles se quer olha pra mim. Ao invés disso Rowena estica o braço, o lado de baixo branco para cima e sem nem uma fração de hesitação ela enfia a curva da lâmina em sua pele, como se estivesse fatiando um pedaço de carne.

– Pare! – Eu grito e pulo pra frente, arrancando a lâmina dos dedos da minha irmã. Minha mão aperta o cabo macio e por um paralisante segundo eu olho dentro dos olhos de Alistair e me vejo enfiando a faca direto no coração dele.

– Faça isso e você não vai gostar do que acontecerá com sua irmã, – ele sibila. De repente, eu me lembro do aviso de minha mãe sobre o efeito espelho do feitiço em Rowena e eu jogo a faca no canto da sala, onde ela desliza pelo chão e para. Me virando para Rowena, eu quase vomito quando vejo que ela está apertando o braço calmamente, olhando o sangue engrossar e pingar das marcas recentes em sua pele em uma pequena xícara de porcelana que Alistair tão cuidadosamente providenciou.

– Ro, – Eu sussurro, e com minha camisa eu tento estancar o sangramento. – Não, Tamsin, – ela diz gentilmente, muito mais gentil do que a verdadeira Rowena seria se eu me metesse em seu caminho.

– Eu preciso dar isso pra ele, – ela explica seriamente.

– É pra ele poder viver.

– Obrigado minha querida. Isso será o suficiente por enquanto, – Alistair diz e alcança a xícara. Eu bato com a mão e derrubo a xícara, a fazendo voar para a parede atrás de mim. A xícara bate diretamente em uma gravura emoldurada de uma cena de caçada medieval e se quebra. Seu conteúdo pinga na foto em uma mancha vermelha

viscosa. Estou encantada em ver que eu também consegui quebrar o vidro da moldura. Eu me viro para Alistair, com um sorriso agradável.

– Oops. Parece que eu estou sempre quebrando xícaras em seu escritório. – Os lábios de Alistair se apertam em uma linha fina como agulha, mas é minha irmã quem fala primeiro.

– Tamsin, – Rowena grita. – Por que você fez isso? – Ela se agacha no canto da sala e começa a recolher os pedaços destruídos de porcelana, seus dedos instantaneamente se mancham de carmim.

– Deixe, – Alistair diz, e sua voz é quase tão afiada quanto a faca que parece cortar tão profundamente, porque minha irmã olha pra cima, a expressão de desânimo no rosto dela é quase demais pra suportar.

– Você deve ir, – ele diz, ainda naquele tom frio, e minha irmã curva a cabeça, se levanta, ainda segurando os pedaços da xícara com ternura, sai de fininho.

– Você e eu somos mais parecidos do que você pensa, – Alistair diz finalmente, sua voz séria, seus olhos sombriamente fixos nos meus. Eu pigarreio. Não posso evitar.

– Eu não vejo isso de forma alguma, – eu digo, chutando para o lado um caco de porcelana. Ele bate no pé da mesa.

– Além do fato de que nós dois mentimos sobre nossos nomes, – eu acrescento. Mas ele ignora isso.

– Nós dois faríamos qualquer coisa por nossas famílias, – eu ergo o olhar, o encaro, então abro a boca. Sem palavras. Não tenho palavras pra negar isso.

– E a nós dois foi negado algo que é nosso por natureza. Por obra da sua família.

– Isso não é verdade,– eu digo instantaneamente. Uma sobrancelha se ergue.

– Não é? A sua família não escondeu a verdade sobre seus Talentos de você?– Ele se inclina sobre a mesa, os olhos me prendendo a parede.

– Todos esses anos?– Eu me forço a dizer,

– Eles tiveram suas razões.

– Incrível. Que você defenderia as pessoas que lhe negaram o que é seu por direito de primogênita. – Ele balança a cabeça como se eu fosse particularmente um espécime difícil de classificar.

– Eu não tenho tal remorso.

– O que é isso? – Finalmente consigo dizer.

– A explicação de um louco antes de você me matar?

– Um louco? – E agora ele parece divertido.

– Oh, no, Tamsin. Não um louco. Eu faço objeção a isso. Não sou nada além de metódico. Tenho que ser. Quando tudo que você tem é um único nome para seguir em frente todos esses anos, você aprende a ser... preciso.– Há um zumbido nos meus ouvidos.

– Um nome? – Eu digo estupidamente, e então cai a ficha.

– O nome de Rowena. É por isso que você entrou na livraria naquela noite. Você estava procurando por Rowena. Por que? – Alistair sorri.

– Sim, Rowena Greene. É o nome que foi prometido como nossa salvação. Quando sua família assassinou a minha, nossa única esperança era um vislumbre do futuro, um vislumbre do livro que sua avó, sua família toda, atribui a si.

– E você viu o nome de Rowena? – Eu suspiro. Alistair dá de ombros.

– Claro que não vi. Isso foi há mais de cem anos atrás. Meu parente viu e esse é o nome que nos manteve por séculos. Nós sabíamos que ela era a chave.

– O que você quer dizer com minha família assassinou a sua? Nós não matamos ninguém!

– Você tem certeza sobre isso?

– Eram vocês quem estavam assassinando pessoas. É por isso que paramos vocês. É o que minha–

Eu engoli o resto das minhas palavras. É o que minha mãe me disse soa incrivelmente infantil aqui.

– É isso que você acha? Que nós estávamos assassinando pessoas e então a família Greene apareceu e salvou o dia? Mentiras, – ele diz de forma afiada.

– Sua família não se importava com nada, nada sobre quem nós pegávamos pra nós mesmos desde que não fosse um deles. Mas seja como for, – ele diz, sua voz aumentando o tom, – não se engane com a palavra assassino. – Eu o encarei, a forma como a boca dele se abre e se curva rangendo os dentes. – Você sabe o que é crescer sabendo que você devia ser outra coisa, algo tão diferente de toda imundice comum que você vê nas ruas ao seu redor, algo além dessa vida mortal comum? De andar por ai e saber que você deveria ter um Talento, saber disso no fundo do seu coração, e mesmo assim você não tem por causa de algo que aconteceu há mais de cem anos atrás?– Ele me encara, abrindo e fechando as mãos no mata-borrão de sua mesa. Então ele respira fundo e diz suavemente,

– Quando você priva alguém de seu Talento, do seu direito de ter um Talento, você mata parte dessa pessoa. Pelo que sua irmã me contou, eu acho que você deve ser capaz de entender isso. Pense, Tamsin. Pense em como sua vida poderia ter sido diferente. – Eu fecho os olhos, meu cérebro funcionando rápido e em confusão com cenas parecidas com um rio cheio com a chuva: Rowena e Gwyneth rindo, suas bocas abertas e vermelhas; Gabriel e suas cartas sem respostas; Silda se afastando gradualmente de mim; e os primeiros anos de escola, quando as pessoas olhavam pra mim como se eu fosse esquisita quando eu realmente não era diferente deles. E se tudo isso nunca tivesse acontecido? E se eu soubesse no meu oitavo aniversário exatamente o que eu podia fazer? Não há parte da minha vida que seria a mesma. Então abri os olhos. Alistair está me observando, satisfação espalhada por seu rosto longo. Nós nos encaramos por um

segundo antes de eu olhar na direção da porta, me perguntando se minha irmã ainda está sangrando.

– O que eu ganho em troca? Se eu te ajudar?

– A vida da sua irmã,– ele diz, se recostando em sua cadeira e passando o dedo na borda da taça de novo.

– Talvez.

– Talvez?– eu repito

– O que isso significa?

– Talvez dependa de você. Se você pode encontrar o que eu quero e me trazer logo, talvez não seja tão tarde para a adorável e jovial Agatha.– Minha boca parece estar cheia de algodão, mas eu forço as palavras. saírem.

– E Agatha, – digo, tentando manter o tom frio, e esconder o medo que está brotando, de dentro de mim para fora de minha voz. Seus olhos se voltam para a jarra novamente, e agora, há uma fome possessiva no rosto dele que quase me desviar o olhar.

– O que você quer com Agatha? Ela não tem um Talento– ela é... normal...

– Agatha é útil em me ajudar... me sustentar.

– Como Rowena é?– Eu pergunto. Ele inclina a cabeça pensativamente em uma terrível paródia de um professor considerando a pergunta de um aluno.

– De um jeito diferente.

– E o que vai acontecer a elas? Se eu trouxer pra você o que quer? Vai libertá-las?

– O que quer que sobre pra libertar, – ele acrescenta suavemente, e dessa vez eu não posso conter o tremor de passar por meu rosto.

– O tempo está se esgotando para elas, Tamsin. E quando o tempo se esgotar pra elas, tenha certeza de que há outros na lista. – Ele inclina a mão, olha o relógio explicitamente, e sorri pra mim.

– Eu acho que seu rapaz lá fora esteja talvez ficando um pouco ansioso.

– Quanto tempo eu tenho pra trazer o que você quer? E por que você não pode simplesmente pegar você mesmo se você é tão poderoso? – Um sinal de uma carranca passa por seu rosto e eu sinto que mesmo que eu não tenha realizado muito durante essa entrevista, pelo menos existe isso.

– Parece que alguém com seus Talentos especiais é exigido. – E no pouco silêncio que se segue, eu quase dou risada pelo triste fato de que uma vez eu quis tanto ser dotada de Talento e agora eu faria qualquer coisa pra não ser. Mas todo riso, histeria ou outra coisa desapareceu ao som de um relógio badalando a hora. Me virando, eu localizo a fonte do som: o relógio que uma vez foi o Domani, no canto do escritório.

– Uma lembrança, – Alistair murmura.

– E ele se prova útil, – ele acrescenta, e eu viro minha cabeça novamente na direção dele a tempo de vê-lo abrir o decantador e servir um pouco do líquido escuro em um copo. Ele segura o copo para o alto, o deixando capturar a luz para que brilhe intensamente.

– Ao seu... sucesso, – ele diz com uma educação e esvazia o conteúdo em um longo gole. Eu observo os músculos de sua garganta se contraírem e ele sorri pra mim, seus lábios molhados brilhando. Agatha! Eu me viro e corro da sala, esbarrando na minha irmã ao passar, que está enrolada do lado de fora, na porta, com os olhos fechados. A risada de Alistair me segue todo o caminho até o saguão.

Vinte

– VOCÊ TEM CERTEZA que quer fazer isso? – Gabriel me pergunta de novo através da porta parcialmente aberta que liga os closets da tia Rennie e do tio Chester.

– Que escolha eu tenho?– eu murmuro infeliz, deslizando para dentro do vestido que peguei no armário do meu dormitório. Gabriel e eu fomos de carro até lá depois que consegui explicar entre os arfados incoerentes em sua maioria, que Alistair dissera. Agatha estava dormindo, e talvez fosse minha imaginação, mas parecia diferente de seu coma profundo habitual.

Enquanto eu me movia pelo cômodo, juntando tudo que achei que precisasse, ela se debateu, se virou e murmurou. Uma vez ela gritara, – Não, por favor!– eu considerei acordá-la e então decidi que não. Em vez disso, observei-a por um minuto enquanto Gabriel esperava do lado de fora, e apertei minha mão contra sua testa. Mas ela se virou para longe de mim na direção da parede, e foi quando vi os cortes no seu braço que mal estavam com cascas. Eu tive que fugir antes que começasse hiperventilar novamente. Agora eu tento me confortar com o tecido sedoso do vestido, mas quando me faz lembrar demais de Agatha e sua animação gritante quando eu saí do provador daquele brechó na East Village. Ela me convenceu a comprar o vestido ainda que eu não tivesse condições e ainda que não tivesse um único lugar onde vestir um vestido de noite cor-de-rosa dos anos 30. No mês passado eu achei estupidamente que o usaria no casamento de Rowena.

– Talvez eu ainda irei, – sussurro para mim mesma agora enquanto giro o vestido.

– Como está as coisas ai dentro?

– Bem,– eu ofego.

– Eu não consigo respirar, na verdade, mas fora isso, bem.

– Respirar não é tão importante,– Gabriel me avisa.

– Estou descobrindo isso agora mesmo com esse maldito laço.– Eu atravesso o quarto e fico em pé na frente do espelho enorme da tia Rennie. O vestido diz 1930, mas meu cabelo me entrega. Eu procuro na minha pilha de presilhas, e escolho alguns grampos de cabelo de cristal. E daí que eles são da rede de lojas Claire? Quantas pessoas irão olhar de tão perto os meus grampos de cabelo? Por quanto tempo vamos ficar parados em 1939 afinal? Somente o tempo suficiente para aparentemente arruinar a vida da tia Beatrice e ir embora. E antes que possa confrontar esse desconfortável pensamento, Gabriel passa pela porta adjacente. Eu capto um vislumbre de seu reflexo no espelho enquanto eu tento enrolar meus cachos escuros em algo semelhante aos penteados dos anos 30.

– Você está ótimo,– exclamo quando metade do meu cabelo cai do nó que estou tentando o prender. Eu suspiro. – Desisto.

Gabriel, vestindo uns dos ternos cinza escuro do tio Chester, avançou em minha direção. – Desiste? Você desiste de sua resistência tola aos meus inegáveis encantos? Eu sabia que você cederia finalmente. Elas sempre cedem.

Eu mostro a língua para seu reflexo no espelho. Levantando minha coleção de grampos de cabelo, digo, – Eu desisto do meu cabelo, idiota. – Ele levanta as mãos.

– Dê eles para mim,– diz e começa trabalhar.

– Ow, – digo, quando ele fura minha cabeça com um grampo. Mas não doeu realmente. Eu só disso isso porque ele estava ficando muito perto.

– Desculpe, – ele murmura, seu hálito sussurrando pela pele nua da minha nuca.

– Tudo bem, – digo através de dentes cerrados, esperando que meus arrepios não fossem visíveis.

– Ai. O que você acha? – ele dá meio passo atrás e olho para mim mesma no espelho novamente. De alguma forma, ele deu um jeito onde eu não consegui enrolar meu cabelo e prendê-lo baixo no pescoço. O cacho que continua escapando agora tinha sido colocado atrás da orelha.

– Nada mau, – digo.

– Sabe, se a coisa de músico não funcionar, você poderia ser um – atrás de mim, Gabriel faz um movimento de apunhalada sobre o coração e eu sorri largamente para ele no espelho.

– Batom,– digo de assalto. – Não, você não precisa disso. Porque a garotas usam essa porcaria afinal?

– É 1939. Eu não posso não usar batom,– digo e procuro no que tinha trazido antes de decidir pelo tubo de Rev Me Up vermelho da L'Oreal de Agatha. Mas minhas mãos estão chacoalhando, e como resultado eu acabo esfregando batom nos meus dentes da frente.

– Ok,– digo afinal.

– Pronto, eu acho. – Gabriel puxa uma figura de dentro do bolso volumoso de sua jaqueta e a estuda. – No sótão eu encontrei um álbum de fotos antigo coberto com uma camada de sujeira mofada. Graças aos elementos que tina Rennie parecia nunca jogar as coisas fora.

– Você sempre precisa de algo assim?– pergunto agora.

– Como a pintura ou esta foto aqui? Sabe, para ajudar você... viajar?– Gabriel estuda a foto por mais um minuto.

– Eu acho que ajuda. Eu nunca fui capaz de fazer isso sem algum tipo de... guia como este ou a pintura. Concentrando? – eu confirmo, encarando a foto da garota com um chapéu de época[33]. Seu rosto está inclinado para cima e ela está sorrindo abertamente. Em uma mão está segurando um cigarro revestido por uma longa piteira, e em sua outra mão está embalando o que parece uma taça de champagne fora de moda. Ela está olhando para algo do lado de fora dos limites do retrato. Beatrice, 1939 está escrito em letras aranhosas Na parte debaixo da foto. Os dedos de Gabriel apertaram-se em volta dos meus e, de repente, nós estávamos girando no espaço e senti o vestido deslizando e balançando contra as minhas pernas. Eu tenho tempo para pensar distraidamente se meu cabelo ficará no lugar e então a musica está retinindo em meus ouvidos e parece que uma pedra rígida está pressionada contra meu ombro.

– Ow! – digo, saindo da parede de tijolos. Eu pisco e solto a mão de Gabriel.

[33] http://moodboard.typepad.com/my_weblog/2009/01/look-of-the-day-sasha-pivovarova.html

– Desculpe, – ele diz timidamente.

– Eu lhe disse que isso não era uma ciência exata.

– Onde estamos?– meus olhos se ajustaram a escuridão até que pude ver fileiras e mais fileiras de garrafas e jarros contendo o que pareciam ervas secas ou óleos. Farejando o ar experimentalmente, eu encontro um cheiro terrestre familiar.

– A despensa,– digo, dando um passo à frente, e como se para me recompensar pela minha suposição, algo fresco e plumoso abriu diante do meu rosto. Eu levanto a mão para bater em um buque de lavanda pendurado, as flores finas como seda contra meus dedos. Um estalo de luzes brilha no final do cômodo e eu pendo nas configurações da casa da tia Rennie. A despensa sai no jardim, e julgando pela música no outro lado da porta, é onde é a festa.

– Eu acho –

– Quieta, – Gabriel sibila.

– Alguém está vindo. – Eu me viro na direção aonde eu sei que a segunda porta deveria estar, aquela que leva a cozinha, e com certeza, bem do lado de fora estão os pesados e arrastados passos. Nós andamos de lado para o canto mais afastado do cômodo quando a porta se abre. Eu só consigo ver o perfil de uma grande mulher, seu cabelo apertado em um coque que está cimentado na parte de trás da cabeça. Ela tagarela pelas prateleiras murmurando,

– Mais xarope de mel, Bertha. Mais hissopos[34] para o ponche, Bertha. Os convidados estão com sede. Não demore Bertha, Bertha, Bertha! E tudo quando meus ossos estão desejando uma sentada.– Ela andou pesadamente ate o centro do cômodo e se esticou na direção do teto. No segundo ante que ela acendeu a luz, eu percebi o que ela pretendia fazer. Inclinando em Gabriel, eu puxei seu rosto para o meu, minha mãos astuciosamente abertas sobre suas bochechas para esconder tanto quanto pude. Quando seus lábios se chocaram com os meus, brilhantes lantejoulas de luz estouraram em minhas pálpebras fechadas.

– Oh!– eu ouço Bertha arfar.

– Perdão, – ela gagueja. Uma virada de botas pesadas, uma batida de porta e ela se foi.

– Desculpe, – murmurei, empurrando os braços de Gabriel.

– Isso foi meio que desleixado. Não o meu melhor.

– Eu não me importo, – diz, e sua voz está tremula. Então endireita sua gravata e alisa a frente de seu terno.

– Você está corando.–

– É... bem, você está usando batom agora. – Levanto a mão para tirar o batom dele o melhor que posso, tentando não deixar que meus dedos permaneçam na curva do

[34] O Hissopo (Hyssopus officinalis) é também conhecido como Issopo, Isopo, Erva-Santa e Erva-Sagrada. Pertence a família das Lamiaceae.. http://www.medicinaisplantas.com/plantas-medicinais-hissopo.html

seu lábio inferior.

– Obrigado. Pronta?

– Não, – digo, mas ele aperta minha mão e abre a porta para o jardim de qualquer forma. Nós caímos em uma multidão de pessoas. Todos eles pareciam estar bebendo e fumando; as mulheres estão segurando piteiras finas de ouro e marfim enquanto os homens soltavam fumaça de charutos ou cachimbos cor de caramelo. Um redemoinho de cores atrai meu olho. Uma mulher usando um cocar bronze de penas é o centro das atenções, seus olhos alongados pintados com sombra púrpura, sua boca um talho de escarlate. Tochas fincadas no chão forneciam uma suave luz tremeluzente, e o animado movimento do quarteto de jazz ocasionalmente abria caminho pelo aumento e expansão da conversa. Uma enorme tenda branca no meio do jardim fora levantada para a dança, e vários casais se moviam para dentro e para fora do crepúsculo.

– Viu ela? – Gabriel me diz em voz baixa quando um garçom desliza diante de nós segurando uma bandeja. Os olhos do homem estavam fixos em um ponto entre meu ombro e o de Gabriel, e depois que pegamos duas taças em forma de sino de champagne ele partiu sem olhar para nem ao menos uma vez. Eu comecei a respirar um pouco.

– Não ainda, – digo, bebendo uma golada do meu champagne.

– Vai com calma, – Gabriel me adverte, seus olhos se deslocando de mim. Eu me viro para encontrar um trio de garotas, todas de vestindo rosa, olhando para nós – ou melhor, para Gabriel – com o que parecia admiração. Em tempo eu capto um sorriso saindo de seu rosto quando ele olha de volta para elas.

– Vai com calma, – digo, e depois de unirmos os braços, entramos na multidão

tão casualmente quanto possível. Eu peguei a deixa do garçom e não fiz contato visual com ninguém em particular. Mas nós fomos descobertos de qualquer maneira.

– Querida, – uma voz de mulher ronrona em meu ouvido, e eu quase derrubo minha taça da champagne. – Eu estive procurando por você em toda parte. Quando você chegou aqui?

– Um... alguns minutos atrás. – Eu aceno para ela e tento me mexer, mas sua mão está em volta do meu braço. Ela tem feições pequenas e astutas, e seu cabelo ruivo se divide em ondas brilhantes por toda sua cabeça.

– É claro que você chegou. Como gosto de você! – exclama, como se me elogiasse por fazer algo muito inteligente. Seu boa de penas negras caia pelo seu ombro parecia ser uma criatura viva e respirando. Estou olhando fixamente para ele, fascinada, quando ela se inclina para mim e diz em um alto sussurro.

– E quem é este lindo homem com você?– sem esperar por minha resposta, ela pisca para Gabriel e se intromete entre nós. Seu boá arqueia no ar e se enrola apertado ao redor dos quadris deles. Eu abro a boca, mas junto quando uma voz cordial ressoa à minha direita.

– Melora. Toda vez que me viro, você desaparece. O que isso significa realmente? – Um pesado homem rosado cambaleou para frente e bateu uma mão carnuda no ombro da mulher no que deveria ser uma caricia, mas parece mais um agarro da morte. O boá de Melora parece se encolher sob a sua investida.

– Oh! Charles!– Melora diz, e embora ela esteja sorrindo, eu posso dizer que ela está na verdade tentando não gritar.

– Eu acabei de saudar a Prima – E aqui ela me lançou um olhar.

– Agatha, – digo alegremente. O homem me espia por um segundo, em seguida, pisca, sacode a cabeça.

– Tantas primas, – ele berra jovialmente.

– Prima Agatha, – ele diz e me beija em cada bochecha. Ignorando Gabriel completamente, ele se vira de volta para Melora e diz, – Agora, você realmente deve vir comigo. Há algo que quero discutir com você. – Desgosto se agitou pelas feições de Melora, mas ela permite que o homem comece a levá-la, sua mão ainda apertada em seu ombro. Mas no segundo seguinte o boá flutuou de novo como se atiçado pela brisa errante e os ventos brevemente em volta do braço do homem. Com um surpreso ganido muito alto, ele estende a mão para trás e o torce uma, duas vezes.

– Essa maldita coisa me mordeu!– ele excalama.

– Não, cordeirinho,– Melora murmura, embalando sua mão.

– Ele absolutamente não mordeu. – Em seguida, ela olha de lado para mim e pisca antes de ambos desaparecerem na escuridão.

– Ela acabou de chamá-lo de cordeirinho? – Gabriel pergunta, e nós voltamos para a multidão.

– Por aqui,– ele acrescenta, e nós desviamos para a esquerda e entramos na

barraca branca, desviando da pista de dança de quadrados de madeira polida que parece ter sido colocada apenas para esta noite.

– Você é parente deles?–

– Eu não ficaria surpresa se aquela vier a ser a avó de Gwyneth. Ela tinha aquele visual desagradável de víbora. – Pedaços cortados e fragmentos de conversas rodopiavam em minha direção enquanto nós tecíamos nosso caminho em volta de amontoados de pessoas.

– Eu lhe digo, eles estavam certos em finalmente começar caçar Roosevelt. Desde que o New Deal[35] –

– Querido, você prometeu. Você sabe que o primo Lindel apóia Roosevelt. Por que você sempre o atormenta?

– Mas eu – Gabriel me empurrou para o lado. Uma figura com o rosto pintado de branco passou por nós, transformando lenços em pássaros e então em lenços novamente. Eu pisquei, tentando imaginar se ele era Talentoso ou meramente contratado para o entretenimento da noite, quando Gabriel diz baixo, – Lá.– Nós paramos ao lado do muro do jardim na sombra de uma grande magnólia. Uma jovem mulher vestida com um vestido preto modelo sereia e uma estola de pele prata está inclinando para trás sua cabeça negra, sorrindo com amplos dentes brancos. Em seus pulsos diamantes brilham e reluzem como estrelas cadentes.

[35] O New Deal (cuja tradução literal em português seria – novo acordo– ou – novo trato–) foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1937, sob o governo do Presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana, e assistir aos prejudicados pela Grande Depressão. O nome dessa série de programas foi inspirado no Square Deal, nome dado pelo anterior Presidente Theodore Roosevelt à sua política econômica.

– É ela,– Gabriel diz, mas eu descubro que estou olhando uma garota que aparenta a minha idade, vestida toda de branco. Ela está de pé ao lado de tia Beatrice, e à primeira olhada, elas parecem estar em uma conversa profunda, mas então os olhos dela se deslocam para a multidão, esquadrinhando como dois refletores por águas escuras. De repente, ela vira a cabeça na minha direção e encontra meu olhar por um segundo – como se em reconhecimento antes de se virar de volta para tia Beatrice. Eu senti um baque profundo no peito como se meu coração tivesse parado e acabasse de começar de novo com uma pancada, e então o momento passou. Uma leve brisa agitou o jardim, agitando vestidos e xales. Uma cortina rosa de pétalas de magnólia cobriu minha visão. Quando eu olho novamente, um homem alto e robusto está acendendo o cigarro de tia Beatrice.

– Você pode... sentir o Domani? – pergunto esperançosamente.

Gabriel sacode a cabeça, não dizendo nada. Suas sobrancelhas de juntam, os dedos se contorcem, e então ele olha para mim antes de dizer com um pouco de frustração, – Eu não sei o que estou procurando. Agulha no palheiro? Não o relógio, obviamente. O que? O que é? – ele diz baixo, mais para ele mesmo do que para mim. Distraidamente, ele ergue a mão, puxa uma flor do meu cabelo e a segura em seu nariz.

– Tempo, – ele diz depois de um minuto.

– Há um tique-taque em minha cabeça. – Eu devo parecer alarmada, porque ele sorri.

– Não como uma bomba.

– Isso é pior do que uma agulha e três palheiros,– digo mal humorada depois de um minuto quando nada parece acontecer.

– Por que eu pensei que nós podíamos fazer isso?

– Porque nós podemos fazer isso. Nós apenas não sabemos como ainda, – Gabriel responde, e eu sorrio para ele apertando sua mão. Naquele momento, a banda começou uma lenta e majestosa melodia.

– Vamos dançar. Dançar sempre me faz pensar melhor.– Eu dou a ele um olhar hesitante.

– Faz? E isso é realmente uma boa idéia?

– Desmancha prazeres, – Gabriel explica pacientemente.

– Eu estou usando um terno. Você está usando o vestido mais lindo de todos. É 1939, e quem sabe o que acontecerá depois. Vamos, Tamsin. É a melhor idéia que posso apresentar agora. – E com isso, ele me leva da sombra da árvore para a pista de dança iluminada com tochas, onde nos juntamos a aglomeração de casais entrelaçados.

– Eu não sei dançar, – eu sussurro.

– Isso é valsa, – Gabriel diz do mesmo jeito que você diria isto é uma laranja.

– Eu ainda não sei dançar.

– Eu sei, – Gabriel diz e me puxa em sua direção. Com um braço ao redor de

minha cintura, ele começa me rodopiar no chão tão rápido que não tenho tempo de pensar em como eu não tinha a menor idéia do que fazer em seguida. Rostos apareciam e sumiam nas sombras por cima do ombro de Gabriel enquanto nós voávamos pelo ar com aroma de flores. A música aumentava o volume suavemente até que se tornou uma parte dos meus pés e de repente nós estávamos nos movendo em passos perfeitos um com o outro. Somente quando eu percebi que podia e devia continuar para sempre, a música parou e meu vestido enrolou-se nas minhas pernas. Estou arfando levemente e meu cabelo está se desfazendo.

– Ah, jovem amor, – um barítono cantarola à minha esquerda, e vejo o homem alto e robusto que acendeu o cigarro de tia Beatrice em pé perto de nós. Ele nos sorri, se vira para sua parceira, que percebo ser tia Beatrice, e sussurra algo em seu ouvido. Ela inclina a cabeça na direção dele, uma mão coberta de jóias se levanta para acariciar seu rosto, sua boca se separando em um pequeno sorriso. Tio Roberto, eu penso de repente.

Eu fico na ponta dos dedos. O marido de Beatrice, eu cochicho para Gabriel. Enquanto observamos, tio Roberto leva a mão dentro do bolso do colete cinza e tia um brilhante relógio de bolso dourado. A corrente pendurada no relógio reluz brevemente. A mão de Gabriel se aperta na minha. De súbito, eu penso naquela primeira noite que Gabriel veio em casa quando nós estávamos na sala de estar com tia Beatrice. Ela não perdera nada que pude encontrar. Eu tentei mais cedo. Era algo sobre um relógio de bolso.

– Muito bem, minha querida, – o homem diz, – mas eu devo dizer aos cozinheiros que esperem por mais quinze minutos, então. Eles ficarão infelizes comigo sem dúvida.– Ele beija a sua mão.

– É claro, eu aceitaria mil caretas deles por um sorriso seu.– Quando ele passou pela porta, tia Beatrice tocou três dedos em seus lábios e soprou um beijo para o vulto do homem recuando antes de desviar da multidão na direção oposta.

– Você acha que é-

– Só tem um jeito de descobrir, – Gabriel diz, e nós seguimos tio Roberto.

Vinte e um

– COM LICENÇA, senhor, – Gabriel chama tio Roberto enquanto ele alcança um caminho de cascalho relativamente deserto que leva a cozinha. Tio Roberto se vira, sorri com felicidade ao nos ver.

– Ah, jovens. Vocês estão se divertindo essa noite?

– Oh, sim – eu afirmo calorosamente.

– Você e tia Beatrice sempre dão as melhores festas – isso pode ter sido uma colocação um pouco estúpida, mas assim que nos aproximamos de tio Roberto, eu percebo com alívio de que ele está mais do que um pouco bêbado. Seu rosto tem um brilho úmido e seus olhos um vítreo benevolente.

– Então você é uma parente de Beatrice. Eu certamente me lembraria se você fosse uma parente minha, – ele adiciona com uma risada e uma piscadinha para Gabriel que, obviamente significava transmitir algo na linguagem masculina. Eu cutuco Gabriel de lado e ele solta uma risada atrasada.

– Senhor, nós estávamos nos perguntando se poderíamos ver – Eu começo quando Gabriel me corta. – Nós estávamos nos perguntando se você gostaria de ver um truque de cartas que você não vai acreditar.– Do nada, um baralho aparece nas mãos de Gabriel. Eu o encaro. Isso não era o que tínhamos planejado. Sinceramente, nós não

tinhamos planejado muito. Iríamos apenas perguntar para tio Roberto sobre o relógio dele e esperar que algo vagamente oportuno acontecesse. Aparentemente, Gabriel não tinha pensado muito nesse plano.

– Oh, agora. –Tio Roberto nos dá outra risada gentil acompanhada de um balançar de cabeça.

– Temo que os convidados estejam se perguntando quando o jantar vai chegar e eu devo falar com os cozinheiros. Mas minha esposa que gosta de truques com cartas. Talvez vocês devessem–

– Nós já o fizemos para vários de seus convidados. E tia Beatrice,– Gabriel diz suavemente. Então uma nota de orgulho entra em sua voz.

– Nenhum deles, incluindo sua esposa, pode adivinhá-lo. Mas ela disse que você pode. Ela disse que ninguém pode adivinhar um truque de cartas melhor que você. – Internamente eu gemi. Isso está definitivamente ficando muito estúpido. Tio Roberto está nos olhando, com o que eu tenho certeza ser, suspeita.

– Mais uma vez, como você disse que é aparentada com minha esposa? – ele pergunta suavemente. Minha boca fica seca, mas Gabriel diz com um riso descuidado.

– Oh, você sabe como essa família funciona. Pessoas saindo da toca o tempo todo. Especialmente em festas. Meu pai, que ele descanse em paz, era como você.– E aqui ele dá um peso sutil a palavra ‘você’.

– Ele também era um grande amigo de tio Charles. ‘Tantos primos’ era a piadinha

entre eles.

Gabriel embaralha as cartas com um ar de confidência casual. Com os olhos na cascata de cartas, ele acrescenta,

– Algo que ninguém sabe dizer é como vocês, caras, conseguem realmente agüentar essa família.

Tio Roberto dá uma risada alta que quase me faz sacudir.

– Com certeza. Seu pai, ele era...–

– Um homem que venceu por esforço próprio, – Gabriel completa.

– Que Deus descanse sua alma.

– Eh, agora. – Tio Roberto chega mais perto.

– Eu não sabia que vocês acreditavam em Deus. Quero dizer, Beatrice explicou tudo pra mim.

Como vocês praticam magia branca, por assim dizer. – Eu engulo meu sorriso ao ouvir ele falar nesses termos. Minha avó e mãe teriam caído na risada.

– Bem, meu pai tinha algumas coisas a dizer sobre isso quando chegou a hora da minha Primeira Comunhão, – Gabriel diz, como um coroinha sério agora.

Eu tento não encará-lo. Devoção religiosa não combina com o pouco que eu lembro sobre o pai de Gabriel, tio Phil. A não ser que ele fosse um membro da Igreja dos Esportes Chatos. Nesse caso, eu lembro de várias condenações e agradecimentos, o nome Jesus sendo gritado durante os jogos de futebol e baseball que variavam no pequeno aparelho de televisão que minha mãe colocou em uma pequena sala ao lado. Era onde você sempre podia encontrar tio Phil escondido, se você quisesse fazer tal coisa. A maioria de nós não queria.

– Bom homem, – tio Roberto resmunga.

– Devo ter algumas coisas pra dizer sobre isso também, se Beatrice eu eu já... bem... não é conversa para uma festa, agora é isso? – Então ele afasta o que quer que estivesse pensando, dá um passo pra frente e coloca as mãos nos ombros de Gabriel.

– Vamos ver esse truque. Mas é um truque de verdade, certo? Nada dos seus...– Ele engole seco e eu repentinamente sinto uma pontada de simpatia por tio Roberto. Aparentemente, há alguma verdade no que Gabriel disse sobre não saber como ele tolera a família.

– Nada disso. De forma alguma meu Talento.– Gabriel diz, com honestidade, e as cartas estalam em suas mãos e de repente os movimentos de seus dedos são muito rápidos para acompanhar. Depois de alguns segundos de embaralhadas complicadas e reorganizar as cartas, ele assopra as cartas e as segura para tio Roberto.

– Primeiro escolha uma carta, qualquer carta – tio Roberto o faz e segura em sua

mão com expectativa.

– Você pode olhar, mas, por favor, não me mostre e nem para minha assistente.– Tio Roberto afirma com a cabeça, seu rosto ficando cuidadosamente sem expressão enquanto ele dá uma rápida espiada na carta.

– Agora coloque no seu bolso esquerdo, – Gabriel instrui.

– Bom, excelente. Agora escolha outra, qualquer outra que você queira. E olhe para ela, por favor, mas novamente não mostra pra ninguém... Perfeito. Agora entregue para minha assistente, virada pra baixo, assim ninguém pode ver. Perfeito. Ela vai colocá-la no bolso direito do seu colete– eu dou um passo para frente, meu coração quase pulando do peito. Esperando que tio Roberto não perceba que meus dedos estão tremendo, eu pego a segunda carta. O plástico liso é gelado aos meus dedos, e eu chego perto de tio Roberto, posso sentir o doce perfume do álcool e da loção pós barba emanando dele.

– Desculpe, senhor, – eu murmuro enquanto meus dedos escorregam por seu peito.

– Você fez esse truque com senhoras também? – Tio Roberto diz com outra risada.

– É por isso que eu tenho minha adorável assistente. Então ninguém pode reclamar, – Gabriel diz, sua voz magnânima e leve, traindo nenhuma ponta de nervosismo que eu sei que ele deve estar sentindo.

– Ok, Ta – er, Agatha. Coloque a carta no bolso direito da frente dele agora. Agora,

Gabriel me olha de um jeito sedutor, e de repente, eu percebo que ele não tem pra onde ir com esse truque, tio Roberto pega a carta de minha mão e a coloca no próprio bolso, sorrindo amavelmente pra mim.

– Eu acho que sua assistente precisa de um pouco de prática, – ele diz gentilmente e então se vira com um olhar de expectativa no rosto.

– E agora o que, meu jovem?

– E agora...

Gabriel diz e pausa para o que deve parecer um floreio dramático, mas eu realmente sei que esse é seu jeito de ganhar tempo.

– Agora, por favor, tire a primeira carta do seu bolso e olhe para ela de novo.– Enquanto tio Roberto procura pela primeira carta, Gabriel me olha de um jeito que mostra claramente ‘que diabos há de errado com você?’ e eu devolvo um olhar que espero que convença como um ‘sinto muito!’ – Agora o que? – Tio Roberto diz, segurando a carta para o alto, olhando para nós alternadamente. Ele sapateia um pouco no cascalho, sorrindo feliz.

– Ainda é a mesma carta?– Gabriel pergunta.

– É sim.

– Tem certeza?– Gabriel diz, chegando mais perto.

– Tenho, – tio Roberto responde com um pequeno tom de impaciência pela primeira vez.

– Olhe–

– Mas e sua segunda carta? Por favor, permita-me, – Gabriel diz, e antes que tio Roberto possa reagir, Gabriel se aproxima suavemente, coloca a mão dentro do bolso do tio Roberto, e tira a carta. Ela cai no chão, com a figura pra cima. A rainha de copas pisca pra mim.

– Essa não é sua primeira carta?– Gabriel diz com um jeito orgulhoso.

– Não, certamente não é, – tio Roberto diz com um sorriso largo. Ele acha que revelou o truque.

– Eu acho que não é só sua assistente que precisa de um pouco de prática.

– Talvez,– Gabriel concorda com um sorriso de trégua e então acrescenta, – Mas eu não tenho certeza. Deixe-me ver quais outras cartas estão aqui.

– Oh, no!– Tio Roberto diz, claramente disposto a nos dar mais um segundo.

– Gabriel, não, – eu digo com a garganta presa enquanto ele se inclina e retira o relógio do bolso de tio Roberto. Ele o está segurando pela corrente, seus dedos não estão tocando a frente do relógio. Por um segundo, um minuto, uma eternidade, nada acontece, e então tio Roberto se afasta, um franzido vincando seu rosto.

– Veja aqui, o que é isso? – Não é ele, eu penso com o coração apertado, e então Gabriel dá uma torcida curta e forte e o relógio se liberta da corrente e voa pelos ares, sua frente brilhando. Rapidamente Gabriel estica a mão direita e o pega antes que tio Roberto o faça.

– Tamsin, – Gabriel suspira.

– Isso é –

– Idiota, – eu lamento.

– Tamsin, – Gabriel fala. Fitas prateadas estão serpenteando por cima do relógio, entrelaçando com sinuosa fluidez por todos os lados da mão de Gabriel antes de subir por seu antebraço.

– Frio, – ele murmura.tão frio.

– O que... eu… por que você – faça alguma coisa, – tio Roberto grita, e com um choque eu percebo que ele não está falando comigo. Eu me viro e tia Beatrice sai das sombras, inclinando a cabeça para o lado e olhando para Gabriel sem demonstrar emoção.

– Faça alguma coisa, – tio Roberto diz novamente para sua esposa, e ela sorri para ele, um sorriso gentil, um sorriso que uma professora daria a um pupilo que talvez não fosse seu melhor e mais brilhante mas que ela tinha no coração do mesmo jeito.

– Eu estou fazendo alguma coisa, querido. O que eu deveria estar fazendo. Mas isso não é algo que você deveria ver.– E com um leve roçar de seus dedos ela toca a testa de seu marido carinhosamente. Imediatamente tio Roberto para de se mover. Seus olhos permanecem abertos mas sem piscar. Eu avanço na direção de Gabriel, mas de alguma forma tia Beatrice bloqueia meu caminho, me prendendo a ela segurando meus dois pulsos em uma mão. Ela está me segurando tão forte que as palmas da minha mão e dedos formigam.

– Gabriel! – eu grito.

– Largue. Large agora. – Com o que parece um grande esforço, Gabriel vira a mão, mas o relógio de bolso aderiu a seus dedos.

– O bom é que não foi a mão esquerda dele, – tia Beatrice diz de forma refletida enquanto volta sua atenção para Gabriel.

– Caso contrário, ele já teria morrido. Mas eu vou esperar mais um minuto ou dois para alcançar o coração dele desse jeito.

– O que? – Eu gritei, desviando os olhos do rosto cor de pedra de Gabriel.

– Pare isso! – eu disse com força para tia Beatrice, tentando soltar os dedos dela do meu pulso.

– Agora ou você vai se arrepender. – Ela sorri para mim, um sorriso diferente do que ela deu a seu marido, e minha pele rasteja tentando equacionar essa mulher afiada como a lâmina de uma espada com minha fraca tia avó. Com sua mão livre, ela estica e coloca os dedos contra minha testa com o que parece ser uma força mais considerável do que ela usou ao tocar tio Roberto. Seus olhos brilham com uma fúria fria e justiceira. Internamente, eu sinto a tontura familiar se apoderar de mim e desaparece. Torcendo meus pulsos, eu finalmente consigo separar as palmas das mãos uma da outra. Chamas saem da minha mão direita e chamuscam a grama perto dos pés dela.

– Oh!– ela grita, batendo freneticamente na bainha de seu vestido. Tirando vantagem de sua distração, eu consigo me libertar dela, dou um passo a frente e arranco o relógio da mão de Gabriel. Imediatamente, as fitas prateadas entalhadas em sua pele começam a tremular e sumir, mas ele continua sem se mover. De repente eu me lembro de como Gabriel, o fogo e até mesmo o tempo pareceram parar quando eu toquei o relógio em 1899.

– O que você fez? – tia Beatrice sussurra, me encarando agora. Seus lábios estão tremendo e ela lança seu olhar de mim para Gabriel, então de volta para mim. Eu olho para o relógio em minha mão, então o abro. Uma escrita fraca apareceu na tampa, mas por mais que eu tente não consigo ler. Justo quando consigo pegar uma palavra aqui ou outra ali, os rabiscos se afastam de mim. Em pânico percebo que essas letras estão se comportando do mesmo jeito que as do relógio em 1899. E no livro da minha família. Dez segundos se passaram.

– O que essa escrita diz? – eu sussurro roucamente.

– Eu não sei, – tia Beatrice responde imediatamente. Mesmo que eu saiba que de alguma forma ela não está mentindo, eu digo mesmo assim, – O que você quer dizer com não sabe? Você é a Guardiã, não é?– Ela hesita e assente.

– Mas eu ainda não posso ler. Eu não tenho esse Talento.

– Por quanto tempo você tem sido a Guardiã?– Vinte e cinco segundos se passaram.

– Três anos. – Ela fecha os olhos por um instante.

– E agora eu vou perdê-lo.

– Por que?

– Uma vez que o poder é violado, ele vai para outra pessoa.

– Quem?

– Eu não sei. Guardiões nunca sabem que será o próximo Guardião. O Domani os escolhe.

Trinta, trinta e cinco segundos se passaram.

– Por que tio Roberto era capaz de tocar o relógio sem... sem aquelas coisas serpentinas o atacarem?

– Porque meu marido não tem Talento. Ele é um homem comum. – E do jeito que

ela diz comum soa como maravilhoso. Eu engulo seco.

– Já que ele não tem Talento, o Domani não o reconhece.

– Então essa escrita nunca apareceria se... quando, ele o toca? – Tia Beatrice balança a cabeça.

– Mas se eu lesse essa escrita, o que aconteceria?– tia Beatrice fica pálida, balança a cabeça de novo.

– O que aconteceria? Se eu lesse em voz alta? Eu seria capaz de destruí-lo? Eu seria capaz de destruir o Domani?

– Não, – tia Beatrice sussurra.

– Você seria capaz de voltar no tempo quando isso não existia.

– No tempo em que isso não... para a guerra entre as famílias? É isso que você quer dizer?

Tia Beatrice afirma duramente, olha pra mim com medo. O ponteiro do relógio chegou ao número romano XII. Um longo arrepio passa por ela, suas pálpebras tremendo descontroladamente. Então ela abre os olhos e me olha através da escuridão líquida.

– Quem é você? – ela sussurra.

– Eu te conheço?– Eu balanço a cabeça, lhe entrego o relógio de bolso em silêncio. Ela o abre e fecha novamente.

– Eu o perdi, – ela diz, e há uma monotonia e determinação em sua voz que eu não consigo falar mesmo que eu soubesse o que dizer. Por um segundo nós ficamos em silêncio enquanto a brisa sobra pelas árvores sobre nós, e então ela diz com mais força,

– Por que você foi capaz de tocar o Domani? Sem se ferir? Ninguém, exceto o Guardião pode tocá-lo sem se ferir.– Sua voz se afunda de repente e ela levanta uma mão trêmula, dizendo, – Você é a próxima–

– Eu acho que não,– eu digo.

– Eu não saberia?

– Oh, sim,– ela diz com reverência.

– Você saberia. – Ela parece estar olhando para algo além de mim.

– Com cada partícula da sua alma você sentiria o laço. É a maior honra.– Sua mão cai para o lado e ela anda mais para perto de mim.

– E porque meu Talento não funcionou em você? Por que você não congelou? – Rápida como uma cobra ela me atinge a testa novamente e me olha com expectativa. Eu pisco, dou um passo pra trás. Dessa vez eu sinto apenas um pequeno empurrão dentro de mim.

– Tente novamente, – eu digo admiravelmente, e apesar de não estar bem certa do por quê, tia Beatrice me obedece e toca minha testa novamente, dessa vez olhando meus olhos. nada. Nem uma onda. Experimentalmente eu estico a mão e toco a testa dela. Mesmo eu sabendo o que vai acontecer, eu ainda estou chocada com o que realmente acontece. É como se ela se transformasse em uma coluna de pedra viva, seus olhos arregalados e sem piscar, sua boca mantida meio aberta em uma expressão de surpresa ou medo.

– Tia Beatrice, – eu sussurro.

– Pare agora. É suficiente. – Em algum lugar uma porta se abre e eu me lanço em direção a casa. Várias figuras brancas como neve se voltam na direção da grande janela, carregando bandejas de prata e pratos. Mais cedo ou mais tarde alguém vai vir por esse caminho e saber que algo está terrivelmente errado. Desesperadamente, eu olho para Gabriel, tio Roberto e tia Beatrice, todos imóveis como se estivéssemos brincando de estátua.

– Ok, um...

Eu digo, minha voz se elevando com um pouco de pânico.

– É o suficiente, agora. – Som de passos leves amassando o cascalho são ouvidos no caminho e eu me viro para encontrar apenas as sombras se reunindo além dos pequenos círculos de luz das tochas. No momento em que estou achando que imaginei o som, uma garota aparece. Essa é a garota de branco que estava de pé ao lado de tia Beatrice no jardim mais cedo.

– Eu não sei o que fazer, – eu digo pra ela miseravelmente, um sapato de salto

alto afundando na terra úmida do jardim.

– Eu não sei o que está acontecendo. – A garota olha ao redor do jardim, seus olhos se demorando em tio Roberto, então Gabriel e finalmente tia Beatrice.

– Você a congelou, – ela afirma, e há apenas um pequeno toque de admiração em sua voz. Ela me estuda por um minutos, então fecha o olho direito completamente enquanto o outro permanece aberto, me prendendo no lugar.

– Ah, – ela acrescenta suavemente.

Vinte e dois

EU OLHEI PARA MINHA AVÓ, atordoada. É claro, é claro, meu cérebro cantava. Ela é a irmã de Beatrice, então porque ela não poderia estar aqui? Meus olhos passaram pela sua aparência, tentando encontrar uma ruga no rosto liso de menina da minha avó e seus olhos grandes.

– Vovó, – eu disse calmamente para ela e então voltei para o assunto.

– Bem, tecnicamente, eu suponho que você não é minha avó ainda, né? Sou eu... Tamsin. Eu sei que isso não faz muito sentido agora, mas...–

A lua saiu da barreira de nuvens, e a suave luz prateada da lua cobre as árvores que nos rodeiam. Minha avó andou na minha direção, a saia do seu vestido branco transparente roçava as gramíneas sombrias. Vindo a parar diante de mim, ela levantou uma mão e traçou uma curva na minha bochecha.

– Tamsin – ela murmurou.

– Eu tive esperando por você, – sua voz era profunda e clara, exatamente como eu lembrava, e só de ouvir isto desbloqueou alguma coisa dentro de mim. Eu queria afundar sob meus joelhos, enterrar meu rosto no seu vestido e chorar. Mas eu precisava perguntar uma coisa primeiro.

– Por que você... por que você me deixou viver por tantos anos pensando que eu não tinha nada? – Minha avó levantou a mão e ficou em silêncio. Quando ela falou, sua voz era mais suave do que eu jamais tinha ouvido.

– Acredite em mim, o que eu fiz...–

Ela parou, sacudindo sua cabeça.

– O que eu vou fazer nunca irá ser feito com alegria. Se você chegou aqui, isto confirma o que eu sempre suspeitei.

– E o que é?

– Que a família Knight está se reerguendo novamente.

Sua confirmação sobre os medos dos meus pais rodou dentro de mim e eu me arrepiei, deixando meus olhos vagarem sobre o jardim, meio esperando Alistair sair das sombras.

– Eu pensei que nós já tínhamos os vencidos. Quando você... o que quer que seja isto... na forma de Domani. Não foi o suficiente?

Inclinando sua cabeça para trás, minha vó estudou o céu por um momento como se estivesse lendo as estrelas antes dela recitar, – Uma está no Norte, e uma está no Sul. Um está no leste, e um está no Oeste. E uma está no Centro. Norte convoca o Ar, e o Sul carrega a água; Leste chama o Fogo, e o Oeste ergue a Terra. E o Centro oferece sangue.

E todos nós estamos ligados.

– Espere um minuto, – eu lancei. – Mamãe resmungou esse mesmo encantamento, mas ela não mencionou nada sobre um Centro. E ela certamente não mencionou nada sobre sangue. Ar, água, fogo, terra, sim, mas não sangue – eu engoli enjoadamente. Talvez fosse isso o que ela mencionou por sacrifício. O rosto da minha avó pareceu se contrair, como se de repente ela estivesse cansada, e por um instante ela pareceu com a vovó que eu conhecia, não como a jovem garota na minha frente.

– Ela não sabe,– ela finalmente sussurrou.

– Muitos poucos de nós sabemos o que a nossa família fez. Nós pegamos uma vida. Uma terrível solução para resolver um problema terrível – ela parou, e então acrescentou, – Mas isto não resolveu. Na verdade, eu acho que foi parte desta destruição. – Eu senti um sentimento mudando na voz de Alistair vindo rosnando de volta para mim. Sem fazer erro sobre a palavra assassinato. Eu olhei para o chão, mexendo nas pedrinhas com a ponta de um sapato brilhoso.

– Eu comecei tudo isto, você sabe. Por fingir ser Rowena. Ele pensou que eu era Rowena e eu o deixei pensar nisto. Isto foi... um tipo de acidente.

– Nada é um acidente, Tamsin. Mesmo se isso parecia como um na época– ela suspirou e se aproximou.

– Você irá me deixar te mostrar o que eu tenho visto? Você irá me permitir?– Eu assenti, engolindo em seco enquanto ela levantava uma mão e as pressionava nas minhas têmporas.

– Feche seus olhos, – ela disse, e eu o fiz. De repente eu estava parada em um vasto campo verde, e me levou um minuto para perceber que era o campo atrás da nossa casa. Minha mão direita estava unida com a da Rowena e minha esquerda com a do Gabriel. Gwyneth, Jeron e Silda estavam parados na minha frente e nós todos estávamos rodando em circulo. Os cantos do campo continuavam manchadas e oscilantes e as luzes pareciam dançar conosco, brilhando em nossos rostos, quente e dourado. Pegue-me, minha irmã chamou, sua voz soando genuína e meiga através do suave ar, e então todos nós corremos e corremos através da grama alta. Palanques selvagens e áster roxo roçaram através da abertura entre meus dedos enquanto eu estiquei meus braços para a minha irmã, que sempre estava correndo apenas 30 centimetros na minha frente. Nós fomos para um canto da floresta, e de repente Rowena se foi e a luz foi morrendo, morrendo, só ficando a escuridão. Rowena, eu chorei, pairando no canto da floresta. Pesados troncos tortos voaram dentro do céu sem cor, e eu congelei no ato de dar um passo, incapaz de me mover. Os outros tinham desaparecidos. Eu estava sozinha. Rowena, eu chamei novamente e sou recompensada por um flash de seu cabelo dourado enquanto ela se movia através das árvores à minha frente, as sombras engolindo sua forma esbelta.

Repentinamente, eu estava caminhando novamente, depois correndo, mas meu coração estava agitado, tarde demais, tarde demais, tarde demais, um ritmo insistente que começou a bater cada vez mais rápido através do meu cérebro. Logo na minha frente Rowena parou no meio da noite, suas mãos caindo ao seus lados. Um pouco além dela uma figura alta e escura estava parada queitamente só esperando. Rowena! Eu gritei, e com uma agonizante velocidade lenta de sonho ela se virou. A cor estava lentamente saindo de seu cabelo, e então começaram a cair em fitas de cinzas na brisa e desapareceram. Seu rosto ficando cada vez mais pálido, afinando a uma espessura da lâmina de uma faca, enquanto seus olhos, que estavam fixos em mim, escureciam. Ela estendeu uma mão fina, com as pontas dos dedos ofuscando em nada. Tamsin. Sua boca formou meu nome antes das suas feições desaparecem e perder todas as formas. Seu corpo desapareceu como um fantasma de fumaça e ela tinha ido.

Então eu estava parada no jardim dos fundos olhando para a casa da minha família – ou o que foi deixada dela. Um silêncio solitário parecia segurar as gastas vigas de madeira e um frio gelado estava assobiando através boca aberta das janelas. Aos meus

pés murchos e nos caules envelhecidos dos lilases estavam dispersos por toda a terra preta. O altar se encontrava dividido em duas parte como se tivesse sido atingido por um raio. Todo o mundo se foi. A fresca pressão das mãos da minha avó desapareceu repentinamente e eu abri minha boca, respirando como se eu tivesse acabado de sair de um lago escuro. Então o som irregular da minha respiração encheu o jardim.

– O que eu tenho que fazer?

– Eu não sei, – minha avó falou, e pela primeira vez na minha vida e talvez na dela, ela soou com receio. Eu olhei para ela por um segundo.

– O que? – As palavras saíram de mim antes que eu pudesse me certificar.

– O que você quer dizer com você não sabe? Você era para saber tudo.

– Mesmo se eu possa ler o todo o futuro e com precisão, algo que ninguém na nossa família nunca foi capaz de fazer, eu não poderia dizer o que fazer. Isso muda tão facilmente, tão rapidamente, depende de tudo o que nós fazemos agora. Cada segundo que você fica aqui, alguma coisa muda no futuro. Alguma coisa pequena, inconseqüente, talvez... ou talvez não tão inconseqüente. Você deve saber isso agora. – Minha avó se virou, começando a caminhar através do jardim, se dirigindo entre as estatuas do tio Roberto, Gabriel e tia Beatrice. Ela parou na minha tia e tocou o relógio de bolso que oscilava de seus dedos curvados.

– Tudo o que eu sei é que você tem uma terrível escolha a sua frente. É isso o que eu posso ver. – Na distância o quarteto começou outra valsa, a música aumentando lentamente e docemente. Uma escolha terrível?

– Ele pegou Agatha também – eu disse finalmente. Minha avó fez uma carranca para mim.

– Quem é Agatha? Ela é uma da nossa família?

– Não, felizmente

– Ela é uma amiga da escola. Minha companheira de quarto.

– Ela é uma sem talento?

– Sim, mas, mas ela falou sobre mim.

– Quando você voltar, você irá encontrar o Domani novamente.

– Mas como, eu quero dizer, Tia Beatrice é... era...– Eu olhei para minha tia descontroladamente, como se ela fosse confirmar essa informação. Mas seus olhos permaneceram sem reação, sua boca ainda em forma daquela bolha de surpresa.

– Presumindo que eu ainda estou viva, – minha avó disse lentamente,

– Eu sou o Protetor.

– Você? – Eu suspirei. Ela assentiu uma vez.

– De agora em diante, eu me tornei o Protetor.

– Então... onde Domani está agora?

– Na Grand Central Station.– Eu fechei meus olhos e lembrei do barulho e da confusão dos metrôs ocupados. Tantas vezes eu tinha pegado o metrô, sempre atrasada para pegar um trem para o norte do estado com relógio tiquetaqueando os últimos segundos que me restava. Atrasada. Meus olhos abriram.

– O relógio?

– Como você sabia disto? – minha avó perguntou.

– Sempre tem alguma coisa a ver com o tempo, não tem? – Eu pensei novamente.

– Era um relógio de parede em 1899 e ele, eu quero dizer, era um relógio de Bolso aqui em 1939. Então ele tem que ser um relógio no meu tempo.– Mas agora alguma coisa a mais estava me perturbando.

– O que você quis dizer, presumindo que você ainda está viva?– Eu exigi. Com isso, ela sorriu.

– Tamsin. É difícil como isso pode ser para mim imaginar agora mesmo, Eu irei ficar velha – ela olhou para suas mãos curiosamente como se tentando ver as salientes veias inchadas e as manchas da idade que irão brotar em sua pele lisa e sem ruga.

– Quando?– eu perguntei miseravelmente.

– Quando você irá – ela riu, seu rosto se iluminando de uma vez só, e eu de repente vi o quão bela minha avó realmente era.

– Você está me perguntando para predizer o tempo exato da minha própria morte?

– Não... desculpa, – eu sussurrei, mas ela ainda estava sorrindo para mim. Seus dedos vieram novamente e ela pressionou na minha bochecha por um instante.

– Você tem que salvar sua irmã. Se você não fizer, se ele levá-la com ele, se ele levar para onde tudo isso começou, então ele será imparável. Tudo acabará então se ele a pegar.

– Então, – eu comecei, e o caroço na minha garganta parecia mais com um pedregulho. Eu tentei novamente.

– Então, o que você disse sobre eu ser a mais poderosa, tudo isso é verdade? Mas ainda, ao lado de Rowena eu não sou... eu nunca serei como ela... eu nunca serei...–

Eu parei, percebendo pela primeira vez que eu realmente desejava que minha avó pudesse ler minha mente. Nós contemplamos uma a outra no suave cair da escuridão, e em algum lugar acima de nós uma coruja na árvore estava piando algumas notas. Eu pisquei, então pisquei duas vezes, tentando para meus olhos de derramar lágrimas.

– Você tem sua própria função para fazer. Você é um farol para todos nós,–

minha avó falou finalmente, sua voz era inexplicavelmente gentil. Eu rolei meus olhos.

– A propósito, você mencionou isto, a coisa do farol, quando eu nasci. Talvez você não deveria, porque isso meio que coloca um monte de pressão em mim – Interiormente, eu estava maravilhada que eu pudesse falar com minha avó assim, de uma forma que eu nuca poderia falar na minha vida real. Talvez seja por causa de tudo o que aconteceu. Talvez seja porque ela não se parecia muito com a minha avó no momento. Uma porta fechou em algum lugar na proximidade da casa e minha avó deu um passo para trás.

– O tempo está correndo em seu mundo também. Você tem que ir agora.– Eu assenti, então repentinamente me virei para a figura da árvore sem se mover atrás de nós.

– Mas e sobre a Tia Beatrice? O que eu tenho que fazer com ela? Gabriel... ele irá... ficar bem? Como eu...

– Você sabe como, – minha avó disse calmamente, e com isso eu comecei a perder um pouco.

– Na verdade, eu não sei o que fazer. Eu quero dizer, é legal que você de repente tem muita fé em mim e tudo, especialmente depois de todos esses anos... um... antes de todos esses anos que estão por vir – Eu sacudi minha cabeça irritadamente, então continuei.

– Mas eu não sei o que eu fiz para a Tia Beatrice. Eu quero dizer, eu a bati na cabeça, como isto, vê? – eu dei dois passos em direção a Tia Beatrice, toquei sua testa novamente.

– Oh! – Tia Beatrice disse, piscando para mim e andando para trás rigidamente como se isso a tivesse acordado de um longo sonho.

– Você! – Ela levantou uma mão, para bater em mim novamente ou se defender de mim, eu não estava certa de qual, quando minha avó falou.

– Não, Beatrice. Ela não é um deles. – Tia Beatrice olhou para a sua irmã, e então de volta pra mim.

– Mas ela tentou...

– Eu sei, – minha avó concordou. Ela dobrou suas mãos e fechou um olho brevemente.

– Nada disto, Althea! – A boca de Beatrice se curvou em uma careta apertada de aborrecimento, e então ela explodiu,

– Eu quero saber o que esta – Eu dividi um olhar entre minha furiosa tia e minha serena avó antes de correr para Gabriel. Eu toquei nele levemente na cabeça e esperei ele piscar. – Eu tenho um monte para te dizer,– eu sussurrei. Mas seu rosto permanecia congelado.

– Não está funcionando, – eu chorei.

– Porque?

– Parece que você não pode desfazer o que outra pessoa já fez, – minha avó finalmente falou, parecendo pensativamente.

– O que significa que apenas Beatrice pode solta-lo.

– Bem, eu não irei liberá-lo, – Tia Beatrice disse, reivindicação formigando através de sua voz.

– Não até alguém me dizer o que exatamente está acontecendo. Agora.– Ela cruzou seus braços sobre seu peito e olhou para ambas de nós.

– Ou ele ficara assim para sempre!

– Na verdade,– minha avó falou em uma voz seca.

– Isso irá se desfazer depois de uma ou duas semanas. Como eu tenho sorte em descobrir.

– Você ainda pode ficar louca com isto, – Tia Beatrice insistiu.

– Ela não tem muito tempo, – minha avó acrescentou.

– Bem, eu tenho, – Tia Beatrice disse. Ela oscilou o relógio de bolso que estava em seus dedos como um pêndulo. Eu olhei para minha tia.

– Eu costumava gostar de você, – eu murmurei.

– O que foi aquilo?

– Nada! – Então eu cerrei meus dentes de trás enquanto avançava na minha tia.

– Se você não o soltar, Tia Beatrice, eu juro que você vai passar a próxima semana da sua vida como uma estatua em seu próprio jardim estúpido! – Minha tia se compôs, o que seria impossível se ela não fosse consideravelmente mais baixa que eu.

– Bem! – Ela xingou antes de pisar e bater na cabeça de Gabriel. Com uma longa tremedeira, Gabriel veio para a vida, olhando ao redor descontroladamente antes de me ver. Eu corri através da grama, tropeçando em meus calcanhares, e bati diretamente contra ele.

– Umph – ele disse nos meus cabelos.

– Me avise antes de fazer isso novamente, ok?– Mas seus braços envolveram-me dentro dele e eu suspirei em sua pele quente.

– Eu estou contente que você está bem, – eu sussurrei.

– Eu também. Um... O que acabou de acontecer?

– Eu explicarei mais tarde, – eu sussurrei de volta.

– E porque você tocou essa estúpida coisa novamente? Você não aprendeu nada no ultimo século?

– Bem, você não estava exatamente fazendo nada, Tam. Nós estávamos parados aqui como idiotas e o cara que você estava preste–

– Oh, xiii! – Eu disse, colocando meus dedos sobre sua boca. Ele ficou silencioso, mas eu tive a impressão que ele estava sorrindo para mim.

– Nós podemos brigar sobre isto depois. Agora nós temos que sair daqui – Relutantemente, eu me libertei e caminhei para trás. Sobre minha cabeça, Gabriel olhava para a minha Tia Beatrice, que estava proferindo o que parecia um sibilo de um monólogo no ouvido da minha avó. Eu cedi um olhar no pobre Tio Roberto, ainda sem movimento com uma mão sobre seu coração, como se para parar o relógio de pulso de viajar estivesse fora de seu alcance.

– Espere um segundo, – Eu disse para Gabriel, então caminhei de volta para as duas mulheres.

– Obrigada, – eu disse suavemente para minha avó, que sorriu. Tia Beatrice estava de boca aberta para mim, mas eu a ignorei enquanto me virei. Então um último pensamento me pegou, então eu me virei.

– Então, por que você me nomeou Tamsin?– Eu perguntei.

– Você sempre prometeu me falar mais tarde. Mesmo embora, tecnicamente, agora é mais tarde.– O sorriso da minha avó cintilou, intensificando.

– Foi como você se apresentou para mim hoje a noite. Eu apenas assumi que era como você queria ser nomeada.

Vinte e três

Luz pálida entrava através das cortinas, filtros através do tapete liso dourado. Meu vestido rosa estava enrolado no braço do terno do Gabriel, e por um segundo eu imaginei nossas roupas subindo e rodopiando juntas como nós tínhamos feitos noite passada. Ontem à noite, que aconteceu setenta anos atrás. Nós cambaleamos de volta para o presente um pouco antes da meia noite, encontramos um quarto de hospedes onde os lençóis pareciam ser relativamente frescos e caímos na cama. Depois de eu ter o abraçado que tinha acontecido enquanto ele estava congelado, nós dois olhamos para o teto por um instante. Finalmente,

Gabriel puxou os cobertores brancos por cima dos nossos joelhos, liberando uma nuvem de poeira no processo. Depois que eu tinha terminado de espirrar e tossir, eu me virei, me enrolei em seus braços e dormimos. Bem, ele dormiu. Eu fiquei acordada a maior parte da noite, olhando para a escuridão que ocasionalmente vinha luz dos carros passando.

– Tamsin, – Gabriel me disse enquanto nós estávamos sentados na mesa da Tia Rennie, comendo a pizza que ele comprou. Ou pelo menos ele estava comendo. Eu estava muito ocupada retalhando a borda da minha pizza em pedaços e então pulverizando os pedaços em migalhas.

– Você não vai fazer nada estúpido, vai?

– Você quer dizer intencionalmente? – Com a ponta dos meus dedos eu comecei colocar as migalhas em uma pilha no centro do meu prato. Mas ele nem mesmo sorriu, apenas ficou me olhando através da mesa, sua mão forçando meu queixo para cima até eu

encontrar seus olhos.

– Eu não sei, – eu sussurrei. Eu fiquei assistindo ele dormir toda a noite, nossos dedos entrelaçados juntos então eu não podia tocar ele no rosto e, possivelmente, acordá-lo.

– Eu irei tentar não fazer, – Eu disse, tentando aliviar meu tom. Meu celular tocou, a palavra Cratera infernal brilhando na tela em fortes letras pretas. Eu engoli contra a pontada repentina na minha garganta. Essa manhã, quando eu pedi ao Gabriel para localizar meus pais, ele tinha fechado seus olhos por segundo e disse.

– Eles estão em casa – Alivio passou por mim, mas agora eu não tinha a energia para mentir para minha mãe sobre o porque eu estava de volta à cidade. Quando finalmente o celular parou, Gabriel falou, – O que quer que seja que você está pensando, você – O telefone da casa parou com o que quer que ele estava preste a dizer. Eu pulei, meu cotovelo chocando com meu prato através da mesa. Eu olhei para o telefone amarelo tocando imperiosamente na parede da cozinha. Parecia que minha mãe não queria ser enganada. Com as pernas duras, eu entrei na cozinha.

– Alô?

– Tamsin– Clara como água gelada, sua voz entrou na minha cabeça.

– Mr. Knight, – Eu disse. Houve uma risada baixa.

– Eu suponho que você tem alguma coisa pra mim?

– Talvez, – Eu restringi enquanto Gabriel empurrou a cadeira para trás com o que eu assumir ser desnecessário. Uma pausa calculada, e então Alistair disse,

– Não faça brincadeiras, Tamsin. Você não irá gostar dos resultados.– Eu engoli.

– Como está minha irmã?– Ele ignorou isso.

– Quando?

– Hoje à noite, – Eu disse lentamente, meus olhos fixados no ridículo papel de parede animado da cozinha. Cerejas vermelhas e redondos morangos dançavam em colunas soltas.

– Onze e quarenta e cinco.

– Onde?

– Vamos nos encontrar na Grand Central Station. No quiosque de informações– Eu levantei uma mão para tocar na cereja. Ela obscureceu e fugiu dos meus dedos. Um pequeno e afiado silente interferiu a conexão entre nós e então eu ouvi Alistar soltar uma respiração.

– Muito bem, – ele disse, satisfação transbordando em sua voz.

– Coloque minha irmã na linha, – Eu disse suavemente.

– Isso realmente te deixaria melhor? – ele perguntou quase gentilmente, e então o tom de discagem estava soando em minha orelha. Eu bati o telefone e em seguida, bati

mais algumas outras vezes. Eu comecei a esmagá-lo contra as cerejas e os morangos, vagamente consciente que Gabriel estava tentando tirar-lo dos meus dedos. Finalmente, ele apertou meu pulso até minha mão abriu e deixou o fone cair por bem, o deixando cair no piso de ladrilho.

– Eu estou bem, – eu disse nos braços de Gabriel, minhas palavras abafadas em sua camisa. Sua mão na minha nuca.

– Sim, – ele disse, soando inteiramente não convencido. 23h45min, o Grand Central era um lugar muito diferente do que de dia. Apenas algumas poucas pessoas circulavam o grande salão de mármore, indo em direção as plataformas de trem ou seguindo as placas do metrô. Apenas uma bilheteria estava aberta, atrás tinha uma mulher sonolenta que nos olhou brevemente antes de voltar a olhar sua revista. Meus olhos vaguearam para cima e os deixei descansar por um instante em uma bonita constelação dourada através do teto com cúpulas azuis. Então eu olhei novamente para o relógio bronze de quatro lados, que preside o saguão principal, suas superfícies majestosas como olhos fixos que vigiavam todas direções. Como eu esperava, o quiosque de informações é fechado à noite. Mas uma menina ainda esperava lá, vestindo um vestido preto esfarrapado e rasgado, seus cabelos caindo sobre seus ombros como um sussurro. Enquanto eu me aproximava dela, eu estremeci.

– Ro, – eu disse suavemente, minhas mãos estendidas para ela. Sombras amarelas arroxeadas aglomeravam sob seus olhos e seus lábios estavam secos e rachados, mesmo quando eles se espalharam em um sorriso.

– Tamsin, – ela suspirou, e Alistair sai de trás do outro lado do quiosque. Diferente da minha irmã, a pele dele estava cheia e rica com saúde, e sua capa escura se enrolava sobre seus ombros. Em uma mão ele segurava uma pequena mala preta de viagem. Seus olhos passaram friamente sobre Gabriel antes de se fixar em mim.

– Bem? – ele disse, e minha Irmã se virou, estendendo uma mão tremula em direção a ele. Ele ignorou ela, como se ela não fosse mais do que um inseto que entrou por engano em sua manga.

– Como eu saberei se você vai mesmo libertá-la? – Ele sorriu.

– Uma vez que eu tiver Domani, eu não precisarei mais dela. – Eu olhei para minha irmã, querendo que ela reconhecesse isso, mas ela só sussurrou um pouco, brincando com um fio solto em sua manga. Foi ai então que eu percebi que ela estava descalça, coberta de sujeira. Eu engoli uma onda de raiva.

– Ou Agatha?– Um sorriso escorregou através de seu rosto.

– Sua amiguinha deliciosa? – Eu considerei vomitar ali mesmo, mas Gabriel apertou meus dedos com os dele.

– Fácil, – ele murmurou.

– Ela foi útil, – Alistair disse, dando uma agitada em seus dedos.

– Mas ela vai viver – Então seus olhos se afiaram em mim.

– Se você me der o que eu quero. Agora.

– Tudo bem, – eu disse, dando uma exalada para firmar minha voz.

– Mas você deve saber mais uma coisa. Você e eu não somos nada parecidos. Com talento ou sem talento. Você não está fazendo isso pela sua família, o que quer que você possa pensar. Você está fazendo isso por si mesmo. E é essa a diferença entre você e eu. – Alistair olhou para mim por um segundo, seu rosto vazio, ilegível.

– Quão comovente, – ele disse finalmente, jogando as palavras fora.

– Agora, podemos continuar? – Eu assenti. Eu não tenho muito poder de negocio.

– Atrás de você ,– Eu disse. Lentamente, Alistair se virou, estudando o relógio acima de nossas cabeças.

– É claro,– ele disse suavemente.

– Tantas vezes eu passei por ele. E estava aqui todo tempo – Então ele girou ordenadamente e com uma voz absurdamente alegre disse, – Você está pronta, minha querida? – Rowena olhou para cima, dando-o um vago sorriso.

– Abra, – Ele disse para mim enquanto ele agarrava uma mão da minha irmã, suas juntas de repente incharam em um duros botões brancos. Minha irmã olhou para ele, então deu uma pequena gargalhada estridente.

– Você está jogando um jogo? – Ela perguntou. Eu engoli em seco, me virando para o relógio.

– Me ajude, – eu sussurrei para Gabriel.

– Você tem certeza que isso–

– Sim, – eu disse, embora meus dentes estarem tremendo. Ele colocou suas mãos em forma de concha, e antes que ele pudesse mudar de idéia, eu corro para eles e me jogo para o balcão. O relógio estava diretamente acima da minha mão.

– Para trás, – Eu disse para Gabriel, não tenho ideia do que pode acontecer caso contrário.

– Você não quer congelar de novo.

– Hey! – Houve um grito surpresa do vendedor do ticket.

– Desça já daí.

– Se apresse, – Alistair sussurrou. Não há tempo de repensar isso. Eu pulo para cima, tocando o relógio com a ponta dos meus dedos. Um feixe de luz irrompe do centro de sua cúpula.

Fixando firmamente na minha cabeça a imagem da minha avó quando era jovem e saudável em 1939, eu deixei os seus poderes varrerem por dentro de mim. Imagens rolando através das minhas pálpebras, quase rápido demais para eu seguir. Quatro pessoas paradas em uma praça, seus braços levantados. Uma massa escura pairava sobre suas cabeças e então um punho de fogo apunhalou em direção a uma quinta pessoa presa em sua cadeira. Em seguida as imagens se moveram em uma velocidade muito alta manchando em branco, o branco das páginas do livro da minha família que eram mais vazios do que um campo em que a neve recém caiu.

Tamsin, a voz da minha vó ecoou na minha cabeça. Não o deixe pegá-la. Se ele pegar sua irmã, ele será imparável. Como, então? Eu chorei em silêncio para ela. Tempo. Apenas tempo e uma grande distância podem quebrar o feitiço. Eu abri meus olhos. Um rápido olhar atrás de mim, me mostrou que Gabriel ainda estava vivo. Ele encontrou meus olhos e boca.

– Ok? Eu assenti, me virando para minha irmã.

– Ro? – Eu disse, e ela virou sua cabeça lentamente, seus olhos ainda cheios com aquele olhar gelado e desfocado.

– Muito bem, – Alistair disse, sua voz era um puro cristal. Sua boca estava abrindo encantadoramente como se ele estivesse pintando.

– Agora, Rowena. Agora. – e com horror eu assisti enquanto minha irmã virava seu ainda perfeito perfil para mim e olhava o relógio, que brilhava com uma luz fria. Na voluta de rolagem, letras começaram a aparecer e volta da curva do relógio. Altas letras douradas apareciam e desapareciam sempre que eu olhava para elas, fazendo-se impossível de ler.

Mas Rowena não tinha essa dificuldade. Sua voz ecoou como se ela estivesse ao lado do altas da nossa família, cantando graças às estrelas e aos elementos.

– Fogo no Leste e Água para o Sul; Ar para o Norte e Terra no Oeste. Todos estes que se ligam pelo Sangue. No entanto, apenas o tempo pode manter o que o Sangue tem trabalhado. – Por um segundo nada aconteceu.

Então com um suave zumbido os ponteiros do relógio começaram a andar para trás, cada vez mais rápido até eles estarem viajando na velocidade da luz. Raios rasgaram o teto com cúpulas azuis, apunhalando para baixo, e batendo dentro do relógio. Crack. Outro raio de chamas atravessou a constelação dourada e, em seguida, os pedaços de gesso e pedra começaram a cair. A chuva começou um segundo mais tarde, instantaneamente prendendo minhas roupas na minha pele. Diante dos meus olhos, o relógio estava crescendo em proporções monstruosas, envolta em fogo branco, um fogo que parecia insaciável apesar da chuva.

– Tamsin, – Gabriel sussurrou na minha orelha, e então ele correu para frente.

O chão sob meus pés levantou tremendo e enormes fissuras começaram a se dividir por entre as telas de mármore, revelando uma agitada boca de pedra embaixo. Fogo, água, terra, eu recitei comigo. Ar? Como se fosse uma idéia o vento começou, rajadas e mais rajadas, gritando pelo saguão principal, como milhares de vozes fundidas juntas em um som sublime. A escuridão fluía através do corredor, só os ocasionais flashes de luz e o relógio que ainda brilhava com aquele fogo branco e gelado que aliviavam aquela escuridão. Caindo para meus joelhos, eu fechei meus olhos, e com todo o meu poder eu irei fazer isto parar. Nada aconteceu. Isso não era algo que eu apenas podia parar. Não era nenhum Talento de alguém, eu repentinamente percebi, alguma coisa além do controle de qualquer pessoa. Eu abri meus olhos e olhei para o relógio. Ele se abriu.

Uma das faces estava se tornando uma porta que balançou aberta. E durante todo os ponteiros ainda estava girando e girando, desvendando os momentos e os anos. Três metros da porta, três figuras pareciam presas em algum tipo estranho de dança, braços e pernas distorcidos pelos clarão luminoso do relógio. Alistair estava puxando minha irmã em direção a porta enquanto Gabriel puxava seu outro braço. Rowena se torcia entre eles como uma boneca de pano. A boca de Alistair estava se mexendo e ele parecia estar falando alguma coisa para mim justo quando o aperto de Gabriel escorregou um pouco.

– Não! – Eu gritei, levantei exatamente quando o chão começou a se deslocar novamente. Saltando através das fendas abertas no mármore, eu estiquei meus braços em direção a minha Irmã. Outra laje do teto caiu, caindo a três centimêtros a minha esquerda, os pedaços cortaram minha perna.

– Deixe-me ir, – Rowena estava chorando, e acho que ela estava falando com Gabriel, mas felizmente sua voz se perdeu dentro da fúria do vento. Alistair deu um puxão nela em direção a porta do relógio e do completo negrume que esperava além disto.

– Rowena! – Eu gritei novamente. Os olhos de Alistair – lascas de gelo – encontraram com os meus, e então ele puxou mais forte o braço da minha irmã, tão forte que eu acho que ele puxou diretamente da tomada. Eu mantive minha mão, prevendo o cometa de fogo que iria bater na cara dele. O sangue começou a ferver sob minha pele. Mas então as palavras da minha mãe vieram para mim. O que quer que você o lançador de feitiço lance, o feitiço reflete de volta nele. Três vezes mais. O piso me arremessou novamente para frente. Eu rolei lateralmente, levantando minha palma, apontando o mais cuidadosamente que eu puder. Eu não queria fazer isso, eu não quero, eu não quero.

– Desculpa, Ro, – Eu sussurrei. Uma onda de fogo se espalhou ao longo do braço de Rowena, o braço que Alistair segurava em um aperto da morte. Os olhos da minha Irmã alargaram em dor. Gritando, ela torceu seu corpo para trás, longe de Alistair, soltando-se do aperto dele.

Gabriel soltou a mão dela brevemente apenas para envolver seus braços em volta da cintura dela e arrastá-la para trás. Enquanto eles caiam no chão, o relâmpago cintilou através do teto novamente. Um grande pedaço de pedra azul girava através do ar, batendo na cabeça de Gabriel. Ele tentou se levantar, mas mesmo daqui eu podia ver o escuro sangue escorrendo. Alistair me poupou um olhar cintilante, sua boca aberta em fúria enquanto a chuva escorria em riachos pelo seu rosto.

– Rowena! – Ele uivou para minha irmã, e ela olhou para cima, lágrimas manchando suas bochechas, seu braço queimado balançava ternamente em seu colo.

– Rowena, para a porta. Agora! – Como um fantoche, minha irmã escalou para seus pés, andando através do corpo de Gabriel. Ele meio que rolou e ergueu a mão para pegar a mão de Rowena, mas ela o evitou. Os olhos dela eram vazios e sem vida, seu rosto uma cera branca. Eu engoli, me lembrando da visão da minha avó do corpo de Rowena enevoado em nada.

Eu caminhei para frente com meus dedos estendidos, pretendendo congelar minha irmã. Se eu a congelasse então ela seria um peso morto e esperançosamente Alistair não seria capaz de carregá-la através da porta. Mas meu braço estava preso no ar. Alistair me torceu para trás enquanto minha irmã passava por mim.

– Você não vai tê-la tão facilmente, – ele sibilou na minha orelha, suas palavras carregadas sobre o vento e a chuva. Virei-me desesperadamente, assistindo enquanto minha irmã alcançava a porta. Com suas mãos estendidas diante dela, ela dava um passo, depois outro.

– Nem você, – Eu sussurrei.

Então eu elevei minha mão livre, minha palma visível, e disparei uma rajada de fogo que caiu diretamente em frente aos pés dela. Ela gritava e inclinava para trás enquanto o fogo corria pelas bordas do relógio. Brilhou com chamas laranja brevemente antes de ser dominado pelo luz fria e branca que marginavam as bordas da porta. O chão tremeu novamente e outra fissura começou a se propagar através do mármore como teias de aranha enlouquecida. Minha irmã escorregou, seus braços balançando, e então caiu através de um específico buraco largo. E no mesmo momento os ponteiros do relógio parara de girar para trás.

Lentamente a porta começou a se fechar. Uma escolha terrível, a voz da minha avó soou na minha mente como uma vaga brisa. Você fez uma péssima escolha. Com um rosnado, Alistair me jogou no chão. Arremessando para frente, ele parou na borda do precipício, se inclinou para baixo e estendeu uma mão. Eu rolei para meus joelhos justo quando minha irmã elevou sua mão direita, tentando pegar os dedos de Alistair. Eu joguei outra rajada de fogo neles. Bem na hora que ela puxou sua mão de volta. A cabeça da minha irmã sacudiu para baixo enquanto ela deslizava adiante.

– Rowena! – Eu gritei, ficando de pé.

As rachaduras abrindo cada vez mais sob meus pés e eu pulei na hora certa. Eu cambaleei para frente, prendendo meu olhar na mão esquerda de Rowena, desejando que ela agüentasse um pouco mais. A porta do relógio que estava se fechando mostrou uma sombra atravessar o rosto de Alistair. Se torcendo, ele olhou sobre seus ombro. A porta estava entreaberta menos do que a metade agora. Então ele olhou para minha irmã. Pareceu que eu não era a única que tinha que fazer uma terrível escolha. Com um rosnado, Alistair ficou sobre seus pés e sem olhar para trás ele se jogou através da estreita abertura da porta.

Movendo para frente, me agachei na beira do precipício. Os dedos da minha irmã estavam segurando a borda do chão, sua boca um linha branca de dor e terror. Seus pés estavam cravados nos dois lados do abismo, mas a lacuna estava abrindo. Seu pé direito escorregou e chutou através do ar, e seus dedos escorregaram um pouco mais. Eu joguei um olhar sobre meus ombros. Outros dois passos e a porta iria se fechar. E agora a enormidade da minha escolha veio desabando sobre mim. Talvez eu pudesse parar tudo isso antes mesmo disto acontecer. Salvar Rowena ou seguir Alistair no tempo antes da guerra entre nossas famílias. Rowena soluçou uma vez, um ruído áspero interrompeu e eu me virei para ela.

– Agüente, Ro, – Eu chorei, mas eu não acho que ela conseguiu me ouvir. Seus olhos rolaram para trás em sua cabeça e eu percebi que ela estava prestes a desmaiar.

Deitei sob minha barriga, inclinei para baixo e fechei minhas mãos sob seus cotovelos e a puxei. Mas seu peso me puxou para frente e em horror eu percebi que eu estava deslizando lentamente, inexoravelmente pelo chão de mármore liso.

Então Gabriel estava se agachando ao meu lado, seu rosto ainda derramando sangue. Ele colocou suas mãos em volta dos braços da minha irmã e com um puxão forte nós a puxamos para cima sobre a borda e, em seguida, completamente livre do abismo. Com um trovão a porta se fechou. Eu fechei meus olhos no silêncio, meus ouvidos zumbindo com a repentina ausência de qualquer som. Quando eu pensei que isso poderia ir para sempre, eu ouvi e senti um som uniforme acima do meu coração.

Curiosa, abri meus olhos, eu olhei para o intacto teto de cúpula azul acima de mim, para toda a constelação e todo o brilho. Eu levantei com o canivete, olhando em volta. O chão estava íntegro e liso, o mármore brilhando. Por último eu virei minha cabeça e olhou para o relógio. Ele tinha encolhido para seu tamanho normal. Próximo de mim, Gabriel gemeu, ficando na posição sentada. O sangue secou no seu resto e um olho estava inchado e fechado, mas ele alcançou minha mão e me deu um aperto tranqüilizador. Eu engoli, virei para minha irmã e toquei seu rosto gentilmente. Suas pálpebras tremeram uma vez, e então ela abriu os olhos e olhou para mim.

– Tamsin, – ela sussurrou. Seu braço estava gravemente queimado e seu cabelo emaranhado e despenteado estava com poeira, gesso e molhado. Seu rosto ainda estava pálido e longos arranhões estragavam um lado de seu pescoço e ombro, mas seus olhos repentinamente estavam focados e claros. Mas eu não acho que ela alguma vez pareceu mais bonita.

– Ro? Você é... Você é você? – Uma pálida sobrancelha flexionou para cima em um olhar elegante e sem esforço, um olhar que eu costumava praticar horas diante do espelho quando eu era mais jovem. Eu ainda não conseguia fazer do jeito que ela conseguia.

– Quem mais eu poderia ser? – Ela perguntou. Em seguida, ela tentou se sentar, fazendo caretas, e pareceu pensar melhor sobre isso.

– O que aconteceu? – Ela perguntou. Um traço familiar de impaciência estava aparecendo em seu tom, e eu perguntei se ela sabia quem ela era a poucos segundos atrás? Boa pergunta.

E como se em resposta, o barulho sobre meu coração cresceu ainda mais alto até que estivesse ecoando uniformemente com meu coração. Apalpando a gola da minha camisa, eu peguei a corrente do medalhão e pressionei o pequeno trinco. Duas coisas se tornaram visíveis com uma pitada de clareza gelada. Meu ponteiro estava funcionando agora. E eu me tornei o Protetor.

– Oi, mãe, – Eu disse enquanto nós entramos pela porta da cozinha.

Minha mãe deixou cair à chaleira que estava presumivelmente cheia e gritou. A chaleira bateu no chão e a tampa saiu fora. Água espirrou e inundou nossos pés. Eu meio que desejei a ter preparado.

– Rowena, – ela arfou.

– Tamsin. Oh, meninas, vocês estão em casa – e então eu e Rowena fomos esmagadas juntas enquanto mamãe tentava envolver nós duas com seus braços, todo o tempo sussurrando nossos nomes.

Meio que cega pelos cabelos da mamãe, eu virei minha cabeça para ver meu pai, Lydia e James apareceram na porta. Meu pai se moveu em minha direção, Rowena

conseguiu ficar livre apenas para se arremessar nos braços de James, e Lydia se aproximou de Gabriel com um sorriso que começou a iluminar todas as sombras de cansaço sob seus olhos.

– Como você fez isso? – Minha mãe continuava chorando, e eu ouvi Rowena murmurando para James, – Sim, sou eu. De verdade, sou eu–

Todos continuavam falando uns com os outros. Lydia estava enxugando a cabeça de Gabriel com um pano úmido, seus dedos carinhosamente penteando seus cabelos. Minha mãe continuava primeiramente me agarrando depois Rowena, e eu pai apertando meu ombro firmemente enquanto enxugava seus olhos com suas mangas.

Em seguida, Silda, Jeron e Gwyneth empilharam-se na porta as cozinha e o tumulto ficou mais alto. Finalmente, eu consegui me livrar do abraço da minha mãe, tempo suficiente para perguntar, – Vovó está...– Minha mãe deu uma sacudida firme com sua cabeça, colocando seus cabelos longe de seu rosto.

– Ainda... dormindo – Ela olhou para Rowena.

– Eu não posso–

– O que? – Rowena perguntou afiadamente.

Ela olhou para James por resposta, e quando ele mordeu seus lábios, ela perguntou, – O que tem de errado com vovó?– uma mão foi para sua garganta. Mas antes que qualquer um pudesse responder, a porta da cozinha abriu uma terceira vez e Tia Beatrice cambaleou incertamente para o centro da sala, seguida por vovó.

– Veja quem acordou, – Tia Beatrice cantarolou e depois derrapou na água derramada da chaleira, oscilou e se endireitou.

Minha mãe finalmente me largou, andou para frente e disse, – Mãe? O que aconteceu? Como...?– Ela olhou em espanto para tia Beatrice, em seguida, segurou as mãos da vovó como para verificar se ela realmente estava ali.

– Eu a descongelei! – Tia Beatrice disse alegremente, procurando por um rosto chocado.

– Aparentemente, – minha avó começou, sua voz profunda e suave mesmo embora ela tenha dormido por uma semana, – Beatrice me congelou – Ela deu um olhar meio irritado e divertido para Tia Beatrice.

– Mas todos nós pensamos que você não fosse mais capaz de usar seus poderes,– Minha mãe chorou, olhando para Tia Beatrice.

– Eu nunca disse isso! Eu disse? – Tia Beatrice meditou, coçando o queixo.

– Eu imaginei que tinha perdido,– ela murmurou, olhando atentamente para a janela, seus olhos desfocados.

– Eu não tinha... usado isso por muito tempo.

– Por que você não...?– Silda começou e depois deu um pequeno gritinho quando Tio Morris apareceu, erguendo um copo de vinho tinto.

Com sua mão livre, ele deu um tapinha no ombro de Silda. – Desculpe, minha querida. Não é sempre possível ver onde estou indo. Bem, não chega ao caso,– Ele murmurou, olhado para a mancha espalhada em sua manga de carmesim.

– Por que você a congelou? – Rowena perguntou.

– Bem, – Beatrice disse indignada, virando sua cabeça com um chicote em movimento.

– É uma boa questão para você perguntar, Senhorita Rowena. Se você tivesse a feito beber mais do que aquela poção, você teria a matado. Eu não pude te parar, mas eu pude parar ela – Beatrice deu alguns passos para frente, suas pulseiras batendo alegremente.

– Oh, você estava tão furiosa comigo! – Ela deu um alegre gritinho até mesmo quando Rowena abaixou sua cabeça no ombro de James.

– Mas antes que você pudesse falar alguma coisa, eu me obriguei a fazer nada, corri e me escondi. Me escondi a tarde toda no meu armário!– Antes que qualquer um pudesse reagir com suas palavras, Tia Beatrice ergueu sua cabeça delgada e branca.

– Hmm... se eu pudesse te congelar enquanto eu estava lá, por que eu não tentei?– uma pequena curva se formou no canto de sua boca.

– Eu imaginei que tinha perdido novamente,– ela murmurou, retardando seus passos em uma confusão.

– Oh, bem! – Ela acrescentou, toda alegria retornou enquanto ela espiou o copo de vinho na mão do Tio Morris. E ela bateu suas mãos juntos, executando um pequeno giro. A bainha de sua saia longa vagueava através da água que ainda se espalhava pelo chão, com a chaleira virada. Eu coloquei uma mão firme em seu braço e ela olhou para mim.

– Oh! Eu te conheço. Eu me lembro o que você pode fazer! – Ela disse.

– Desculpe por aquilo, – Eu murmurei.

– O que esta acontecendo aqui? – Minha mãe exigiu, e através da sala, Gabriel olhava para mim com seus lindos olhos e piscou. Eu me virei para vovó e dei um passo para frente. Ela tocou meu rosto com seus nodosos dedos. Então ela sorriu, e por um segundo e pude ver a menina adolescente que ela era em 1939.

– Eu disse a todos que você seria um farol, – ela sussurrou.

Epílogo

Uma fantasmagórica e branca lua navega através do céu claro e milhares de estrelas piscavam como glitter sobre o círculo frouxo que tínhamos formado. O altar está amontoado com maçãs, e vinho, o ultimo dos – asters– branco e roxo. A luz do fogo pisca em nossos rostos, pois a fumaça da fogueira se torce através do ar frio do outono.

– Saudações – chama a minha avó, com a voz leve.

– Bem, conheci esta noite como em todas as noites.

– Bem, conheci – eu coro de volta junto com o resto de minha família.

– Hoje é Samhain, a noite mais mágica do ano – ela continua.

– Hoje guia dois membros de nossa família através dos ritos de iniciação – Ela para, procura fôlego, e sorri.

– Tasmin e Gabriel, hoje lhe pedimos que leve as quatro velas – Perto de mim Rowena desengata a mão da minha e me dá um empurrãozinho, como minhas pernas pareciam ter parado de funcionar. Dou um passo para a grama, depois outro, como se Gabriel se movesse do lado oposto do círculo em minha direção. Nos encontramos no altar e minha mãe anda para frente, me entregando a vela que é iluminada pela fogueira.

Mas minha mão tremia tanto que eu não conseguia ligar o cone com a primeira das oito velas de cera que representam as quatro direções e os quatro elementos. E então Gabriel envolve seus dedos ao redor dos meus e eu observo sua face, na metade dela uma nova cicatriz em forma de crescente foi escondida na linha de seu cabelo.

– Hei – ele sussurra.

– Hei de novo – e juntos nós tocamos a vela de cada um dos pavios. Eu olho para as chamas minúsculas que florescia nas velas, ciente de que Gabriel ainda está segurando minha mão.

– Nós fizemos isso – eu digo.

– Eu sei – ele dá um passo mais perto de mim.

– Então, isso significa que você finalmente vai aceitar sair para jantar comigo? Ou você ainda está preocupada que a data seja anticlímax?– eu sorri para ele quando uma vela acesa pisca descontroladamente entre nós.

– Não – Ele levanta uma sobrancelha para mim, espera um segundo.

– Você está pensando em dizer que a pergunta que você acabou de responder?– De repente, eu sou muito consciente de minha família trancada em um círculo ao nosso redor.

– Podemos falar sobre isso depois?– eu sussurro.

– Oh, definitivamente – ele diz com um sorriso. Eu o olho de cima abaixo antes de piscar para ele e volto ao meu lugar ao lado de Rowena. Após a cerimônia eu paro por um momento a beira do jardim, vendo todos passar dentro e fora da luz do fogo. Tio Chester está tocando uma música lenta em seu violino enquanto tia Rennie acompanha com uma flauta de prata delgada. A música se desenrola por todo o jardim como uma brisa. Minha mãe está sorrindo para meu pai e olhando agora e, em seguida, em direção a Rowena, que está dançando com Tiago. Minha irmã levanta as mãos para os ombros de James. Por apenas um instante, ela pisca o lado claro de seus braços, mas as cicatrizes são praticamente invisíveis sob essa luz suave. Eu vejo o Tio Morris estourar dentro e fora da vista enquanto golpeava Silda nos espaços vazios.

Um pequeno grupo de crianças se reuniu em torno da tia Beatrice e um a um, inclinaram-se para frente e deixaram que ela tocasse suas testas. Eles congelaram em estátuas até que ela bate na testa novamente e, rindo, eles são liberados. Perto, Gwyneth e Lidia estão assistindo esse jogo como se decidindo quando é o melhor momento para acabar com ele. Por fim, meus olhos pousaram em Gabriel. Ele está do outro lado do jardim, ao lado de Jerom, balançando a cabeça em qualquer direção, concordando com o que Jerom está dizendo. Um baralho de cartas se movia de um lado para o outro. Só então ele olha para cima e me vê o observando. Pressionando as cartas na Mão de Jerom, ele caminha na minha direção.

Eu respiro fundo, tentando não passar a mão em meu cabelo. Eu sei que estão selvagens e cacheados de qualquer maneira.

– Aí está você – ele diz, chegando perto de mim.

– Feliz aniversário.

– Obrigada. Você sabe que normalmente odeio o meu aniversário, mas este não está tão ruim. – Nossa respiração estava nas nuvens, como nós considerávamos uns aos

outros em silêncio. Eu estudo a tatoo de lua azul na lateral de seu pescoço e experimento uma irresistível urgência de traça-lo com meu dedo. Só então o Tio Chester começa a tocar uma musica selvagem, seu arco sobre as cordas voltaram. A flauta da Tia Rennie cantava em resposta e o skirls[36] nos envolveu. Gabriel pegou minha mão.

– Vem dançar comigo – Antes que eu possa responder ele já havia me puxado para frente como todos os que nos rodeavam.

– Isso não é valsa – murmuro. Ele me impulsiona para luz do fogo e olha pra mim dando um sorriso rápido.

– Oh, sério? Isso significa que você não estara pisando em meus pés então?– Dou risada, tomo a outra mão, e o deixo me girar para a dança.

A música soava mais rápida e Gabriel me girava em torno de mim em um circulo, me deixando sem fôlego, até que nossas mãos presas juntas parecessem que é a única coisa concreta na terra. Mais tarde, quando a festa chegava a um passo do auge, eu escorreguei de volta para casa. Minha cabeça está girando, embora não tenha tocado em uma gota do vinho caseiro do Tio Chester dessa vez, recebendo todos os parabéns, até pensei que meu sorriso pudesse rachar no meu rosto. O único conforto que tive foi a troca de olhares com Gabriel pelo jardim várias vezes. Eu massageei minhas têmporas e pensei em chamar Agatha apenas para ouvi-la dizer sobre a festa de Halloween, que eu sinto tanta falta da escola. Eu aperto meus olhos fechados, pisco, então pisco novamente. Há uma luz acesa na biblioteca.

Cautelosamente, eu ando para frente, pressionei o ouvido na porta de carvalho maciço, em seguida, bato uma vez.

[36] um estridente e alto som de gaitas de foles.

– Pode entrar – diz a minha avó, e abrindo a porta eu encontro-a sentada atrás de uma mesa enorme, parecendo menor e mais cansada que nunca.

– Por que você não está lá fora curtindo–

– Eu poderia te perguntar a mesma coisa – ela disse secamente. Nós consideramos uma a outra por um momento e então me afasto.

– Eu acho que não estou acostumada a tudo isso, – eu respondo finalmente.

– ah – ela diz baixinho e olha para trás e para baixo da mesa. Com um calafrio, eu percebo que ela está lendo o livro que minha mãe me mostrou.

Eu mordo o meu lábio superior com os meus dentes por um minuto, então pergunto, – O que você vê? – No começo acho que ela não vai me responder e sinto um súbito lampejo de raiva que ainda não seria permitida a conhecer as coisas. Mas então ela olha para cima e esfrega a ponta do nariz com os dedos espalmados e agitados.

– Nada – ela diz calmamente.

– Bem, isso é bom, certo? Nada está acontecendo, tudo aquilo na fronte ocidental e tudo o que – eu pulo um pouco quando Hector passa pela janela aberta e para na borda da soleira, a sua contração muscular da cauda em um ponto de interrogação. Um pequeno rato marrom é apertado em suas mandíbulas. Continuando seu caminho até a estante, Hector anda em cima da mesa e deposita o rato perto de sua mão. Então ele fica para trás e a vê com os olhos oblíquos de ouro. Minha avó pega o rato com uma mão e coloca-o livre do outro lado da mesa, parecendo não perceber quando Hector pula para o chão para

perseguir sua presa novamente.

Em vez disso, ela olha diretamente para mim e diz:

– Eu não posso ver nada para o nosso futuro. Nada, como se nós não existíssemos. – É como se meus pulmões de repente parassem de funcionar.

– As páginas estão vazias como nunca estiveram. Então, eu voltei. Para a nossa história passada, pouco antes do Domani ser criado. – Seus dedos roçaram sobre a página e eu me aproximei.

Como de costume, as palavras estão se reorganizando em uma língua incompreensível e correndo para fora da página, mas depois de minha avó dar um comando, as palavras se alinham com clareza. Em 1887, nos últimos dias de outubro, pouco antes de Samhain, um desconhecido chegou a Nova York alegando saber mais que deveria.

Ele foi visto convidando La Aranha, a matriarca da família Knight.

– Alistar – eu sussurro. Eu toco o medalhão no pescoço, levando conforto em seu tique-taque constante.

– Ele não conseguiu ainda – digo insistentemente.

– Não, ele não – confirma minha avó. – E ele nunca poderá conseguir. Você certamente aleijou suas esperanças quando o impediu de tomar sua irmã. Ela teria sido

uma arma extremamente poderosa. – Então, ela suspira, fechando o livro com uma conversão silenciosa.

– O poder Domani foi violado. Mal. A família Knight não é o que eram, de verdade. Mas os eventos do mês passado, na Grand Central enviou uma chamada, uma reverberação, que eles vão ter que responder – No canto da sala, uma briga repentina e um pequeno chiado confirmam o rato recapturado. Minha avó e eu trancamos os olhos.

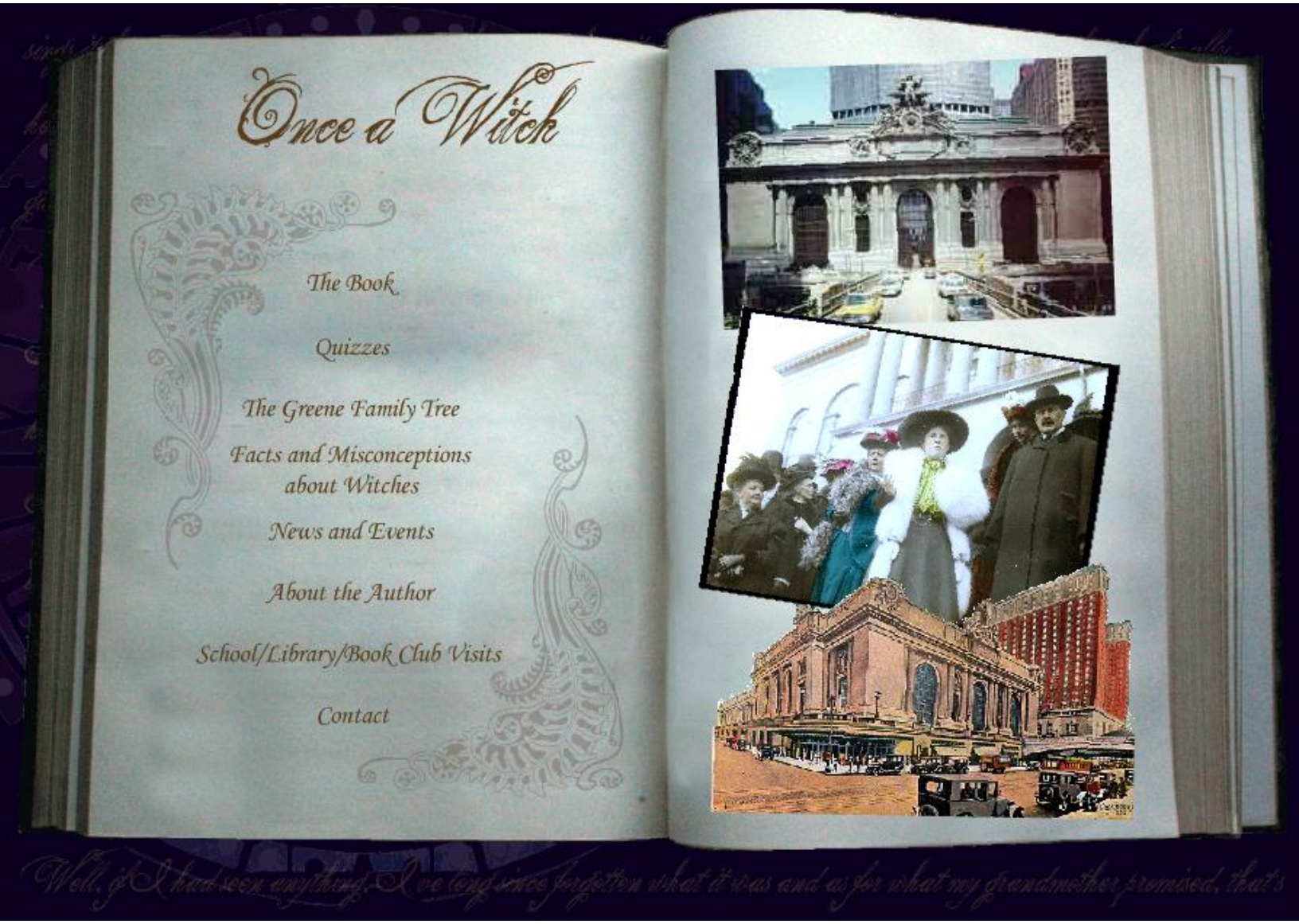
– Quanto tempo eu tenho? – eu sussurro. Ela sorri, empurra para trás sua cadeira. Estende a mão, bate nela e me leva até a janela.

– Você tem um pouco de tempo. Tempo suficiente para... gostar disso. – Juntas estávamos olhando para fora a fogueira queimando brilhantemente, e todos dançando em torno dela. Logo depois a lenha estourou e centenas de faíscas voaram para cima, como estrelas cadentes em um seu noturno.

Fim...

A série Witch continua em Always a Witch...

Extras....


Once a Witch
The Book
Quizzes
The Greene Family Tree
Facts and Misconceptions about Witches
News and Events
About the Author
School/Library/Book Club Visits
Contact

Carolyn MacCullough

Carolyn MacCullough nasceu e cresceu na cidade de Connecticut, mas sempre sonhou em viajar por vários lugares. Ela eventuamente viajava até Scotland, Sicily, Iceland, e até New Jersey antes de se fixar em New York onde ela escreve e ensina Arte Criativa.

Se ela pudesse escolher Ser Talentosa como seus personagens em Once A Witch, ela provavelmente escolheria o Talento de Voar. Ou talvez o talento de ler a mente das pessoas. Ou Tlavez o Talento de fazer crescer dinheiro em árvores. Or fazer todos os vegetais verdes terem gosto de chocolate ao leite. Oh, você entendeu o ponto!

Para encontrar mais sobre Carolyn e seus outros Livros, por favor entre em contato no site ou visite : www.carolynmaccullough.com

Gostou do Livro?

Deixe o autor saber, comprando o livro.

After Dark

A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo
a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.
Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs !!!
A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos!!!

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503

All Creatures of the night get together After dark

After Dark